Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa

Narrativas da América:
O Confronto com o Desconhecido

Mina Isotani

São Paulo
2008

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa

Narrativas da América:
O Confronto com o Desconhecido

Mina Isotani

Dissertação ao Programa de Pós-Graduação
em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, do
Departamento de Letras Orientais da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, com vistas à obtenção
do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Luiza Nana Yoshida

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Mina Isotani

Narrativas da América: O Confronto com o Desconhecido

Dissertação ao Programa de Pós-Graduação
em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, do
departamento de Línguas Orientais da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, com vistas à obtenção
do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Naoko e Sadao Isotani, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período deste trabalho.

Aos meus irmãos, Shiguo e Seiji, agradeço as palavras de incentivo, o apoio, o carinho e a presença ao longo deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Luiza Nana Yoshida, pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de Letras Orientais, pela oportunidade de realização do Curso de Mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de Mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Fundação Japão, pela oportunidade de realizar o curso de aperfeiçoamento da Língua Japonesa para pesquisadores no Centro de Kansai, em Osaka, Japão.

Ao Centro de Estudos Japoneses, por colocar à disposição o acervo da biblioteca.

Aos meus estimados amigos, pelas constantes manifestações de amizade sincera, companheirismo, incentivo e apreço.

EPÍGRAFE

“Toda narrativa deve tornar explícito seu processo de enunciação, mas para tanto é necessário que uma nova narrativa apareça, na qual esse processo de enunciação é apenas uma parte do enunciado. Assim, a história contante torna-se também numa história contada, na qual a nova história a reflete e encontra a sua própria imagem.”

Tzevtan Todorov

RESUMO

ISOTANI, Mina. **Narrativas da América: O Confronto com o Desconhecido**. 2007. 279 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Narrativas da América - Amerika Monogatari de Nagai Kafû é um livro que contém vinte e três narrativas escritas no período de 1903 a 1907, época em que o escritor morou nos Estados Unidos. Esta obra ilustra a reflexão do autor sobre temas como a imigração japonesa no início do século XX, o encontro com a cultura ocidental e a sociedade nipônica pós Revolução Meiji.

O livro foi publicado logo após o retorno de Kafû ao Japão, em vinte e um de agosto de 1908, e devido à exposição sensível e perspicua sobre as observações feitas a propósito de um país e de um povo desconhecido, somado a apreciação da cultura e literatura ocidental, *Narrativas da América* foi considerado como uma obra única, que conseguiu descrever minuciosamente os Estados Unidos.

E na presente dissertação será apresentada a tradução completa do livro *Narrativas da América*, que é a primeira tradução direta da língua japonesa para a língua portuguesa do livro *Amerika Monogatari*; Uma breve apresentação da vida e obra de Nagai Kafû e também tem como objetivo expor a reflexão de Nagai Kafû ao deparar-se com a cultura americana, mostrando o choque cultural e a vida dos imigrantes através da apresentação de temas como a personagem feminina, o mundo dos prazeres, a condição precária vividas pelos imigrantes, a religião, a arte, a música e a literatura francesa.

Palavras-chave: Nagai Kafû, Literatura Japonesa, Literatura de Viagem, Imigração Japonesa.

ABSTRACT

ISOTANI, Mina. **Amerika's Stories: The Confront with the Unknown**. 2007. 279 f. Dissertation (Master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Nagai Kafu's *Amerika Monogatari* is a book that contains twenty-three narratives written in the period from 1903 to 1907, time in that the writer lived in the United States. This work illustrates the author's reflection on themes as the Japanese immigration at the beginning of the XX century, the encounter with the western culture and the Japanese society after the Meiji Revolution.

The book was published soon after the return of Kafû to Japan, in August twenty one of 1908 and due to sensitive and sincere exhibition about the observations done concerning a country and an unknown people, added the appreciation of the culture and western literature, *Amerika Monogatari* was described as an unique work, that it got to describe the United States thoroughly.

And in the present work will be presented the complete translation of the book Narratives of America, that is the first direct translation of the book *Amerika Monogatari* from the Japanese version to the Portuguese; Brief comments of the life and work of Nagai Kafu and it also have as objective to expose Nagai Kafu's reflections when running across with the American culture, showing the culture shock and the life of the immigrants through the reflection of themes like the feminine character, the world of the pleasures, the conditions lived by the immigrants, the religion, the art, the music and the French literature.

Keywords: Nagai Kafû, Japanese Literature, Travel Literature, Japanese Immigration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

PARTE I	14
Fig. 1- Mapa da rota percorrida nos Estados Unidos	21
Fig.2- Mapa da rota percorrida em Nova York.	22
PARTE II	31
Fig. 3 Odalisque woman of Algiers de Renoir de 1870.	58
PARTE III	74
Fig. 4 Foto de Nagai Kafû tirada em 1907.	271
Fig. 5 Foto do navio <i>Shinnou</i> , no qual Kafû viajou rumo aos Estados Unidos.....	272
Fig. 6 No alto a direita, imagem da primeira capa do livro <i>Narrativas da América</i>	273
Fig. 7 Imagem dos esboços das narrativas.	274
Fig.8 Foto do Banco Yokohama; Documento da sucursal do Banco em Lyon, França.	275
Fig. 9 Foto da família Nagai tirada em 1902.....	276
Fig. 10 Foto de Kafû acompanhado de gueixas.	277
Fig. 11 Foto de Nagai Kafû tirada em 1954.	278

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I.....	14
2. NAGAI KAFÛ	14
2.1 Viagem ao Exterior	18
2.2 Principais obras de <i>Nagai Kafû</i>	23
2.2.1 Resumo de Algumas das Principais Obras	25
3. NARRATIVAS DA AMÉRICA.....	27
PARTE II	31
3.1 Temas Principais	31
3.1.1 Narrativa que foca o relato da viagem	33
3.1.2 A personagem feminina em <i>Narrativas da América</i>	39
3.1.3 Mundo dos prazeres	46
3.1.4 A vida dos imigrantes nos Estados Unidos.....	51
3.1.5 Narrativas e a religião.....	55
3.1.6 A Arte, a Música e a Literatura Francesa	58
3.1.6.1 ARTE.....	58
FIG. 3 ODALISQUE WOMAN OF ALGIERS DE RENOIR DE 1870.	58
3.1.6.2 MÚSICA.....	61
3.1.6.3 LITERATURA FRANCESA	66
3.1.6.3.1 Narrativas e Maupassant.....	67
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
PARTE III.....	74
5. A TRADUÇÃO DE <i>NARRATIVAS DA AMÉRICA</i>	74
5.1 Conversa Noturna Numa Cabine.....	76
5.2 O Caminho dos Prados	83
5.3 Acima da colina	90
5. 4 -Beleza Inebriante	102

5.5 Cabelos Compridos	110
5.6 Primavera e Outono	118
5.7 Abrigo da Neve	128
5.8 No Bosque.....	134
5.9 Má Companhia	140
5.10 Velhos Pesares	149
5.11 O Despertar.....	159
5.12 Damas da Noite.....	169
5.13 Primeiro de Janeiro.....	183
5.14 Alvorada	189
5.15 Duas Noites em Chicago	201
5.16 O Mar de Verão.....	211
5.17 O Bar da Madrugada.....	219
5.18 Folhas Caídas.....	225
5.19 Conto do Bairro Chinês	230
5.20 Passeio Noturno	236
5.21 O Sonho de uma noite de Junho	241
5.22 Uma Noite no Porto de Seattle	255
5.23 Névoa Noturna.....	260
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	265
7. ANEXO	271

INTRODUÇÃO

“O fato de os autores serem estrangeiros, pessoas de fora, dá um relevo específico à documentação produzida. Em primeiro lugar, a percepção do visitante estranho está mais aguçada por suas experiências anteriores, que a da maioria dos habitantes. Como sempre viveu aquela realidade social e tem uma história pessoal engrenada a história e aos costumes do grupo social de que faz parte, o habitante, afora alguns observadores mais lúcidos, freqüentemente dá por suposto, toma como natural, uma situação ou relações sociais que, para o estrangeiro, aparecem com maior nitidez, por comparação.”

Miriam Moreira Leite

A leitura é um momento de descoberta e reflexão de contextos culturais diversos, que podem levar à reavaliação dos conceitos em relação à sociedade. Os relatos de viagem estão entre os registros desse tipo de impacto com o novo, com as expectativas, com o inesperado.

É o encontro com o “outro” que desperta essa percepção do indivíduo sobre sua inserção numa cultura única, levando-o a refletir a propósito de seu papel, como ser humano, dentro da sociedade e do mundo. Segundo François Laplatine:

“partir para o território do outro, dar espaço ao que não é familiar é o primeiro passo para uma possível transformação do olhar, uma relativização de ponto de vista. A curiosidade do homem sobre si próprio sempre existiu, mas é a passagem do curioso, do exótico e do bizarro, para uma consciência da alteridade que marca realmente o pensamento do homem sobre o homem, e a reflexão a respeito da diferença”¹.

Assim, quando o olhar do viajante se volta para o outro, seu olhar crítico cria uma relação que pode ir da veneração à ojeriza – dependendo desta, a relação que o viajante irá desenvolver com o não-familiar pode ser de comparação – o que vai aumentar seu envolvimento e fusão na cultura alheia – ou de julgamento – que resultará na reafirmação dos próprios valores culturais.

Nagai Kafû foi um desses viajantes que relatou o caminho percorrido, captando através do deslocamento físico, momentos e experiências vividos pelos imigrantes japoneses, que foram aos Estados Unidos no início do século XX.

¹ LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995

E foram os olhos desse escritor japonês, que nos guiaram para dentro das mais diversas histórias e nos deixaram penetrar em um mundo às vezes real e outras vezes fictício, de uma realidade desconhecida pela própria sociedade japonesa da época. A obra *Amerika Monogatari (Narrativas da América)* é o resultado da compilação desses relatos e ensaios escritos durante os quatro anos da estada de Kafû nos Estados Unidos.

Através de narrativas que contam a vivência dos imigrantes japoneses, Nagai Kafû oferece-nos não apenas a experiência de conhecer a realidade de um povo, mas também a de refletir sobre questões como o comportamento humano diante da loucura, religião e valores sociais.

E para transmitir esses assuntos, Kafû, segundo Donald Keene, construiu personagens que poderiam transmitir a mensagem desejada a um público específico: os japoneses.

"Teria sido fácil (e não incorreto) descrever a situação de dificuldade sofrida pelos japoneses na América por causa do preconceito racial, mas Kafû percebeu que sua descrição seria mais interessante como literatura se as ações dos imigrantes fossem outros japoneses, cujo passado poderia ser discutido, muito mais do que falsos americanos."²

Uma das funções da literatura, de acordo com Antônio Candido é a possibilidade de conhecer o mundo e o ser graças ao meio expressivo que o escritor se utiliza para que o leitor sintase participante de uma humanidade e "...incorpore à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade"³.

Nagai Kafû, oferece-nos essa experiência de conhecer a realidade de um povo, às vezes por intermédio de personagens que narram a vivência e o conflito de valores em um mundo adverso e outras através de suas próprias experiências.

Assim, com o intuito de tornar acessível a outros leitores a reprodução sensível da paisagem dos Estados Unidos, da sociedade americana e os sentimentos de Kafû, resultantes do encontro com o ocidente, o presente trabalho será apresentado em três partes: A primeira consiste da exposição de dados biográficos e os trabalhos realizados por Nagai Kafû. A segunda parte refere-se à reflexão quanto aos temas abordados nas narrativas. Na última parte será apresentada a tradução completa do livro *Narrativas da América*.

² KEENE, Donald. "Nagai Kafû". In: *Down to the West: Japanese Literature in the Modern Era*, New York, Hewyholts, 1984

³ CANDIDO, Antonio. "A Literatura e a Formação do Homem". In. *Ciência e Cultura*, v.24, nº 9,1972, pp.05.

PARTE I

2. Nagai Kafû

Nagai Sôkichi, que adotou o nome Kafû anos depois, foi um escritor de romances, contos, peças de *kabuki*⁴, ensaios, entre outros. Nasceu em 03 de dezembro de 1879, em Tóquio. Filho mais velho de Nagai Kagen, funcionário de alto posto do Ministério da Educação e posteriormente da *Nippon Yûgen Kaisha*. Adepto dos ideais Confucionistas e uma pessoa conhecida por seus conhecimentos em chinês clássico, Kagen criou os filhos para que seguissem tais preceitos. O avô materno também seguia o mesmo pensamento de Kagen e era um famoso sinologista. Já a mãe, a avó e o mais velho de seus dois irmãos seguiam o cristianismo. Apesar de ter recebido educação em chinês clássico desde os dez anos de idade, influenciado pela mãe, leitora de literatura popular, freqüentadora de teatro *kabuki*, cantora de *nagauta*⁵ e exímia tocadora de *koto*⁶, Kafû foi também apreciador do mundo das artes do período Edo.

Foi um romancista reconhecido por sua representação lírica e nostálgica quanto à cultura urbana do período Edo. Dessa forma, embora estudioso do chinês clássico e do mundo das artes e da literatura do período *Edo*, tinha aversão à escola e, como raramente assistia às aulas, acabou abandonando-a. Mas a influência cultural de sua família foi fundamental para sua literatura, sua experiência familiar serve de tema para a construção do enredo e de personagens de trabalhos de épocas diferentes.

Outro fator que influenciou sua visão de mundo e o modo como entendia a literatura foi o fato de pertencer à segunda geração de japoneses nascidos na era moderna. O processo de modernização tinha como programa a industrialização e a educação em massa. E as mudanças adotadas pelo Imperador provaram serem revolucionárias, mas diferentemente das revoluções ocorridas na Europa, a do Japão não começou das classes mais baixas. Foram os detentores do

⁴ Teatro tradicional japonês, que combina canto e dança.

⁵ Música tradicional japonesa que acompanha o teatro *kabuki*.

⁶ Instrumento musical de cordas.

poder que se uniram contra o regime do *xogunato*⁷, a fim de governar o país. De acordo com Edwin Reischauer:

“ The quickly seized on the Idea that the best way to make their country secure from the west was to modernize it along western lines, and they were willing to do anything necessary to achieve this goal.”⁸

Já nos primeiros anos modificaram radicalmente os alicerces do governo anterior como a liberação dos agricultores, a responsabilidade de sustentar os samurais e dispêndios com obras públicas; os samurais passaram a receber pensão do governo; as diferenças entre as classes foram abolidas, bem como qualquer roupa ou insígnia que as distinguíssem; outras mudanças aconteceram na área da religião e na formação da armada nacional.

Tais mudanças econômicas, sociais e religiosas afetaram o modo de vida da sociedade e causaram tamanho descontentamento que culminou em, pelo menos, 190 revoltas entre 1868 e 1878. A arte reflete as características culturais da época e, sendo assim, a literatura também fez parte da transformação cultural do país. Como uma forma de introduzir as tendências literárias do Ocidente, num período de mudanças políticas, econômicas e sociais, a arte reflete as características culturais da época e, ao contrário do período anterior, quando a Literatura não era considerada atividade digna para um homem de caráter, a partir do final dos anos 1870, começaram a surgir diversas traduções de livros, principalmente, de obras da Inglaterra, França e Rússia. Os dois escritores que marcaram a literatura do país em transição foram Natsume Sôseki e Môri Ôgai. O último introduziu os estudos das teorias literárias européias e foi uma das principais influências na literatura de Nagai Kafû.

Esses três escritores têm algumas características em comum: além de serem jovens cultos, todos viveram no estrangeiro durante um período importante para a formação intelectual e artística. Mori Ôgai foi para a Alemanha no período de 1884 a 1888; Natsume Sôseki morou na Inglaterra de 1900 a 1903 e Nagai Kafû ficou nos Estados Unidos no período de 1903 a

⁷ Regime que tinha como poder central o xogum, o samurai.

⁸ REISCHAUER, Edwin O. *Japan: The Story of a Nation*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1980, p. 198.

1907 e passou mais um ano na França. Essa experiência os tornou mais criativos e esse distanciamento físico possibilitou o afastamento psicológico suficiente, da cultura japonesa, para que pudessem identificar os elementos que mais admiravam em sua cultura. Tanto Nagai Kafû como Ōgai utilizaram essa visão aprofundada para retratar as características que contemplavam em seu país.

Por volta de 1898, Kafû começa a demonstrar um particular interesse pela literatura francesa, principalmente por Zola e pelo naturalismo, fase à qual renuncia mais tarde, mas que deixa profundas marcas em toda a sua carreira. Os primeiros contatos de Kafû com a literatura estrangeira dão-se através dos livros de Zola e Guy de Maupassant. Foram suas obras que o transportavam para lugares desconhecidos e lhe mostraram novas formas de enxergar o mundo. Pode-se dizer que no instante em que o viajante integra-se a uma nova realidade, a viagem permite a quebra de barreiras sociais, fazendo com que esse indivíduo passe a refletir a propósito de atos considerados corriqueiros e comece a decodificar, a entender as diferenças entre duas culturas diversas, comparando-as.

Em 1900 entrou para a companhia de Teatro de *Kabuki* (*kabukiza*) como aprendiz de Fukuchi Ochi. Porém, não permaneceu mais de um ano e, em 1901, tornou-se repórter do jornal *Yamato Shimbun*. Nesse mesmo ano, começou a freqüentar a escola noturna a fim de aprender francês.

Na tentativa de afastar Kafû do mundo literário e com o objetivo de encaminhá-lo para a vida burocrática, seu pai enviou-o aos Estados Unidos, numa viagem que durou cinco anos. Lá, estudou francês e trabalhou em um banco japonês em Nova York, sendo depois transferido para a filial de Lyons, na França. O escritor deixou o trabalho oito meses depois e seguiu para Paris, onde ficou por dois meses antes de retornar ao Japão, onde permaneceu até a morte.

Os contos e ensaios escritos nos Estados Unidos, no período em que o Japão guerreava contra a Rússia foram publicados sob o título de *Amerika Monogatari* (*Narrativas da América*). Seu estilo surpreendeu o público japonês, tornando-o bastante conhecido. Após esta obra, escreveu também *Furansu Monogatari* (*Narrativas da França*) e *Kanraku* (*Os Prazeres*), que foram banidas por conterem duras críticas e comentários irreverentes a respeito

da sociedade japonesa e seus códigos morais. É importante apontar que dos cinco anos no exterior, apenas dez meses foram passados na França.

No período em que esteve na Europa, Kafû cristalizou a antipatia pelo período Meiji e a nostalgia relativa ao período Edo. O modo de vida dos franceses demonstrou a ele que era possível existir a modernização sem a perda dos valores tradicionais.

Em seu retorno ao Japão, em 1908, Kafû fez várias críticas à superficialidade do governo de Meiji com relação à modernização do Japão. O escritor examinou suas próprias tradições e o significado do passado no presente. Então, nos dois anos seguintes após seu retorno, escreveu as histórias de retorno, *The Returnee Stories*.

Kafû escreveu muitas outras obras que reforçaram a identificação do seu amor pela literatura francesa e sua nostalgia pela cidade de Edo que sobrevivia nas esquinas ocultas de Tóquio, resquício do aprendizado em dramaturgia de *Kabuki* em seus escritos iniciais. Após casar-se com moça de família ilustre, acaba se divorciando e fugindo com uma gueixa para Hakone. Mas não permanece com ela muito tempo, tendo se mantido solteiro até a morte, aos 80 anos, porém não sem ter tido várias amantes, todas mulheres ligadas aos entretenimentos profissionais. Sua obra madura representou tais mulheres não de um ponto de vista sexual e decadente, mas revelando-as como objeto lúdico a serviço de um sistema social.

Nagai Kafû foi homem de muitos talentos: tocava instrumentos como o *shakuhachi*⁹; tipo de flauta japonesa de bambu e tinha conhecimento sobre música e dança tradicionais como *Kiyomoto odori*¹⁰, como os diletantes dos fins do período Edo. As obras *Yashin (Ambição)* e *Jigokuno Hana (Flores do Inferno)* colocam-no como um pioneiro do romance naturalista japonês.

⁹ É um instrumento de sopro de estrutura aparentemente simples: um bocal, o corpo de bambu e cinco orifícios. Porém, suas medidas são rigorosas. O comprimento mais comum do instrumento é de 1,8 shaku (1 shaku = aproximadamente 30 centímetros).

¹⁰ Dança típica japonesa.

2.1 Viagem ao Exterior

Aos vinte e três anos de idade Kafû embarcou para os Estados Unidos e passou o primeiro ano em Tacoma, Washington e Seattle. No início, freqüentou algumas aulas no colégio para melhorar seu inglês, mas não conseguiu se adaptar, pois teve de estudar com estudantes americanos mais novos do que ele. Outro fator frustrante para Kafû era não poder morar com famílias americanas, tanto pelo preconceito contra os orientais como pelo fato de trabalhar num banco. Assim, com dificuldades de se ajustar a essa nova vida, ficou praticamente um ano sem escrever, dedicou-se à leitura de revistas e livros enviados do Japão e alguns romances franceses de Baudelaire e contos de Edgar Allan Poe.

Em outubro de 1904, Kafû foi visitar a Feira Mundial em St. Louis e depois foi para Kalamazoo, em Michigan para estudar língua e literatura francesa. Essa visita faz parte da narrativa *Beleza Inebriante*, onde expressa suas impressões e admiração pelo local e pelo evento em si.

“No verão de 1904, fui visitar a Feira Mundial de *St. Louis* com um guia ideal... Esta área tem o prospecto mais espetacular do espaço da Feira, com uma circunferência de mais de sete milhas. Ao olhar para baixo, temos a visão acima da entrada principal e a praça com um monumento alto e numerosas estátuas. Entre os edifícios enormes, que pareciam castelos, podia-se ver um lago que parecia um rio com quedas d’água. Até mesmo navios pequenos e gôndolas de vários tamanhos, que flutuavam ao redor da lagoa, podiam ser vistas de onde nós estávamos.

Isto já era uma visão surpreendente, mas espere até que sinos comecem a soar em algum lugar na Feira e, simultaneamente, o sol se ponha completamente além dos bosques. Então, todos os edifícios branco-neve ficam iluminados com luzes azuis, vermelhas e outras cores. As estátuas nuas se levantam sob o céu azul pálido como se, tendo absorvido essas luzes, despertassem naquele instante do sono e ficassem flutuando ao redor das escadarias e telhados de vários edifícios, prontos para começar a dançar com a música que começa a ser ouvida nos arredores.”¹¹

¹¹ Trecho de *Beleza Inebriante*.

Como a faculdade de Kalamazoo era batista, tinha uma atmosfera religiosa, a qual Kafû teve de participar e até tomou parte de um grupo de debates. Como a mãe e a avó do escritor foram batizadas na religião católica, Kafû já conhecia a Bíblia e as crenças a qual seguiam. A temática religiosa foi retratada em duas narrativas: *Acima da Colina* e *Primavera e Outono*.

“Nós permanecemos calados e descemos a colina silenciosamente. De repente, Watano me chamou e perguntou: "O que acha? As metas de vida estariam no prazer ou - "ele parou, como se tivesse ficado terrivelmente temeroso de que tivesse dito algo sem pensar. Então, me encarando atentamente, acrescentou, "Você acredita no Deus Cristão?"

Eu lhe respondi que tentava acreditar, mas que ainda não conseguira. E sabia o quanto me sentiria feliz se fosse capaz de crer. Então, Watano respondeu, energicamente e balançando os braços: "Então você é um cético. Muito bom." E depois completou calmamente: "Que tipo de ceticismo é o seu? Claro que, não tenho o tipo de fé que os americanos têm... ouçamos quais são suas teorias."¹²

No tempo em que ficou em Kalamazoo, Kafû continuou a freqüentar as aulas de língua francesa e literatura inglesa e se aproximou ainda mais da cultura francesa ao ler obras de Flaubert, Baudelaire, Maupassant, Daudet, entre outros autores. Trabalhou como mensageiro em Washington por um tempo, depois assumiu o cargo arranjado por seu pai, no Banco de Yokohama, em Nova York e trabalhou lá até julho de 1907. Depois de muita insistência, novamente seu pai conseguiu-lhe uma transferência para um escritório do banco na França, em Lyon. Ficou oito meses na empresa, pediu demissão e ficou mais dois meses em Paris antes de voltar ao Japão em 1908. Esses cinco anos de viagens e aventuras foram as únicas que fez para o exterior.

Logo após seu retorno, *Narrativas da América* foi publicado, em agosto de 1908. Nos dois anos seguintes, Kafû escreveu diversos contos, que ficaram conhecidos como “Narrativas de retorno”, em que trabalhou a nostalgia ao período Edo, e que de acordo com Rachaela Hutchinson baseavam-se em três elementos: a crítica, o lamento e a procura pelo Japão genuíno. Um dos trabalhos mais conhecidos foi *Sumidagawa*, publicado em 1909.

¹² Trecho de *Acima da Colina*.

Durante a Segunda Guerra, Kafû perdeu sua casa e seu acervo num grande incêndio e morou na casa de amigos e parentes de 1945 a 1948. Faleceu no ano de 1959, quando seu trabalho já era reconhecido e admirado e até os dias de hoje é tido como a referência do período.

2.1.1 Caminho percorrido

Abaixo seguem dois mapas, retirados do livro *Os Estados Unidos Visto por Nagai Kafû*, de Yoshiharu Suenobu. O primeiro é referente ao caminho que o escritor percorreu durante sua estada nos Estados Unidos, além de mostrar a narrativa baseada em determinada localidade. O segundo mapa é relativo à suas andanças por Nova York e as narrativas baseadas e situadas na cidade.

No mapa 1 temos:

- Porto de Yokohama até o porto de Seattle: *Conversa Noturna numa Cabine*.
- Seattle: *Uma Noite no Porto de Seattle* e *Má Companhia*.
- Tacoma: *Névoa Noturna* e *Caminho dos Prados*.
- St. Louis: *Beleza Inebriante*.
- Chicago: *Dois dias em Chicago*.
- Kalamazoo: *Acima da Colina* e *Primavera e Verão*.
- Washington: *No Bosque*.

No mapa 2 temos:

- Ilha Coney: *Alvorada*
- Praia Midland: *O Sonho de uma Noite de Junho*.
- Central Park: *Cabelos Compridos* e *Folhas Caídas*.
- Região próxima ao Times Square: *Damas da Noite* e *Abrigo da Neve*.
- Teatro Metropolitan: *Velhos Pesares*.
- Região da Broadway: *O Bar da Madrugada*.
- Chinatown: *Conto do Bairro Chinês*.
- Filial do Banco de Yokohama: *Primeiro de Janeiro* e *O Despertar*.
- Baía de Nova York: *O Mar de Verão*.

Fig. 1- Mapa da rota percorrida nos Estados Unidos

Fig.2- Mapa da rota percorrida em Nova York.

2.2 Principais obras de Nagai Kafû

Nome da Obra	Data
<i>Oboroyo</i> 朧夜(<i>Noite Nebulosa</i>)	1898
<i>Yume no Onna</i> 夢の女 (<i>A Mulher dos Sonhos</i>)	1903
<i>America Monogatari</i> あめりか物語(<i>Narrativas da América</i>)	1908
<i>Furansu Monogatari</i> ふらんす物語 (<i>Narrativas da França</i>)	1909
<i>Akkan</i> 悪感 (<i>Repulsa</i>)	1909
<i>Kitsune</i> 狐 (<i>A Raposa</i>)	1909
<i>Kangokushô no Ura</i> 監獄署の裏(<i>Os Bastidores da Prisão</i>)	1909
<i>Kanraku</i> 歓楽(<i>Os Prazeres</i>)	1909
<i>Shinkichôsha Nikki</i> 新帰朝者日記(<i>Diário do Recém-Retornado ao Japão</i>)	1909
<i>Sumidagawa</i> すみだ川(<i>Rio Sumida</i>)	1909
<i>Fukagawa no uta</i> ふかがわの歌(<i>Canção de Fukagawa</i>)	1909
<i>Asahi</i> 朝日 (<i>O Sol da Manhã</i>)	1909-1910
<i>Kôcha no Ato</i> 紅茶の後(<i>Depois do Chá Preto</i>)	1911
<i>Night Tales from Shinbashi</i> (<i>Contos Noturnos de Shinbashi</i>)	1912
<i>Sangoshû</i> 珊瑚集(<i>Antologia Coral</i>)	1913
<i>Saiyû Nisshishô</i> 西遊日誌抄 (<i>Anotações da Viagem ao Ocidente</i>)	1915

<i>Shikahan-Udekurabe</i> (私家版) 腕くらべ (<i>Rivalidades-edição particular</i>)	1916-17
<i>Danchôteinichijô</i> 断腸亭日乗 (<i>Vida Diária</i>)	1916-18
<i>Okamezasa</i> おかめ笹 (<i>Bambu Anão</i>)	1918
<i>Hanabi</i> 花火 (<i>Fogos de Artifício</i>)	1919
<i>Ameshôshô</i> 雨瀟瀟 (<i>Garoa</i>)	1921
<i>Hiyori Geta</i> 日和下駄 (<i>Tamanco de Madeira</i>)	1922
<i>Kumo</i> 雲 (<i>Nuvens</i>)	1923
<i>Tsuyu no Atosaki</i> つゆのあとさき (<i>Antes e Depois do Orvalho</i>)	1931
<i>Ajisai</i> あじさい (<i>Hortência</i>)	1931
<i>Hikage no hana</i> ひかげの花 (<i>Flores da Sombra</i>)	1934
<i>Bokutô Kidan</i> 墨東綺譚 (<i>Um Estranho da Margem Leste do Rio</i>)	1936
<i>Tokuwazugatari</i> 問はずがたり (<i>A Declaração</i>)	1941
<i>Kunshô</i> 勲章 (<i>Condecorações</i>)	1944
<i>Odoriko</i> 踊子 (<i>A Dançarina</i>)	1944
<i>Raihôsha</i> 来訪者 (<i>O Visitante</i>)	1944

2.2.1 Resumo de Algumas das Principais Obras

Durante sua carreira algumas obras ganharam posição de destaque pelo teor crítico e pela abordagem inovadora, tanto da escrita como da temática. As obras citadas a seguir são as que foram aclamadas pela crítica literária japonesa como narrativas que descrevem o estilo inusitado de Kafû.

Kitsune 狐 (*A Raposa*, 1909). Conto escrito logo após o seu retorno ao Japão, revela forte oposição ao pai, através da forma memorialista do narrador, criticando sua ideologia iluminista.

Shinkichôsha Nikki 新帰朝者日記 (*Diário do Recém-Retornado ao Japão*, 1909). Este conto e os três anteriores são contos longos que mostram estilo maduro do naturalismo que abrem caminho aos escritores ligados ao movimento Tanbi 耽美派.

Sumidagawa すみだ川 (*O Rio Sumida*, 1909). Ragetsu, um poeta de *haiku*, é chamado pela irmã, Otoyô, para ajudá-la a transformar o filho, *Chôkichi*, em um estudante modelo e um burocrata. *Chôkichi*, no entanto, é apaixonado por Oito, uma jovem que se torna mulher de prazeres. O rapaz está ansioso para desistir de seus estudos para dedicar-se aos estudos de um instrumento tradicional japonês, o *Shamisen*. Vítima de conflitos internos adoece gravemente e, no final, à beira da morte seu tio resolve ajudá-lo a alcançar sua felicidade.

(*Shikahan*) *Udekurabe* (私家版) 腕くらべ (*Rivalidades – edição particular*, 1916-7). Obra representativa de seu período intermediário: narra-se de modo realista a vida de Komayo, uma gueixa de Shinbashi e seu séqüito de homens, representativos da “nova era” em que se vivia. O universo de “flores e salgueiros”, metáforas para as áreas de prazeres, é descrito de modo notório e faz sua fama.

Bokutô Kidan 墨東綺譚 (*Um Estranho da Margem Leste do Rio*, 1936). Um romance que representa muitos elementos ensaísticos e descreve a relação entre a prostituta Osetsu e o narrador protagonista que a abandona ao perceber sua paixão.

Danchôteinichijô 断腸亭日乗 (*Vida Diária*, 1946). Obra escrita em forma de diário, impressiona pela perseverança, registrando mais de quatro décadas de sua vida. Destaca-se pelo valor de suas idéias anti-individualistas de uma vida retirada. Esta é a obra mais consultada pelos críticos, na tentativa de compreender o escritor.

3. Narrativas da América

America Monogatari あめりか物語 (Narrativas da América, 1908)

Durante o período de quatro anos em que viveu nos Estados Unidos (1903-1907), Kafû escreveu quatorze narrativas, dez ensaios e cerca de sete cartas. Apesar de ter escrito enquanto estava na América, quatorze trabalhos foram publicados no Japão. Um mês após ter retornado ao seu país, em agosto de 1908, foram compilados vinte e uma narrativas e publicadas em um livro intitulado *Narrativas da América*. O volume reeditado por Kafû anos mais tarde aparece com uma narrativa a mais – *Névoa Noturna* - e, após sua morte, o editor acrescentou outra história – *Uma Noite no porto de Seattle*, que também havia sido escrita enquanto estava nos Estados Unidos.

Assim, nas publicações atuais do livro encontramos vinte e três narrativas:

1- キャビン夜話 – Conversa Noturna numa Cabine

2- 野路のかえり - Caminho dos Prados

3- 岡の上 – Acima da Colina

4- 酔美人 – Beleza Inebriante

5- 長髪 – Cabelos Compridos

6- 春と秋 Primavera e Outono

7- 雪のやどり - Abrigo da Neve

8- 林間-No Bosque

9- 悪友- Má Companhia

10- 旧恨 – Velhos Pesares

11- 寢覚め- Despertar

- 12- 夜の女 – Damas da Noite
- 13- 一月一日 - Primeiro de Janeiro
- 14- 暁- Alvorada
- 15- シカゴの二日 - Duas Noites em Chicago
- 16- 夏の海 – Mar de Verão
- 17- 夜半の酒場- O Bar da Madrugada
- 18- 落ち葉 – Folhas Caídas
- 19- 支那街の記 – Conto de um Bairro Chinês
- 20- 夜歩き - Passeio Noturno
- 21- 六月の夜の夢 – Sonho de uma Noite de Junho
- 22- シアトルの一夜 Uma Noite no Porto de Seattle
- 23- 夜の霧 – Névoa Noturna

As narrativas desta obra têm como cenário a região de Seattle e Tacoma e tratam principalmente de imigrantes japoneses nos Estados Unidos. Em *Conversa Noturna numa Cabine*, por exemplo, que abre *Narrativas da América*, Kafû traz dois jovens japoneses que estão a caminho dos Estados Unidos. Um deles deixara o país por estar cansado dos valores sociais prevalecentes, que não o consideravam digno de se casar com a mulher amada; o outro estava esperançoso de que, enquanto estivesse nos Estados Unidos, teria muitas oportunidades de estudo, já que estava desacreditado em sua terra natal. Através das narrativas, Kafû vai registrando a vida dos imigrantes japoneses, que na época somavam cerca de cem mil pessoas e que se viam diante de inúmeros problemas como a discriminação racial, a difícil adaptação e as doenças. A maior parte deles trabalhava no campo, outros administravam restaurantes abandonados, dirigiam barracas de diversão na Ilha de Coney ou eram adeptos de jogos de azar.

A publicação desse livro causou impacto no meio literário japonês, pois o estilo e a estrutura diferiam dos trabalhos naturalistas de Emile Zola, que dominavam o meio literário do momento. Além disso, *Narrativas da América* foi o primeiro livro que retratou observações e informações da vida e da cultura nos Estados Unidos. E até os dias de hoje essa obra é mencionada como a única que conseguiu descrever, com caráter íntimo e detalhista, o mundo – a América - do qual tanto comentavam na época.

Uma das razões pelas quais esse livro foi bem recebido pelo público japonês foi justamente a mudança de estilo e técnica de escrita. Como todas as tendências literárias do ocidente chegaram num curto espaço de tempo era de se esperar que os movimentos literários como o Naturalismo não chegassem com a mesma força, impacto e carga significativa como aconteceu na França. Assim, o Naturalismo japonês seguiu a linha autobiográfica, criticada pelos estudiosos por sua monotonia. Kafû imprimiu um tom completamente diferente em *Narrativas da América*. Contudo, foi criticado por deixar de lado a descrição da vida real, passando a relatar narrativas ficcionais, cuja orientação diferia da pregada pelo Naturalismo.

Segue abaixo o quadro sinóptico com as datas de produção e publicação e o local onde apareceram publicadas pela primeira vez as narrativas.

Nome da Narrativa	Data de produção	Data de publicação	Local publicado
Conversa Noturna numa Cabine	Novembro de 1903	Abril de 1904	Jornal <i>Bungei Kurabu</i>
Névoa Noturna	Novembro de 1903	Julho de 1904	Jornal <i>Bungeikai</i>
Uma Noite no Porto de Seattle	Sem data	Maio de 1904	Jornal <i>Bungei Kurabu</i>
Acima da Colina	Dezembro de 1904	Junho de 1905	Jornal <i>Bungei Kurabu</i>
O Caminho dos Prados	Janeiro de 1905	Fevereiro de 1906	Jornal <i>Taiyô</i>
Duas Noites em Chicago	Março de 1905	Dezembro de 1905	Jornal <i>Bungei Kurabu</i>

Primavera e Outono	Maio de 1905	Outubro de 1907	Jornal <i>Taiyô</i>
Beleza Inebriante	Sem data	Junho de 1905	<i>Taiyô</i>
Mar de Verão	Julho de 1905	Março de 1906	Shinshôsetsu
Cabelos Compridos	Maio de 1906	Outubro 1906	Jornal <i>Bungei Kurabu</i>
Abrigo da Neve	Junho de 1906	Maio de 1907	Jornal Bunshô
O Bar da Madrugada	Julho de 1906	Outubro de 1906	<i>Taiyô</i>
Folhas Caídas	Outubro de 1906	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
No Bosque	Novembro de 1906	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Velhos Pesares	Janeiro de 1907	Maio de 1907	<i>Taiyô</i>
Despertar	Abril de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Damas da Noite	Abril de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Passeio Noturno	Abril de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Conto do Bairro Chinês	Sem data	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Primeiro de Janeiro	Maio de 1907	Agosto de 1908	Jornal <i>Taiseiyô</i>
Alvorada	Maio de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
Má Companhia	Junho de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>
O Sonho de Uma Noite de Junho	Julho de 1907	Agosto de 1908	<i>Amerika</i> <i>Monogatari</i>

PARTE II

3.1 Temas Principais

O livro *Narrativas da América* é o resultado da compilação de várias narrativas escritas durante o período em que o autor viveu nos Estados Unidos. São ensaios e relatos escritos de acordo com as experiências vivenciadas pelo autor e conforme as histórias que ouvia de outras pessoas. Por isso, a temática de cada narrativa também vai seguir o caminho de Kafû pela terra estrangeira.

Isso possibilitou que o leitor acompanhasse o amadurecimento de Kafû como escritor e também mostrou o caminho percorrido, de Nova York a Kalamazoo. Assim, é possível destacar a mudança estilística ao trabalhar e construir o enredo, que no início caracteriza-se pela forte influência naturalista, como observamos em *O Caminho do Prados* e que depois o escritor passou a trabalhar de forma mais livre, criando um universo de personagens e enredo desconectados da idéia de hereditariedade e meio ambiente como fator delimitador.

Apesar das narrativas não terem sido publicadas na ordem cronológica em que foram escritas, podemos percorrer o trajeto feito pelo autor, o que viu e observou em cada lugar e, principalmente, sua empreitada para angariar fundos para ir à França.

Fica evidente também que as narrativas não são resultado de um livro de temáticas pré-estabelecidas e sim, conforme a inspiração, as angústias, conquistas e visões diante do mundo em que vivia, a leitura desse livro transporta o leitor por Nova York, Chicago, Illinois, pelos bordéis, pelas áreas pobres das grandes cidades, entre outros lugares. Enfim, aproxima o leitor de um mundo desconhecido e o faz se sentir íntimo dessa viagem, incorporando as vivências de Kafû como suas.

Podemos dizer que o escritor japonês foi um viajante que observou e adentrou no cotidiano das cidades, retirando desse espaço urbano a representação da beleza citadina. Ainda, utilizando o termo de Charles Baudelaire, Kafû seria o *flâneur*, o observador solitário perdido no meio da multidão e “a embriaguez na qual o *flâneur* se abandona é a da

mercadoria levada pela torrente dos fregueses”¹³. Isto é, a não identificação entre o seu “eu” e o mercado, esse indivíduo aproxima-se, num envolvimento de empatia, com a mercadoria.

Em *Narrativas da América*, Kafû trabalha com diversos temas como a religião, as mulheres, o relacionamento entre o homem e a mulher, a condição precária e a ambição dos imigrantes japoneses, o mundo dos prazeres e a sua perspectiva dos Estados Unidos e seu povo. A seguir, serão destacados alguns desses principais temas e reflexões serão realizados sobre cada um deles com o objetivo de mostrar o choque cultural entre a cultura japonesa e a cultura americana e a vida dos imigrantes japoneses.

¹³ BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império*.

3.1.1 Narrativa que foca o relato da viagem

A visão – a simples visão -, ainda que modestamente ciente de seus limites e alcance circunscrito, supõe um mundo pleno, inteiro e maciço, e crê no seu acabamento e totalidade. (...) Tudo se compõe, então, numa coesão compacta e lisa, indefectível...como aquela que deparamos na crença ou no sonho – pois, como ela, desconhece lacunas e incoerência e, como ele, acolhe e integra com naturalidade.

Sérgio Cardoso

Os relatos de viagens estão diretamente ligados ao olhar do viajante, que reflete o impacto com o desconhecido ao encontrar paisagens diversas durante o caminho percorrido. Esse deslocamento e os cenários descontínuos causam o estranhamento, sendo este o fator que impulsiona a reflexão não apenas do panorama, mas também sobre a existência de sociedades diferentes da sua. Segundo Nery:

“É dessa forma que as viagens podem então ser apreciadas pela inteligibilidade e captadas pela sensibilidade como deslocamentos físico-morais nos quais há projeção de “expectativa”, essa emana da existência humana, de modo a investir-se dos atributos de um projeto de desenvolvimento de si correspondente à idéia de ser é desesperador” (NERY,2003: 35).

A descrição da viagem feita por Kafû até à América do Norte, desde o porto de Yokohama até o porto de Seattle nos Estados Unidos em キャビン夜話 – *Conversa Noturna numa Cabine* é feito com a sensibilidade desse observador, que se afasta da terra natal e encontra-se com o novo. Como nas obras de seu mestre Zola, os relatos são feitos em detalhes e exatidão, oferecendo ao leitor aspectos da situação vivida pelos imigrantes japoneses, o retrato do dia-a-dia da viagem de navio, a discriminação e a humilhação pelo qual passavam.

Conversa Noturna numa Cabine foi escrito em novembro de 1904 e relata a história de três japoneses e as diferentes razões pelas quais decidiram deixar o Japão e enfrentar uma nova empreitada em um local desconhecido. A composição descritiva do olhar possibilita o agrupamento das informações fragmentadas e a visualização da atmosfera vivida pelos viajantes.

Esse deslocamento físico em direção ao que ainda é incógnito para o observador traz novas experiências visuais, a perspectiva da experiência em si e pode até alcançar o aspecto sensorial. A descrição do distanciamento da terra natal e o ponto de vista inicial do começo da jornada está exposta nas palavras do narrador-personagem:

“Cruzar o mar sem qualquer visão do continente é um tédio quase insuportável, e a viagem entre Yokohama e o porto de Seattle, cidade americana recentemente desenvolvida, não constitui exceção.

Despedindo-se das montanhas da terra natal no dia da partida, os passageiros ficam sem poder ver uma única ilha, uma única montanha, por mais de meio mês, até o dia que alcançarem o continente no outro lado do oceano. Ontem, o mar, hoje também o mar. A visão imutável do Oceano Pacífico é pura imensidão, onde somente os albatrozes cinza com asas longas e bicos curvados voam sobre ondas gigantescas. Para piorar, dias claros e agradáveis ficam cada vez mais raros conforme o navio avança em direção ao norte e praticamente todos os dias, não só o céu fica completamente coberto pelas escuras nuvens cinzentas, mas pode chover ou cobrir – se de névoa a qualquer momento.

Tornei-me, inesperadamente, um viajante neste oceano desolado. E já completei cerca de dez dias de viagem. Durante o dia é possível passar o tempo, brincando de argolas no convés ou jogando cartas na sala de fumantes, mas depois do jantar e (com) a chegada da noite, não há quase nada para se fazer. Além disso, parece estar consideravelmente mais frio hoje!. Pensando que seria impossível caminhar pelo convés e ir até a sala de fumantes sem um casaco, tranquei-me na cabine, com a intenção de ler alguma revista, que trouxera do Japão...”¹⁴.

O mar como uma parede que separa o viajante de seu território é também a ponte entre dois mundos completamente diferentes e reflete o sentimento daqueles que se dirigem ao desconhecido. Apesar da expectativa, a estranheza inicial do encontro com o inesperado é a mesma sensação descrita neste primeiro trecho da narrativa, ou seja, diante da impressão de estar “perdido” no meio do oceano, cercado de mar por todos os lados, o viajante descobre que é uma figura pequena diante da vastidão das águas. Essa sensação estende-se a todo primeiro encontro com o novo e se desfaz no momento em que essas novas informações

¹⁴ Trecho de *Conversa Noturna n uma Cabine*.

deixarem de ser completamente estranha aos olhos do observador e ganhem significado concreto para o mesmo.

Esse pensamento é expresso nesta narrativa através do vestuário, entre o contraste da vestimenta ocidental e a oriental, como um exemplo da fase de transição dos japoneses à cultura americana. As roupas são elementos importantes para a compreensão das mudanças advindas do encontro com uma sociedade diversa, ou seja, para o entendimento de algo que está além da diferença lingüística, mas encontra-se na conexão entre o sensorial real e o sensorial ligado aos valores e símbolos sociais.

"Então, com licença". Sentou-se na cadeira com o copo levemente voltado para frente e completou: "Sinto muito frio com roupas ocidentais, por isso ia dormir com estas roupas japonesas.

Yanaguida disse em tom de surpresa, olhando para Kishimoto, " Você sente frio com roupas ocidentais? No meu caso, é exatamente o oposto. Se eu usasse a veste japonesa especialmente numa viagem como esta, eu me resfriaria imediatamente, pois sentiria muito frio no pescoço. É mesmo? Isto quer dizer que eu ainda não me acostumei com as roupas ocidentais.¹⁵"

No trecho acima não se discute qual vestimenta realmente os protegeria melhor do frio, mas destaca o significado simbólico para as personagens. Ao ampliar o tema para o encontro com o desconhecido, temos mais um exemplo da transição da separação do viajante de seu universo.

O especialista em filosofia política Sérgio Cardoso reflete que a distância não desenraíza o viajante de seu mundo, mas a diversidade do exterior cria novas relações a partir do que lhe é familiar o que resulta em novos sentidos, ou seja, aquilo que lhe era estranho passa a ser tolerável.

Esses três japoneses são exemplos do processo vivenciado pelos imigrantes o que no texto é expresso pela familiarização com a turbulência do navio, causada pela tempestade. Segundo Nelson Brissac Peixoto, em *O olhar do estrangeiro*: "Quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro,

¹⁵ Trecho de *Conversa Noturna numa Cabine*.

contra uma tela”¹⁶. Assim, esse olhar panorâmico, que no início lidava com as primeiras experiências da viagem de navio, com a estranheza do primeiro encontro, interioriza a nova realidade ao cotidiano, que passa a ser ordinário e até mesmo atraente, apesar das turbulências que o cerca.

“Ao longe ouvia-se o som perdido de um sino que anunciava as horas. Neste instante, as ondas pareciam ficar mais e mais altas até escutarmos bater na redonda portinhola sobre a cama com um som esmagador e colidir contra a área do deque, enquanto o vento nos mastros altos soava igual aos ventos secos de fevereiro em Tóquio. O som áspero de algo rangendo em algum lugar começou. Mas este era um navio grande de tonelagem considerável, assim o rolar e empurrar eram bastante suaves e, como tínhamos nos acostumado à viagem, não ficamos preocupados com enjôos. Corremos as cortinas acima da portinhola e da porta de forma que a cabine minúscula ficasse aquecida através do vapor e permanecemos reclinado em poltronas. Escutando a tempestade do lado de fora, de certa forma fez-me recordar o conforto de uma lareira em uma noite de inverno. Yanaguida parecia sentir o mesmo, como ele disse, abaixando seu copo de uísque, "Não acha que uma vez que acredite em sua própria segurança, até mesmo tempestades furiosas de alguma maneira soam atraentes?"¹⁷

Além da descrição detalhada do curso percorrido pelo navio, do cotidiano da viagem e a interiorização do novo, temos a apresentação dos tipos de viajantes que saíram do Japão e foram aos Estados Unidos. Num momento de intimidade, os colegas confessam os motivos que os levaram a tal empreitada a um mundo desconhecido. Yanaguida, que morara na Austrália e havia voltado ao Japão há menos de um ano, com a confiança de que conseguiria uma posição de destaque em sua empresa e ainda, que conseguiria uma esposa de família aristocrática, teve a autoconfiança abalada por não conseguir concretizar seus objetivos. Então, agarrou-se na oportunidade de retornar ao estrangeiro e aceitara um emprego numa empresa de seda onde realizaria pesquisas sobre condições climáticas. Kishimoto era um pai de família que não tinha estudos e fora demitido de uma companhia, após uma reestruturação. Apesar de a esposa ter herdado certa quantia, que seria suficiente para uma vida simples no campo, decidiu deixar a família para estudar no exterior.

¹⁶ PEIXOTO, Nelson B. “O Olhar do Estrangeiro”. In: *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 362.

¹⁷ Trecho de *Conversa Noturna n uma Cabine*.

Esses sentimentos representam as angústias e a crença de oportunidades melhores que motivaram os imigrantes e os viajantes, no início do sec. XX. Escritores almejavam ir ao exterior levados pela ânsia artística, trabalhadores falidos ou que não conseguiram obter sucesso no Japão buscavam dinheiro, abastados buscavam conhecimento e respeito para uma carreira burocrática e ainda, alguns procuravam distância de um mundo no qual não se encaixavam. O trecho do depoimento de Yanaguida descreve o sentimento os infortúnios da sociedade que ainda estava em fase de reestruturação:

“Voltou para o tempo de quando se formou em certa escola. Imediatamente, foi empregado por uma empresa e seguiu para a Austrália cheio de expectativa. Depois de um certo tempo, voltou ao Japão com um senso de imensurável triunfo, maior do que quando tinha deixado o país. Ele explanou e elogiou a civilização do continente e a situação comercial mundial a todos com quem se encontrou, incluindo os velhos amigos que lhe deram festas de boas vindas. E nunca duvidou que o pequeno país insular lhe oferecesse uma posição importante. Mas ao invés disso, foi nomeado para um trabalho de tradutor na matriz, com um salário mensal de só quarenta ienes. Não protestou e aceitou o trabalho, depois de considerar cuidadosamente as condições no Japão. Mas ele não pôde impedir de sentir-se constantemente insatisfeito e para se livrar daquele sentimento, decidiu procurar uma esposa, preferivelmente uma filha bonita jovem de uma família aristocrática e, começou a fazer campanha ativamente naquela direção. Tinha uma íntima confiança de que, sendo alguém que voltara do estrangeiro, o recomendariam a tais mulheres jovens ou às suas mães, mas na realidade nada do tipo aconteceu. A filha de certo visconde a quem ele procurou acabou se casando com um diplomado universitário do país, o tipo de pessoa que mais desprezava. Não só sua autoconfiança fora abalada duas vezes, mas desta vez teve o coração partido.

Mas Yanaguida nunca perdeu a esperança completamente. Como uma reação contra a dor, iniciou uma denúncia mais acirrada contra o país e decidiu empreender outra viagem ao estrangeiro.”¹⁸

A tempestade encontra-se do lado externo, mas a turbulência localiza-se nas aflições desses viajantes e a metáfora proferida pelo narrador expressa essa angústia que assolava os imigrantes:

¹⁸ Trecho retirado de *Conversa Noturna n uma Cabine*.

“É o mesmo com tudo. Sempre que alguns estão se divertindo, outros podem ter que sofrer. Como o fogo que é um desastre para aqueles que perdem suas casas, mas um grande espetáculo para o resto”.¹⁹

No final, os Estados Unidos, o sonho americano era a busca por um mundo idealizado, que fazia parte do caminho para a solução dos anseios e objetivos de muitos japoneses. Essa idéia impressa na propaganda enganosa levou muitos imigrantes à decepção e outros à perdição. Cada qual almejava coisas diferentes, mas no final, era uma jornada única e solitária.

“Abrindo a porta, Yanaguida disse "boa noite" em inglês, e enquanto resmungou algum poema inglês ininteligível, os passos dele diminuíram logo em direção a sua cabine. Na cabine ao lado, naquele exato momento, pude escutar o som lânguido da cortina da cama sendo puxada. Kishimoto, que também tinha deixado minha cabine, já dever estar deitado em sua cama solitária.”²⁰

Conforme sugerido pelo próprio título, *Conversa Noturna em uma Cabine* é uma narrativa em tom intimista, quase um depoimento que expressa o sentimento dos imigrantes, motivada por diversas razões e que pode ser resumido como a representação da marcha individual em direção ao sonho americano. As mudanças e a fase de transição que a sociedade japonesa enfrentava afetaram os cidadãos japoneses de formas diferentes, cada qual deixou o país em busca de novas perspectivas de vida. E nessa empreitada, o impacto do encontro com o desconhecido faz com que o viajante sinta-se “deslocado” e “perdido” até que interiorize os padrões diferentes e os aproxime do seu mundo, atribuindo uma nova carga de significação. O olhar do viajante procura por determinadas associações, ou seja, com imagens e situações familiares, observa o mundo novo para criar padrões de reconhecimento baseado em seus conhecimentos anteriores e no caso de Yanaguida, Kishimoto e o narrador, essa fase de encontro e reconhecimento do novo começara com aquela viagem. Ainda cheios de expectativas e esperança, afastam-se dos infortúnios vividos no Japão e seguem, em direção ao desconhecido.

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ Trecho de *Conversa Noturna numa Cabine*.

3.1.2 A personagem feminina em *Narrativas da América*

A personagem feminina está presente em todas as narrativas e ensaios escritos em *Narrativas da América*. Na realidade, fazem parte da essência do texto. Às vezes não é a personagem principal do enredo, mas tudo gira em torno delas. Sem as mulheres não existe história.

Kafkã apreciava as mulheres e estas sempre foram objeto de curiosidade e fascinação aos olhos do escritor. Quase como um enigma a ser desvendado, as mulheres eram repletas de mistérios, surpresas e com a complexidade de um quebra-cabeça. Não assumir a voz do texto não significa que são menos apreciadas como personagem e, ao contrário, faz delas o objeto de intensidade do texto. Ou seja, ser aquele quem faz a ação às vezes não traz glórias ao feitor, mas ser o tema de um estudo faz dessas mulheres o elemento principal do texto. Todas as ações ocorrem para e devido a elas.

Contudo, o primeiro aspecto a ser considerado ao colocar as mulheres dessa obra em evidência, refere-se à construção da personagem. A criação dá-se com a fragmentação e a descontinuidade do enredo. A imagem e o reconhecimento da personagem são constituídos através da visão do outro, isto é, a voz masculina dá vida à mulher. Neste instante, a relação entre o feminino e o masculino chega a um ponto de concomitância, em que a razão de ser do enredo se concretiza.

O escritor brinca com o escrever ao utilizar outros personagens para concretizar a figura simbólica da mulher, que é delineada num tom intimista, através de olhos atentos e desbravadores. Essa visão alivia o peso da responsabilidade do escrevente, pois cria um afastamento entre o escritor e o resultado final. Esse intermédio faz da figura da mulher, intocável, como a descrição de um quadro, em que o talento do pintor é indiscutível, mas sua obra só ganha significação aos olhos do observador.

Contudo, o distanciamento entre o escrevente que fala e o leitor causa certa desconfiança diante da composição dessas figuras femininas, pois não há informações concretas, nas quais tais semblantes se mostrem objetivamente e de forma direta. E tal mistério potencializa a força simbólica dessas mulheres, tornando-as tema de estudo e fixação dentro do enredo.

A composição da figura dessas personagens é facilmente delimitada, pois existem três representações do feminino em *Narrativas da América*: a mulher ocidental, a mulher oriental e a mulher ideal, cada qual com características pontuais. A primeira sempre está ligada à imagem de uma pessoa forte, independente, charmosa e incomum. Já as orientais são descritas como submissas, sem auto-confiança. E a terceira seria a mulher ideal, que deveria ser uma pessoa pertencente ao mesmo nível social e intelectual e ainda alguém que mantivesse a feminilidade.

Longe de ser a definição de uma ou de outra, a seleção dos elementos constitutivos das personagens criam uma aparência peculiar. Kafkã tomou como base para as mulheres ocidentais, aquelas consideradas à margem da sociedade: divorciadas, prostitutas e mulheres independentes. Utiliza o fator de ojeriza do público para criar uma aura de mistério diante de um mundo desconhecido. Já as orientais são figuras caracterizadas como: esposas submissas, mulheres tímidas e regidas de acordo com os valores sociais.

Dentre as vinte e três narrativas, a representação da mulher ocidental pode ser encontrada em: *Damas da Noite*, *Cabelos Compridos*, *Beleza Inebriante* e *Duas Noites em Chicago*. Já as que trabalham a reflexão sobre a mulher japonesa são *O Caminho dos Prados*, *Primeiro de Janeiro*, *Primavera e Outono* e *Acima da Colina*. E a mulher ideal foi descrita em *O Sonho de uma Noite de Junho*.

Em todos os casos, a mulher é a razão da angústia, sofrimento, ojeriza ou prazer sentido pelo homem, podendo levá-lo a perdição. Principalmente as ocidentais os instigam por sua excentricidade desconhecida e ainda intocada, como numa exploração ou descoberta de algo novo. Afinal, o escritor foca mulheres de um submundo incógnito, em que todas oferecem certo desafio a ser desvendado. Essas personagens não foram retratadas como símbolos repugnantes, que vivem à margem do considerado normal, mas como peças interessantes que serviam de reflexão para os outros personagens. Isto é, o desprezível foi delineado como algo comum, descrito de forma natural, mostrando que a prostituição em *Damas da Noite* é uma profissão como qualquer outra.

“Depois de terminar o jantar, que sempre consiste em rosbife ou então carne de porco, de batatas assadas, molho de amora, aipo, e posteriormente uma cunha de torta ou pudim para sobremesa, todas retornam para o quarto e gastam um longo tempo se maquiando. Então, às

dez horas, quando a Senhora toca todas as campainhas da casa, todas vêm escada abaixo à sala de estar e esperam pelos clientes, assim começa o que elas chamam de horas de negócios, como serve as mulheres de uma nação mercantil”²¹.

A reflexão de Roland Barthes a propósito dos signos explica a razão pela qual a escolha de personagens femininas de reputação duvidosa causou impacto aos leitores da época. Em *Crítica e Verdade*, Barthes diz que “Todo signo inclui ou implica três relações”²²: simbólica, paradigmática e sintagmática. O primeiro seria o objeto e seu significado simbólico, como a bandeira de um país. O segundo está ligado à carga de significados que atribuímos aos signos e o terceiro remete a correlação entre esses símbolos.

No caso da descrição das mulheres do livro *Narrativas da América*, Kafû trabalhou e desconstruiu os significados dos signos e conferiu-lhes novos valores. Isso justifica o tom de naturalidade com que relatou as prostitutas e divorciadas, além do choque para o leitor. Se o escritor tivesse escolhido mulheres que seguissem os valores da sociedade em questão, talvez a obra perdesse as informações impactantes. Ou seja, tomando como exemplo imagem das prostitutas, que seriam pessoas lascivas, enganadoras, sem família, que não dão importância aos valores sociais, a descrição detalhada da vida das moças dá credibilidade à idéia de que são apenas garotas, que ganham a vida como podem, da mesma forma que o trabalhador comum. O trecho abaixo descreve duas das cinco mulheres que trabalham no bordel.

“A primeira, Íris, é de descendência irlandesa e é dito que nasceu em Kentucky. Talvez tenha ao redor de vinte e três ou quatro anos de idade. Tem uma face redonda com um queixo curto que é típico de sua face; seus olhos azuis são pequenos e o cabelo é de um brilhante loiro. A inclinação de seus ombros sugerem algo delicado, mas sua forma bela, da cintura às pernas, é um motivo de orgulho, e ela produz como evidência o fato de que ela foi duas vezes a modelo de um artista. De acordo com ela, sua família é bastante próspera no país e freqüentara uma escola católica até seus dezesseis ou dezessete anos; às vezes, quando menos se espera, cantarolando um hino religioso, como se estivesse se lembrando de algo. Geralmente, ela parece ser de uma personalidade conquistadora; não fica particularmente "alegre" enquanto

²¹ Trecho de *Damas da Noite*.

²² BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003. P. 42.

bebe com um homem, nem parece deprimida até mesmo quando enferma por doença ou qualquer outra coisa.

Em contraste, Blanche que senta próximo a ela, não tem nem pais nem irmãos e é uma mulher naturalmente perdida, chegou às sarjetas de Nova York na companhia de cachorros. Diz-se que ela já tem trinta anos, mas é bastante pequena, de forma que aplica muita maquiagem para aparentar ser mais magra, com aparência pálida e uma tira vermelha com falso cabelo ao redor de seu topete, ela se transforma em uma menina jovem de dezesseis ou dezessete e pode enganar um homem facilmente na escuridão. Ela aprecia beber e, o que é mais surpreendente é que dizem que uma vez roubara o dinheiro de um cliente e fora mandada para a cadeia na "Ilha"; dizem que ela tem dois amantes negros, um é artista do teatro de variedades e o outro cocheiro de carruagem de duas rodas. Assim, suas colegas de trabalho repugnam-na por causa dos sentimentos delas como pessoas brancas.²³

A mulher em *Cabelos Compridos* é divorciada, loira, uma mulher de aparência típica ocidental de acordo com a visão de um dos narradores:

“Mulheres, geralmente, tendem a se tornar mais violentas e tirânicas conforme os homens ficam mais acomodados. Especialmente alguém como ela, rejeitada pela sociedade e vivendo em situações adversas por tanto tempo, tornam-se sensíveis e nervosas sem razão. Ela faz coisas como quebrar seus pertences ou jóias ou até mesmo machucar seu amante embora o ame muito.”²⁴

A visão simplista é enganosa e cria a imagem errônea de que os infortúnios da vida são as respostas para as ações dessa excêntrica personagem, mas:

“Ela diz, por exemplo, que se lê um romance e o acha interessante, quer imediatamente experimentar as mesmas coisas. Então, aconteceu que menos de um ano após ter se casado, apaixonou-se por um músico polonês, com sangue tártaro, e teve encontros secretos com ele. Seu marido descobriu e divorciou-se, depois de um acordo, deixando-lhe um quarto da fortuna.”²⁵

²³ Trecho de *Damas da Noite*.

²⁴ Trecho de *Cabelos Compridos*.

A personagem de *Cabelos Compridos* não controla suas emoções e, como em *Damas da Noite*, ações consideradas incomuns são retratadas com naturalidade. A reavaliação do que é comum ou não se encontra numa linha tênue que se desfaz facilmente, já que a definição de valores e posições sociais são diferentes em cada sociedade e se modificam com o tempo. O que hoje é considerado transgressor, amanhã será irrelevante e o que existe dentro dessas narrativas é uma nova forma de ver esse lado insólito como algo comum.

A leitura da visão “natural” e da moralista sobre a vida das prostitutas, divorciadas sugere a natureza *voyerista* de *Kafû*. O autor revista o interior do estabelecimento, em que as prostitutas trabalham com o olhar masculino da narrativa. Apesar de o tema estar relacionado com mulheres ligadas à idéia de vulgaridade, não há referências mais íntimas da relação sexual das mulheres. Nesse caso, o interesse dos leitores homens se dá com a descrição do proibido, pela emissão de uma literatura “passaporte” para um local, normalmente, fora dos limites.

As mulheres japonesas por outro lado, são sombras dos homens, com uma complexidade intrínseca em seu comportamento. Não se sabe se agem daquela forma por serem indivíduos presos às regras sociais e incapazes de se rebelar contra o comportamento esperado pela sociedade ou se são seres realmente submissos e sofredores. Mais do que qualquer outra coisa elas são o retrato de mulheres com a vida determinada pelo ambiente.

No caso de *Primavera e Outono*, o relato de uma japonesa num mundo ocidental apresenta a reflexão sobre a diferença entre culturas e agrega a complexidade de ser dessa mulher oriental. As ocidentais são descritas com leveza, como se não estivessem presas a nada e a oriental sempre envolta de um ar incompreensível.

“Para uma japonesa, possuía uma tez branca, seu nariz era arrebitado e tinha uma boca bem talhada e graciosa. Mas que face redonda, que olhos pequenos e que sobrancelhas finas! E o que poderia dizer dos ombros estreitos, cobertos com roupas grossas, evidentemente feitas no Japão, ou sobre sua postura curvada, como se estivesse carregando algo pesado nas costas? E seus braços curtos e gordos, ou seus dedos disformes, que se pareciam lagartas verdes. Além de fazer comentários detalhados sobre ela, Toshiya desejou saber por que existiam tantas estudantes japonesas com esse mesmo estilo.”²⁶

²⁵ Ibidem.

²⁶ Trecho de *Primavera e Outono*

Na procura por explicações, onde não existem respostas determinadas, a descrição da mulher japonesa é um apelo à tentativa de compreensão de um mundo ao qual o próprio escritor pertencia. Cada uma dessas japonesas são fragmentos de uma memória única, quase como relatos ou uma reprodução das mulheres que fizeram parte da vida de Kafkã. Seres fictícios ou reais são esculturas que, ao tocã-las, trazem uma sãrie de significados ligados aos costumes de sua sociedade. A sensaçã tãtil estã carregada de sentimentos como mostra o trecho abaixo:

“...ficou ainda mais assustada quando percebeu que suas mãos estavam sendo firmemente seguras pelo homem. Ela nã teve coragem de tirar a mã e assim olhou para baixo, com a face corada e respirando pesadamente.

Toshiya tãbã nã pãde suprimir sua excitaçã. O que deveria dizer? O que deveria dizer para prosseguir sua investida?

Ele aproximou sua boca da orelha da mulher, que estava corada e sussurrou algo em inglãs ao invã de japonãs.

Kikue nã pãde proferir um grito, mas parecia totalmente amedrontada e desnorreada. Seu rosto empalideceu e estava tremendo; lãgrimas começaram a fluir de seus olhos.”²⁷

Entretanto, ao mesmo tempo em que esse toque e aproximaçã acontece, fazendo explodir tais sentimentos é impossãvel compreender o que hã no interior desse ser. São realmente submissas e sofrem com os abusos dos homens ou, simplesmente, a relaçã que conhecemos entre o prazer e a dor nã possuem os mesmos padrães para essas mulheres.

Apesar da descriçã da mulher ocidental e oriental serem completamente diferentes, ambas são ligadas à carne, tanto ao desejo como ao sofrimento. O que as difere é a forma como reagem ao mundo.

Jã a mulher ideal descrita em *O Sonho de uma Noite de Junho* é diferente das americanas comuns ou das japonesas, ela é uma pessoa que detã o mesmo charme das ocidentais, mas uma pessoa com a mesma formaçã intelectual.

²⁷ Ibidem.

“Então, nessa noite, que conheci Rosalina, estava preparado como de costume, por uma questão de cortesia entre um homem e uma jovem, a falar sobre os automóveis que eu detestava, sobre igrejas ou qualquer outra coisa. Mas, fiquei surpreso desde o início, pois ela me perguntou se eu gostava de ópera e questionou sobre *Madame Butterfly* de Puccini, sobre *Madame Melba*, que retornara aos Estados Unidos depois de quatro ou cinco anos e que, novamente, arrebatou a audiência americana e sobre a *Sinfonia* de Strauss, que foi tocada pela primeira vez na América do Norte, nesta primavera. Essas questões eram tão inesperadas que, não só as minhas resoluções até o momento eram tolas como quase chorei de felicidade, como se tivesse encontrado um amigo que conhecia há cem anos”²⁸.

Nesse caso, o escritor implantou características das mulheres que ele mesmo admirava. Em seu diário, Kafû escreveu: “E confesso que gosto das mulheres ocidentais. Nada me dá mais prazer do que conversar com uma mulher ocidental sobre a arte dos tempos dos gregos, em inglês ou francês, contanto que fosse na língua ocidental, sob o céu ocidental...”²⁹.

Assim, na visão de Kafû, as que não eram “profissionais” ou as mulheres que não pertenciam ao mundo dos prazeres foram retratadas de modo sarcástico, satírico e piedoso. Considerava as jovens tradicionais e modestas, as donas de casa e as moças doces sem graça e nutria o sentimento de dó por elas, o que fica claro em *Acima da Colina*, *Primeiro de Janeiro e Primavera e Outono*. E, descreveu de forma negativa todas que considerasse melindrosas, esnobes e pedantes e, como já foi dito, geralmente essa imagem ilustrava as mulheres japonesas.

Portanto, as narrativas em que a personagem feminina possui destaque, passam a constituir um ensaio sobre as mulheres, como uma tentativa de delineá-las e compreendê-las.

²⁸ Trecho de *O Sonho de uma Noite de Junho*.

²⁹ KAFÛ, Nagai. “Kichôsha no Nikki”. In: *Dawn to the West*. New York: Columbia University Press, 1983, p. 402

3.1.3 Mundo dos prazeres

O prazer, concebido como uma atividade em si, abstração feita da operação da qual ele procede, não existe; o que existe são prazeres que formam com as atividades de que procedem pares indissolúveis, prazer de tocar, prazer de ver, prazer de pensar [...]

Gauthier – Jolif

Kafû é um escritor reconhecido por seus trabalhos inspirados no desejo, seja físico ou emocional. E segundo Stephen Snyder, *Narrativas da América* foi a obra em que Kafû “...desenvolveu sua primeira clara expressão da estrutura mediada pelo desejo, que controla as mulheres de reputação suspeita e a economia da prostituição”³⁰. E o momento em que o prazer físico causado pelas sensibilidades sensoriais do tato, do paladar, da visão, do olfato e da audição pode ser denominado como o mundo dos prazeres. Ou seja, o prazer físico não está relacionado apenas à conotação sexual, mas a sensação de prazer ligado aos cinco sentidos.

As obras de Kafû não tratam sobre problemas de relacionamento, mudanças econômicas e sociais, mas marcam a curiosidade do escritor em descobrir o cotidiano dos locais que tem como mercadoria o prazer e como propaganda o desejo de satisfação. Esse tema permanece presente em trabalhos posteriores de Kafû, porém, após retornar ao Japão a temática das gueixas, que seriam as mulheres de ocupação “vergonhosa” no arquipélago, é utilizada para criticar as mudanças pós Revolução Meiji e as obras passam a ser inspiradas no período Edo, como sendo a época e a profissão que caracterizava o Japão autêntico.

Como freqüentador dos bairros de prazer no Japão, o escritor pôde descrever de forma detalhada o cotidiano desses lugares, ilustrando de forma concreta, uma realidade quase fictícia para os japoneses que jamais freqüentaram esses bairros.

Em *Narrativas da América*, Kafû penetrou no cotidiano da boemia, tanto da periferia dos bairros orientais, como na casa de prostitutas, típica do Ocidente. Chamou a atenção dos leitores ao trabalhar uma temática polêmica e do qual tanto os homens como as mulheres nutriam certa curiosidade. Oferece riqueza de detalhes e procura mostrar de forma realista

³⁰ SNYDER, Stephen. *Fictions of desire: Narrative form in the novels of Nagai Kafû*. Honolulu, Hawaii, 2000. P. 91.

esse mundo paralelo e descreve o cotidiano das pessoas envolvidas nesse ramo de duas formas. De um lado, descreve um bordel e as mulheres que trabalham no local como pessoas de negócios, que trabalham pelo dinheiro, sem destacar a característica frívola, erótica e degradante ligada à imagem do ramo, como em *Damas da Noite*. Por outro lado, desenvolve o tema da perdição, enfocando a vida decadente de homens dominados pelo desejo como em *Velhos Pesares, Abrigo da Neve e Caminhada Noturna*.

O amor, o erotismo, a decadência presentes nas narrativas que descrevem a vida boêmia de Nova York e Nova Jersey remetem-nos às *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, em que as luzes da cidade encantam o observador, que é representado pelo *flâneur* nas poesias de Baudelaire. Esse *flâneur* é “o desocupado” que pára e contempla a correria da vida moderna e “o seu passeio, ao sabor da imaginação e do desejo, é uma manifestação não-intencional contra o tempo da indústria”³¹. Podemos encaixar a reflexão de Benjamin quanto ao trabalho do escritor Francês na forma de abordagem do mundo das prostitutas em *Narrativas da América*:

“Não estaria ele, devido às suas constantes divagações, acostumado a reinterpretar, por toda parte, a imagem da cidade? Não transforma a galeria num cassino, num salão de jogo, onde aposta fichas vermelhas, azuis e amarelas dos sentimentos em mulheres...”³²

Em *Folhas Caídas*, o narrador afirma que o ser humano alimenta-se de ilusões e parafraseia as idéias de Baudelaire, refletindo que o mais relevante é “(...) ficar intoxicado e que não importa se é com licor, poesia, moralidade ou qualquer outra coisa (...)”³³. O indivíduo social atribui valores que o impede de enxergar e sentir o “amor livre”³⁴, sem o duelo entre a sociedade e o desejo.

Na narrativa *Conto do Bairro Chinês*, o narrador expõe sua fascinação pelo bairro, onde pobres, rejeitados e todos os tipos imagináveis de marginais coexistem no mesmo espaço e

³¹ MURICY, Katia. “Benjamin: Política e Paixão”. In: *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.501.

³² BENJAMIN, Walter. “Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo”. In: *Obras Escolhidas* Volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989. P. 237.

³³ Trecho de *Folhas Caídas*.

³⁴ BENJAMIN, Walter. “Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo”. In: *Obras Escolhidas*, Volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989. P. 241.

esbraveja que “Este local é um tesouro poético para *Flores do Mal*. (...) instituições humanitárias e de caridade deveriam desaparecer desse mundo”³⁵. Benjamin define essa atração por esses temas, dizendo que “Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heróico”³⁶.

Ao penetrar nesse mundo, Kafû liberta o leitor e mostra o que há por traz dos muros e, nesse livro, revela o mundo permeado pelo prazer, sem máscaras, pincelando os estabelecimentos e o cotidiano íntimo da vida noturna das casas de prostituição, afastando a idéia de que aqueles que sobrevivem neste ambiente são completamente diferentes dos que são considerados dignos perante a sociedade.

O bordel de Nova York descrito em *Damas da Noite* é, acima de tudo, um lugar de negócios. O narrador surpreende-se que a dona do estabelecimento se refira à noite como “horas de negócio”. As mulheres e a madame buscam continuamente várias formas de entreter os clientes, desde que a proprietária lucre com o champanhe consumido e as mulheres possam lucrar nos quartos. A palavra usada pelo companheiro de umas das prostitutas, definindo o trabalho da mulher é “Negócio” e a naturalidade com que as personagens lidam com a situação expressam a idéia de casualidade diante do assunto.

“Tempo é dinheiro” é a máxima que sustenta as vidas de mulheres nesta capital mercenária. Para fazer muito dinheiro em menos tempo possível, elas não deveriam desperdiçar o tempo com o capricho de um único homem. Para a Senhora, porém, dinheiro gastado em bebidas é a sua renda. Assim, qualquer cliente que parece um bebedor deve ser detido o maior tempo possível para lhe vender licor. O resultado é que algum conflito de interesse não pode ser evitado entre a Senhora e as mulheres que constantemente reclamam”³⁷.

A visão capitalista da venda de um serviço afasta a idéia de promiscuidade ligada aos prazeres e à prostituição. Com o intuito de enfatizar essa concepção de que a venda de “prazer”, do deleite da bebida ao desejo do corpo carnal é um negócio, Kafû trabalha na linha tênue de valores que define um trabalho lascivo e o considerado correto pela sociedade. Até que ponto o comércio de serviços de “diversão” se diferem dos oferecidos pelos operários?

³⁵ Trecho de *Conto do Bairro Chinês*.

³⁶ BENJAMIN, Walter. “Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo”. In: *Obras Escolhidas* Volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989. P. 81.

Do ponto de vista do escritor, responder a essa pergunta não seria uma questão relevante. O que o fascinava era contemplar essa realidade, coberta de mistérios pela falta de conhecimento das pessoas.

Nessa narrativa, a descrição das moças que trabalham no bordel também contribui para a ambientação do enredo. São todos os tipos de garotas, que acabaram nesse tipo de lugar por razões diferentes. A fatalidade do destino foi o guia para que viessem a se tornar mulheres da noite, da mesma forma que jovens eram vendidas para as casas de prazeres, durante o período Edo. O escritor foi cuidadoso para atribuir um único caráter para cada mulher da casa e, diferente de outras caracterizações sobre as prostitutas, Kafû as aproxima do leitor ao delineá-las como indivíduos comuns, que têm uma família, valores e um trabalho.

Nas cenas finais descreve as mulheres indo embora. Duas personagens, Flora e Julia andam pela Sexta Avenida e no caminho encontram o marido de Flora, um motorista, que as esperava:

“O homem era o marido de Flora, o condutor de bonde que sempre esperou pela esposa nesta área, enquanto ainda usava o boné e o uniforme, ao término de seu turno, às quatro horas. Flora o beijou ligeiramente e disse, houve uma invasão policial, assim nós pensamos ser um presságio ruim e decidimos terminar às quatro horas. ”

"Está tudo certo? Mas os negócios foram bons? " Perguntou o marido sem timidez. A esposa, igualmente inalterada, respondeu quando olhou atrás para Julia, "Bem, não foi muito, mas ainda ficamos todas bem ocupadas, não ficamos? "38

Ao descrever o cotidiano das prostitutas, existe a diferença entre a vida noturna e a diurna. Como vimos na passagem acima, o início do dia marca o fim de um universo rodeado pelo desejo, pela sedução, jogos e causa o rompimento entre esse mundo lascivo e a sociedade comum, como se o dia dissolvesse os mistérios noturnos, transformando as mulheres sedutoras em pessoas comuns. As casas de prostituição, os lugares de jogatina e os salões apagam as luzes e as ruas ficam vazias, expondo a sujeira, a pobreza que até então fora acobertada pela noite.

³⁷ *Trecho de Damas da Noite.*

³⁸ *Ibidem.*

Na narrativa *Conto do Bairro Chinês*, a idéia de que o indivíduo deve preocupar-se com o deleite do momento e aproveitar ao máximo todos os prazeres físicos, é possível compreender porque a forma como o escritor trabalhou a idéia da prostituição como um trabalho comum tem um tom tão natural. Mostra como essas mulheres não são completamente diferente de qualquer outra pessoa.

3.1.4 A vida dos imigrantes nos Estados Unidos

Ao desembarcar no porto de Seattle, Kafû se deparou com as condições miseráveis dos trabalhadores japoneses e chineses. Numa carta a um grupo literário a qual pertencia, ele escreveu: “A maneira como os japoneses são excluídos neste lugar é quase inacreditável. É suficiente dizer que nenhum japonês ou chinês consegue alugar um lugar decente.”³⁹

Contudo, o maior interesse de Kafû não era o de registrar a discriminação vivida pelos japoneses, mas passou a observar com mais atenção as leis que foram criadas pelos próprios imigrantes durante a sua convivência. Essas leis incomuns foram determinadas de acordo com a necessidade ou com a conveniência dos grupos. Não obedecia a nenhum padrão e não tinha como base valores sociais orientais ou ocidentais. Pequenas alianças formavam sociedades, cada qual regido pelas condições locais.

Nas narrativas *O caminho dos Prados*, *Névoa Noturna* e *Despertar* encontramos exemplos dessas novas leis, e deparamo-nos com certa intolerância diante da pobreza e da feiúra das pessoas e dos locais onde viviam. Cabe lembrar que a postura de Kafû com relação aos imigrantes não foi a de compaixão por um conterrâneo e, seu objetivo não era também a de fazer críticas à discriminação racial; ao contrário, o escritor se distanciou de qualquer fator emocional e utilizou esse mundo como meio de mostrar um parâmetro social paralelo através do comportamento de um grupo de pessoas, deixados à margem da sociedade, distantes de sua terra natal.

“Eles estão sendo tratados menos como humanos do que como carga, que é carregada ao limite da capacidade dentro de um pequeno, sujo, e fedorento buraco. Quando eles notam o tempo bom, sobem no deque do fundo do navio, como fumaça ascendente, e olham fixo o céu ilimitado e o oceano. Mas, diferente do resto de nós, almas supersensíveis, eles não parecem ser atingidos por qualquer sentimento em particular. Juntam-se em grupos de três ou quatro, cinco ou seis, e depois de falar ruidosamente durante algum tempo, fumam o cigarro nas longas piteiras que trouxeram do Japão e espalhavam cinzas no deque até que fossem repreendidos por alguém da tripulação. Ou, depois, em noites enluaradas, começam a cantar algumas canções populares provincianas, que revelam os lugares de onde provinham. Eu

³⁹ Carta de Nagai Kafû ao Mokuyôkai (Clube de Quinta), 1907, in *Obras Completas*, V.27, p.19.

nunca me esquecerei de um deles, um homem velho de cabelos brancos que parecia orgulhoso de sua voz.”⁴⁰

Nesse trecho de *O Caminho dos Prados*, ao utilizar palavras como “sujo”, “fedorento”, Kafû passa uma imagem tátil e sensorial, caracterizando os imigrantes como subumanos, pertencentes a uma classe indefinida, uma nova classe formada diante das circunstâncias que se vivia.

Nesta mesma narrativa, um ensaio naturalista, todos os personagens são submetidos a um local isolado de contato social e a esposa de um trabalhador é violentada pelos seus companheiros japoneses. A definição de Lillian Furst sobre o Naturalismo delineia parte do que Kafû retirava de suas observações.

“...para os Naturalistas o Homem é um animal cujo destino é determinado pela hereditariedade, pelo efeito de seu meio ambiente e pelas pressões do momento.”⁴¹

Naturalmente Kafû não trabalha a narrativa de forma tão simplista e definida, mas seu trabalho aproxima-se de um ensaio, quase uma pesquisa científica sobre o ser humano. Busca mostrar que a formação social destas quatro pessoas confinadas no meio da floresta transcende culturas, já que mesmo morando nos Estados Unidos, quase não tinham contato com a sua cultura e, no final, formam uma relação social que justifica os atos.

"Serei curto e grosso. Considerando que você tem algo que nós não temos, estamos lhe pedindo que compartilhe conosco."

"O que acha? Se entender o que queremos dizer, por que não nos responde imediatamente?"

O homem ficou de um pálido mortal e não fez nada além de tremer o corpo inteiro. A mulher caiu aos seus pés chorando, sem força para pedir ajuda.

Uma noite amedrontadora, com ventos e a chuva uivando furiosamente, nas montanhas desoladas. Logo, um grito da mulher dentro da cabana. Ouvindo isto, o homem desfaleceu e caiu no chão.

Ele recuperou a consciência, mas perdeu a lucidez e nunca mais foi a mesma pessoa. Assim, acabou sendo levado para o manicômio.⁴²

⁴⁰ Trecho de *O Caminho dos Prados*.

⁴¹ FURST, Lillian R. e KRINE, Peter N. S. *O Naturalismo*. Trad. João Pinguelo. Editora Lysia, Lisboa, 1971.

Numa jogada, onde o que menos importa é o senso de valores sociais orientais ou ocidentais, o Homem mostra-se de forma desnuda e cria novas leis com regras baseadas nas sensações inerentes a qualquer ser humano: o instinto, a fome e o desejo carnal. Ao afastar a noção de coletivo social, chegamos ao coletivo instintivo e lógico ao pensarmos na formação social dos animais e como se vê no trecho de *Acima da Colina*: “Autocontrole não tem nenhum significado diferente de demonstrar o desejo mais forte”⁴³. Assim, indivíduos considerados racionais são igualados a qualquer outro animal e a ojeriza pelo conteúdo do enredo passa a não ter mais razão de existir.

Outro fator que contribui para o impacto do texto é a forma como foi contada e a estilística. A parte essencial da narrativa é transmitida através de diálogos entre os próprios envolvidos e por essa razão, os diálogos são coloquiais. Isso permite a aproximação do leitor, fazendo do texto não uma leitura de um romance, mas a testemunha de um relato.

Névoa Noturna, que foi publicada enquanto ainda estava nos Estados Unidos, mas não fez parte da compilação do livro é a única a utilizar-se de uma linguagem mais lírica. O diálogo travado entre Kafû e um pobre trabalhador japonês é conduzido no mesmo nível, sem as marcas de enunciação, que no caso da língua japonesa, diferencia dois indivíduos e determina a classe social a qual pertencem. O fator interessante desse curto diálogo é mostrar que, apesar das diferenças de classes, no final não existia distinção entre um e o outro. Eram dois japoneses alvos dos olhos cheios de preconceitos quanto aos orientais. O trecho de *Névoa Noturna* mostra que todos os japoneses estavam sujeitos a esses olhares.

“Como os japoneses e os chineses vendem sua mão de obra diária pelos salários mais baixos e acabam invadindo o território, os “japas” devem ser os inimigos mais odiados dentre os trabalhadores.”

“Está tudo bem? Mas não fale tão alto. As pessoas vão desconfiar de nós.”

“Deixe-os, deixe-os pensar o que quiserem. Eu não falo a língua deles e eles não falam a minha. Quem se importa?”

⁴² Trecho de *O Caminho dos Prados*.

⁴³ Trecho de *Acima da Colina*.

Ele estava preste a gritar novamente, mas atrás dele já havia duas ou três pessoas paradas, com o mesmo olhar de desprezo que demonstram todas as vezes que encontram um japonês, então corei e me senti completamente envergonhado.”⁴⁴

Ao construir uma narrativa com diálogos do mesmo nível e com a mesma densidade e intensidade de uma névoa, Kafû mostra como às vezes somos condicionados pelos olhos dos outros. Segundo François Laplatine,

“partir para o território do outro, dar espaço ao que não é familiar é o primeiro passo para uma possível transformação do olhar, uma relativização de ponto de vista. A curiosidade do homem sobre si próprio sempre existiu, mas é a passagem do curioso, do exótico e do bizarro, para uma consciência da alteridade que marca realmente o pensamento do homem sobre o homem, e a reflexão a respeito da diferença”⁴⁵.

Como explica a passagem do antropólogo francês, o indivíduo só é um ser social diante de outro ser, ou seja, a construção de parâmetros divide a sociedade em classes e cada qual irá definir o outro, aceitando-o ou não. As angústias, ambições e aflições só fazem sentido dentro de um contexto e, por mais que seja contraditório, os seres humanos precisam do outro para se afirmarem como indivíduos únicos dentro de um todo.

Kafû coloca mais uma vez em evidência a noção de leis, que são distintas de acordo com o conjunto social ao qual estamos inseridos. Se no Japão, os americanos eram copiados e de certa forma admirados, nos Estados Unidos, os japoneses faziam parte da mesma escória que qualquer outro indivíduo em péssimas condições.

O Caminho dos Prados, Despertar e Névoa Noturna têm como primeiro objetivo a reflexão sobre as leis a que os imigrantes se submetiam ou eram submetidos e as transformações que o meio causou em sua organização social, mostrando, em detalhes, aspectos da vida dos imigrantes japoneses.

⁴⁴ Trecho de *Névoa Noturna*.

⁴⁵ LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995

3.1.5 Narrativas e a religião

Religião, Crença e Fé são palavras de importante carga significativa tanto no Ocidente como no Oriente. Desde os primórdios, a Humanidade é ligada de alguma forma à fé, tanto como poder de controle e persuasão por parte dos governantes, como para explicar a existência Humana na Terra.

No Japão, o regime Tokugawa do período Edo (1603-1868) tinha como objetivo preservar o poder político e manter a estabilidade social. Para tanto, utilizaram o conceito Confucionista da harmonia humana e imutabilidade natural dos princípios, para justificar a política rígida do sistema. Apesar de ser conhecido como filosofia de vida, esse pensamento, como qualquer outra religião também era baseado na crença das pessoas.

De acordo com os princípios básicos do Confucionismo, as virtudes essenciais são o amor ao próximo, a justiça, o cumprimento das regras adequadas de conduta, a autoconsciência da vontade do céu, a sabedoria e a sinceridade desinteressada. Tais princípios encontram fortemente presentes nas obras do período Edo. Uma passagem de *O Pacto do Crisântemo*, de Akinari Ueda resume a idéia defendida pelo Confucionismo:

“A vida e a morte são determinadas pelos Céus. Nenhuma doença é transmitida a uma pessoa sem o desígnio dos Céus. Tais conceitos são ditos por pessoas ignóbeis e eu não as acato.”⁴⁶

Ainda segundo a obra, o *Hagakure* (Ética do Samurai), a sinceridade nas relações humanas era uma das regras a serem seguidas pelos samurais. No artigo *O Pensamento no Período Edo*, a professora Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro destaca que: “...se algo se caracterizou como porta-voz de um pensamento neoconfucionista, este foi o bushidô, centralizado nos deveres para com os senhores, sem conflitos com os sentimentos humanos, ou melhor, os sentimentos humanos se realizam na plenitude da lealdade devida a seus superiores, numa metodologia de controle do instinto e até de autopreservação irracional...”.

⁴⁶ UEDA, Akinari- *Contos da Chuva e da Lua*. “Pacto do Crisântemo”. p. 38

Ou seja, ultrapassaram o nível das diferenciações de classes, na medida em que todos seguem o mesmo caminho filosófico na vida.

Com a Revolução Meiji, a queda dessa organização social baseada no Confucionismo e a população já não tinha como base o sistema de classes hierárquico, o qual se acreditava ser decidido previamente pelos Céus. Os novos parâmetros modificaram a forma de encarar o mundo e, novamente, outras formas de pensamento religioso como o catolicismo, tiveram espaço numa sociedade de religião estritamente oriental.

Kafû, como já foi dito anteriormente, cresceu sob a influência dessas duas vertentes: a filosofia Confucionista por parte de pai e o Catolicismo por parte de mãe e avó. Cresceu num ambiente tão controverso quanto as mudanças políticas e econômicas do Japão. Tudo isso se refletiu em sua obra e algumas narrativas de *Narrativas da América* abordam o tema. *Acima da Colina* e *Primavera e Outono* são exemplos em que a reflexão sobre a religião católica é marcante.

Em *Acima da Colina*, o personagem Watano, que ajuda na coleta de materiais orientais no Departamento de Filosofia lança a seguinte pergunta ao narrador:

"Você acredita no Deus Cristão?"

Eu lhe respondi que desejava acreditar mais ainda não conseguira. E sabia o quanto me sentiria feliz se fosse capaz de crer. Então Watano respondeu, energicamente e balançando os braços, "Então você é um cético. Muito bom." E depois completou calmamente: "Que tipo de ceticismo é o seu? Claro que não tenho o tipo de fé que os americanos têm... ouçamos quais são suas visões."⁴⁷

Por trás dessa pergunta, nem um pouco inocente, Watano escondia um passado de perdição pelo mundo dos prazeres e um casamento complicado com uma enfermeira, seguidora do Catolicismo. Numa tentativa de salvação, Watano acreditou que a esposa pueril o afastaria da tentação, mas por não suportar a si mesmo e a mulher, fora para os Estados Unidos numa espécie de fuga.

⁴⁷ Trecho de *Acima da Colina*.

A fuga espacial do personagem não o distanciou de suas angústias, pelo contrário, a introspecção o prendeu na tentativa de compreensão de dois mundos: o da fé religiosa e sua índole voltada para o mundo dos prazeres.

Isso nos instiga a fazer a seguinte pergunta: a índole humana é delineada por nossas crenças, pela fé ou pelo instinto pelo desejo carnal? Aquilo em que acreditamos nos molda como indivíduos sociais? Ou o que realmente é relevante são apenas os instintos intrínsecos a todos os animais? É difícil delimitar tanto um como o outro, afinal o ser humano é um ser que vive num ambiente social complexo.

A linha entre o mundo da perdição e o considerado “aceitável” perante a sociedade é tênue e Watano a transpassou no momento em que sentiu prazer ao saber de sua capacidade de conquistar as mulheres.

“Quem, no mundo, saberia que eu estava me comportando assim, em tal lugar? As pessoas não me conhecem somente por meu título impressionante de reformador social? Tais pensamentos deram origem a uma sensação desagradável, desamparada. Para ser claro, esta não foi a primeira vez que me sentia deste modo. Desde o princípio, sabia que procurar este tipo de prazer não era bom e que não era algo a ser elogiado ou encorajado, nada para ser falado abertamente como anúncios para causas caridosas. Quer dizer, tinha evitado habilmente notificação pública até o momento, mantendo tudo isso em segredo extremo.”⁴⁸

Tanto enfermeira como Watano sentem-se oprimidos. Uma de acordo com a Bíblia e outro contra o desejo. O exagero da fé ou a perdição pelo mundo de prazeres cegam as pessoas e as reprimem, pois limitam as ações de um indivíduo. Não se está, portanto, tentando buscar a opção certa, mas mostrar o sentimento de repressão causado pela existência de uma visão única.

⁴⁸ Trecho de *Acima da Colina*.

3.1.6 A Arte, a Música e a Literatura Francesa

3.1.6.1 ARTE

Além da presença das obras de Maupassant nos textos de Kafû, *Narrativas da América* está repleta de menções à música e à arte ocidental. O escritor utilizou citações de Baudelaire e Maupassant; a música de Verlaine e Richard Wagner; pinturas de Renoir, entre outras referências como Edgar Allan Poe e Zola.

Quando Kafû foi para a região de Kalamazoo, visitou a Feira Mundial em St. Louis, que o impressionou por sua grandeza e ofereceu-lhe a oportunidade de conhecer as pinturas feitas por ocidentais. Na seção de obras francesas, deparou-se com o quadro *Odalisque: woman of Algiers* de Renoir de 1870, que pode ter sido a fonte de inspiração para o quadro mencionado em *Beleza Inebriante*. A figura abaixo é o quadro do pintor francês e logo abaixo segue o trecho da descrição do quadro *The Moment Before a Dream* (O instante Anterior ao Sonho), descrito nessa narrativa.

Fig. 3 Odalisque woman of Algiers de Renoir de 1870.

“Ele deve ter usado como modelo uma mulher do Egito ou da Arábia. Ela tinha seios grandes, cabelos e olhos negros. Estava deitada de costas em um sofá, com a cabeça inclinada e segurando um copo de vinho quase vazio. Os olhos grandes e luminosos aparentavam certa excentricidade, mas eram de expressão indescritível, como se estivessem contemplando algo. Durante algum tempo, S. permaneceu calado, contemplando a beleza nua e, então disse, “Claro que tive muito trabalho com esses olhos embriagados. Mas, trabalhei ainda mais na cor da pele, embora as pessoas não dêem muita atenção a isso. Pensei comigo, o corpo inteiro é permeado com o calor do vinho, enquanto dentro das veias cresce as paixões do chamado clima tropical. Eu acho que o significado disso foi que consegui mesclar a expressão dos olhos com o tom da pele, banhada pela luz”⁴⁹.

Durante sua formação Kafû também teve lições de pintura e desenvolveu um olhar apurado diante das artes visuais. E em algumas narrativas encontramos a representação visual da paisagem através das cores, assemelhando-se ao conceito da pintura, que tem como objetivo guiar o olhar do espectador por meio da estrutura de cores e proporcionar sensações de frio, calor, dor, movimento e a distinção de sombra, espessura, luz, entre outros. Esse tipo de descrição está presente na cena do pôr-do-sol em *No Bosque*:

“Meia hora após o pôr-do-sol, o brilho da noite ígneo enfraquece gradualmente e deixa só uma cor rósea lânguida ao redor das extremidades das nuvens brancas que flutuam no céu. A vasta superfície coberta pela grama dos campos se transforma num mar azul escuro e no horizonte distante é difícil dizer onde o céu termina e a terra começa. Por outro lado, a brancura de certos objetos - as puras paredes brancas das casas de fazenda aqui e ao longe, as saias brancas de quatro ou cinco mulheres que, provavelmente, estão ordenhando o gado do outro lado dos campos, as copas das árvores tingidas aqui e acolá por folhas amarelas ou as flores de algumas plantas desconhecidas – estão resplandescentes como se revelam, refletindo os raios de luz do céu contra os ambientes que ficam mais escuros lentamente”.

Aqui, as palavras são pinceladas precisas e o conjunto delas nos permite visualizar, com clareza, um único instante, eternizando-o como numa pintura impressionista de Claude Monet. Esse toque refinado cria uma atmosfera artística que envolve o leitor nessa paisagem,

⁴⁹ Trecho de *Beleza Inebriante*.

como se o mesmo estivesse vivendo aquele momento. Se uma das características dos romances naturalistas são as descrições longas e exaustivas sobre o cenário, nesse caso, a descrição do pôr-do-sol está longe de possuir a preocupação com a verossimilhança buscada pelos naturalistas, resultando na construção mental de uma pintura impressionista.

Os quadros também compõem o cenário e caracterizam o ambiente no qual as personagens encontram-se. Em *Damas da Noite*, a descrição das pinturas é detalhada e são utilizadas como recurso de ambientação para o leitor:

“Cobrindo a superfície inteira da parede da sala de estar há uma pintura enorme de muitas mulheres, totalmente nuas, abraçando umas as outras como se estivessem a ponto de cair, presas a animais selvagens em uma cena que descreve a perseguição de cristãos na era romana; no próximo quarto, há também uma enorme pintura na qual quatro ou cinco ninfas nuas, quase em tamanho real, tomam banho em um riacho debaixo de algumas árvores, enquanto brincam com um cisne. E, em cada canto dos quartos, foram plantadas árvores de palma artificiais em vasos e esparramam as folhas verdes como se fossem árvores de verdade.”⁵⁰

Assim, para descrever os ambientes e as paisagens, não fez apenas referências a quadros, mas delineou a atmosfera com recursos utilizados numa pintura e também apresentou diversos cenários por meio da descrição dos mesmos. E “(...) com isso os acontecimentos se transformam, aos olhos dos leitores, em um quadro, ou melhor, em uma série de quadros”⁵¹. Assim, nós leitores os observamos com um viajante em sua jornada.

⁵⁰ Trecho de *Damas da Noite*.

⁵¹ LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965, p.52.

3.1.6.2 MÚSICA

Apesar de Kafû não ter tido nenhuma formação na área da música ocidental, essa também era uma arte apreciada por ele. Era familiar da música tradicional japonesa, pois sua mãe era tocadora de *Shamisen*, além de ser um freqüentador do teatro de *Kabuki*. Antes de ir para os Estados Unidos, chegou a assistir algumas performances de orquestras, mas foi em Nova York que descobriu o mundo da música. Em *Folhas Caídas*, Kafû recria o seu cotidiano envolvido com as artes:

“Vi várias peças de teatro, de Shakespeare e Racine a Ibsen e Sudermann e me senti como se tivesse assistido as obras clássicas e modernas do mundo. Acreditava que apreciava e entendia as visões de Wagner e a arte de Verdi. Não bastando, sentia que era e tinha de ser um dos fundadores do novo estilo de música dramática, que floresceria na sociedade japonesa no futuro. Ouvi sinfonias tocadas por orquestras e apreciei o refinamento e beleza da música clássica e a paixão irrestrita da música romântica moderna. Admirei a dissonância e a falta de forma da música sem precedentes de Strauss. Além disso, costumava freqüentar museus de arte e discutia sobre as pinturas de Manet e as esculturas de Rodin”⁵².

No início, mantinha certo preconceito comum entre os escritores japoneses e acreditava que uma metrópole comercial não seria a capital da música, mas logo percebeu que Nova York era o local onde artistas do mundo inteiro se reuniam e tinham a chance de exhibir seu trabalho para todos os tipos de admiradores, já que seus habitantes vinham de todos os cantos do país e do mundo. Além disso, os freqüentadores de ópera tinham a oportunidade de assistir as peças na língua e montagem original, diferente da França, onde as óperas em outras línguas eram traduzidas para o francês. Enquanto esteve em Nova York, Kafû foi várias vezes ao Metropolitan Opera e a casa de concerto Carnegie, ambas conhecidas até os dias de hoje.

Velhos Pesares é uma narrativa baseada numa ópera, em que a personagem compara a própria vida com a ópera *Tannhäuser*⁵³ do compositor alemão Richard Wargner.

⁵² Trecho de *Folhas Caídas*.

⁵³ Sinopse retirada da enciclopédia virtual: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

“Por causa da ária, da música, de repente, lembrei a minha vida dissoluta anterior ao meu casamento, que havia esquecido, meus próprios sonhos de prazer que tinham desaparecido por um tempo. Parecia que *Tannhäuser* era uma sátira do êxtase, da angústia e do meu passado vergonhoso e Vênus, a Deusa da beleza selvagem e do prazer só poderia ser Mariana, uma jovem atriz que um dia foi minha amante”⁵⁴.

A personagem que se identifica com *Tannhäuser*, Doutor B., confessa que a peça manifestou o sentimento nostálgico da época em que fora seduzido pelo mistério do mundo boêmio, onde as prostitutas e atrizes encantam os homens e os fazem agir conforme os prazeres físicos. Doutor B. apaixonara-se por Mariana, com quem viveu tais prazeres e, de acordo com suas palavras:

“Convenci-me de que havia algo mais nobre e mais permanente no destino humano do que ficar embriagado com os prazeres, que apagam nossas vidas na terra. Primeiro, para me tornar um cidadão exemplar, precisava formar uma família correta! Felizmente, eu era de uma família de renome na sociedade americana e possuía a herança de meu pai. Então, quando saí para essa sociedade casta, o mundo era pequeno e grande, ninguém sabia do meu passado e logo me casei com Josefina, filha de um certo juiz.”⁵⁵

Tannhäuser é uma ópera em três atos de Richard Wagner, sob o título completo de *Tannhäuser und der Sängerkrieg aus Wartburg* (“*Tannhäuser* e o torneio de trovadores de Wartburg”). Baseada numa lenda medieval, conta a história de *Tannhäuser*, um menestrel que se deixa seduzir por uma mulher mundana, de nome Vênus, contrariando assim a defesa do torneio dos trovadores a que ele pertence de que o amor deve ser sublime e elevado. Quando *Tannhäuser* defende deliberadamente o amor carnal de Vênus, é reprimido pelos trovadores e consolado apenas por Isabel, uma virgem que o ama muito. É-lhe dito que sua única chance de perdão é dirigir-se ao Vaticano e rogar o perdão do Papa.

Tannhäuser segue, então, com o torneio até Roma, mas de maneira auto-punitiva: dormindo sobre a neve, enquanto os demais estão no alojamento; caminhando descalço sobre o chão quente, passando fome, e ainda com os olhos vendados, para não ver as belas paisagens da Itália. Ao chegar diante do papa, em vez de obter o perdão, ouve o papa dizer que é mais fácil o cajado que ele segura florescer do que ele obter o perdão dos pecados, tanto no céu quanto na terra.

Odiando a igreja, *Tannhäuser* volta à Alemanha e Isabel sobe aos céus, rogando a Deus que interceda por ele. Os trovadores voltam com a notícia de que o cajado do papa florescera, simbolizando que um pecador obteve no céu o perdão que não obteve na terra.

⁵⁴ Trecho de *Velhos Pesares*.

⁵⁵ Trecho de *Velhos Pesares*.

Contudo, depois de confessar seu passado à sua esposa, diferente da protagonista da ópera que perdoa *Tannhäuser*, Josefina o deixou.

Nesta narrativa, a música e o enredo da ópera servem de suporte à trama e atribuem um tom dramático e realista aos sentimentos de Doutor B. Esse cenário recorre ao campo extra-sensorial, que Ludwig Schrader define em *Sensación y Sinestesia* como as sensações e lembranças despertadas através dos cinco sentidos: tato, audição, paladar, olfato e visão. Isto é, os sons e a dramatização transportaram o personagem a outro espaço de tempo, fazendo-o reviver emoções de outrora novamente.

A música e os sons também estão presentes em várias narrativas como um recurso para a construção da ambientação do texto. E Schrader diz que as impressões provenientes dos campos sensoriais, como a audição, auxiliam o leitor a constituir o cenário em sua mente. Afinal, as lembranças são despertadas através de uma composição lógica de informações, baseada nos conhecimentos e experiências anteriores para conseguir decifrar os novos códigos e símbolos desconhecidos e então, atribuir a carga emotiva ligada ao momento. E assim, segundo Antonio Candido, em *A Personagem do Romance*, “...numa pequena tela, o pintor pode comunicar o sentimento dum espaço sem barreiras”⁵⁶.

Em *Acima da Colina*, os hinos proferidos pela esposa de Watano causavam-lhe repulsa e aflição, pois impulsionava lembranças de como a mulher era fria e a falta de afeto que sentia por ela.

“(...) a ouvi cantar um hino religioso em voz baixa, mas o tom dela naquele momento soava, por alguma razão, muito desagradável para mim. Simplesmente não entendi por que. Até mesmo quando levava uma vida boêmia, hinos que ouvi vindo das janelas de uma igreja em uma noite quieta e estrelada, eram músicas para acalmar meu coração, nunca algo para despertar um intenso sentimento de repulsão. Por que isto mudara agora?”⁵⁷

Pode-se dizer que esse sentimento de repulsa advém das “auto-sensações interiores”⁵⁸, definida por Mikhail Bakhtin como a tradução dos fragmentos externos para uma “unidade

⁵⁶ CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: *A personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, p.60.

⁵⁷ Trecho de *Acima da Colina*.

⁵⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.40.

singular”⁵⁹ interna, em que o sujeito atribui a importância desse contato com o exterior, colocando um valor de maior ou menor intensidade. E, dependendo da compreensão da introspecção, pode causar o sentimento de ojeriza ou aceitação, em diferentes graus de valorização.

Para Watano, a voz da esposa recitando os hinos religiosos causava-lhe repulsa e forte rejeição, pois os sons remetiam a experiência de quando a havia tocado:

“Mas sua face não era só branca, mas fria como a neve. O frio que meus lábios sentiram esfriaram toda aquela paixão. Ela era como uma estátua de mármore. Soltei suas mãos e olhei desnortado para seu rosto. Ela olhou para mim e sorriu tristemente. Senti um calafrio. Eu mesmo não sabia por quê. Mas sem qualquer motivo, um sentimento de desgosto indescritível e repugnância nasceu em mim”⁶⁰.

Na narrativa *O Bar da Madrugada*, dois italianos tocam uma música incompreensível para o narrador, mas esses sons, independentes da compreensão semântica, despertam as lembranças internas.

“Os dois italianos pegaram o banjo e o bandolim, se colocaram próximo ao piano e começaram a cantar uma música popular do sul da Europa, cujo significado não pude compreender.

Mas, o tom era bem lento como em uma música oriental e a vibração das vozes sugeriam uma certa tristeza. Os marinheiros, as prostitutas e os trabalhadores já embriagados pareciam escutar *shamisen* em um local de prazeres e todos fascinados por um tempo, o silêncio dominou o local.

(...) A cantoria em italiano, que terminava com um som vocálico era tão maravilhosa aos meus ouvidos (...)despertou em mim uma profunda inspiração poética, que sempre tive pelos países do sul”⁶¹.

A música, o canto e os mais diversos sons fazem parte da constituição do cenário do enredo e impulsionam recordações e os mais variados sentimentos, tanto nas personagens como nos

⁵⁹ Ibidem. P.40

⁶⁰ Trecho de *Acima da Colina*.

⁶¹ Trecho de *O bar da Madrugada*.

leitores. A construção do ambiente vai além da mera descrição concreta dos objetos e faz desses sons, parte concreta para a composição completa de um momento.

3.1.6.3 LITERATURA FRANCESA

Como já foi dito, Kafû nutria admiração pela Literatura Francesa, principalmente por Maupassant e Zola. E em *Narrativas da América* essa influência fica clara em várias das narrativas. Além de fazer uso de citações de diversos escritores franceses, coloca no texto seu desejo de ir à França para conhecer o centro artístico mundial. Naturalmente, as narrativas não constituem meras cópias das obras de artistas famosos que, na realidade, servem de inspiração criadora para o escritor, durante sua permanência nos Estados Unidos.

Em *Cabelos Compridos*, o romance *Sappho* de Alphonse Dudet, serviu como justificativa para a vida infame do personagem Kunio, que vivia com uma mulher divorciada e a deixava puxar seus cabelos para que ela não estragasse os próprios, dizendo que certas mulheres tem o poder de jogar um encanto em jovens inocentes.

Em *Folhas Caídas*, utiliza a citação de Baudelaire numa narrativa que reflete o desejo que o personagem tem de comunicar-se com os americanos, principalmente com as americanas. Numa dramatização dessa pretensão, diz que não desejamos a concretização de nossos sonhos, pois queremos o irreal, o que construímos em nossa mente e a solução é ficar embriagado para que esses sentimentos não aflijam o coração.

“Baudelaire diz – estar intoxicado, esta é a única questão. Se quiser evitar sentir o horrível peso do Tempo que nos pressiona ao chão, não hesite em ficar bêbado. Não importa se for com licor, poesia ou moralidade. Se acordar dessa intoxicação nos degraus de um palácio, na grama de um vale ou num quarto desolado, pergunte que horas são ao vento, às ondas, às estrelas, aos pássaros, ao relógio ou a qualquer coisa que voe, se mova, cante, fale. O vento, as ondas, as estrelas, os pássaros, os relógios irão responder que é tempo para ficar intoxicado e que não importa se é com licor, poesia, moralidade ou qualquer outra coisa. Se não quer se tornar um escravo miserável do Tempo, deve ficar intoxicado o tempo todo...”⁶²

Entretanto, ao escrever sobre as narrativas de *Narrativas da América* e a Literatura Francesa é preciso fazer o paralelo dos trabalhos de Guy de Maupassant e Nagai Kafû, de

⁶² Trecho de *Folhas Caídas*.

forma mais detalhada, já que o escritor francês foi um ícone e suas obras influenciaram os textos iniciais de Kafû.

3.1.6.3.1 Narrativas e Maupassant

A idéia do Movimento Naturalista acreditava que o Homem não tinha liberdade e responsabilidade sobre suas escolhas, pois tudo é resultado das condições exteriores, ou seja, “...para os Naturalistas o Homem é um animal cujo destino é determinado pela hereditariedade, pelo efeito de seu meio ambiente e pelas pressões do momento.”⁶³ Porém, como aconteceu com Maupassant e outros escritores que seguiam o mesmo movimento literário, ao tentar descrever apenas a realidade acabavam por mostrar a complexidade do indivíduo, que é um ser social e que suas ações não poderiam ser definidas de forma tão simples.

O objetivo era mostrar o lado negro do ser humano, todas as facetas do instinto e as ações de acordo com o ambiente. Essa era a estética seguida por Kafû. Porém, o que levou à decadência do naturalismo também está presente nas narrativas do autor. Na tentativa incessante de descrever a realidade, sem imprimir qualquer opinião sobre os fatos, a forma como o autor coloca a veracidade dos mesmos acaba por mostrar a crítica e opinião.

Depois de Zola, Kafû passou a ler Guy de Maupassant que, de acordo com os críticos Furts e Krine:

“Maupassant sempre manifestou por trás da objetividade áspera de seus contos, a consciência de que a literatura é um processo de construção da realidade, de que o artista seleciona, entre as várias experiências humanas, aquela que para ele expressa uma visão pessoal do mundo.”⁶⁴

A influência de Maupassant na obra *Narrativas da América* é encontrada nos temas, personagens e até no enredo de vários contos. A crítica Akase Masako acredita ser

⁶³ FURST, Lilian R. e KRINE, Peter N. S. *O Naturalismo*. Trad. João Pinguelo. Editora Lysia, Lisboa, 1971.

⁶⁴ Ibidem.

indispensável o estudo de diversas histórias de *Narrativas da América* e os textos do naturalista francês, para interpretar os trabalhos de *Kafû*.

Noji no Kaeri (O Caminho dos Prados), por exemplo, é a história de um trabalhador japonês que enlouqueceu após o estupro da esposa por seus companheiros de trabalho. A temática desse conto pode ser encontrado em *Fou?* de Maupassant, uma narrativa em primeira pessoa, que relata a história de um homem que assassinou o cavalo da esposa, por ciúmes da possível relação sexual entre os dois. *Akase* aponta para uma congruência geral do tópico, a loucura.

Um outro conto de *Kafû*, *Beleza Inebriante*, conta a história de um pintor, que obcecado por uma mulher de pele negra, vê sua vida arruinar-se. Encontramos a ligação com *Lês Soeurs Rondoli*, de Maupassant, onde o protagonista, obcecado por uma negra de *Genoa*.

Cabelos Compridos é comparado a *La Moutache*, em que ambas as histórias mencionam a mulher aficionada pelos cabelos do amante. Outro, paralelo é feito entre *Damas da Noite* e *Maison Tellier*. É possível substanciar essa ligação temática, traçando os hábitos de leitura de *Kafû*, enquanto estava nos Estados Unidos. Seu diário recorda cuidadosamente o momento em que leu, freneticamente, as obras do escritor francês e a semelhança dos trabalhos escritos por ele no mesmo período.

A documentação existente, do escritor japonês e dos críticos, sobre a intertextualidade entre *Narrativas da América* e os contos de Maupassant, contudo, raramente vão além da temática. Porém, alguns críticos como Mitsuko Iriye apontam que o impacto mais aparente da literatura francesa nessa obra é o elemento da narrativa fragmentada utilizada por Maupassant. O crítico Ken Ito faz a seguinte observação:

“Nos primeiros textos, *Kafû* exibe uma certa ambivalência sobre onde deveria ficar, em relação à história. Nos primeiros cinco contos repete uma incômoda e afetada estrutura narrativa, onde o narrador principal passa a narração para um segundo narrador, que dá continuidade, tendo como ouvinte o narrador.”⁶⁵

⁶⁵ ITO, Ken K. *Visions of Desire: Tanizaki's Fictional Worlds*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

Essa técnica é tão usada que nos faz suspeitar que *Kafû* desejava criar uma ilusão de distância estética.

Uma forma de entender os projetos do autor é analisar o método com a relação de similaridade entre *Narrativas da América* e os contos de Maupassant. Existe um paralelo interessante entre *Damas da Noite* e *La Maison Tellier*. Os dois trabalhos têm vários pontos em comum, Madame Tellier e a Senhora Stanton, protagonistas respectivamente de *Yoru no Onna* e *La Maison Tellier*, são descritas como mulheres imponentes. Os bordéis de uma e de outra obra empregam cinco mulheres que são nomeadas e descritas de acordo com sua característica e função. As casas tem vários quadros de nudez como decoração e nesses locais existe um espírito competitivo por afeição, resultando em uma tênua paz creditada aos poderes conciliatórios da Madame.

Essas similaridades em termos de tom e conteúdo evidenciam as leituras feitas por *Kafû*, de Guy de Maupassant. Uma breve análise de *La Maison Tellier*, contudo, sugere que *Kafû* possa ter se inspirado, na obra do escritor naturalista, em detalhes mais fundamentais, como a temática do texto. No retrato do bordel rural, Maupassant está preocupado com a ironia da colocação das “mulheres da vida”, gerado pelo complexo e conflitando frequentemente com as atitudes sociais diante da prostituição. Ou seja, considera o “frequentar” a casa como normal e um aspecto aceitável da vida boêmia. Na realidade, a história começa com a declaração:

“On allait là, chaque soir, vers onze heures, comme au café, simplement.”(A pessoa iria lá todas as noites, por volta das onze da noite, simplesmente para tomar um café”).

A ironia de Maupassant está localizada na interação entre a noção de prostituição como *um bom métier* e a convencional *préjugé de déshonneur*, nisto é, entre a prostituição como uma profissão, em que a mulher retira o sustento da melhor forma possível e a prostituta como uma parasita sexual. Essa contradição também existe no texto do escritor japonês.

Em *La Maison Tellier*, a descrição da casa serve para introduzir o conto da jornada da Madame Tellier e as cinco prostitutas vestidas para ir a distante cidade natal da Madame, a fim de celebrar a primeira comunhão de sua sobrinha e enteada. Atinge-se o clímax na cena

das lágrimas das prostitutas na celebração. Um sinal de que o padre não conhecia a profissão delas foi a benção atribuída pela presença de “piedosas mulheres”:

“Obrigado, acima de tudo, as minhas queridas irmãs, que vieram de longe, presentes entre nós, de quem a fé é visível, e de quem a devoção é tão viva que foi um exemplo saudável para nós.”

Em sua ignorância, ironicamente, o padre transformou as prostitutas em respeitáveis damas da sociedade. Maupassant, de certo modo, tem ambas as visões: o texto fragmentado permite que o leitor analise as duas noções de prostituição - a noção moralista de *deshonneur* ou a ostentação liberal rural do bom *métier*. O tema é retratado com o objetivo de mostrar de que forma as prostitutas são vistas dentro e fora do seu local de trabalho. Por um lado são associadas de forma vergonhosa, inaceitáveis para a alta sociedade e por outro, comum aos burgueses. Esta contradição está na essência dos trabalhos de Maupassant e aparece no trabalho de *Kafû*.

Diferente de alguns críticos, que consideram os contos de *Narrativas da América* uma imitação dos textos de Maupassant, *Kafû* vai além, ao transpor a temática para um ponto de vista japonês. Se na Europa, o assunto da prostituição já era um tabu e as mulheres que ganhavam dinheiro, vendendo o corpo, no Japão a descrição desse mundo não era bem visto.

Assim, *Nagai Kafû*, oferece-nos essa experiência de conhecer a realidade de um povo através de personagens que narram a vivência e o conflito de valores em um mundo adverso. Conhecimento esse que seria difícil ser descrito, se o autor não tivesse se afastado de seu dia-a-dia e feito inúmeras leituras do próprio mundo. Nesse aspecto, a influência de Maupassant está apenas na estrutura geral do texto, pois o conteúdo crítico segue os parâmetros da cultura e valores morais no qual o autor estava inserido.

Contudo, quanto ao objetivo, percebemos a semelhança da visão de mundo, entre os textos do dois escritores, onde a relação do homem com o mundo é sempre mediada por suas ferramentas.

4. Considerações Finais

O olho, pelo qual a beleza do universo é revelada à nossa contemplação, é de tal excelência que todo aquele que se resignasse à sua perda privar-se-ia de conhecer todas as obras da Natureza cuja vista faz a alma ficar feliz na prisão do corpo, graças aos olhos que lhe representam a infinita variedade da criação.

Descartes

Narrativas da América foi o resultado do olhar apurado de Nagai Kafû, a exemplo de um observador *flâneur* das poesias de Charles Baudelaire, que “perambula pelas passagens, embriagado pela multidão produtiva”⁶⁶ e encontra beleza nas luzes da cidade e na boêmia, com o intuito de mostrar a poética da vida moderna nas metrópoles. Esse olhar adentrou o mundo da periferia, onde deparou com a prostituição, a discriminação de raças e de classe social, a pobreza, a sujeira e o cotidiano noturno. Esse observador foi além e também expôs a contemplação da cultura americana, através de contrastes e situações opostas à cultura japonesa, como a organização familiar e o relacionamento entre o homem e a mulher. E como em *Les fenêtres* ou *A Janela*, em que Baudelaire reflete sobre a maneira como essas observações são realizadas:

*Celui qui regard Du dehors à travers une fenêtre ouverte, ne voit jamais autant de choses que celui qui regarde une fenêtre fermée. Il n'est pas d'objet plus profond, plus mystérieux, plus fécond, plus ténébreux, plus éblouissant qu'une fenêtre éclairée d'une chandelle.*⁶⁷

(Quem olha de fora por uma janela aberta nunca vê tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada. Não existe coisa mais profunda, mais misteriosa, mais fecunda, mais tenebrosa, mais fascinante do que uma janela alumiada por uma vela).⁶⁸

Isto é, em cada uma das narrativas o narrador concentrou seu olhar num único tema, dissecando-o para expor o assunto de maneira detalhada, atraindo a atenção do leitor com ensaios e relatos sobre o comportamento dos indivíduos, diante das dificuldades causadas

⁶⁶ MURICY, Katia. “Benjamin: Política e Paixão”. In: *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 501.

⁶⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Modernismo: guia geral 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 276.

⁶⁸ Tradução do trecho de *Les fenêtres* In: *Modernismo: guia geral 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 276.

pelas mudanças econômicas e sociais do final do século XIX. Georg Lukács diz que é exatamente essa “(...) riqueza e variedade de cores, variabilidade e multiplicidade de aspectos da experiência humana”⁶⁹ que atrai o interesse dos leitores. E Kafû isolou-se da multidão para mostrar essa beleza que há por trás do que é considerado comum e ordinário e investigou essas unidades ignoradas pelo observador comum para expor outro ponto de vista. Ou seja, esse viajante transpõe os limites dos valores e do pré-julgamento e vai mais além “(...) na medida em que surgem brechas na evidência, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios”.⁷⁰

Ao seguir o olhar desse viajante, percebe-se que revela o impacto com o desconhecido ao encontrar paisagens diversas durante o caminho percorrido, onde o deslocamento e os cenários descontínuos causaram o estranhamento, impulsionando a reflexão não apenas do panorama, mas também sobre a existência de sociedades diferentes da sua.

Assim, *Narrativas da América* é uma obra que atrai a atenção por seu tom evocativo, pelo estilo de prosa e pela forma intimista com que as narrativas são descritas. Também é o produto do choque cultural vivenciado por Nagai Kafû nos Estados Unidos e a maneira como essa experiência o afetou como escritor e como um homem Japonês. Apesar de não ter como objetivo a crítica à sociedade japonesa ou americana, grifou com extrema sensibilidade o encontro com uma civilização completamente diversa da sua. Descreveu com lucidez o impacto do ocidente no Japão e na vida dos imigrantes japoneses, expondo seus sentimentos, observações e apreciação da cultura e literatura ocidental.

Segundo o crítico japonês Sôma Gyôfu o estilo de escrita de Kafû constituiu uma nova forma de expressão literária da sensibilidade e das sensações.

“Os Estados Unidos foram retratados por um ângulo completamente diferente daqueles apresentados até agora. Só isso já o torna uma obra ímpar. Contudo, o que me comoveu mais foi a forma inédita com que o escritor expressou a sensibilidade e as sensações. Quando li *Narrativas da América*, senti que surgira um mundo com novas emoções e sensações. Percebi que, mesmo em língua japonesa, era possível escrever esse tipo de literatura.”⁷¹

⁶⁹ LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. p. 59

⁷⁰ CARDOSO, Sérgio. “O Olhar do Viajante”. In: *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 359

⁷¹ Tradução adaptada da crítica de Sôma Gyôfu, retirada do site: <http://uraaozora.jpn.org/nagai.html>

Kafû observou a sociedade americana com o olhar do “outro”, com a percepção mais aguçada e conseguiu reproduzi-la de forma nítida. As narrativas não expressam críticas sobre a rápida modernização do Japão ou quanto à periferia das cidades americanas, mas mostram o olhar estrangeiro que “(...) é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber”⁷². E o intenso movimento das cidades e as mudanças econômicas e sociais causam certa superficialização do olhar, que tende a ver apenas os elementos externos e vimos que Nagai Kafû fez o oposto ao fixar suas contemplações em certos pontos para mostrar todos os aspectos das cidades americanas, com seus bordéis, seus cenários campestres, seus enormes prédios ou luzes multicores.

Portanto, as reflexões deste trabalho foram realizadas com o intuito de apresentar esse escritor ainda desconhecido no Brasil e tratar acerca do encontro do viajante com as mais diversas situações durante sua jornada, resultando numa obra que apresenta os Estados Unidos aos japoneses; Acompanham-se também o amadurecimento literário do escritor e, principalmente, apresenta-se uma nova maneira de enxergar os mais variados tipos de beleza encontrados nas periferias pobres ou nos campos e novas formas de pensar em relação ao comportamento humano diante de situações adversas. O Homem constrói, apreende e interpreta a realidade a partir dos instrumentos que lhe são fornecidos pela cultura, como um tecelão quase compulsivo de si próprio, bordando sem cessar teias de significados para dar sentido ao mundo. E se essas teias, onde se misturam pontos abertos e fechados, novos e antigos, e linhas de todas as cores, formam a cultura é a partir desse véu da cultura, dessas lentes, que *Narrativas da América* também nos auxilia a compreender os valores da época, a sociedade americana e, ainda nos faz refletir sobre nós mesmos e a forma como enxergamos o mundo.

Trecho no idioma original: 而もそのアメリカと云ふ異国を今迄多勢の人が好加減なうはつ面だけの紹介をして居たのと、全く異つた方面から描いてある。それだけでも非常に珍らしかつた。併し僕が何よりも先づ嬉しく感じたのは、作者の情緒の新らしさと、感覚の新らしさとであつた。『あめりか物語』を読んだ時僕自身にも何だか情緒と感覚の新らしい世界が開けたやうな気がした。日本語でもこんな文学が出来るのかと云ふやうな気がした。

⁷² PEIXOTO, Nelson B. *O Olhar do Estrangeiro*. In: *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 363.

PARTE III

5. A Tradução de *Narrativas da América*

Será apresentada a seguir a tradução da última versão modificada do livro *Narrativas da América*, publicado pela editora Iwanami no dia quatorze de abril de 2006. São vinte e uma narrativas, que foram publicadas na primeira compilação em agosto de 1908 e *Uma Noite no Porto de Seattle* e *Névoa Noturna* que foram inseridas após a morte de Nagai Kafû.

O estilo de escrita do autor inclui sentenças extremamente longas e muitas vezes, as orações apresentam-se intercaladas, criando certa descontinuidade na leitura. Em alguns casos, um único parágrafo chega a seguir por vinte linhas e para separar as idéias diferentes dentro da mesma frase, Kafû utiliza as reticências e o travessão com frequência.

A nova versão do livro contém, além das modificações feitas anteriormente pelo próprio autor, a leitura de ideogramas antigos, nomes de cidades, países, entre outros.

Na tradução, mantivemos o mais fiel possível da versão original, sendo feitas apenas pequenas modificações, principalmente de pontuação, devido às frases longas. Palavras em inglês utilizadas pelo autor para dar ênfase ao momento e que, perderiam a força com a tradução para a língua portuguesa, assim como, termos japoneses, referentes a comidas ou brincadeiras típicas, desconhecida daqueles que não conhecem a cultura japonesa, foram citadas nas notas de rodapé. As anotações feitas entre parêntese no corpo do texto são esclarecimentos do próprio autor.

Os poemas franceses cotejados e traduzidos para o japonês por Kafû foram traduzidos literalmente para o Português. Nesse caso, foi feita a tradução disponibilizada pelo próprio Kafû e não foi levado em conta qualquer erro de tradução que possa ter sido cometido pelo autor.

As dificuldades de transpor a estilística do escritor para a língua portuguesa foram imensas. Se a tradução é a arte de reescrever uma obra sem que esta perca sua identidade estilística e de conteúdo, esta tradução foi resultado desse esforço de repassar ao público, de forma fiel, as narrativas de Nagai Kafû, que não só descreveu a vida de seus conterrâneos imigrantes, mas

acabou por descrever as várias facetas que o próprio ser humano acaba por revelar diante de determinadas circunstâncias.

5.1 Conversa Noturna Numa Cabine

キャビン夜話 – Kyabin Yawa

Cruzar o mar sem qualquer visão do continente é um tédio quase insuportável, e a viagem entre Yokohama e o porto de Seattle, cidade americana recentemente desenvolvida, não constitui exceção.

Despedindo-se das montanhas da terra natal no dia da partida, os passageiros ficam sem poder ver uma única ilha, uma única montanha, por mais de meio mês, até o dia que alcançarem o continente no outro lado do oceano. Ontem, o mar, hoje também o mar. A visão imutável do Oceano Pacífico é pura imensidão, onde somente os albatrozes cinza com asas longas e bicos curvados voam sobre ondas gigantescas. Para piorar, dias claros e agradáveis ficam cada vez mais raros conforme o navio avança em direção ao norte e praticamente todos os dias, não só o céu fica completamente coberto pelas escuras nuvens cinzentas, mas pode chover ou cobrir –se de névoa a qualquer momento.

Tornei-me, inesperadamente, um viajante neste oceano desolado. E já completei cerca de dez dias de viagem. Durante o dia é possível passar o tempo, brincando de argolas no convés ou jogando cartas na sala de fumantes, mas depois do jantar e com a chegada da noite, não há quase nada para se fazer. Além disso, parece estar consideravelmente mais frio hoje!. Pensando que seria impossível caminhar pelo convés e ir até a sala de fumantes sem um casaco, tranquei-me na cabine, com a intenção de ler alguma revista, que trouxera do Japão, quando alguém bateu levemente à porta com a ponta do dedo.

"Entre", eu disse, sentando-me.

A porta se abriu. "O que foi? Está balançando um pouco novamente, você não acha? Está se sentindo bem? "

"Eu me retirei por causa do frio. Sente-se." respondi

"Sim, está realmente frio. Não é à toa, pois passaremos pela costa do Alasca!" Assim disse Yanaguida, um cavalheiro com quem travei amizade durante a viagem, esboçando um leve sorriso com seu bigode fino e sentando-se no canto do sofá.

De altura e peso medianos, ele parecia ter pouco mais de trinta anos. Vestia um sobretudo marrom sobre um terno listrado e através da gola alta via-se uma gravata de cor vistosa.

Cruzando uma perna sobre o joelho e derrubando as cinzas do charuto com a ponta do dedo mindinho, onde se via um anel, disse, "Se estivéssemos no Japão, agora o tempo estaria muito bom".

"Sim, de fato".

"Você não está se esquecendo de algo?"

"Ha ha. Isso é algo que você deveria dizer ao professor, meu vizinho."

"Talvez. Falando nele, o que ele anda fazendo? Ele deve estar trancado em sua cabine, como sempre. Por que nós não o convidamos?"

"Ótimo", eu disse e bati na parede duas ou três vezes. Não tive resposta durante algum tempo, mas Kishimoto, que ocupava a cabine ao lado, apareceu na porta da minha cabine.

"Hello, come in"⁷³. O chique Yanaguida convidou-o imediatamente com sua pronúncia afetada.

"Obrigado. Mas olha como estou...", disse Kishimoto, mantendo-se de pé.

"Não importa, entre", disse lhe, levantando-me do sofá e abri a cadeira dobradiça que estava encostada na parede.

Kishimoto também tinha cerca de trinta anos e era de estatura mais baixa. Estava usando um *Haori*⁷⁴ feito em tecido Ôshima sobre um quimono forrado e um outro de flanela sem forro.

"Então, com licença". Sentou-se na cadeira com o corpo levemente voltado para frente e completou: "Sinto muito frio com roupas ocidentais, por isso ia dormir com estas roupas japonesas."

Yanaguida disse em tom de surpresa, olhando para Kishimoto, "Você sente frio com roupas ocidentais? No meu caso, é exatamente o oposto. Se eu usasse a veste japonesa especialmente numa viagem como esta, eu me resfriaria imediatamente, pois sentiria muito frio no pescoço."

"É mesmo? Isto quer dizer que eu ainda não me acostumei com as roupas ocidentais."

"A propósito, Yanaguida, eu sei que você apreciava bebidas. Devo pedir algo para você?"

"Não, eu não estou com vontade esta noite. Vim apenas conversar, pois estava entediado."

⁷³ No original o diálogo está grafado em Katakana, que é a escrita utilizada para palavras estrangeiras. 「ハロオ、カムイン」

⁷⁴ Vestimenta Japonesa

Apertando a campainha, disse-lhe, "Mas não tem graça falar sem segurar um copo. Assim, vamos ouvir suas histórias novamente, não acha Kishimoto? "

Mas Kishimoto não respondeu e, observando, disse, "O navio parece estar balançando bastante novamente."

"Bem, afinal de contas, este é o Oceano Pacífico", disse Yanaguida, torcendo seu fino bigode mais uma vez."

O garçom abriu a porta.

"Yanaguida, você quer uísque como sempre? "

O menino, depois de ouvir o "Claro!", fechou suavemente a porta e se foi, mas naquele exato momento, nós ouvimos o som profundo do alarme de neblina, seguido pelo som das ondas que lavavam o deque.

"Está balançando um pouco, não é mesmo? Bem, não tem problema. Vamos ter uma agradável conversa esta noite", disse Yanaguida, estirando suas pernas confortavelmente. Olhando ao redor do teto da cabine, claramente iluminado com luzes elétricas, Kishimoto vestido de quimono, disse, "O que há de errado? Eles estão soando o alarme de neblina demais, não estão? "

"Talvez a névoa tenha piorado." Yanaguida começou a explicar, mas foi interrompido pelo menino de cabine que prontamente trouxe as bebidas ordenadas em uma bandeja e, depois de colocar em uma mesa pequena ao lado da cama, encheu os copos. Assim que ele partiu novamente, primeiro Yanaguida ergueu o copo e ofereceu o seu "Boa sorte" seguido por nós e disse "Boa sorte", rindo.

O tempo passou. Ao longe ouvia-se o som perdido de um sino que anunciava as horas. Neste instante, as ondas pareciam ficar mais e mais altas até as escutarmos bater na redonda portinhola sobre a cama com um som esmagador e colidir contra a área do deque, enquanto o vento nos mastros altos soava igual aos ventos secos de fevereiro em Tóquio. O som áspero de algo rangendo em algum lugar começou. Mas este era um navio grande de tonelagem considerável, assim o rolar e empurrar eram bastante suaves e, como tínhamos nos acostumado à viagem, não ficamos preocupados com enjôos. Corremos as cortinas acima da portinhola e da porta de forma que a cabine minúscula ficasse aquecida através do vapor e permanecemos reclinado em poltronas. Escutando a tempestade do lado de fora, de certa forma fez-me recordar o conforto de uma lareira em uma noite de inverno. Yanaguida parecia

sentir o mesmo, como ele disse, abaixando seu copo de uísque, "Não acha que uma vez que acredite em sua própria segurança, até mesmo tempestades furiosas de alguma maneira soam atraentes? "

"Totalmente. Eu acho que este é o significado de sentir-se seguro em um barco grande. Mas suponhamos que fosse um veleiro, então estou seguro de que é bastante possível que estivéssemos naufragados", disse Kishimoto em um tom sério.

"É o mesmo com tudo. Sempre que alguns estão se divertindo, outros podem ter que sofrer. Como o fogo que é um desastre para aqueles que perdem suas casas, mas um grande espetáculo para o resto." Eu disse algum argumento tolo, depois de ter bebido muito uísque.

"É verdade, é verdade", Yanaguida respondeu, como que profundamente tocado por algo. "Pra continuar sua metáfora, eu sou um desses que perderam as casas. Perdi minha casa em um incêndio e estou fugindo para a América. De fato, foi só no ano passado que retornei ao Japão e estou pasmo comigo mesmo por ter iniciado minhas viagens ao exterior novamente até mesmo antes de ter tempo para desempacotar todas as minhas coisas."

Kishimoto e eu pedimos avidamente para que Yanaguida nos falasse sobre suas aspirações relativa àquela viagem para a América, assumindo que ele tivesse grandes pensamentos. Ele era o tipo de pessoa que não podia falar de pequenas coisas sem discutir questões como a civilização de um continente ou a insignificância de um país que é uma ilha.

"Ha, ha, ha, ha. Eu realmente não tenho nenhuma grande idéia. Porém..." Yanaguida torceu seu bigode fino e começou a nos contar sua história.

Voltou para o tempo em que se formou em uma certa escola. Imediatamente, foi empregado por uma empresa e seguiu para a Austrália cheio de expectativa. Depois de um certo tempo, voltou ao Japão com um senso de imensurável triunfo, maior do que quando tinha deixado o país. Ele elogiou a civilização do continente e o comércio do mundo a todos com quem se encontrou, incluindo os velhos amigos que lhe deram festas de boas vindas. E nunca duvidou que o país, que é uma pequena ilha, lhe oferecesse uma posição importante. Mas ao invés disso, foi nomeado para um trabalho de tradutor na matriz, com um salário mensal de só quarenta ienes. Não protestou e aceitou o trabalho, depois de considerar cuidadosamente as condições no Japão. Mas ele não pôde impedir de sentir-se constantemente insatisfeito e para se livrar daquele sentimento, decidiu procurar uma esposa, preferivelmente uma bonita jovem de uma família aristocrática e, começou a fazer campanha ativamente

naquela direção. Tinha uma íntima confiança de que sendo alguém que voltar do estrangeiro, o recomendariam a tais mulheres jovens ou às suas mães, mas na realidade nada semelhante aconteceu. A filha de certo visconde a quem ele procurou acabou se casando com um diplomado universitário do país, o tipo de pessoa que ele mais desprezava. Não só sua autoconfiança fora abalada duas vezes, tivera o coração partido.

Mas Yanaguida nunca perdura a esperança completamente. Como uma reação contra a dor, iniciou uma denúncia mais acirrada contra o país e decidiu empreender uma outra viagem ao estrangeiro.

"Aqui no Japão é simplesmente impossível sentir-se realmente feliz. Afortunadamente, aconteceu que um comerciante de seda crua em Yokohama queria que eu estudasse as condições nos Estados Unidos e aceitei alegremente. Quando se trata de negócios, realmente é preciso ir ao estrangeiro a todo custo. Estou muito contente de ver que vocês cavalheiros, meus compatriotas, também vão para os Estados Unidos". Yanaguida apanhou seu copo, tomou um gole e virou seu corpo, dizendo", Kishimoto, você não me disse que gostaria de freqüentar uma escola nos Estados Unidos? "

"Sim", Kishimoto respondeu, fechando mais a gola do quimono.

"Você está planejando entrar em alguma universidade? "

"Bem, eu gostaria, mas agora mesmo não domino o idioma e não sei bem como as coisas funcionam."

"Você vê, Yanaguida? Kishimoto deixou o Japão para prosseguir seus estudos, até mesmo às custas de deixar para trás a esposa e a criança. Após dizer isso, Yanaguida perguntou, "Kishimoto, você já tem uma criança?"

"Sim", Kishimoto disse, se ruborizando um pouco.

"Então você realmente deve ter feito um grande compromisso."

"Bem, eu gostaria de pensar que fiz um grande esforço quando deixei o país. Havia alguns parentes e outros que se opuseram violentamente a meus planos." Agora era a vez de Kishimoto contar a sua história.

Ele também tinha trabalhado para uma companhia em Tóquio, porém, não só teve pouco prospecto para avanço de carreira, como constantemente era derrubado por outros. Ele achou que, presumivelmente, isso era devido ao fato de ele não ser formado e não possuir nenhum título. Enquanto estava ponderando estes fatos, sua companhia empreendeu uma

reestruturação, e ele ia ser despedido. Afortunadamente, desde que a esposa herdara uma fortuna considerável, ele fora poupado das dificuldades que uma pessoa comum está sujeita nas mesmas circunstâncias. Por sua vez, sua esposa na verdade parecia feliz e pensava que isso era uma volta positiva de eventos, e achava que eles deveriam deixar para trás o barulho de Tóquio com a doce pequena criança para alguma zona rural calma e viver em paz e com conforto, fazendo uso do dinheiro dela.

Mas Kishimoto não estava a ponto de se render às doces palavras de sua esposa. Ao invés disso, disse-lhe que, se possível, gostaria de utilizar o que ela tinha herdado do pai para estudar nos Estados Unidos durante dois anos. A esposa opôs-se firmemente, não por causa do dinheiro, mas porque simplesmente não queria se separar do marido que amava afetosamente. Ela disse que não queria que ele se esforçasse tanto para progredir apenas por causa dela, que não deveria se sentir envergonhado diante trabalhadores com bacharelados, e além disso, não era o bastante agir de acordo com sua capacidade e viver uma vida calma diariamente? Diante da determinação do marido, no entanto, rendeu-se, e aos prantos vira Kishimoto partir para uma terra distante.

"Assim, espero encurtar minha permanência o máximo possível e ir para casa com qualquer grau que possa ser obtido numa escola. Um diploma será o melhor presente para mostrar para minha esposa."

Tendo dito isso, Kishimoto bebeu um bocado de uísque para se animar.

"Sim, realmente sinto por você. Ao mesmo tempo, pensei, eu o felicito em sua decisão ousada com todo meu coração." Yanaguida elevou o copo depois dele, então mudou o tom. "Mas deve lembrar de sua esposa o tempo todo, embora eu ainda não saiba o que é ter uma esposa."

"Ha, ha, ha, ha. Não posso ser tão covarde agora que vim tão longe. Ha, ha, ha, ha". Kishimoto forçou um riso, mas parecia um pouco aflito.

Neste momento, o soar do sino podia ser ouvido mais uma vez. As ondas e os ventos ainda estavam furiosos do lado de fora da portinhola, apenas mantida por uma vidraça, mas dentro da cabine fechada já estava muito abafado, com o aroma de álcool e a fumaça do cigarro. Nós ficamos um pouco cansados de falar e, como que pela primeira vez, olhei para as luzes elétricas que estavam iluminando todo canto da cabine. Antes de Yanaguida tirar seu relógio, como se tivesse se lembrado de algo, de repente disse: "Já são onze horas."

"É mesmo? Perdoe-me por ter ficado tanto tempo. Eu já vou.." Kishimoto se levantou primeiro.

"Oh, por favor fiquem."

"Obrigado. Eu realmente passei uma noite agradável, graças a você. Seria agradável repetirmos amanhã. Eu tenho que ir."

Abrindo a porta, Yanaguida disse "Boa Noite" em inglês, e enquanto resmungava algum poema inglês ininteligível, os passos dele se afastavam logo em direção a sua cabine. Na cabine ao lado, naquele exato momento, pude escutar o som lânguido da cortina da cama sendo puxada. Kishimoto, que também tinha deixado minha cabine, já devia estar deitado em sua cama solitária.

5.2 O Caminho dos Prados

野路のかえりー Noji no Kaeri

Se eu me lembro corretamente, já era o último sábado de outubro em Tacoma, onde estava naquela época.

O outono estava terminando, e quase todas as folhas - da alameda de boldos plantados, em ambos os lados das ruas até aquelas árvores, que tinham provido sombra fresca nos parques e no jardim das casas durante o verão - caíram depois da névoa densa da noite anterior. Não só aqui em Tacoma, mas ao longo da Costa do Pacífico dos Estados Unidos, o mês triste de novembro chegaria em menos de uma semana. Deste período até maio ficará chuvoso e nublado praticamente todos os dias, e será quase impossível ver o céu aberto. As pessoas diziam que aquele dia seria a nossa última chance de olhar para um céu azul naquele ano. Assim, seguindo o conselho de um amigo que conhecia muito bem as condições locais, decidi passar o dia andando de bicicleta pelas pradarias de outono com ele.

Pedalamos para a direção leste, por uma via reta da colina chamada Avenida Tacoma. Daquela via, tinha-se a visão panorâmica da cidade de Tacoma e do lugar fortemente íngreme, tendo à frente o mar interno de tráfego intenso – incontáveis telhados e chaminés, vastos aterros, docas, vários navios ancorados e trens da Estrada de Ferro do Pacífico Norte. E sobre a cadeia de montanha além da baía, o Monte Rainier, chamado de "Tacoma Fuji" pelos japoneses, coberta pela neve, erguia-se majestosamente e o sol matinal do país do norte onde o amanhecer se faz tarde tingia um dos lados de vermelho profundo.

Nós dois cruzamos a ponte que atravessava um enorme desfiladeiro, no extremo da cidade, e continuamos por aproximadamente quatro milhas ao longo de uma extensa ciclovía especialmente construída; passamos por uma aldeia pequena chamada South Tacoma e logo chegamos a um vasto campo. Ora subíamos, ora descíamos, acompanhando o traçado da via, e tínhamos a sensação de sermos pequenos barcos balançados pelas ondas, até que finalmente chegamos e nos embrenhamos em uma floresta de carvalho. A estrada ficou um pouco mais íngreme, e as árvores píceas que formavam florestas escuras e densas em todos lugares desta

região, particularmente no Estado de Washington, bloquearam nosso caminho, da mesma maneira que os bosques de carvalho.

Conseguimos achar um rastro coberto de musgo e, seguindo-o, chegamos a um local onde descansamos à margem de um lago na floresta chamado o Lago americano. Então nós mudamos de curso novamente e finalmente chegamos a uma aldeia solitária na praia chamada Stillcome.

Meu companheiro disse: "Na volta, eu o levarei até o hospital psiquiátrico localizado acima desta colina. É o hospital estadual de Washington, por isso é bem conhecido na região".

Assim, eu o segui e subi a colina; nós pudemos identificar prontamente o edifício de tijolo alto e largo do hospital, em contraste com os prados alegres ao longe e a floresta profunda em primeiro plano.

O vasto prédio era rodeado por uma baixa cerca branca e, com exceção de uma trilha, o resto era completamente coberto por um gramado verde luminoso, que contrastava com as árvores de delicados galhos e flores silvestres. Na parte dos fundos via-se o telhado de vidro de uma estufa enorme, e havia bancos espalhados ao longo do caminho, e balanços com assento nas sombras da praça, mas o silêncio reinava ao redor e não se via uma única pessoa.

Nós pedalamos devagar ao longo da estrada de terra, em frente ao portão de ferro, e começamos a descer colina abaixo em direção aos prados de onde tínhamos vindo. No caminho de volta, enquanto fazia suas explicações, meu amigo mencionou casualmente: "Há dois ou três japoneses internados naquele hospital."

Por alguma razão isto parecia ser um assunto bastante sério. Então, meu amigo acrescentou imediatamente: "São todos trabalhadores imigrantes."

Não pude deixar de me sentir perturbado com a expressão, "trabalhadores imigrantes." Eu me lembro como me senti ao observar, do deque superior, estes trabalhadores, em minha viagem, ano passado, da minha terra nativa para este país.

Eles eram tratados mais como carga do que como homens, enfiados aos montes dentro de um pequeno e sujo buraco. Aproveitando o tempo bom, subiam ao deque aos montes e olhava fixamente o ilimitado céu e oceano. Mas, diferente de nós, almas sensíveis, eles não pareciam ser atingidos por qualquer emoção em particular. Juntava-se em grupos de três ou quatro, cinco ou seis, e depois de falarem ruidosamente durante algum tempo, fumavam o cigarro nas piteiras longas *kiseru* que trouxeram do Japão e espalhavam cinzas no deque, sendo

repreendidos por alguém da tripulação. Ou, ainda, em noites enluaradas, começavam a cantar algumas canções populares provincianas, que revelavam os lugares de onde provinham. Eu nunca me esquecerei de um deles, um homem velho de cabelos brancos que parecia orgulhoso de sua voz.

Convictos de que, depois de três anos de trabalho duro, poderiam retornar ao Japão e viver com tranqüilidade, deixavam para trás a terra cultivada onde seus antepassados nasceram e morreram. Dando adeus para os céus orientais que eram mais bonitos que os da Itália, aceitavam todas as humilhações como os regulamentos de imigração e exames médicos, e chegavam a este continente novo.

Mas não importa aonde a pessoa vá neste mundo, em todo lugar há os mesmos sofrimentos. Quantas destas pessoas poderão realizar seus desejos? Tal pensamento triste me ocorreu quando olhava para os prados, que até agora pareciam trazer paz e tranqüilidade, mas que de repente me impressionou com sua solidão. E a escuridão e as profundas florestas píneas pareciam esconderijos de medo e segredo.

Aproveitando que meu amigo, fora descansar, encostando a bicicleta à sombra de uma árvore, aproximei-me e perguntei-lhe, "Mas por que eles perderam a sanidade, você sabe?"

"Oh, você quer dizer os trabalhadores?" Meu amigo respondeu depois de um tempo, como que compreendendo minha pergunta pela primeira vez, "Na maioria dos casos, a perda de esperança é a razão, mas no caso de um deles, há outras causas. Um caso realmente triste. Mas tais casos não são raros na América."

"Explique o que você quer dizer."

"Eu também ouvi de outras pessoas. Por mais que a sociedade japonesa careça de leis, isto pode ser considerado extremo. Trata-se de um caso que já aconteceu há seis ou sete anos...", meu amigo começou, enquanto pegava uma bolsa de tabaco do bolso interior e enrolava o cigarro habilmente com as pontas dos dedos.

Naquela época, os japoneses começavam a chegar em grande número para Seattle e Tacoma. Não havia ainda a organização de hoje, e muitos crimes foram abertamente cometidos. Imigrantes veteranos do Japão, como os desocupados vindos da Califórnia ou os ex-marinheiros de origem duvidosa, que tinham cruzado o oceano tornaram-se chefes, competiam entre si pelos recém-chegados desinformados. Para tal lugar perigoso, infernal ele, quer dizer, um dos internos do hospital, tinha vindo do Japão com a esposa para ganhar a vida.

Agora, a razão maior pela qual o agricultor japonês aspira vir para a América é que ouvem histórias exageradas, contadas por pessoas que para lá retornaram. E este homem era certamente um desses. Ele vivia nos campos de Kishû, onde flores de trigo-mouro floresciam, mas aconteceu que um homem tinha voltado do Havaí, depois de quinze anos e se vangloriava, dizendo que na América havia (em todos os lugares) árvores que davam ouro no lugar de frutas. Assim, nosso homem decidiu, por impulso, ir para este paraíso jamais visto, especialmente ao saber que as mulheres ganhavam salários mais altos que os homens. Então, o casal viajou para a América - desembarcando em Seattle, uma cidade cujo nome nem mesmo conseguiam pronunciar - uma terra sobre a qual não sabiam nada. No cais, o navio foi abordado por corretores de emprego, agentes de hospedaria, os contrabandistas de prostitutas - todos com olhos mais afiados que a maioria, que usavam para identificar a presa e os lançar em suas redes. Um tal homem que se identificou como um guia para uma hospedaria conduziu o casal pela cidade suja, cheia de grandes carroças de carga e trabalhadores americanos mal-encarados, e entrando num beco, empurrou uma porta escura, e em vez de subir uma escada, levou-os para um penumbroso quarto no subsolo, vagamente iluminado.

Lá, depois que pagaram uma comissão exorbitante, foi decidido que a esposa trabalharia em uma lavanderia na cidade, enquanto o marido seria contratado como lenhador em uma floresta, que ficava a cerca de dez milhas da cidade, e levado para uma casa solitária, escura até mesmo durante o dia, na floresta. Lá moravam três japoneses que trabalhavam igualmente como lenhadores. Um deles, que parecia ser o líder, disse-lhe: "Num país estrangeiro, só podemos contar uns com os outros. De agora em diante trabalharemos como irmãos". Nosso homem se sentiu totalmente aliviado e começou a trabalhar duro, todos os dias, com este grupo, sob a supervisão do chefe branco.

Ao voltar do trabalho para a cabana solitária, os companheiros persuadiam o recém-chegado para lhes falar sobre a sua vida pessoal. Então, o que parecia ser o líder e o mais forte, disse em voz alta como se estivesse surpreso, olhando para os companheiros com um brilho nos olhos:

"Você quer dizer que deixou sua mulher em Seattle? Isso é algo muito estúpido de se fazer!"

"Mas, você sabe, uma vez neste país, eu tenho que ganhar dinheiro, assim tenho que estar preparado para viver separado de minha esposa", disse o recém-chegado, de modo triste,

enquanto o outro homem continuou: " Não é isso o que eu quero dizer. Claro que você tem que estar preparado, já que veio aqui para ganhar dinheiro. O que eu quero dizer é que é mais perigoso deixar uma mulher só em Seattle que deixar uma criança brincar na beira de um rio."

"É? Mas por quê? "

"É natural que não saiba, afinal chegou há pouco aqui. Mas em Seattle, não, não é só em Seattle, na América geralmente, não se deve deixar uma mulher só. Ser estuprada é o menor dos problemas. No pior dos casos, você nunca mais vai poder ver sua mulher novamente."

"Isso é verdade. Tenha cuidado", o outro companheiro completou. O primeiro companheiro permaneceu calado e, olhava fixamente para o recém-chegado, que parecia querer chorar, mas fumando o seu cigarro, com a piteira longa disse: "Neste país, sendo mulher, qualquer uma vale como um baú repleto de moeda antiga de ouro. Não, quero dizer, baú repleto de dólares. Assim, os olheiros chamados alcoviteiros estão à procura de mulheres, e às vezes fazem coisas bem cruéis. Eu lhe contarei uma história real. Uma vez, enquanto um casal estava caminhando, um sujeito veio por trás, bateu no marido a socos, agarrou a esposa, e desapareceu. É um país grande, esta América. Quem sabe onde a teriam levado? Se na mesma noite, levaram-na para longe e a venderam como prostituta, pode ganhar mil dólares facilmente. Olha, ouça meu conselho. É melhor agir antes que algo terrível aconteça."

Os olhos do recém-chegado já estavam cheios de lágrimas, mas o que poderia fazer, na sua atual situação? O primeiro homem trocou olhares de cumplicidade com os outros dois, e falou para o recém-chegado: "Por que você não faz assim? Traga de uma vez a sua esposa para cá."

"Mas como eu posso fazer tal coisa? "

"Não me fale que não pode. Sério, eu não sei o que parece, mas japonês somos só nós três nesta cabana isolada da montanha. Não há nada com o que se preocupar. Se você a trouxer, você poderá vê-la todos os dias, e ela poderá cozinhar e lavar a nossa roupa. Quanto à comida, uma mulher não é nada, se nós quatro dividirmos."

Tal era a proposta, mas ele não teve força para concordar nem para expressar discordância, de forma que tudo aconteceu rapidamente, do modo como o outro companheiro havia sugerido. Quer dizer, no dia seguinte, junto do outro homem, foi à cidade e trouxeram a esposa para a cabana da montanha.

Durante algum tempo tudo transcorreu normalmente e ele viveu feliz com sua esposa, mas um dia, num domingo, choveu desde cedo e eles não puderam sair para se divertir. Assim,

eles começaram uma festa, bebiam e cantavam, e antes que percebessem, já era madrugada. Na hora de se recolher, o líder chamou o recém-chegado, que estava para sair e disse-lhe: "Ei, quero ter uma conversa com você", entreolhando-se com os outros.

A densa floresta que cercava a cabana rugia com a chuva e o vento.

"O que é? "

"Eu quero pedir um favor seu."

"O que é? "

"É o seguinte. Só esta noite, queria pedir emprestado a sua mulher."

"Ha, ha, um, ha, está muito bêbado, não?"

"Escute, não estou dizendo isto porque estou bêbado. Não estou brincando, nem gracejando. Só queria consultá-lo. O que acha?"

"Há, há, há, há", o recém-chegado soltou um riso forçado.

"Como você pode rir, se estamos lhe pedindo?", o outro homem completou.

"O que acha? Isto é entre irmãos. Você não pode emprestar sua esposa a nós três só por esta noite?"

"....."

"Vamos conversar sobre isto. O que acha? Você ainda não concorda? Tudo bem, se é contra a idéia, mas pense bem. Trabalhamos nós quatro, assim, no meio desta montanha. Você se sente bem, divertindo-se sozinho? Acontece muito, se houver um incêndio na montanha numa noite de ventania, nós quatro morreremos juntos. Você não fugiria sozinho deixando os companheiros para trás. E se o pior acontecer, e nenhuma comida vier do escritório central, nós teremos que compartilhar o que tivermos para comer. Todos os homens são irmãos. Não pense que só você estando bem não importa o resto. Escute, nós estamos nesta América há cinco anos, mas não sentimos, nem mesmo uma única vez, uma mão macia. Nós sabemos que seu tesouro não pertence a ninguém, que é só seu. Assim, nós não estamos dizendo que vamos pegá-lo a força e torná-lo nosso. Preste atenção, nós estamos lhe pedindo emprestado."

"Serei curto e grosso. Considerando que você tem algo que nós não temos, estamos lhe pedindo que compartilhe conosco."

"O que acha? Se entender o que queremos dizer, por que não nos responde imediatamente?"

O homem ficou com uma palidez cadavérica e não fez nada além de tremer o corpo inteiro. A mulher caiu aos seus pés chorando, sem força para pedir ajuda.

O vento e a chuva uivavam ainda mais furiosamente na montanha desolada. Logo, um grito de mulher dentro da cabana. Ouvindo isto, o homem desfaleceu e foi ao chão.

Ele recuperou a consciência, mas perdeu a lucidez e nunca mais foi a mesma pessoa. Assim, acabou sendo levado para o hospital.

Eu fiquei bastante chocado ao escutar esta história. Meu amigo já tinha levantado a bicicleta, que ficara deitado na grama, e, pisando no pedal, ele disse, “Mas não tinha jeito, não é? Tudo que nós podemos dizer é que foi um infortúnio ter encontrado tal destino. Não temos como nos defender, ao depararmos com alguém mais forte.” Correndo com a bicicleta cinco ou seis metros à frente, olhou para trás dizendo:

"Você não concorda? É impossível resistir contra algo mais forte. Então, nós não podemos resistir ao Nosso Deus Poderoso. Quer dizer, o Deus Todo-Poderoso que é mais poderoso que nós. Nós sempre temos que obedecê-lo.”

Ele riu sozinho, animadamente e aumentou a velocidade da bicicleta pelos prados, que estavam radiantes, iluminados pela luz do final de tarde. Sem dizer uma palavra, pedalei sem parar minha bicicleta para não ficar para trás.

Vindo de algum lugar, ouvia-se o som de sinos pendurados no pescoço do gado, que pastava solto pelo campo. Um trem, para Portland, indo em direção ao longo da extremidade dos prados.

(Janeiro de 1904)

5.3 Acima da colina

岡の上 – Oka no Ue

1

Quando vim pela primeira vez a este país, a América, com o objetivo de praticar um pouco o idioma, decidi freqüentar uma certa faculdade localizada numa cidade pequena de menos de quatro mil habitantes, distante de Chicago onde eu morava, aproximadamente cem milhas, beirando o Rio Mississippi. Como se sabe, faculdades americanas são geralmente escolas privadas, estabelecidas em zona rural, retiradas das cidades que estão cheias de tentação, e o professor juntamente com os alunos, conduz uma vida religiosa idealmente pura. A escola para a qual fui era uma dessas, e pensei de início que seria muito improvável encontrar outro japonês em lugar tão remoto. Muito inesperadamente, me encontrei com um japonês que lá conduzia estranhamente uma vida angustiada.

Cerca de quatro horas depois de deixar Chicago, onde quer que eu olhasse, tudo que se podia ver eram plantações de milho. Assim que o trem chegou a uma minúscula estação que se situava no meio de uma vasta pradaria, desci, e levando uma valise pesada, caminhei pela estrada reta daquela cidade provinciana, cheia de galinhas e crianças brincando, e fui para a escola, situada entre árvores copadas sobre uma pequena colina. O diretor ancião de aparência muito amável me cumprimentou, mesmo sem olhar para a carta de apresentação feita por um amigo Ocidental de Chicago, e enrugando todo o rosto em um grande sorriso como se já fôssemos bons amigos, disse: "Que bom que tenha vindo. O Sr. Watano provavelmente ficará muito contente ao vê-lo. Desde que veio aqui, ele não vê um japonês há quase três anos."

Eu estava perdido, não entendendo do que se tratava tudo aquilo, mas o velho diretor, ainda sorrindo, me perguntou: "Conheceu o Sr. Watano no Japão, ou você o conheceu depois que veio para os Estados Unidos? " Por eu ser japonês o diretor deve ter concluído que eu viera visitar meu compatriota, Sr. Watano, nesta escola. Este engano foi dissipado e substituído por inocentes risadas e em seguida fui apresentado ao Sr. Watano.

Ele devia ter trinta e sete ou oito anos. Em um terno listrado, puído e gravata preta desbotada, estava vestido de uma forma tão discreta, jamais vista numa cidade flamejante

como Chicago, mas seus negros cabelos, brilhantes e longos à moda americana e os traços do seu nariz onde se via um pince-nez com aro de ouro, lembravam a beleza feminina. Sua tez era mais pálida do que alva e no fundo de seus olhos grandes via-se uma certa fragilidade emocional.

Totalmente ao contrário do que o diretor tinha me contado, ele não parecia particularmente satisfeito nem surpreso quando me viu e depois de dar um aperto de mão sem proferir uma palavra, ficou olhando propositadamente para o teto. Assim, não menos que ele eu também era um tipo bastante hostil e seco e não tive uma chance de descobrir seu passado, a não ser o fato de que estava ajudando a coletar material sobre a História de Pensamento Oriental, no Departamento de Filosofia, e apareceria ocasionalmente na classe de Estudos Bíblicos.

Foi, porém, na tarde de um sábado aproximadamente três meses depois. Quando fui para aquele lugar, no final de setembro ainda não fazia tanto frio, mas as plantações de milho, que então se pareciam com um mar verde, era já um vasto campo vazio sob um penumbroso céu acinzentado.

Só passava das quatro horas da tarde, mas o sol já estava abaixo do vasto horizonte, e deixara um traço lânguido de raio avermelhado no céu acinzentado. O ar estava tranqüilo e o frio que penetrava os ossos surgia gelidamente das profundezas do campo ermo. Na volta da agência postal localizada dentro da estação de estrada de ferro, subi a colina próxima da escola e encontrei-me com Watano que estava de pé melancolicamente, com uma indescritível expressão de tristeza, no alto da colina onde se erguia uma única árvore nua, contemplando os últimos raios do pôr-do-sol que estavam a ponto de desaparecer na extremidade do campo ermo que se congelava de frio. Notando-me, Watano disse: "Que paisagem desoladora, não?", e olhou fixamente para mim.

Não pude responder imediatamente, surpreso pelo seu estranho ar. Watano abaixou os olhos e então disse, como que para ele mesmo: "As pessoas dizem que o pôr-do-sol visto de uma sepultura é triste, mas isto somente faz lembrar da morte... por outro lado, olhe para esta paisagem. O crepúsculo visto num campo ermo traz à mente as tristezas da vida, a agonia da existência... "

Nós permanecemos calados e descemos a colina silenciosamente. De repente, Watano me chamou e perguntou: "O que acha? As metas de vida estariam no prazer ou - "ele parou, como

se tivesse ficado terrivelmente temeroso de que tivesse dito algo sem pensar. Então, me encarando atentamente, acrescentou: "Você acredita no Deus Cristão?"

Eu lhe respondi que tentava acreditar, mas que ainda não conseguira. E sabia o quanto me sentiria feliz se fosse capaz de crer. Então, Watano respondeu, energicamente e balançando os braços: "Então você é um cético. Muito bom." E depois completou calmamente: "Que tipo de ceticismo é o seu? Claro que, não tenho o tipo de fé que os americanos têm... ouçamos quais são suas teorias."

Falei abertamente minhas idéias sobre religião, vida, e demais assuntos. Para minha grande surpresa, ele pareceu pensar que minhas idéias eram muito parecidas com as dele. Seus olhos ficaram animados como se para expressar sua alegria interna, e acabou elogiando minhas habilidades repetidamente.

Nada é mais agradável para dois indivíduos, não importa quem sejam, juntarem-se e descobrirem que compartilham o mesmo pensamento, ainda que em minúscula extensão? Ao mesmo tempo, não há nada que aproxime mais seus sentimentos que essa coincidência.

Depois desse encontro, nos tornamos amigos íntimos, conversando dia e noite, e eu pude ter uma idéia do passado de Watano sem perguntar diretamente a ele. Ele era filho único de uma rica família. Aproximadamente sete anos atrás, viera aos Estados Unidos e formara-se numa universidade da Costa Leste, mas depois disso ficara algum tempo sem qualquer ocupação, divertindo-se na área de Nova York. Mas, numa certa reunião conhecera o diretor desta escola, que estava à procura de um japonês que pudesse ajudar na pesquisa sobre o Pensamento Oriental, razão pela qual ele próprio viera para esta cidade. Mas ele mesmo não tinha tanto conhecimento sobre Estudos Orientais. Ele apenas ajudava a coletar material de pesquisa, e dizia que o seu objetivo principal não era outro senão ver se suas teorias céticas dariam lugar a tranqüilidade baseada numa profunda fé, tendo escolhido especialmente aproximar-se da vida religiosa desta remota cidade interiorana.

Embora, obviamente, não tivesse nenhuma necessidade de trabalhar para viver, não pude deixar de sentir um profundo respeito ao ver que ele, mesmo depois de formado, não voltara à terra natal e vivia só num país estrangeiro, por causa de uma angústia de tal seriedade.

Passei um gélido inverno americano muito sossegado e agradável com este amigo a quem admirava tanto. Então abril chegou, e da Páscoa em diante os raios de sol esquentando gradualmente, e o mês de maio pelo qual tínhamos esperado avidamente chegou. Como era encantador o céu de maio, em contraste com o insuportável inverno. Até mesmo as planícies, que até ontem pareciam total e inacreditavelmente solitárias e desagradáveis, de repente se transformaram em um mar ilimitado de grama fresca. Como poderíamos descrever a sensação de desfrutar a cor verde macia ao nosso redor, debaixo de um céu azul luminoso?

Ora vagava pelos pomares cheios de macieira em flor, ora ia para os prados deitar em folhas de trevo macias próximo ao gado pastando, ora ficava perto de um riacho, me embriagando com a fragrância das violetas e cantando junto com as cotovias do campo, caminhando pelo menos três milhas por dia. As famílias dos ricos fazendeiros pareciam esperar impacientemente pela tarde e saíam para um passeio no campo em suas carruagens. A risada alegre de mulheres e crianças podia ser ouvida em todos lugares, mas o meu amigo Watano era uma exceção. Com a chegada da bela primavera, tornou-se cada vez mais melancólico e não aceitou nenhum convite meu para um passeio, acabando por trancar-se em seu quarto.

Certa noite saí determinado a fim de visitá-lo em seu quarto e forçá-lo a me contar a razão, da qual eu nem tinha idéia, pensando em confortá-lo, se pudesse. Mas, chegando ao portão da pensão onde alugava um quarto, por alguma estranha razão não pude realizar meus planos. De fato, eu ainda não conhecia bem a personalidade de Watano. E da mesma maneira que nós sentimos admiração e um temor diante de um grande homem ou um herói, não tinha conseguido deixar de sentir receio com relação a Watano. Assim, retornei e comecei andar aqui e acolá nessa noite de primavera, e antes de perceber, me achei em cima da colina onde Watano e eu tínhamos tido nossa primeira conversa séria no inverno passado.

A solitária árvore desfolhada, que naquela época estava seca e sem vida, agora estava cheia de flores de maçã tal qual neve, me envolvendo em uma fragrância indescritível. De pé, sobre a grama tenra olhei em volta e no alto da vasta pradaria que parecia ser a superfície da terra vi uma enorme lua nebulosa. Aqui e acolá poças de água recebiam a luz pálida da lua e refletiam as cores escuras do céu. Atrás de mim ficava a faculdade de onde se ouvia a alegre música cantada pelas alunas, e nas casas da cidadezinha próxima via-se as janelas iluminadas

com luzes suaves. Era como uma noite de sonho primaveril em uma terra distante, como se tivesse sido criado por uma magia.

Sem perceber, eu havia sido envolvido por um inexplicável e agradável devaneio, quando de repente alguém, me bateu no ombro por trás e disse: "Você?" Para minha surpresa, era Watano. Ele olhou como se tivesse algo para me falar.

"Eu estive em sua casa."

"Minha casa...?", eu respondi, mas não disse nada sobre quase ter batido na porta dele.

"De fato, eu queria falar com você, assim fui para sua casa."

"O que é? O que você quer? "

"Bem, sentemos aqui". Ele tomou a iniciativa e se sentou primeiro debaixo da macieira, mas por algum tempo não disse uma palavra. Era bastante provável que também tenha se encantado pela atmosfera misteriosa da noite de primavera que cobre a pradaria vasta. Entretanto, como que voltando a si, se virou imediatamente para mim e disse: "Talvez tenha que me despedir de você dentro de dois ou três dias."

"O que? Vai para algum lugar? "

"Estou pensando em ir mais uma vez para Nova York. Ou posso decidir ir para a Europa. De qualquer maneira, decidi deixar este lugar."

"Alguma coisa urgente? "

"Oh, não. Você sabe que não tenho nada urgente. É que tenho pensado em algo", disse de um modo bastante abatido.

"Sobre o que? "

Ele respondeu minha pergunta depois de um tempo: "Bem, é sobre isso que eu queria lhe falar esta noite. Nos conhecemos há mais ou menos meio ano, mas sinto como se o conhecesse há dez anos. Assim, decidi contar-lhe tudo antes de partir. Mas por outro lado, nós podemos nos encontrar ainda por aí. Afinal, você disse que pretende andar pela América." Sorrindo tristemente, começou a contar calmamente.

3

"Logo após me formar em uma Universidade do Japão, perdi meu pai e herdei a minha parte de sua propriedade, ganhando um status invejável com dinheiro e diploma universitário,

podendo seguir a direção que quisesse. Como tive formação em literatura, decidi organizar um grupo, incentivado pelos inúmeros amigos que se reuniram à minha volta e publicar uma conceituada revista mensal voltada para a pesquisa da vida e questões sociais”.

O meu nome já era conhecido por algumas pessoas, visto que contribuía com artigos em revistas e jornais desde que era estudante. Assim, fiz uma grande estréia, agora apoiado pela fortuna herdada de meu pai. O grupo que eu representava era formado exclusivamente por jovens diplomados que faziam sua estréia na sociedade e essa revista ainda só anunciada, era cotada como uma das mais importantes, mesmo antes da publicação de seu primeiro número. Naturalmente, havia alguns ao meu redor que não eram mais que adúladores, e não podia, realmente, ouvir nada além de elogios naquele momento.

Na ocasião tinha vinte e sete anos, e ainda era solteiro. Verdade ou mentira, não sei dizer, diziam que a filha de um certo conde teria ficado apaixonada depois de me ouvir falar em público, ou havia boatos de que as alunas de uma certa escola feminina teriam causado um alvoroço em torno da discussão de minha pessoa. De fato, eu chegara até a receber uma ou duas cartas amorosas.

De qualquer maneira, assim não pude deixar de me conscientizar que possuía um certo poder que sutilmente afetava o sentimento do sexo oposto. Não só me conscientizei disso, mas sentia um prazer indescritível. Este prazer era maior que a alegria que senti quando me dei conta que meus argumentos ou meu caráter pareciam ter sido aceitos pela sociedade. O que posso dizer? Não tenho como justificar senão dizer que naquele momento, naquele instante, era como me sentia.

Tendo experimentado tal sensação de prazer, tinha vontade de prolongá-lo o máximo possível. Isso foi quando ouvi uma voz interna dizendo algo como: “Se isso for o que você quer, então não se case muito cedo. Para os homens, quem provocaria maior fantasia: uma mulher casada indescritivelmente bonita ou uma jovem solteira não tão bonita? O mesmo acontece com o charme masculino.”

Fui completamente escravizado por esta voz. Embelezava-me o máximo possível durante o dia, embriagava-me pelo esplendor de olhares galanteadores e sorrisos luminosos, enquanto à noite estava onde luzes brilhassem e escutasse o canto de belas mulheres. Num instante, dois ou três anos passaram como um sonho.

Mas um dia, para evitar a atenção das pessoas em Tóquio, levei três mulheres bonitas para um pequeno e silencioso *kozakura* perto do litoral. Já era crepúsculo no inverno. Acordando de repente de um cochilo vespertino, notei que a gueixa que era minha favorita e que tinha deixado descansar minha cabeça em seu colo estava apoiada contra a parede atrás dela e cochilando. Não tinha idéia de onde as outras duas tinham ido. O quarto estava quase escuro, e fora, só o som das marés no oceano distante podia ser ouvido, como se algo estivesse clamando.

Não me mexi e fechei meus olhos novamente. Mas comecei a pensar, quase inconscientemente: “Quem, no mundo, saberia que eu estava me comportando assim, em tal lugar? Todo mundo não me conhece somente por meu título impressionante de reformador social?” Tais pensamentos deram origem a uma sensação desagradável e angustiante. Para ser claro, aquela não era a primeira vez que me sentia daquele modo. Desde o princípio, sabia que procurar este tipo de prazer não era bom e que não era algo a ser elogiado ou encorajado, nada para ser falado abertamente como anúncios para causas caridosas. Quer dizer, tinha evitado habilmente que fosse de conhecimento público até o momento, mantendo tudo isso em segredo extremo. E era fácil continuar mantendo em segredo. No mundo atual, não se podia fazer quase nada, se um segredo como aquele não pudesse ser guardado. Nesse aspecto, eu poderia ser chamado de gênio. Porém, surgiu uma pergunta: Como seria se não tivesse nenhum segredo, se minha vida fosse um livro aberto? Seria agradável ou desagradável se me tornasse um homem íntegro assim como o mundo me imaginava?

Claro que seria agradável, decidi. Por quê? Porque segredos são como parentes. São igualmente incômodos.

Neste momento, finalmente alcancei meu período de penitência. Decidi afastar-me para sempre dos prazeres mundanos e casar-me com uma pura e sábia mulher que me ajudaria a evitar os perigos da vida de um solteiro e levar a cabo minha resolução."

4

Que tipo de esposa escolhi finalmente?

Era uma enfermeira.

Naquela época, peguei uma forte gripe e fui atendido por uma enfermeira, a quem tinha contratado, recomendado por meu médico. A enfermeira era uma jovem solteira de vinte e

sete anos, não muito baixa, muito magra, e por sua aparência, não era precisamente feia, mas também não tinha o charme nem o ar que atrairiam o coração de um homem. Seu rosto muito magro era branco como a neve, e ela sempre mantinha abaixados os seus olhos grandes e melancólicos, como se estivesse constantemente absorvida em alguma meditação. Perdera os pais quando pequena e dedicava sua vida de órfã à Deus.

Enquanto estava doente, freqüentemente acordava no meio da noite, e sempre a via lendo a Bíblia sob a luz amarela de um abajur. O semblante branco, sentada ereta noite adentro, sempre me dava uma sensação indescritível de paz e solidão. Tal nobre e sublime sentimento parecia emanar de alguém que estava acima de nós mortais. E me perguntei meio inconscientemente que tipo de influência teria se eu me casasse com uma mulher como ela. Decidi que não haveria nenhuma outra mulher que pudesse escolher como minha esposa. Tão logo me recuperei de minha doença, disse isso a ela.

Contendo sua surpresa, mas, calmamente, recusou minha proposta. Tomei-lhe a mão à força, confessei todos os meus pecados no passado, e lhe falei que só com o seu amor sagrado poderia renunciar aos prazeres mundanos e pecados e começar uma vida verdadeiramente significativa. Ela escutou atentamente e, aos prantos começou a murmurar algumas orações repetidamente. As pessoas podem rir de mim ou pensar que estava louco, mas naquele momento acreditei verdadeiramente que ela era um presente do Céu, a única pessoa que poderia me salvar.

Mas, isto foi um grande engano. Se fosse só um engano, mas foi a causa de minha infelicidade. Não só apoiei-me nela como a mão divina de Deus, mas busquei oferecer-lhe o amor mais profundo. Foi, no entanto, impossível sentir aquele terno e carinhoso amor por ela. Tinha por ela somente um sentimento de respeito e não houve a união de duas almas numa só.

Num dia de primavera, estávamos só nós dois, passeando em nosso jardim, e eu estava tentando falar com ela sobre isto e aquilo. Era um dia lindo de primavera, como aquele dos sonhos. O céu azul brilhava como uma pedra preciosa, cerejeiras e pessegueiros estavam florescendo em todo o seu auge, e pássaros cantavam em alto som. Que melhor estação para causar chamas da paixão dos jovens do que a primavera? Quando estávamos para nos sentar num pequeno pavilhão debaixo das flores, segurei as mãos dela firmemente e a beijei na face. Ela entregou-se aos meus carinhos. Mas sua face não era só branca, mas fria como a neve. O frio que meus lábios sentiram esfriaram toda aquela paixão. Ela era como uma estátua de

mármore. Soltei suas mãos e olhei desnordeado para seu rosto. Ela olhou para mim e sorriu tristemente. Senti um calafrio. Eu mesmo não sabia por quê. Mas sem qualquer motivo, um sentimento de desgosto indescritível e repugnância nasceu em mim.

Levantei-me e caminhei só para a direção das árvores. Ela não me seguiu e ficou onde estava, olhando provavelmente para o céu com os olhos melancólicos habituais. Logo, eu a ouvi cantar um hino religioso em voz baixa, mas o tom dela naquele momento soava, por alguma razão, muito desagradável para mim. Simplesmente não entendi por que. Até mesmo quando levava uma vida boêmia, hinos que ouvi vindo das janelas de uma igreja em uma noite quieta e estrelada, eram músicas para acalmar meu coração, nunca algo para despertar um intenso sentimento de repulsão. Por que isto mudara agora? Senti-me miserável e caminhei além das árvores para o quintal, minha mente cheia de pensamentos incoerentes.

Esta área era um vasto campo de plantações, onde no verão floresciam belas flores de melões e feijões e um local que eu amava particularmente no momento do crepúsculo. Mas tudo que eu podia ver naquele momento era apenas uma vasta terra cultivada, pois a semeadura acabava de ser feita. E não havendo nada que obstruísse os raios primaveris que emanavam do céu, era ofuscante aos olhos. Inundei-me inteirinho com essa luz e sentia-me abafado, suando ligeiramente ao redor da testa. Não se ouvia mais o hino que ela estava cantando e tudo que podia ouvir eram os cantos de andorinhas que voavam pelo céu. Na primavera, às vezes é até mais tranquilo durante o dia que no meio da noite. Meus pensamentos confusos tinham desaparecido para algum lugar, e olhando absortamente para as nuvens brancas que se movimentavam languidamente a um canto do céu, dirigi meus passos em direção à extremidade da plantação, próximo à área da cozinha da casa.

Flores de pêssego em pleno auge prenderam minha atenção. Então, de repente, de entre as flores de pêssego, uma figura feminina. Eu parei. As flores de pêssego estavam florescendo em tal profusão que praticamente escondiam o telhado da casa e na janela que ficava justamente debaixo dessa sombra, uma mulher dormia absortamente com uma das faces sobre os cotovelos. Com a luz da primavera banhando todo o lugar e o reflexo das flores de pêssego tomando a janela, o perfil da mulher exibia um indescritível tom rosado. Olhando de onde eu estava, parecia uma pintura.

Era a empregada, que dizia ter dezenove anos e que viera há cerca de um mês atrás para nossa casa aprender boas maneiras. Eu não tinha nem tempo para pensar nessas coisas.

Rapidamente uma linda borboleta surgiu esvoaçante e pousou no gracioso lóbulo da mulher envolta num tom róseo, como que confundindo com a pétala de uma flor.

Esqueci-me completamente do mundo, de mim, de tudo. Naturalmente, naquele momento nem passava pela minha cabeça se amava ou não aquela mulher. Tudo que posso dizer é que devo ter sido levado pelo sangue que circula dentro de mim e que me disse para apaixonar-se e tocar no seu flamejante rosto. Tentei aproximar-me rapidamente. Mas, naquele exato momento, a mulher acordou de repente e, dando uma olhada, me viu, e durante algum tempo parecia não saber o que fazer. Correu para o quarto mais próximo.

Foi um incidente insignificante. Mas para mim foi um acontecimento marcante. A partir daquele dia, mesmo sem saber, comecei a recordar os tempos antigos, preenchidos com os prazeres da vida. Podia ouvir o som da música e os sussurros das mulheres bonitas e podia ver as bainhas vermelhas, das gueixas dançando, tremulando. Minhas decisões anteriores tinham desaparecido agora completamente. E fiquei totalmente desinteressado pela mulher a quem tinha respeitado como a reencarnação de Deus salvador, que tinha me resgatado, e a quem tinha compelido a se casar comigo. Perdoável se fosse só isso. Comecei a detestá-la cada vez mais. Tentei lutar contra tais pensamentos. Ao mesmo tempo fiz todo esforço para esconder dela minha mudança de sentimento. Mas aparentemente tudo foi em vão. Embora ela nunca tivesse dito ou demonstrado qualquer coisa, seus olhos tristes e cabisbaixos pareciam denunciar isso. Logo comecei a lhe ter receio e procurei manter-me distante de sua vista. Olhe, então, o que aconteceu. Ela parecia ter percebido isso também e passou a evitar-me e acabou por trancar-se o dia todo em seu quarto. Não sabia o que dizer. Só tinha vontade de chorar.

Por outro lado, eu simplesmente não podia deixar as coisas daquela forma. Disse para mim mesmo que desde que a escolhera como minha esposa, tinha que amá-la de qualquer forma. Mas, quanto mais lutava para me libertar do sentimento de repulsão por ela, mais a situação se agravava. Cheguei a sentir como se estivesse perdendo minha lucidez. Uma noite, pensei ter ouvido algum barulho e acordei assustado. Pensei ter sentido a presença dela, vestida com o uniforme branco de enfermeira, sentada à minha cabeceira, quando logo a seguir, pude ouvir uma voz vindo de algum lugar, lendo a Bíblia. A voz soou indescritivelmente tenebrosa e fantasmagórica. Instintivamente, pulei da cama, peguei o fósforo da cabeceira, e acendi a luz imediatamente. Mas, claro que não havia ninguém lá, somente o profundo silêncio da noite.

Desde então, quase todas as noites ouvia a sombria voz melancólica lendo a Bíblia, e não conseguia dormir tranquilamente. Pensei no que aconteceria se eu dormisse ao lado dela, como quando nos casamos. Tentamos, mas ficou ainda pior. Ao longo da noite, ambos não conseguíamos dormir. O corpo dela deitado ao meu lado era tão gelado quanto uma pedra, e era como se meu próprio corpo gradualmente perdesse seu calor. Se dormisse perto dela durante aquela noite, eu pensei, eu nunca poderia recuperar os sentidos do prazer de olhar para flores bonitas e apreciar o doce gosto de vinho morno, de forma que, em vez de meus sentidos responderem delicadamente a tais sensações, podem desaparecer. Tentei recuperar um pouco do calor, esfregando meu corpo com as palmas das mãos, mas foi tudo em vão. Se fechasse meus olhos e dormisse, eu sentia, tinha certeza de que iria morrer. Nunca poderia ver o sol quente da manhã seguinte brilhando sobre as flores no jardim e ouvir os pássaros que começam a cantar. Tais pensamentos me amedrontaram completamente, e não pude fechar meus olhos.

Então, com o passar da noite, sua frágil respiração começou a me incomodar. Às vezes, a sua respiração parecia se extinguir, entretanto voltava, e eu sentia como se a alma que habita o corpo dela estivesse ascendendo gradualmente durante a silenciosa noite para céu, com o qual ela constantemente sonhava e punha levemente minha mão sobre seu peito. Mas deitada de costas, com as mãos firmemente apertadas em cima do peito, não se mexia. De repente, algo gélido tocou minha mão. Retirei minha mão instintivamente, mas quando finalmente procurei novamente aquele objeto, descobri que era o crucifixo de ouro que sempre usava.

Desse modo fiquei fisicamente exausto por não poder dormir à noite, meus únicos momentos de descanso eram os cochilos durante o dia. Resolvi que para preservar minha vida não tinha outra opção senão afastar-me dela. Considerando que nada iria funcionar enquanto vivêssemos sob o mesmo teto, cheguei à conclusão de que deveria viajar, e decidi que deveria ir para o estrangeiro.

Assim, sem demora, falei para minha esposa que eu ia para os Estados Unidos para estudar. Minha esposa, como sempre, pareceu entender perfeitamente o que se passava em minha mente e não fez nenhuma objeção, aceitando meus planos. Mesmo sob o protesto, dei um terço de minha fortuna para suas despesas, e vim para este país sem muito propósito.

Não preciso lhe contar muito sobre o que aconteceu desde então. Como você sabe, os Estados Unidos é um país onde você pode ver, o melhor e o pior da sociedade, de forma que é

possível para uma pessoa seguir em qualquer direção, seguindo a própria inclinação. Assim é perfeitamente possível se viciar em um sonho de ópio, descansando a cabeça no ombro de um bela mulher nua, debaixo de luzes vermelhas em um quarto perpetuamente escuro, de um clube clandestino, ou experimentar uma vida religiosa no país, longe de glórias mundanas, escutando pela manhã e pela tarde os sinos da igreja que ecoam ao longo da tranqüila pradaria.

De qualquer forma, tenho uma visão geral da sociedade americana e não tenho nenhuma necessidade de permanecer aqui. Posso voltar a qualquer hora para o Japão para me ocupar com qualquer atividade empresarial que escolher, até mesmo de modo mais vistoso que antes. Mas ainda tenho uma dúvida. Será que não me sentirei nostálgico com relação aos prazeres mundanos novamente? Poderei voltar para meu país e viver feliz com minha gélida esposa? Claro que, todas as pessoas, em graus variados, têm um pouco de autocontrole, de forma que isto não será impossível para mim. Mas não ficarei satisfeito só com isso. Se com a mesma mão que abriu a Bíblia pela manhã quiser secretamente um copo de vinho pela noite (mesmo que seja capaz de abster-se) é melhor escolher o copo de vinho. O autocontrole nada mais é que a prova de um controle um pouco maior da vontade. Os presidiários são os maiores santos. Enquanto estão na prisão não cometem nenhum mal.

Já passei voluntariamente quase três anos nesta pequena cidade de Illinois, mas não estou totalmente seguro de mim. Pretendo experimentar mais uma vez a vida da cidade e ver as luzes brilhantes da cidade. E só então, pretendo tomar uma decisão sobre o meu futuro.

Amanhã, vou me despedir de você. Para comunicar-lhe a minha decisão, em breve irei lhe enviar uma das duas fotos. Se como eu imagino, eu tiver sucesso em eliminar meu desejo pelo prazer, então receberá minha foto de casamento com a enfermeira. Caso contrário...eu enviarei a foto de uma sensual dançarina, vamos dizer, da França. Deste modo você poderá adivinhar que tipo de vida estou levando".

(Dezembro de 1904)

5.4 - Beleza Inebriante

美人– Suibijin

No verão de 1904, fui visitar a Feira Mundial de St. Louis com um guia ideal. Ele era um americano chamado S., um artista que conheci numa pensão de subúrbio em Chicago e que se tornou um grande amigo. S. me disse que seu trabalho estava exposto na Feira e como ele morava em uma vila em Missouri, chamada *Highland*, que não ficava distante de St. Louis enviei-lhe um telegrama e depois peguei um trem de Michigan rumo ao Norte.

A viagem levava de quinze a dezesseis horas e a paisagem ao longo do caminho, como é tão comum no continente americano, não tinha mais do que vastos campos de milho. Era repleta de riachos, onde o gado bebia água ou colinas com duas ou três casas de fazendeiros e aglomerações de árvores que pareciam com pomares. Sem me entediar, cruzei o estado de Illinois, levado por imaginações divertidas. O trem atravessou a famosa East Bridge construída no leste de St. Louis, cruzando o amplo rio Mississippi.

Até que os telhados nos arredores de St. Louis pudessem ser vistos, inúmeros vagões de trens de carga, que vinham de todo o norte do continente americano podiam ser vistos como uma teia de aranha sobre a cidade do centro-oeste. Entre o pó e a fumaça do carvão, nosso trem entrou naquele emaranhado de trilhos, que estava repleto de sons combinados num rugido. Enormes locomotivas parecidas com montanhas iam e voltavam, soltando fuligem. O trem passou no meio de duas filas de vagões, em direção ao leste e , enquanto isso, era possível ver outro trem se movendo em nossa direção. Trens que pertencem a Companhia de Estradas de Ferro dos Estados Unidos chegam às plataformas desta grande estação central.

Desci do trem e caminhei com a multidão até o fim da longa plataforma. Quando saímos pelo portão de ferro, havia um mar de chapéus de homens e de mulheres, numa praça cimentada, sob um telhado alto. Mas, os americanos estão acostumados com essa confusão. Meu amigo S. me viu e veio correndo. Com alegria “Como vai?”- a saudação padrão no ocidente- apertou minha mão.

Dispensando formalidades, perguntei-lhe que obra estava expondo e me respondeu, como se estivesse muito contente “*Obrigado*” duas vezes. Porém, disse que falaríamos sobre o trabalho depois.

Como os hotéis da cidade estavam lotados e insuportáveis neste calor, ele sugeriu que eu fosse a *Highland*. Então, me conduziu para fora da estação, debaixo do sol de verão. Caminhamos por, aproximadamente, dois blocos, em ruas abarrotadas de carruagens e pessoas.

“Nós andaremos naquele carro azul por uma hora e, então pararemos em *Highland*, em frente a minha casa”, disse S., acenando para o carro nos pegar.

Entramos e, assim, gradualmente deixamos para trás as ruas congestionadas de *St. Louis*.

Atravessando a cidade, que como a todas as metrópoles, era repleta de cabanas sujas, tavernas, alojamentos baratos, que se misturavam com fábricas de tijolos, logo vimos bosques de árvores de boldo e de carvalho sobre a luminosa grama selvagem, cobrindo ambos os lados, sem interrupção. Como era adorável a luz refletindo nas folhas minúsculas e a cor azul do céu, que podia ser visto de vez em quando por entre as árvores. Como os bosques de *Missouri* eram suaves, amigáveis, em contraste com as florestas escuras, úmidas, vastas e profundas que ocupam a costa noroeste da América do Norte, que evocavam medo nos homens.

“Eu gosto destes bosques”, murmurei e S. disse feliz: “ Eu moro em uma pequena vila no meio destes bosques de boldo. Não tem nada como a grama verde, o rio e o céu azul A proprietária do local onde moro tem vacas e ovelhas e estou certo de que preparará um delicioso sorvete caseiro para você”.

Ele tirou o relógio e disse, “Nós estamos quase lá. Logo passaremos por uma vila chamada *Kirkwood*. Depois dela, estaremos em *Highland*”.

Enquanto ele falava, parecia que estávamos passando pelo local mencionado, com enormes igrejas de pedra e casas tradicionais. Cruzamos outras árvores e depois de descer e subir durante algum tempo S. bateu de leve no meu ombro e disse: “Aqui estamos”.

Quando desci do carro, percebi que realmente era uma vila calma, onde praticamente só se via o colorido do céu e a folhagem verde. Em contraste com *St. Louis* e outras cidades grandes, onde a temperatura no verão era altíssima, aqui estava fresco, com brisas que sopravam entre as folhas. Nos campos, além dos bosques, o gado estava mugindo languidamente na tarde de verão, enquanto nos quintais das casas próximas galinhas estavam

começando a cacarejar. Recordando o tumulto e a confusão de *St. Louis*, que tinha deixado para trás há apenas uma hora, era como se estivesse num sonho.

“É um pouco longe da Feira, mas podemos chegar lá de trem, em quarenta minutos. Não quer ficar aqui?” S. perguntou.

Como poderia contestar? Nas vilas próximas, todas as casas estavam alugando o melhor quarto disponível a turistas e, especialmente este ano, para visitantes da Feira. Então, decidi ficar em um quarto, duas casas abaixo de onde S. morava.

No dia seguinte, fomos à Feira. Mas, antes de visitar o local, precisava ver o trabalho de S.

Juntos, pegamos o trem até a entrada inferior da Feira e, passando uma árvore, entramos na galeria de arte, que era separada em três edifícios. O prédio central exibia obras dos Estados Unidos e S. me disse que seu trabalho estava exposto lá. Pedi que me levasse até lá. Foi à minha frente, passando por algumas obras. “Lá”, disse. Parou, voltando-se para mim, apontou um quadro de uma mulher nua.

Ele deve ter usado como modelo uma mulher do Egito ou da Arábia. Mulher roliça tinha cabelos e olhos negros. Estava deitada de costas em um sofá, com a cabeça inclinada e segurando uma taça de vinho pela metade. As pálpebras dos seus olhos grandes e luminosos pareciam pesadas pelo efeito da bebida, mas eram de expressão indescritível, como se estivessem contemplando algo. Durante algum tempo, S. permaneceu calado, contemplando a beleza nua e, então disse: “Claro que tive muito trabalho com esses olhos inebriantes. Mas, o que me deu mais trabalho foi a cor da pele, embora as pessoas não dêem muita atenção a isso. Pensei comigo, o corpo inteiro é permeado com o calor do vinho, enquanto dentro das veias cresce as paixões do chamado clima tropical. Eu acho que o significado disso foi que consegui mesclar a expressão dos olhos com o tom da pele, banhada pela luz. O que você achou? Não concorda?”

Eu não soube lhe responder e continuei contemplando a pintura em silêncio, mas ele retomou imediatamente, “Pode ser que esse tipo de tema devesse ser incluído dentro das artes. Na verdade, tive a idéia de tentar tal trabalho, após escutar a experiência de um amigo francês”.

Ele queria continuar, mas naquele momento um grupo de diversas mulheres entusiasmadas entrou no cômodo. Então, ele as observou e disse: “Por que não damos uma volta? Nas galerias, há alguns trabalhos de mestres ingleses e franceses como *Millet* e *Corot*”.

Depois de ver a maior parte dos trabalhos expostos no pavilhão central, entramos no prédio leste e observamos as pinturas vindas da Inglaterra, Alemanha, Holanda, Suécia e outros países. O tempo passou rápido e já eram quase seis horas, o horário de fechamento. Então, decidimos voltar outro dia para ver as obras da França, Bélgica, Áustria, Itália, Portugal e Japão, no pavilhão oeste. Saímos do prédio leste com a multidão de pessoas. Exaustos, sentamos em um banco ao pé da entrada da sala de concertos, em cuja entrada principal havia três escadarias largas e uma cascata que caía de uma enorme base.

Esta área tem o prospecto mais espetacular do espaço da Feira, com uma circunferência de mais de sete milhas. Ao olhar para baixo, temos a visão acima da entrada principal e a praça com um monumento alto e numerosas estátuas. Entre os edifícios enormes, que pareciam castelos, podia-se ver um lago que parecia um rio com quedas d'água. Até mesmo navios pequenos e gôndolas de vários tamanhos, que flutuavam ao redor da lagoa podiam ser vistas de onde nós estávamos.

Isto já era uma visão surpreendente, mas espere até que sinos comecem a soar em algum lugar na Feira e, simultaneamente, o sol se ponha completamente além dos bosques. Então, todos os edifícios brancos ficam iluminados com luzes azuis, vermelhas e outras cores. As estátuas nuas se levantam sob o céu azul pálido como se, tendo absorvido essas luzes, despertassem naquele instante do sono e ficassem flutuando ao redor das escadarias e telhados de vários edifícios, prontos para começar a dançar com a música que começa a ser ouvida nos arredores.

Uma cidade extraordinária! Seguramente, este é um dos mundos mágicos criados pela riqueza dos americanos.

Eu estava simplesmente pasmo e olhei ao redor num deslumbramento. S. estava ocupado mastigando o tabaco e observando a multidão de pessoas que subiam as escadas. Sempre que uma mulher particularmente jovem e bonita passava, ele acenava com a cabeça e a observava caminhar.

“Não tinha mais ninguém que pudesse usar como modelo?”, perguntei. Ele respondeu enquanto fumava, “São difíceis de achar. Mas é muito divertido ver mulheres com seios grandes, mesmo que não sejam boas como modelos. Este prazer é um grande privilégio que Deus nos concedeu, então, nós homens temos o dever de dedicar nossas vidas inteiras ao estudo das mulheres. É difícil alcançar um francês quando se trata disso. Eu tinha um amigo

muito próximo, um jornalista que veio da França. Ele estava estudando avidamente quanto prazer o corpo masculino poderia receber de uma mulher, mas morreu jovem enquanto fazia essa pesquisa. Ele se sacrificou. Isto aconteceu há um tempo, mas eu sempre quis expressar uma de suas experiências em um de meus trabalhos. Essa é a razão pela qual fiz aquela pintura singular... Eu lhe disse o título? A beleza nua inebriante. É chamada de *O momento antes do Sonho*”.

Esqueci de mencionar que S. é um francófilo, mas nunca esteve na França e também não conhece muito a língua. Mas, ele acredita, arbitrariamente, que como seus ancestrais são franceses vindos ao novo continente há cerca de cem anos atrás e, especialmente, desde que seu avô casou-se com uma atriz francesa, já estava certo que ser artista estava em seu sangue. Ainda, concluiu que a determinação e a racionalidade dos americanos não era bom para se tornar um artista.

Depois de fumar o cigarro, puxou outro, me ofereceu e continuou: “A pesquisa daquele homem foi valiosa para nós. Seu nome era Monsieur Mantéro. Quando veio pela primeira vez à América, costumava reclamar que jamais poderia viver em um país não civilizado, que fora algumas mulheres, tudo o que se via eram judeus com narizes pontudos e negros com lábios grossos, ou que não havia um único lugar em que se pudesse ter um bom jantar. Mas, estranhamente, logo ficou obcecado por uma mestiça negra.”

A razão foi que, numa noite, depois ter jantado, andou sem rumo e passou por um bar. Na entrada tinha vários pôsteres e fotos, incluindo a pintura de uma mulher dançando. Na França, o local de nascimento daquelas pinturas, podia-se encontrar centenas, até milhares delas em apenas uma hora nas ruas. Assim, M. Mantéro não prestou muita atenção. Mas, ao invés de continuar andando, comprou uma entrada e entrou.

Era o tipo de lugar que podia ser encontrado em qualquer cidade americana. Depois de algumas acrobacias, um número cômico e uma rápida apresentação de instrumentos musicais, uma mulher negra saiu dos bastidores e começou a dançar energeticamente. Tinha o cabelo curto partido ao meio e vestia uma roupa curta que expunha seu torso superior. Mas, para os olhos de Mantéro, ela não era nada incomum. Mal podia abafar o bocejo que subia pela garganta, mas continuou a olhar vagamente na direção do palco. Então, de repente, percebeu como o corpo dela era rechonchudo- talvez fosse típico de uma jovem negra- e disse para si que seria de grande valor o estudo da diferença do corpo de uma mulher negra e o corpo de

uma mulher branca, algo que nunca tinha pensado antes. Assim, começou a prestar mais atenção ao palco, onde a mulher, acenava apaixonadamente com seus grandes olhos escuros todas as vezes que saía para descansar, após um número de dança. Seu interesse despertou novamente. Aquele olhar, ele pensou, não pertence a nós humanos civilizados. Particularmente, faz lembrar um animal doméstico implorando ao dono por comida. Pensando assim, Mantéro não pôde mais suprimir sua curiosidade- ou ainda, como estava habituado a forçar tal curiosidade, ele não hesitou em retornar ao mesmo show de comediantes por mais de três noites. Tudo foi muito fácil. Eles se cumprimentaram e em menos de uma hora já estavam de braços dados como se fossem velhos amigos e foram para o quarto dela.

E então descobriu algo: diferente de uma mulher de um país civilizado, essa mulher de sangue misto não tinha o mínimo desejo de se desfrutar com a insignificância dos sentimentos dos homens, usando gestos artísticos e delicadeza ou conversas sugestivas. Principalmente, do tremer mais leve de seus cílios aos movimentos sutis das pontas dos dedos, parecia tentar sentir todo o prazer que poderia obter através das sensações corporais.

Isso aconteceu numa noite fria de inverno. Ela fechou o quarto completamente e preparou um sofá macio com tapeçaria aveludada. Os dois se estenderam nele, enquanto ela aquecia a ponta dos dedos e a sola dos pés nus, já liberto de sapatos e meia-calças. Em seguida, cruzou os braços atrás da cabeça e, como se todas as partes de seu corpo gradualmente se aquecessem, ela se espreguiçava. Um vez que sentia todos os músculos relaxarem, pela ultima vez flexionou o corpo, da ponta das mãos até a ponta dos pés. Então, respirando fundo, e já sem forças, rapidamente caiu sobre o corpo dele e, fumando um cigarro Turco, contemplava a fumaça azul que perdurava imóvel na luz de um abajur.

Depois de um tempo, terminou de fumar os cigarros com ele e esvaziou, em um gole, o copo de vinho, que para ela era mais valioso do que jóias. De uma vez, o sangue que parecia ferver em todo seu corpo com tremenda força, causado pelo calor do vinho e o fogo do coração. Suas pálpebras pareciam pesadas, como se estivesse cansada para abri-las. Ainda assim, ela o encarava intensamente. Mas, só durou um momento e logo em seguida deixou cair seus braços no chão como se tivesse perdido os ossos e cochilou. No exato momento de entrar no mundo dos sonhos, acreditou que não era o paraíso terrestre.

Esta curiosidade descoberta deve ter dado grande satisfação a Mantéro. Visitou os aposentos dela por três meses, sem falhar uma única noite. Mas, como é comum no caso de tal

pessoa, tão logo como a mudança do tempo, ele começou a almejar algo diferente. Estava decidido a vê-la uma última vez antes de partir e disse a ela “Estarei ocupado com meu trabalho por um tempo e não poderemos nos ver”. Na noite seguinte, após sair do restaurante onde sempre jantava, notou as luzes radiantes das lâmpadas ao longo das ruas da cidade e pensou que as mulheres que passavam pareciam ainda mais insinuantes do que durante o dia. Ele parou ao canto de um cruzamento, mas uma estranha sensação, algo que jamais havia sentido fez com que se sentisse impaciente e o forçou a andar rápido, mais rápido, a um destino desconhecido. Mas, quando voltou a si, para sua surpresa, ele se achou em frente à casa que a mulher morava.

Era muito tarde para retornar agora, então, bateu à porta. Ela o cumprimentou e, longe de demonstrar qualquer surpresa ou felicidade ao vê-lo depois do que ele havia lhe dito na noite anterior, pegou a mão dele, como sempre fazia e o levou até o sofá, onde estavam acostumados a sentar juntos. Foi como se ela já soubesse que ele voltaria.

Ele recordou que na noite anterior, quando disse a ela que não seria possível retornar, a mulher não demonstrou tristeza e disse calmamente: “Oh, é mesmo?” Talvez isso já sugerisse que ela sabia que ele estava destinado a retornar. Por alguma razão, essa lembrança o aterrorizou. Quando pensou que deveria sair do quarto e estava a ponto de se levantar, ela agarrou suas mãos e jogou seu corpo contra ele.

O corpo da mulher era quente como o fogo. Ele sentiu o calor quando ela segurou sua mão e, num instante seu coração começou a bater dolorosamente, como se ela sugasse todo o calor de seu corpo. Naquele momento, a mulher o olhou intensamente com seus olhos grandes, profundos, negros e disse com voz suave: “Então não voltará após esta noite?”. Mas, já não tinha energia para responder.

Os olhos fixos nele pareciam expressar emoções ferozes e poderosas...como se fosse dizer, você pode lutar para fugir de mim, mas uma vez que eu o tenha dominado, eu nunca o deixarei ir’. Sentiu um tremor em todo o corpo. E não pôde evitar a sensação de desespero vindo do fundo de seu coração, sentindo que não havia nada que pudesse fazer, que ele era a presa da mulher-igual a um rato perante o gato, ou um carneiro diante de um lobo.

Coitado! Mantéro estava tão confiante porque era homem, o mestre que havia amado e flertado com a mulher, como se ela fosse um bicho de estimação dócil. Mas com o tempo, consciente ou inconscientemente, ele ficou sob o poder invisível que envolvia o corpo dela e

não podia se livrar. A história pode parecer familiar a você. Por exemplo, em uma lenda Persa ou Turca, há uma história, que fala sobre um animal obcecado por uma bela jovem rainha. O animal a mata. Talvez esse cavalheiro francês tenha se tornado o objeto da obsessão da garota negra, que tinha mais sangue animal do que humano.

Ele ficou cada vez mais fraco e só os olhos reluziam. Quanto mais lutava desesperado para se afastar dela, mais próximo ficava. Foi, acho, um ano depois que ele ficou muito doente. Para evitar o inverno rigoroso dos Estados Unidos, retornou a França e se dirigiu para o clima ameno da Itália. Mas, lá ficou com a doença da febre, que é trazido dos ventos do sul. Como estava tão debilitado, era mais do que podia suportar e sua vida acabou ali.

S. terminou a história, sorriu e continuou: “O que você acha?” Mantéro morreu fazendo o que desejava, exatamente como um guerreiro morrendo na guerra. Então eu o saúdo mesmo que seja triste.

“Está ficando tarde. Vamos imitá-lo esta noite e saborear a carne e o vinho tanto quanto nossas línguas puderem agüentar. Qual restaurante devemos escolher? Venha, vamos.”

S. levantou do banco onde ficamos sentados durante um longo tempo. Eu o segui e descemos as escadas degrau a degrau, sob várias estátuas nuas.

Na brisa da noite de verão, incontáveis casais estavam no Plaza, perto da lagoa e debaixo das árvores. A noite brilhou com as luzes, levantando entre o alvoroço criado por todos os tipos de músicas e vozes.

5.5 Cabelos Compridos

長髪- Chôhatsu

Diferente do interior, onde a chegada da primavera é marcada pelo desabrochar das flores e o canto dos pássaros, em Nova York, que é feita de pedra, aço e asfalto, as pessoas sentem a proximidade da primavera pelas últimas tendências dos chapéus femininos sendo expostos nas lojas.

Passa março, o mês dos ventos e abril chega com sua longa tarde. O domingo de Páscoa é o dia escolhido para colocar roupas de primavera mesmo que o tempo esteja imprevisível e que o dia seja frio. E as mulheres de Nova York esperam, impacientemente, para trocar seus ornamentos de inverno e subir em carruagens e carros, excitadas, com saias chiques esvoaçantes.

Eu sou um dos que amam a moda deste país, tão rica em sua variedade de cores e então, um dia, decidi tirar vantagem do bom tempo ao invés de ver a multidão de pessoas. Por volta das três da tarde, peguei um pedaço de bambu e caminhei, sozinho, da Quinta Avenida até o Central Park. A visão da quantidade de carruagens e carros, um atrás do outro, movendo-se devagar sob os raios de sol da primavera serena era como o Bois de Boulogne de Paris à tarde, que havia visto em fotos.

Observadores deste grande espetáculo estão sentados, lado a lado, nos bancos em ambos os lados da rua, e logo achei um banco para mim.

Sozinho, observando cada ocupante dos carros, eu refletia sem parar sobre a escolha do estilo e o grau de bom gosto das pessoas.

Não muito tempo depois, uma carruagem se aproxima, avançando da sombra das árvores suntuosas ;tudo é de um azul escuro profundo, das quatro rodas até o uniforme do motorista, inclusive seu chapéu.

Este chamativo azul escuro pode não ser considerado tão interessante em qualquer lugar, mas aqui, está em harmonia com o claro céu azul da primavera e o refrescante verde das plantas, e atraem a atenção das pessoas. Eu também estava curioso em ver que tipo de pessoas ocupavam a carruagem. Conforme se aproximava, percebi uma mulher usando um chapéu de penas de pavão tingidas com o mesmo azul escuro e vestes chamativas para combinar-ela, no entanto, não era muito jovem. Ao lado dela estava um jovem cavalheiro, de origem difícil de

definir, com longos cabelos negros que chegava até os ombros exatamente como os homens do século XVIII, usando um curto bigode vermelho e óculos presos a um laço vermelho.

As pessoas sentadas nos bancos estavam, evidentemente, chocadas com esta curiosa cena, e murmuravam entre si:

“ De que país este homem veio?”

“Talvez México”

“Mas a cor negra de seus cabelos deve ser de origem espanhola, então provavelmente ele é da América do Sul.”

O cocheiro segurava as rédeas e a carruagem passou em frente aos meus olhos e imediatamente desapareceu em meio aos carros que continuavam a vir.

A conversa dos espectadores também continuava e dizia respeito ao que se passava diante deles, mas eu continuei a olhar à distância para ver se eu poderia ter um flash da carruagem azul escuro que estava seguindo avenida abaixo.

Isto, contudo, tinha a ver com a senhorita na carruagem, mas o fato é que eu estava convencido de que o cavalheiro de cabelos negros era japonês. Quando eu o vi pela primeira vez ele me impressionou, como fez a outros, como algo bizarro, mas quando olhei atentamente para ele, a expressão formada entre suas sobrancelhas e seus olhos claramente provou que ele era da mesma raça que eu, por mais dissimulada que fosse sua aparência.

Que tipo de japonês ele era? A senhorita loira era sua esposa? Ou era apenas uma amiga próxima?

Felizmente, em menos de uma semana eu fui capaz de satisfazer minha irresistível curiosidade. Isto aconteceu, pois recorri a um colega japonês, que tinha se graduado na Universidade de Columbia recentemente e agora tinha algumas conexões com o jornal de Nova York. Após uma conversa, eu mencionei o assunto e ele respondeu num tom sugerindo que sabia o assunto que estava por vir: “ É isso? Então você viu aquele homem? Concorde que ele não parece ser um japonês à primeira vista?”

“ Que tipo de pessoa ele é?” Você o conhece?”

“Sim, de fato. Ele veio comigo aos Estados Unidos, no mesmo navio e depois, quando entrei na Universidade de Columbia, nós estávamos novamente juntos...”

Então ele me contou a seguinte história.

O nome daquele homem era Fujigasaki Kunio. Ele era o filho mais velho de uma família rica. Viera aos Estados Unidos estudar e ingressara na Universidade de Columbia, mas freqüentava as aulas meramente pela aparência e gastava seus dias se divertindo, devotado a viver relações sem compromisso com estudantes americanos, tanto homens quanto mulheres, fazendo piqueniques, andando a cavalo, dançando na primavera e esquiando no inverno.

Um, dois anos se passaram, e o terceiro recesso de verão chegou. Como eu não tinha dinheiro suficiente para pagar meus estudos, ganhava um pouco durante o verão, reorganizando os livros na casa de um certo professor, Dr. Fulano. Kunio não tinha esta necessidade e fora visitar desde as termas do Colorado, que pode ser chamado de Suíça do Continente Americano, até o Yellowstone Park, que é considerado uma das sete maravilhas do mundo.

O outono estava próximo. A Universidade reabriu e os estudantes retornaram de todos os lugares, mas não havia notícias de Kunio.

Eu achava que talvez Kunio tivesse se entediado com a escola. Dada sua personalidade, isto seria compreensível. Ele sempre preferira divertimentos a livros, nem tanto divertimento, mas antes ele gostava de passar o tempo sem fazer nada. Eu costumava vê-lo deitado confortavelmente em um sofá comprido em sua sala de estar ou na grama verde na sombra de uma árvore, fumando calmamente ou observando as nuvens no céu, sem pensar ou fazer nada. Eu costumava dizer para mim mesmo, que não poderia existir pessoa mais preguiçosa no mundo.

Eu sabia que não seria útil dizer o quanto o desaprovava, mas mesmo assim escrevi algumas cartas a ele, pensando que talvez voltasse à escola. Como não sabia se tinha retornado de suas viagens e eu não tinha seu endereço atual, enviei as cartas para a casa em que vivera antes das férias de verão.

Não tive resposta. Sentindo-me um pouco desapontado, uma noite fui caminhar e parei naquela casa. A dona saiu e me disse que Kunio havia retornado há cerca de duas semanas, então se mudara para um endereço a Oeste do Central Park. Curioso, fui até aquele local. Era um prédio alto, com cerca de dez andares, de frente para o Central Park.

Dirigi-me a um porteiro negro vestido com um uniforme roxo com brilhantes botões dourados, e ele disse que o cavalheiro japonês tinha um quarto no oitavo andar. Peguei o elevador e toquei a campainha.

Como era um prédio enorme, havia isolamento acústico. O ar do corredor era gelado e parado, como no interior de uma igreja, o som da campainha podia ser ouvido claramente ecoando num canto distante do aposento.

Eu esperei algum tempo até alguém aparecer, mas não havia movimento. Então tentei pressionar a campainha por mais tempo. Finalmente, escutei sons de passos e uma moça abriu a porta, mostrando apenas seu rosto.

Tirei o chapéu, cumprimentei polidamente e disse: “Eu gostaria de me encontrar com um japonês chamado Fujigasaki.”

Imediatamente a moça me levou a uma saleta e quando andamos pelo corredor ela me olhou furtivamente.

A moça tinha por volta de vinte e sete ou vinte e oito anos.

...Ela tinha um rosto redondo com um queixo pequeno, e seus claros olhos azul-esverdeados com cílios longos, tinham a usual e indescritível expressão típica da mulher ocidental. Mas aos meus olhos, ela parecia um pouco indecente e lasciva, talvez devido ao cabelo loiro preso, quase caindo em seus ombros, usando vestido longo próprio para ser algo apropriado para o dia, expondo seus ombros e braços.

Fui levado à saleta e deixado sozinho, esperando por Kunio. No quarto ao lado eu pude escutar a moça conversando com alguém, presumivelmente Kunio, e logo a porta se abriu e ele entrou na sala.

Exclamando, “Eu sinto muito”, olhou-me furtivamente e abaixou seus olhos como se estivesse embaraçado. Assumindo um ar calmo, eu disse: “Suas viagens devem ter sido muito divertidas, mas ...a propósito, como vai a escola?”

“Ah, a escola. Eu simplesmente perdi a chance de ir. Vou desistir”

“Mas é uma pena desistir agora. Se for às aulas por mais um ou dois anos, poderá pelo menos se formar.”

“Eu não pretendo parar, mas de alguma forma de manhã...Eu custo a acordar.”

Não sabia o que dizer e permaneci em silêncio. Através das janelas emolduradas por cortinas, raios da tarde incidiam sobre as árvores no parque, que começavam a ficar amarelas. De repente, um som veio da sala ao lado. Alguém tocando o piano, ou mais, brincando para passar o tempo. Parou abruptamente, em menos de cinco minutos, o silêncio retornou.

Kunio parecia escutar atentamente sem estar consciente disto, mas de repente disse, como se tivesse se referido: “Eu realmente aprecio sua preocupação. Eu também li suas cartas. Mas para o momento...eu retornarei à escola algum dia, mas por enquanto não penso em ir à escola.”

“É mesmo? Neste caso, eu não insistirei, mas me diga, por que tomou essa decisão?”

Eu perguntei casualmente, mas de alguma forma ele pareceu entender a palavra “decisão” seriamente. Surpreso, ele me encarou por um momento e disse, como se tivesse mudado de idéia: “Não é que tomei uma decisão. É que tenho andado entediado com as leituras, e gostaria de me divertir a pretexto de descanso.”

Retornei à minha casa sem respostas, mas após três ou quatro dias, enquanto estava caminhando no boulevard ao longo do banco do rio Hudson, em uma agradável noite de outono, eu avistei Kunio e a moça, juntos em uma carruagem.

Neste país não é nada incomum um homem e uma mulher passeando juntos, mas me ocorreu, sem razão particular, que algo acontecia entre eles e que Kunio desistira da escola por causa disto. Como sempre acontece quando a curiosidade de alguém é aguçada, quis descobrir se minha suspeita seria justificada, e então continuei a visitá-lo.

Estas freqüentes visitas devem ter sido incômodas para Kunio, mas para mim eram muito úteis e com o tempo aprendi que minhas conjecturas não estavam completamente infundadas.

Por exemplo, um dia fui a casa deles, seguindo a empregada negra, que como sempre atendeu a porta, e os vi sentados próximos um do outro, no sofá perto da janela, observando o parque; em outra ocasião, eu cheguei no momento em que estavam degustando vinho no mesmo copo.

Ao menos estava claro que estavam apaixonados. Mas eu planejava saber como a relação tinha começado. Quando uma oportunidade apropriada apareceu, pressionei Kunio, que não era tão reservado como antes, e ele me disse que tinham se conhecido em uma estância na montanha durante suas viagens de verão. Ele disse que ela era uma mulher divorciada de um homem rico.

“Por que ela é separada?”, eu indaguei.

“Porque ela perdeu a moral”, respondeu e me contou, talvez contra sua vontade, tudo o que sabia.

“Em uma palavra, pode-se dizer que ela fora infiel. Ela diz, por exemplo, que se lê um romance e o acha interessante, quer imediatamente experimentar as mesmas coisas. Então, aconteceu que menos de um ano após ter se casado, apaixonou-se por um músico polonês, com sangue tártaro, e teve encontros secretos com ele. Seu marido descobriu e divorciou-se, depois de um acordo, deixando-lhe um quarto da fortuna. Uma vez que tal evento embaraçoso torna-se público, não se pode mais conviver em uma sociedade respeitável. Não importa quanto dinheiro tenha ou quão bonita seja, está fora da convivência social. Quando isto acontece, é fácil para qualquer um desistir e ficar desesperado. Esta mulher também começou a fazer de brinquedos todos os tipos de homens.”

Eu estava perplexo e pergunte: “Mas você...você sabe que ela é uma mulher tão depravada e ainda a ama?”

Kunio sorriu em silêncio, como se quisesse dizer, é claro. Eu fiquei ainda mais atônito e continuei: “Você realmente acha que ela o ama, uma mulher tão terrível?...Mesmo que o ame agora, não acha que é só questão de tempo antes que ela comece a flertar com outro homem?”

“É claro, eu não posso ter certeza. Mas, eu não me importo se durar apenas por um tempo, tão longo como um breve momento, se cinco minutos ou mesmo um, me traz suavidade, não a dor. Em outras palavras, não acha que vale a pena ter um sonho prazeroso?”

Ele sorriu novamente e me olhou como se tivesse pena, um típico acadêmico, por simplesmente ser incapaz de entender algo, exceto assuntos escolares.

Por um tempo eu fiquei totalmente perdido para entender a questão. Como Kunio sentia qualquer afeição pela moça, conhecendo todo seu passado imoral, tão terrível de escutar?

Tempos depois, lendo *Sappho* de Daudet e outros livros, eu entendi, que em certas circunstâncias, os homens são capazes de se apaixonar por mulheres de tal passado, mesmo sentindo uma intensa aversão à elas. Mas os sentimentos de Kunio em relação à moça parecia ser de um tipo totalmente diferente.

Eu continuei a vê-lo freqüentemente. Cada vez eu aprendia a lidar com o problema de um ângulo diferente, até que finalmente encontrei a verdade. A conclusão era que, enquanto certa vez senti-me revoltado e até desejei cuspir em seu rosto, após observar a situação mais profundamente, mudei de idéia e acabei derramando lágrimas de pena por Kunio ter nascido com aquela infeliz natureza.

Pobre Kunio! Nele não há o menor senso de auto-confiança, força, amor sincero. As posições usuais do homem e da mulher são completamente opostas para ele. Apesar de ser um homem, seu ideal é ser carregado nos braços de uma mulher e passar a vida como num sonho, sob sua proteção. Viver a vida de um, digamos, gigolô.

Quando estava no Japão, ele freqüentava os locais de prazeres desde cedo, mesmo antes de atingir certa idade, como muitos jovens rapazes que são fascinados por eles. Tinha dinheiro, vinha de uma família exemplar, e também era atraente, então muitas mulheres interessavam-se por ele. Entre elas havia jovens belas, mas ele não se interessava por elas, encontrando satisfação em tornar-se amante de uma velha gueixa que o tratava como um irmão mais novo.

Há muitos no mundo que procuram a afeição de uma mulher mais velha levados pelo interesse econômico. Mas ele era diferente, possuído por desejos singulares mesmo sem pensar em sua honra e posição, que são mais valiosos do que a riqueza. Por que ele inveja os atores que são mantidos como amantes pelas mulheres ou a sorte de uma carreira de *shamisen*? Nem mesmo ele poderia explicar.

Sua família o acusou de desgraçar seu nome e praticamente o deserdou por um tempo, mas isto era mais ou menos o que ele queria, e deleitou-se com uma vida alusiva à da Era Edo, carregando o casaco da amante em seus ombros sob a chuva de primavera, saía para o banho matinal.

Isto foi demais para o local e sua família, e finalmente decidiram que a melhor solução era mandá-lo para o exterior. Foi assim que Kunio veio estudar nos Estados Unidos. Mas, infelizmente, no que pode ser chamado de ironia do destino, nosso nobre jovem, tendo viajado muitos quilômetros, mais uma vez apaixonou-se por uma bela amante e esqueceu-se de sua terra natal, de seu país, sem mencionar de si próprio.

Foi realmente uma ironia do destino, repeti a mim mesmo. Agora faz quase dois anos que Kunio é mantido por aquela moça. Não parece divertido, e como disse, é triste ver o quanto ele se esforça para distraí-la e, assim, não ser abandonado por ela.

Conheço muitas histórias interessantes. Mas eu queria explicar por que o homem que encontrei no parque usava seu cabelo tão longo.

Mulheres, geralmente, tendem a se tornar mais violentas e tirânicas conforme os homens ficam mais acomodados. Especialmente alguém como ela, rejeitada pela sociedade e vivendo em situações adversas por tanto tempo, tornam-se sensíveis e nervosas sem razão. Ela faz

coisas como quebrar seus pertences ou jóias ou até mesmo machucar seu amante embora o ame muito.

Mas Kunio tolerava tudo. Um dia, por exemplo, sem pena, ela atormentou Kunio e, no final, começou a destruir seu lindo penteado, tirou as jóias e despedaçou, com seus pés, o pente cravejado de pedras. Era difícil dizer o que estava sentindo, mas era como num banho com água fria em um dia de verão...por isso, ela pediu a Kunio que deixasse crescer seus cabelos como o do retrato de Henrique IV.

Imediatamente, Kunio deixou crescer seus brilhantes e abundantes cabelos negros, que alcançaram seus ombros.

Quando você o viu na carruagem, deve ter pensado que seus longos cabelos eram a marca de extrema elegância, mas na realidade ele fizera tudo isto para propiciar a ela alguma sensação de alívio, deixando-a arrancar seus cabelos sempre que ela ficasse com raiva.

Maio de 1906

5.6 Primavera e Outono

春と秋– Haru to Aki

Em uma pequena cidade provinciana ao sul de Michigan, próximo à linha de trem que liga o oeste ao leste, entre Chicago e Nova York, há uma universidade chamada K (Faculdade de Kalamazoo). Entre os estudantes, há três japoneses, sendo dois homens e uma mulher. Yamada Tarô e Takezato Kikue são estudantes de teologia, ambos enviados pelas suas igrejas no Japão. O terceiro, Ôyama Toshiya, não tem nada a ver com religião, mas está registrado no Departamento de Ciência Política.

Os três vieram aos Estados Unidos no mesmo ano e acabaram nesta escola. Como resultado, quando se encontraram pela primeira vez, ficaram tão surpresos que mal se cumprimentaram.

Particularmente Toshiya, estudante de leis, pensava que seria quase impossível encontrar uma mulher da mesma nacionalidade, com cabelos e olhos negros, nesse remoto país estrangeiro. Sempre que encontrava Kikue nos corredores da escola, no refeitório ou em qualquer outro lugar, a seguia com os olhos. Tanto que em um mês era capaz de delinear a figura de Kikue, da cabeça aos pés, em sua mente. Não que admirasse aquela silhueta, na realidade, a criticava.

Ela aparentava ter aproximadamente dezenove anos, certamente não passava dos vinte. Seu cabelo era escuro e brilhante, mas sua franja era ondulada e as raízes de contorno desigual. Para uma japonesa, possuía uma tez branca, seu nariz era arrebitado e tinha uma boca bem talhada e graciosa. Mas que face redonda, que olhos pequenos e que sobrancelhas finas! E o que poderia dizer dos ombros estreitos, cobertos com roupas grossas, evidentemente feitas no Japão, ou sobre sua postura curvada, como se estivesse carregando algo pesado nas costas? E seus braços curtos e gordos, ou seus dedos disformes, que se pareciam lagartas verdes. Além de fazer comentários detalhados sobre ela, Toshiya desejou saber por que existiam tantas estudantes japonesas com esse mesmo estilo. Algum cientista deveria estudar a relação entre o intelecto e a fisiologia das mulheres japonesas. De alguma maneira, tomando fôlego, recordou das ruas de Hongô e Kôjimachi, que são freqüentados por esse tipo de estudantes. Num instante, contudo, começou a pensar em seu próprio passado.

Por sorte, Toshiya nascera em uma família rica e viera aos Estados Unidos quando tivera dificuldade para encontrar um trabalho respeitável após a graduação.

Aqueles foram dias e tanto, recordou, quando todo sábado à noite saía para beber cerveja ou para um restaurante de sukiyaki e flertava com as garçonetes. Também recordou da época em que se engajara em uma calorosa discussão a respeito das performistas de um show, quando foi pela primeira vez a Yoshiwara⁷⁵, na volta de um evento esportivo em Mukôjima. Passou a primeira noite em um machiai⁷⁶ depois de um ano de diversão em Ushigome ou quando havia sido organizado uma festa de despedida para ele... Por outro lado, quando pensou na presente circunstância, tinha de admitir, que apesar de no início tudo - de aulas, encontros estudantis, cenas da rua, até passeios pelos campos fora da cidade – parecer novo e interessante, já acostumado, a vida tornara-se solitária e extremamente monótona. “Um estrangeiro em uma terra estrangeira” sem vínculo com o passado.

Quando Toshiya se cansava de ler, não podia pensar em nada melhor do que visitar Yamada, o estudante de religião. Yamada estava lendo a Bíblia silenciosamente, mas a fechou e disse respeitosamente: “Sente-se. Como estão as coisas? Não acha o Inglês uma língua muito difícil?”

Toshiya perguntou sem cerimônia: “Alguma novidade?”

“Tem uma palestra hoje”, respondeu imediatamente, como se acreditasse que essa era a resposta mais apropriada para a questão. “De fato, este é um país cristão. Tem sido muito agradável escutar palestras feitas pelos padres. Hoje à noite, um senhor de Chicago chamado B. falará na igreja da cidade. Então... o que acha? Ele é um padre famoso na América.”

Toshiya não estava nem um pouco interessado em religião, então disse: “Eu acho que não vou conseguir entender...especialmente uma palestra sobre teologia.”

“Não é verdade”, Yamada respondeu seriamente, apoiado em seu torso atarracado, que era longo em contraste com suas pernas curtas. “A palestra de hoje não tem nada a ver com religião. Fiquei sabendo que ele vai falar sobre a perversidade da bebida e do fumo. Então, todos serão capazes de entender. Parece que todos os estudantes daqui vão.”

“Todos os estudantes...será que a senhorita Takezato irá?” perguntou Toshiya, sem nenhuma razão particular.

⁷⁵ Um dos bairros de prazeres de Tóquio.

⁷⁶ Local de espera das casas de chá.

“Senhorita Takezato...tenho certeza de que ela irá. As estudantes também irão.”

“Talvez os homens convidem as mulheres para acompanhá-los. Por que você não convida a senhorita Takezato e vai, de braços dados, no estilo americano? há, há, há, há.”

“Bem, eu não posso...”Yamada respondeu duramente, e até corou um pouco. Toshiya, por outro lado, enquanto fazia a piada, sentiu uma vontade irresistível de convidar Kikue e andar ao seu lado, de braços dados, como os americanos faziam.

Yamada continuou a encorajá-lo a ir à palestra. Disse com a voz cheia de sinceridade que mesmo que não quisesse ouvir a palestra, só o som do órgão iria tocar seu espírito. Toshiya não pôde mais recusar.

Se eu vou, então devo ir com Kikue. Desse modo, assim que avistou Kikue em meio aos estudantes, que saíam de seus respectivos dormitórios para ir ao refeitório, se aproximou e perguntou, “Você irá a igreja da cidade esta noite?”

“Sim, eu vou”, foi a única resposta de Kikue.

“Neste caso, como também irei, posso acompanhá-la? Espero que não seja inconveniente para você.”

Kikue, como ele já previa, ficou perdida diante daquelas palavras, abaixou a cabeça e aflita, apertava as mãos.

“Fiquei sabendo que todos os estudantes irão com seus amigos, então pensei que seria bom se estudantes japoneses fossem juntos. Mencionei isso a Yamada e ele concordou comigo inteiramente. O que acha, senhorita Takezato? Se irá de qualquer forma, não será tão inconveniente, não é mesmo?”

Particularmente, não era inconveniente para Kikue, mas conhecia o costume japonês que evitava a socialização entre os sexos e sentiu-se constrangida. Mas, no final das contas, ela concordou esperar Toshiya às oito horas daquela noite, assim poderiam sair juntos do dormitório.

Era uma caminhada de aproximadamente trinta minutos até a igreja. A noite, em meados de outubro, era fria e tranqüila. Sentindo-se constrangida, Kikue olhou ao redor e notou, que em frente e atrás deles, as estudantes da faculdade estavam de braços entrelaçados com os colegas e caminhavam calmamente, banhados pela luz das lamparinas, sob o corredor de árvores já amarelas, pisando ruidosamente no pavimento. Alguns deles estavam assobiando marchinhas. Toshiya se aproximou de Kikue e segurou sua mão.

"Olhe, Senhorita Takezato. Todos estão se divertindo, não estão? "

Logo entraram na igreja. Yamada, o estudante de religião já estava lá. Os três sentaram-se ao fundo e observaram as pinturas no teto, o órgão de tubos no topo da alta escada e os vitrais em todos os cantos. Logo, o ministro da igreja apareceu, usando uma túnica, e um vigário calvo de barba branca, com os óculos apoiados na ponta do nariz. O ministro apresentou o tema a ser tratado naquela noite à audiência, e o padre convocou: "Senhoras e senhores", e começou a palestra imediatamente.

Toshiya não estava interessado na apresentação do homem religioso, e desde o começo observou tudo, dos olhares das mulheres jovens que estavam sentadas perto dele, aos chapéus, jaquetas, cabelo e até mesmo o modo como amarraram os laços. Mas como a longa conferência continuou, se cansou e passou a observar Kikue, que estava escutando atentamente. Ele estava habituado àquele rosto arredondado, mas se os olhos dela pudessem ser um pouco maiores e a sobrancelha mais escura, ela poderia ser considerada bela para algumas pessoas, dado ao nariz arrebitado e o encanto de sua boca bem talhada... Após analisar os defeitos e as características especiais de sua aparência, ele foi tomado por um devaneio sem nexos— E se essa mulher me amasse, como eu deveria me comportar? - quando o vigário levantou a voz e bateu no púlpito. Toshiya, assustado com o som, retornou de seu sonho. Então, percebeu que estava em um país estrangeiro. Para onde quer que olhasse, só via pessoas de outra raça, e dele mesmo ele só possuía a roupa do corpo. Uma situação diferente de quando estava no Japão onde, do segundo andar de seu alojamento, fazia comentários sobre as meninas que passavam pela rua. Porém, que destino estranho, agora estava lado a lado com uma estudante japonesa. Ele devia reverências ao destino e aceitar as graças que lhe estavam sendo oferecidas. Pensando assim, Toshiya fechou os olhos durante algum tempo e então olhou para a face de Kikue sob o brilho da luz elétrica.

A conferência terminou em aproximadamente duas horas. Toshiya segurou as mãos de Kikue, da mesma maneira que fez anteriormente, e eles, juntos com Yamada, voltaram aos seus respectivos dormitórios. Mas, mesmo depois que deitou-se, Toshiya ficou perdido em pensamentos. Imaginar que Kikue e ele já tinham se tornado amantes parecia estimular de outra forma sua vida solitária; poderia descrever vividamente os dois, numa tarde de domingo, sentados e brincando na grama do Prado. De repente, parecia possível que o dia seguinte

poderia ser um domingo. Rindo em voz alta para si mesmo, rolou em sua cama e acenou com a cabeça como se dissesse que tinha decidido algo.

Realmente, Toshiya tinha se decidido. Entretanto, surgiu a dúvida se seus planos dariam certo. Esta pergunta, disse para si, poderia ser dividido em duas: os planos falhariam totalmente, ou simplesmente seriam bastante difíceis de concluí-los? Devido a experiências passadas, Toshiya respondeu a primeira pergunta negativamente, mas teve dificuldade com a segunda; qual era o significado de que os planos não poderiam ter sucesso facilmente? A palavra tinha amplos significados e teve dificuldade de responder a pergunta. Assim, decidiu deixar de lado a teoria e explorar alguns exemplos atuais: por exemplo, como, quando estava no Japão, uma certa pessoa conseguiu seduzir uma garçonete ou outra funcionária que trabalhava para um restaurante de estilo Ocidental; como outra pessoa falhou na tentativa de conquistar uma mulher que tocava *shamisen*; como ainda outra pessoa, inesperadamente, ganhou o coração de uma enfermeira. Além disso, ele tentou recordar numerosos exemplos de casos de amor dos romances que leu e tirou a conclusão de que entre todos estes exemplos, o que detinha a maior lição para ele era um conto que leu, embora tenha esquecido completamente o autor e o título.

Se o que recordava estava correto, a história começou com a teoria do magnetismo e descreveu um homem que se apaixonou por uma mulher, mas perdeu a chance de se aproximar dela. Uma noite, despertou de repente, depois de ter sonhado inesperadamente que seu amor havia sido consumado. Mal pôde se controlar, e, por sorte, ele logo a viu e impulsivamente se aproximou e segurou sua mão, sem proferir uma palavra. Para sua total surpresa, assim a história decorreu, ela se rendeu humildemente às suas investidas, como se há muito tempo fosse sua amante. Toshiya sentiu inveja e ciúmes do protagonista do romance e desejou saber que tipo de temperamento a mulher que ele conquistou possuía. Claro que, se ela fosse de uma raça diferente de Kikue, não ajudaria muito.

A noite se foi e estava tudo tranquilo nos dormitórios. Tudo o que podia se escutar era o sussurro do vento entre árvores no campo de atletismo e o estrondoso barulho dos trens cruzando ao longe. Depois de muito deliberar, Toshiya chegou à conclusão mais mundana: considerando que seria prematuro lhe enviar uma carta, primeiro teria que tentar ficar perto dela constantemente para que se tornassem mais íntimos; e sentindo-se frustrado e bravo consigo mesmo, chutou o cobertor.

O Outono estava terminando. Quando Toshiya chegou nesta terra, era pleno verão, e filas de altas árvores de boldo formavam uma tenda, cobrindo ambos os lados da silenciosa rua em frente à faculdade, com as grandes e largas folhas verdes. Mas agora, as folhas estavam amarelando rapidamente por causa da névoa fria pela manhã e à noite, e o vento mais leve as fazia cair com um som sussurrante. Quando ele olhava, pela janela alta do dormitório, para os campos ao longe, notava que todas as folhas das árvores no pomar, que estavam diagonalmente sobre a colina, bem como as folhas das cercas vivas da fazenda haviam caído igualmente, e somente as maçãs restavam como enormes jóias de coral banhadas pelos raios do sol. No prado, a grama era abundante e verde, mas os salgueiros que margeavam o pequeno riacho que ali corria, não carregavam nada além dos galhos finos.

Todos os sábados e domingos, Toshiya convidava Kikue, para desfrutar a beleza da natureza e apreciar o charme campestre, escolhendo campos silenciosos com poucas pessoas. Eles passeavam juntos, e agora Kikue já tinha se acostumado a tais passeios e já não tremia quando Toshiya segurava sua mão; ela tinha aprendido que, diferente do Japão, as relações entre os homens e mulheres na América eram inesperadamente saudáveis e platônicas.

Por volta do segundo domingo de novembro, Toshiya levou Kikue, como de costume, para a extremidade do prado e eles se sentaram na grama macia perto do rio, que fluía silenciosamente.

Era o que chamaríamos de "verão indiano" neste país, com céu infinitamente aberto, a luz solar da tarde brilhando resplandecente, e ainda os ventos que flutuavam acima dos campos eram silenciosos, mas um pouco gelado. Ao observar a colina ao fundo e ao redor da vila, com os moinhos de vento espalhados na redondeza, a pessoa nota que toda a floresta de carvalho está se tornando avermelhada, e nos telhados altos das casas da fazenda, podem ser vistos bandos de pássaros migratórios de quando em quando, voando alto no céu, um grupo após o outro. Devem saber que o inverno está próximo e estão se preparando para voltar para o clima quente sulista.

Kikue estava contemplando atentamente aquela visão pacífica e poética. De repente, escutaram o tinido de um sino em algum lugar e uma vaca enorme apareceu no pasto a uma mera distância de quatro ou cinco jardas, perambulante enquanto balançava o sino ao redor do pescoço.

Sendo uma mulher japonesa delicada, Kikue se assustou e instintivamente se aproximou de Toshiya. Aproveitando a situação, Toshiya segurou as mãos de Kikue e disse casualmente: “Não se preocupe. Deve ser uma vaca leiteira de uma fazenda próxima. Estão acostumados com os homens, então não se preocupe.”

A vaca olhou para eles com os olhos suaves e, como se lembrasse de algo, voltou pelo mesmo caminho que tinha vindo, soando novamente o sino em seu pescoço, e voltou a deitar-se preguiçosamente.

Observando isso, Kikue finalmente suspirou aliviada, entretanto, ficou ainda mais assustada quando percebeu que suas mãos estavam sendo firmemente seguras pelo homem. Ela não teve coragem de tirar a mão e assim olhou para baixo, com a face corada e respirando pesadamente.

Toshiya também não pôde suprimir sua excitação. O que deveria dizer? O que deveria dizer para prosseguir sua investida?

Ele aproximou sua boca da orelha da mulher, que estava corada e sussurrou algo em inglês ao invés de japonês.

Kikue não pôde proferir um grito, mas parecia totalmente amedrontada e desnorteada. Seu rosto empalideceu e estava tremendo; lágrimas começaram a fluir de seus olhos.

Toshiya, como era de se esperar, estava perdido. Mas, não soltou as mãos de Kikue e disse num tom deliberadamente tranquilo: "Kikue, Kikue, o que aconteceu? "

Kikue debruçou-se ali mesmo e continuou a tremer e a chorar.

A mesma vaca parecia ter começado a andar novamente; o tinir do sino ecoou pela grama no silencioso campo.

Sem se deixar vencer pelo primeiro fracasso, Toshiya esperou avidamente por outra oportunidade para levar Kikue para os campos tranquilos. Mas, sempre que Kikue o avistava, ela se esquivava de alguma maneira.

O domingo seguinte veio e se foi e ele esperou pacientemente pelo próximo domingo, mas choveu.

No final de novembro, quando o céu fica coberto por nuvens, começa a chover, torna-se completamente impossível desfrutar o clima de outono no país. Fica cada vez mais frio durante o dia, assim como o vento que estremece as árvores nuas fica mais forte. Logo, flocos

de neve cairão, juntos com o vento. Inverno! Inverno! O universo inteiro será enterrado pela neve acumulada, durante os próximos três meses.

E as esperanças de Toshiya também foram enterradas com o tempo. Porém, o fogo, que uma vez fez seu jovem coração ficar em chamas, não seria extinto nem sequer pelo frio, temperaturas abaixo de zero dia após dia... o ar frio das Grandes Regiões de Lagos no norte. Ele continuou a enviar cartas a Kikue como se fosse uma tarefa diária.

Quando, não tinha mais o que escrever, chegou a copiar e enviar um poema inteiro retirado de uma coletânea guardada em sua estante. Mas, não recebeu nenhuma resposta. Quantas cartas tinha escrito, Toshiya já havia perdido a conta. É o bastante, pensou, e num ato de desespero, chegou a lhe enviar somente as seguintes palavras em inglês, em letras grandes: “Mando, cem, mil beijos ardentes em suas faces gélidas...”. Naturalmente, nenhuma resposta.

Toshiya estava finalmente sem idéias e ficou desolado. Ele riu de si mesmo. E deixou de escrever cartas como se nunca tivesse escrito. E uma manhã, o céu estava repentinamente azul, o sol estava brilhando, ventos do sul estavam soprando e a neve que estava mais congelada que pedras começaram a derreter.

Antes que pudesse ser percebido, o inverno terminou e a primavera havia começado.

Exatamente como no ano anterior, a grama verde selvagem começa a crescer abundantemente nos prados. No pomar acima da colina, maçãs estão maduras e flores de pêssigo estão em plena floração, e no carvalho e nos bosques de olmo que brilham com folhas jovens, pisco-de-peito-ruivos começam a cantarolar. Nada é melhor do que o contraste entre o inverno e a primavera em um país do norte.

E não é que os rapazes iam novamente para os campos colher flores, segurando as mãos das moças? Mas o que intrigava Toshiya, era o fato de ter esquecido completamente a existência de Kikue.

Uma noite, ao retornar de seu passeio habitual depois da ceia, ele notou que uma carta tinha sido colocada em sua escrivaninha. Perplexo, abriu.

"Nossa, é de Kikue! "

Ele cruzou os braços como se tentasse recordar algo de um passado distante e começou a ler a carta. Depois de se desculpar repetidamente por não ter respondido as inúmeras cartas que ele enviou desde o ano passado, ela disse que não podia mais conter-se quando pensava na paixão e nas cartas de Toshiya, chegando um dia após o outro. O poder do amor era mais

forte que qualquer outra coisa, ela escreveu, e agora estava pronta para "se lançar em seus braços."

Recebendo tal resposta inesperada, em um momento inesperado, Toshiya ficou confuso durante um tempo e desejou saber se não estava sonhando. Não, não era um sonho, não era. Depois de reler a carta da mulher duas ou três vezes, Toshiya escreveu a resposta imediatamente.

Uma vez mais, ele segurou as mãos de Kikue quando, na tarde seguinte, foram ao banco do mesmo riacho no prado onde, no fim do outono anterior, sentaram-se juntos.

A partir daquele dia, todas as tardes Toshiya caminharia com Kikue pelos caminhos da vila, pelo pomar na colina ou pelo cemitério próximo à faculdade. Quando a noite caiu nos bosques e começou a brilhar sobre as árvores centenárias, onde esquilos chiavam, Toshiya envolvia-a com o seu casaco a fim de protegê-la, do vento gelado da noite. Kikue já não tinha forças para resistir a ele. Em outra ocasião, quando foram colher violetas que floresciam nos campos, ele se ofereceu para colocar algumas em sua gola, e ao aproximar seu rosto ao dela, beijou-a impulsivamente no rosto, mas ela só ficou corada e envergonhada.

Assim, em menos de um mês, Toshiya se tornou um homem tão feliz, como sempre havia imaginado. Esta felicidade era do tipo que só os recém-casados desfrutavam em agradecimento secreto a Deus e ao destino.

Dois anos se passaram e como o verão que precedia seu último ano chegou, Toshiya deixou o campus para viajar durante as férias, como ele disse, para a área de Nova York-Boston. Mas nunca voltou a tempo para o começo do ano letivo no outono.

Tudo que fez foi enviar uma carta a Kikue: "Devido a certas circunstâncias, me transferi para uma faculdade do leste. Pretendo obter grau aqui e então voltar ao Japão ano que vem. Eu lhe agradeço profundamente a gentileza no passado... "

Um ano se passou, então outro ano.

Toshiya voltou para casa e tornou-se um empregado promissor de uma certa companhia. Um dia, na estação de Shinbashi, encontrou com o teólogo, Yamada Tarô, seu colega durante os primeiros anos em que esteve nos Estados Unidos.

Yamada apertou a mão de Toshiya num gesto amigável, mas contou uma história e tanto!

Ele se tornara um ministro e se casara com Kikue. De acordo com Yamada, Kikue perdera completamente a razão quando percebeu que tinha sido abandonada, mais ainda por ter sido

usada como um brinquedo temporário por Toshiya. Em uma noite de inverno, durante uma nevasca amedrontadora em Michigan, ela vagou entre os bosques e tentou o suicídio. Contudo, foi resgatada por Yamada e confessou tudo. Yamada sentiu piedade de Kikue por ela ter sido vítima de um demônio e fez tudo o que pôde para salvá-la do desespero e restabelecer sua felicidade.

Ao receber o grau, voltou ao Japão com Kikue e, depois de consultar o ancião de certa igreja, a qual ambos pertenciam, selaram o santo matrimônio diante da cruz.

"Sr. Oyama. Eu não o culpo mais por seus pecados. Kikue livrou-se dos antigos pecados, graças à benção de Deus e aos meus esforços e ela voltou a ser a mesma doce senhora de antigamente e uma boa esposa. Assim, espero que você também agradeça sinceramente a Deus."

Desde aquele encontro, sempre que os jovens da empresa discutem entre si sobre os méritos e deméritos do Cristianismo, Toshiya diz: "Bem, pelo menos, está claro que o Cristianismo nunca causa dano à sociedade... "

Dizendo isso, fuma o charuto que está em sua boca.

5.7 Abrigo da Neve

雪のやどりー Yuki no Yadori

Todas as vezes que os japoneses se reúnem para conversar nos momentos de ócio, o primeiro tópico de discussão é a visão que cada um tem sobre os Estados Unidos – da política e negócios a costumes e maneiras, mas o ponto principal sempre é o que pensam das mulheres.

As mulheres ocidentais – especialmente a mulher americana é instruída e decidida e, diferente das mulheres japonesas, dificilmente são enganadas ou perdem-se na vida por causa dos homens...Assim concluiu um dos homens presente na reunião daquela noite.

Imediatamente outro contestou:

“Mas, mesmo nos Estados Unidos, nem sempre dez entre dez mulheres são tão decididas. Escutei muitas histórias incríveis...”

“Que tipo de histórias? São verdadeiras?”

“Claro que são. Se dúvida, eu posso apresentar-lhe essas pessoas quando quiser!”

Pegou seu copo de cerveja, bebeu devagar e começou.

“Foi em dezembro do ano passado, um pouco antes do Natal, na noite em que começou a nevar.

Na noite anterior, apesar do céu escuro, ventava pouco e ainda não estava tão frio. Como fora convidado a ir ao teatro por uma família conhecida, logo que voltei da empresa, fiz a barba, lavei o rosto, arrumei o cabelo, coloquei meu casaco preto, um chapéu de ópera, uma gravata e luvas brancas. Um pouco antes de sair, parei orgulhoso em frente ao espelho e dei uma última olhada – Nossa, como me sentia bem.

Assistimos uma daquelas comédias musicais. Disseram que a protagonista era da Alemanha, mas sua voz era mais bela do que sua aparência.

Após o término do show, a caminho de casa fomos tomar alguma coisa no restaurante da esquina, Shanley, como fazem ao sair do show. Quando saímos de lá depois de animada conversa, já passava da uma da manhã e deparamos com as ruas completamente brancas. Nem me dei conta, mas começara uma tempestade de neve.

Na entrada do metrô logo à frente me separei da família, pois seguiríamos caminhos diferentes, e virei na esquina da rua Quarenta e Dois para pegar o trem elevado. Então, como a nevasca estava muito forte, abaixei o chapéu e andava com a cabeça baixa, sem olhar para frente, quando trombei com uma pessoa.

Ela também andava sem olhar para frente e antecipando-se a mim, disse: “Oh, me desculpe”. Era, vejam só, a voz faceira e desprezível de uma mulher.

Ao levantar o rosto, assustado, disse-me:

“Nossa, é o senhor K. Onde esteve? Está um tempo horrível.”

Vi que era uma conhecida. Nem é preciso dizer o que ela fazia. Afinal, pessoas que ficam a andar pela Broadway após uma da madrugada...

“E você, por onde andava em meio a esta nevasca? Não exagere nos casos amorosos, pois pode fazer mal à saúde!”

“Ho ho ho ho ho. Meu amado está bem aqui e não preciso de outro...”, respondeu-me. E aproximando-se bem junto a mim, continuou:

“Faz tempo que não nos vemos senhor K., pensei que tivesse voltado para o Japão sem dizer nada para mim”.

“Enfim, pensou que tinha se livrado de um Japa...mas que pena, não é mesmo?”.

“ O que disse? Fale de novo! Olha que não o perdô!”. Fingia me encarar, através do véu e disse, apertando sua bochecha contra meu rosto:

“Vamos. Não suporto esse frio. Isso não parece gelo?”.

“Aonde vamos? Beber algo para nos aquecer?”

“Já é tarde para ir a um bar, por isso, à minha casa...vamos ao meu quarto. Afinal, faz muito tempo!”.

Ela decidiu por si própria e pegou no meu braço, recostando seu corpo rechonchudo contra o meu.

Não pude resistir a tal ataque. Caminhamos pela Broadway, de onde tinha vindo e estava bem melhor, pois os prédios em ambos os lados nos protegiam do vento.

Por um tempo, ficamos com os braços entrelaçados, parados em uma esquina. Distrito dos teatros que poderia ser chamado de castelo sem noite, madrugada em neve da rua Quarenta e Dois! Paisagem que realmente gostaria que vissem!

Nas alturas, destacavam-se prédios altos como o do Times, do Hotel Astor, abaixo a Casa de Ópera até o longínquo Herald Square, com lojas de departamentos como Macy's e Sacks, os prédios cobertos de neve pareciam nuvens ou sombras, com o topo completamente escondido pelo céu escuro. As luzes mais altas ou mais baixas vindas apenas das janelas pareciam vaga-lumes ou estrelas. Na entrada dos teatros e na porta dos bares e restaurantes, luzes de várias cores cintilavam, como no início da noite. Mas, as luzes de alguns estabelecimentos mais afastados estavam cobertas de neve e pareciam lanternas em uma noite de primavera.

A calçada de ambos os lados estava coberta com a neve branca e com o brilho das luzes elétricas parecia um laço, azul em alguns lugares e vermelho em outros. Homens e mulheres apressados a caminho de casa, depois da diversão seguiam de braços dados em várias direções, alguns subiam nos bondes, que se aproximam silenciosamente pela neve, outros entravam em automóveis ou em carruagens e gradualmente, as pessoas iam desaparecendo. Esta paisagem deu-me a certeza de que não haveria momento mais admirável que a madrugada em neve no distrito dos teatros. Isso devido à profunda harmonia produzida pela combinação das débeis luzes da madrugada e da neve que incita o senso de quietude nas pessoas.

Instigado pelo cocheiro que esperava por um serviço e, apesar do nosso destino não ser tão longe de onde estávamos, ajudei a mulher e entrei na carruagem.

Mesmo no Japão há algo de prazeroso ao andar acompanhado numa carruagem, em uma noite com neve. Ainda mais quando se estava numa carruagem confortável com rodas de borracha. De mãos dadas, recostados um no outro e flertando como se fôssemos os donos do mundo, chegamos a casa dela.

Sendo um apartamento, entramos pela enorme porta de entrada e a casa dela ficava no terceiro andar. Ela tirou as chaves de seu bolso, abriu a porta e me guiou até a sala de estar no fim do corredor.

Na parede, duas ou três pinturas retratando o nu. De um lado da sala, um piano e do outro, um canto separado por tecido turco barato. Ali nos acomodamos, bebemos, cantamos, nos beijamos e fizemos cócegas um no outro. Se a intenção é divertir-se, entregar-se a todos os tipos de tolices, as mulheres japonesas reservadas não são páreo para as ocidentais.

Depois de algum tempo, alguém bateu de leve na porta da sala de estar e escutei a voz de uma mulher, aparentemente, a senhoria:

“Bessie, Bessie, venha aqui um pouco”.

Minha Bessie respondeu irritada:

“O que você quer?”

“É só um instante. Aquela garota está dando trabalho novamente”.

“Que incômodo, eu já estou bêbada”.

Mesmo assim, Bessie levantou-se e saiu da sala.

No quarto ao lado, o murmúrio de uma voz masculina grossa chegava junto com a de Bessie e uma outra voz desconhecida. Evidentemente, havia algum problema.

Parece que o homem da voz grossa estava partindo apesar de tentarem impedi-lo, e escutei a voz da senhoria e em seguida o som do abrir e fechar da porta... então, tudo ficou em silêncio.

Bessie voltou resmungando. E sentou ao meu lado, dizendo: “ Me desculpe. Deixei abandonado o meu amado...”

“Ah, Estou cansada de tudo isso. Por que nossa senhoria aceita esse tipo de mulher?”.

“Parecia algo sério.”

“Sim. Mas, não há o que fazer. A garota chegou há apenas quatro ou cinco dias.”

“Ela dispensa os clientes?”

“Se ela dispensa? É completamente inacessível. Ela não veio para cá porque quis, foi enganada”.

“Enganada...? Por um homem?”

“Sim, foi enganada por um desses malandros que ganham dinheiro aliciando mulheres do interior.”

“Então, na realidade ela não foi enganada pelo amado, não é?”

“Não. Sempre escutamos este tipo de história”.

“É mesmo? Quer dizer que há alcoviteiros nos Estados Unidos também”. Fiquei intrigado, pois era a primeira vez que ouvia esse tipo de história: “Mas como eles as atraem? Só porque são mulheres isso não quer dizer que seriam facilmente enganadas, não é mesmo?”

“Bom, esses malandros tentam de tudo e mudam de acordo com o momento e a circunstância...”, começou Bessie, tentando justificar. Acendeu o fósforo na sola de seu sapato de salto alto e, soltando uma baforada, continuou:

“A menina que está aqui... seu nome é Annie...diz que morava no interior de Búfalo e trabalhava numa farmácia ou algo parecido. Ela conheceu um homem hospedado perto de sua casa, que dizia trabalhar em uma empresa de seguros de Nova York. Um dia, ele conseguiu persuadi-la, perguntando se ela não gostaria de acompanhá-lo para conhecer Nova York. Todos sabem que qualquer pessoa do interior quer conhecer Nova York. Ela foi vítima da tentação e deixou ser trazida até esta cidade. Pensou que ele a ajudaria a achar um bom trabalho, mas caiu numa armadilha. Chegando à estação, ele a levou antes para duas ou três hospedarias até trazê-la a esta casa. Então, ele desapareceu como fumaça. Não tendo dinheiro para voltar, não tem outro jeito senão ficar aqui e, fatalmente, terá de se juntar a nós”.

“Talvez aconteça dessa forma, mas e no caso de mulheres determinadas que morreriam para manter a honra?”

“Você pensa que existem tantas mulheres determinadas assim?”, Bessie é uma mulher experiente. Calou-me com uma só palavra.

“No início, todas são firmes. Antigamente, eu também era. Mesmo agora, minha família vive em Nova Jersey. Quando vim para Nova York, trabalhei por um longo tempo como vendedora, em uma loja de departamento na rua Trinta e Três. Mas, era impossível viver com um salário desprezível de cinco ou seis dólares por semana. Se fosse só para comer, talvez fosse suficiente, mas isso seria apenas sobreviver. Como uma jovem poderia ficar alheia vendo a agitação de Nova York? Com certeza desejaria vestir roupas da moda como os outros e gostaria de ir aos teatros como todos os fazem. Eu queria experimentar essa luxúria e então, primeiro me tornei a acompanhante de um homem que trabalhava na mesma loja e logo caí numa vida vergonhosa. De vez em quando, fico imaginando quanto ao meu futuro, pois também sou humana. Penso que não deveria continuar fazendo isso, que deveria voltar para o interior. Porém, depois de ficar exposto aos ventos de Nova York, mesmo que acabe morto na rua é impossível deixar este lugar”. Para os jovens, chorando ou rindo, Nova York é tudo.

Sobre Annie, espere e verá. Mesmo que tivesse ido a um lugar respeitável, não se manteria assim. Uma vez em Nova York é inevitável, em algum momento também vai desejar se divertir como os outros, pelo menos uma vez enquanto ainda é jovem!...”

De fato. A cada visita que fazia a Bessie notei que Annie mudara. Primeiro começou a beber conosco, depois começou a contar piadas...e aos poucos, a pequena Annie se acostumou com a situação e sua transformação sempre me surpreendia.

Agora, se você a visse! Já é magnífica. A maneira como segura a bainha da saia com uma mão e seu andar, com sapatos de salto alto de estilo francês, nas calçadas da Broadway. Que tal? Se quiserem eu posso apresentá-la a vocês.”

Todos riram, beberam e fumaram ainda mais e novamente começaram a conversar.

Junho de 1906

5.8 No Bosque

林間 – Rinkan

Viajantes que fizeram turismo em cidades agitadas do norte dos Estados Unidos como Chicago e Nova York são pegos de surpresa ao adentrarem na capital Washington, ao sul. Por um lado, a cidade inteira parece um grande parque, com agrupamentos de lindas árvores de bordo que cobrem as ruas, e por outro, há um número grande de negros feios vagando por toda a cidade.

Eu também sou um vagante no continente. Num outono, cheguei a esta capital e em duas semanas vi quase tudo o que um turista supostamente deveria ver na cidade: primeiro, a residência oficial do presidente, a Casa Branca, o Capitólio e várias chancelarias do governo. Cheguei acima do Rio Potomac, e depois de prestar minhas homenagens à sepultura de Washington, localizada no interior do Monte Vernon, ultimamente tenho visitado vários lugares nos subúrbios para desfrutar o melhor das cores do outono desta terra estrangeira.

Eu nunca esquecerei do crepúsculo além dos prados de Maryland que vi.

Meia hora após o pôr-do-sol, o crepúsculo foi tomando gradualmente um tom mais fraco, deixando só uma cor rósea ao redor das extremidades das nuvens brancas que flutuava no céu. A vasta superfície coberta pela grama dos campos se transformou num mar verde escuro, e no horizonte distante era difícil dizer onde terminava o céu e onde começava a terra. Por outro lado, a brancura de certos objetos - as paredes brancas das fazendas que se via aqui e ali longe, as saias brancas de quatro ou cinco mulheres que pareciam tocadoras de bois e atravessavam o campo ou ainda, as copas das árvores tingidas aqui e acolá por folhas amarelas ou a flor de alguma erva desconhecida – somente estas cores brancas, refletindo os raios de luz do céu, tornavam-se ainda mais resplandecentes à medida que à volta ia se escurecendo. Enquanto os observava, tive uma sensação estranha de que estavam se aproximando gradualmente em minha direção.

Que sonho! A visão maravilhosa causou em mim um indescritível sentimento de prazer. Cheguei então a tirar e acenar, com o meu chapéu, chamando desesperadamente aquele colorido flutuante. Ah, que sonho!

No dia seguinte, desejando presenciar aquele lindo sonho de crepúsculo mais uma vez, esperei até o pôr-do-sol e parti - mas desta vez , do outro lado do Potomac, já no estado de Virgínia – e buscando a floresta na outra margem, atravessei uma ponte férrea construída no subúrbio ao pé de um precipício.

Assim que se cruza a ponte, depois de se passar por uma mata cerrada, chega-se a uma pequena estação de trem feita de madeira. Este é o ponto de partida do trem rumo a Arlington, onde há o maior cemitério público, o quartel militar, alojamento do exército e a residência dos oficiais. A maioria das pessoas que esperam pelo trem são soldados dos Estados Unidos, vestindo uniforme cáqui, mas há também empregadas negras que, provavelmente, devem trabalhar nas casas dos oficiais, assim como mulheres brancas de meia-idade voltando das compras em Washington.

Sempre sinto um forte aperto no peito, ao ver soldados ou marinheiros. Eles têm físico excelente e juventude, mas todas suas paixões são constantemente oprimidas por regras militares e regulamentos. A agonia física desta opressão está refletida de alguma maneira nas faces bronzeadas e nos olhos injetados, fazendo-os parecer espantados e ao mesmo tempo causam pena. Eles esperam pelo trem em grupos de três ou quatro, apoiando-se contra o parapeito da ponte, uns de ressaca outros caminham pela ponte soando seus sapatos e cuspidos tabaco, enquanto outros contemplavam a direção de Washington do outro lado do rio, como se lamentassem deixá-la. Provavelmente recordavam-se das mulheres que visitaram pela tarde.

Assim como os soldados, também me apoiei contra o parapeito da ponte e olhei os arredores. O sol estava justamente se escondendo e deixava o céu em chamas. Como apontava seus raios de luz diretamente para a direção de Washington, as copas das árvores totalmente coloridas do parque à margem do Potomac pareciam uma cortina turca. Acima delas, parado ereto, estava o Monumento de Washington de 555 pés, com uma estrutura de mármore surpreendente, parecendo uma coluna em chamas. O telhado arredondado do distante Capitólio e os vários edifícios governamentais brancos que se sobressaíam aqui e acolá foram tingidos de vermelho. Todas as janelas dos edifícios de hotéis da cidade brilhavam como luzes elétricas coloridas.

Um panorama esplêndido, gigantesco. Fiquei à toa, ao sabor do vento do outono e me dei conta que esta era a capital que domina todo o Hemisfério Ocidental. Enquanto admirava

além do rio e ao longe até a distância da sombra do pôr-do-sol, certos pensamentos abstratos surgiram em minha mente, como as camadas de nuvens de verão: humanidade, humanismo, nação, governo, ambição, fama, história. No entanto, não tinha uma única idéia coerente que pudesse repassar a outros. Era simplesmente vago, como um vento que persegue uma grande sombra e ao mesmo tempo só conseguia sentir como se a minha mente estivesse pressionada por algo semelhante a uma profunda dignidade.

Quando depois de um tempo, levantei meu rosto e dei mais uma olhada ao redor, os soldados que estavam caminhando na ponte e o grupo de mulheres que esperavam pelo trem pareciam já ter partido e outro grupo de duas ou três pessoas esperavam pelo próximo trem.

Caminhei ao longo dos trilhos do trem por uma ou duas quadras e entrei casualmente no bosque que cobria os dois lados da estrada...

O bosque era formado principalmente de carvalho e de bordo. O bordo deste país é facilmente afetado pelo orvalho noturno e as folhas tendem a começar a cair até mesmo antes de ficarem amarelas. Como resultado, o caminho sinuoso estava coberto por grandes folhas caídas, deixando a trilha irreconhecível. Mas o colorido das folhagens dos bosques de carvalho estava no seu auge. Os raios do crepúsculo incidiam em cada uma das folhas que pareciam gotas de chuva dourada a cair. Mas a luz de outono, no crepúsculo, muda rapidamente. Enquanto assistia à cena, as copas luminosas ao longe eram cobertas pela sombra, e as copas próximas escuras iluminavam-se. Nas áreas luminosas, pequenos pássaros que já tinham voltado para o ninho começaram a cantar novamente, enquanto nas copas sombreadas, esquilos gritavam ruidosamente.

Continuei a andar sem rumo, inconscientemente atento aos sons quando, bem próximo, ouvi de repente um grito - não de um pássaro ou de um esquilo, mas sem dúvida era uma mulher chorando.

Parei abruptamente, assustado, e imediatamente vi duas pessoas entre as folhas caídas. Uma delas era um soldado com o uniforme cáqui, e a outra era uma menina negra mestiça que, a seus pés, cruzava as mãos junto ao peito como se estivesse em oração.

Um soldado e uma menina-era fácil adivinhar o que acontecia.

"Por favor, por favor...", a voz da menina ecoou do fundo de seu peito, onde se viam as mãos cruzadas.

"Você ainda fala tal tolice", disse o soldado que não só desviou o rosto com desgosto evidente, cuspidando o tabaco, mas parecia querer partir de lá imediatamente.

"Não!", suplicou a menina caindo ao chão, e agarrando a mão do soldado completou: "Você realmente está me pedindo para que terminemos nossa relação, não é?"

"O que?... Eu estou pedindo? Não, eu não estou pedindo que terminemos. Não me preocupo se nos separarmos ou não. Eu estou acabando com a nossa relação", declarou o soldado com desprezo e arrogância. Ele era um americano respeitável e ela era a filha de antigos escravos negros. Ele deve ter se ofendido com a presunção da mulher ao dizer que ele estava "pedindo" que se separassem.

Incapaz de responder, a menina só chorava sobre a mão do homem, na qual se agarrava. O soldado a observou durante algum tempo, mas como se tivesse se lembrado de alguma coisa, disse: "Pense um pouco nisto, Marta", chamando-a pelo nome. E continuou: "Você não se lembra? Desde o princípio, não fui eu que pedi para sermos amantes. Foi nesta última primavera, quando fui designado para servir na casa do Coronel M - ... encontrei-me com você, que tinha saído para o quintal naquela noite... eu estava bêbado... ha, ha, ha, ha. Bem, não importam os detalhes. Mas na noite seguinte, você não me falou que queria me ver tal dia em tal lugar? Bom, enquanto fosse possível, eu me encontrava com você...Mas agora, chega..."

A menina chorou ainda mais.

"Agora não adiantam justificativas, mas a questão é que tudo tem um começo e um fim. Igual às estações."

Já não podia agüentar escutar às escondidas esta cena cruel e brutal. Então, o último raio de luz vermelho-sangue incidiu aos meus pés, e preocupado pelo fato de que poderiam me ver, deixei o local apressadamente sem olhar para trás.

Naturalmente, penso agora, não tanto sobre o amor, mas sobre a questão racial que envolve brancos e negros neste país há muito tempo. Por que negros são menosprezados e odiados pelos brancos? Será porque eles são feios ou porque eles são pretos? Ou simplesmente porque cinquenta anos atrás eles eram escravos? Será que uma determinada raça não consegue evitar a perseguição a menos que se organize como um grupo político? A existência de uma nação ou das forças armadas seria eterna?...

Eu saí do bosque e caminhei até o pé da ponte de onde partira. O sol havia se posto completamente e a luminosa cor carmim do céu tinha enfraquecido. Para os lados de Washington do outro lado do rio, luzes elétricas podiam ser vistas entre as árvores dos parques e nas janelas de edifícios altos. Recostando novamente ao parapeito da ponte, contemplei a cidade que ficava cada vez mais escura.

Na ponte, vários soldados caminhavam como antes, enquanto esperavam pelo trem. Entre o alto ruído das conversas, risadas e assobios, me virei e reconheci o soldado que há pouco tinha visto no bosque, atormentando a menina negra. Não tinha a mínima idéia de quando ele tinha voltado, mas estava bem ao meu lado conversando algo com um amigo, que usava o mesmo tipo de uniforme. Minha curiosidade despertou e escutei a conversa deles. O primeiro a fazer uma pergunta foi aquele soldado.

"Como é, encontrou alguma menina bonita?"

"Oh, não, tive um péssimo dia.", respondeu o amigo

"O que aconteceu? Você perdeu dinheiro em jogos?"

"Isso teria sido melhor. Acontece que fui para a habitual Rua C e acabei gastando todo meu dinheiro".

"Ha, ha, ha, ha. Você quer dizer que não consegue uma mulher sem gastar dinheiro? Você não é muito bom nisso, não é?" Falando assim, cuspiu o tabaco e continuou: "Que tal, se estiver realmente tão desesperado por mulheres, eu posso conseguir uma novinha para você".

"Ei, isso seria ótimo".

"Porém, há um problema. Se você não se importar... "

"Ah, não se preocupe. Não há nada melhor do que ter uma mulher sem ter que pagar por isso."

"Claro, é ótimo", concordou com a cabeça. O problema é este: a menina é negra. Não é feia, mas...".

"Eu não me importo. Não me preocupo com esses detalhes."

"Assim que se fala! Este sim é o Jack! A menina não é outra senão aquela que trabalha na casa do Coronel M -, onde servi como na guarda uma vez. Ela ainda é muito jovem, mas louca por homens. É só lhe dizer algumas palavras doces, que ela se apaixona loucamente por você."

"Ah, é? Mas muito entusiasmo pode trazer problema depois."

"Exatamente. Eu sei disto. Aquela menina gosta mesmo de homens. Gosta de se divertir com os homens. Por isso, depois que você se divertir à vontade e se cansar dela, passe-a para qualquer um. Basta você empurrar alguém em seu lugar e cair fora. Contanto que ache o substituto, ela logo se apegará a ele e não o perseguirá. Veja, ela não é do tipo que se apaixona, mas simplesmente é louca por homens. Não pense que achará outra tão conveniente quanto ela em outro lugar."

Então, um trem apareceu entre as árvores do outro lado, fazendo um ruído alto.

"O trem chegou. Vamos conversar melhor no trem."

"Certo!" respondeu.

Os dois soldados correram em direção à estação, assobiando uma melodia popular - "I'm Yankee doodle sweetheart, I'm Yankee doodle joy."

As florestas, os bosques, a água ficavam cada vez mais escuras. Nos barcos pequenos e pesqueiros atracados debaixo da ponte ou à sombra da margem, luzes vermelhas se acendera, e a iluminação de Washington juntamente com as estrelas do céu começaram a brilhar gradualmente. Enquanto, sozinho, retornava, cruzando a ponte, várias questões extremamente graves, indefinidas e difíceis de expressar continuavam em minha mente.

Nunca mais vi a menina negra novamente enquanto morei em Washington.

Novembro de 1906

5.9 Má Companhia

悪友 – Akuyû

Um dia, quando o problema da discriminação contra escolas japonesas cresceu na Califórnia, havia muita especulação no jornal de Nova York e em outros jornais do país que Japão e Estados Unidos poderiam entrar em guerra. Naturalmente, sempre que os japoneses que viviam em Nova York se juntavam, o tópico da conversa era sobre a Costa do Pacífico.

Numa noite, num certo lugar, discutíamos sobre as questões de raça, o perigo amarelo, internacionalismo, a personalidade de Roosevelt, justiça e humanismo quando, de repente, alguém parecia ter se lembrado de algo e levantou uma questão que não tinha relação alguma com os tópicos:

“É verdade que existem muitas prostitutas japonesas lá?”

Esse assunto se espalhou nas quatro direções como nuvens crescendo rapidamente no extremo do céu azul e mudou os discursos sobre assuntos públicos. Alguns até saltaram de suas cadeiras, sugerindo que um tópico ainda mais importante havia sido introduzido. Uma pessoa disse:

“Ouvi dizer que não há apenas mulheres e *shamisen*, também há locais de lazer como casas de banho no estilo japonês e casas para prática de para arco e flecha”.

“É difícil algo que não tenham: lojas, restaurante de sushi e de soba. Mesmo no Japão, se forem a uma região remota, não encontrará esse tipo de conveniência. Por outro lado, a maior parte dos trabalhadores japoneses são da área de Kyûshû e Chûgoku e para os que são de Tóquio, tanto a comida como as mulheres dessas regiões não são apetitosas!”

“É verdade, essa pode ser a razão...”

“Fui para vários lugares da Costa do Pacífico, de São Francisco a Portland, Seattle, Tacoma e Vancouver no Canadá, mas a situação é mais ou menos a mesma em todos os lugares. Oh...Nesse tempo encontrei uma! Uma mulher um tanto decente que aparentava ser de Tóquio...Trabalhava como garçonne numa casa de prostituição em Seattle...”

“Teve alguma experiência interessante?”

“Não, fui até lá apenas duas ou três vezes para tomar uma bebida. .

Com certeza, aquele tipo de mulher é desejada por salafrários. Pessoas de classe baixa não se importam, mas nós temos que estar atentos. Especialmente quando descobri que seu marido era um assassino famoso em Seattle, formado e falava inglês...Disseram que havia pessoas repugnantes, que ganhavam a vida seqüestrando e contrabandeando mulheres...os chamados alcoviteiros.”

O jovem pausou o discurso e deu uma tragada de seu cachimbo e então, alguém aproveitou a oportunidade e falou de um assento, ao canto:

“Sabe, acho que já vi essa mulher que mencionou...Você sabe o nome do marido, do assassino?”

Todos ficaram surpresos e encararam o homem que fez a pergunta. Afinal, ele parecia ser um homem sério, que nunca se interessou em falar sobre mulheres ou bebida.

“Senhor Shimazaki, nunca imaginaria que dissesse isso”. A voz de duas ou três pessoas impressionadas podia ser ouvida ao mesmo tempo.

“Oh, não. Continuo o mesmo de sempre, mas conheço essa mulher devido à certas circunstâncias especiais. Ela não tem por volta de vinte e seis ou vinte e sete anos de idade? Alta e com um rosto esbelto...Sim? Então certamente é a mulher que vi. Isto é uma coincidência, mas o marido daquela mulher era ...amigo do meu falecido irmão mais velho.”

O homem chamado Shimazaki começou a contar a história.

2

Exatamente três anos atrás, quando cheguei aos Estados Unidos, desembarquei em Seattle.

Chegamos num dia bonito do final de outubro, justamente quando o sol estava se pondo, mas fomos avisados que os oficiais de imigração não apareceriam até a manhã seguinte, assim, do deque fiquei admirando as águas e montanhas, que eram as primeiras paisagens que vira nesta terra, até tarde da noite. No dia seguinte, desembarquei em segurança, mas não tinha idéia de onde estava. Junto com duas, três pessoas, com as quais fiz amizade durante a viagem, caminhamos, ficamos perdidos até encontrar um homem de aproximadamente cinquenta anos de idade, que disse ser um funcionário de uma hospedaria japonesa e que procurava hóspedes. Nós o seguimos e pegamos um trem para o bairro japonês. Acabamos em uma hospedaria de madeira, suja, localizada numa esquina.

De fato, não é estranho que os japoneses sejam mal compreendidos nesta parte do país. A pousada é localizada no ponto extremo da cidade, onde ruas agitadas, cheias de lojas ficam gradualmente desertas. Os únicos prédios são de transportadoras e estábulos e as ruas que são cobertas por fezes, são monopolizadas por carros e trabalhadores.

Estiquei o pescoço para fora da janela da hospedaria e pude ver os prédios da cidade ao longe, e bem próximo, um tanque de gás alto, preto, parecido com o edifício de Asakusa. De repente, a rua ficou mais estreita naquela região, cheia de sujeira, pequenas casas de madeira e com ruela que desaparecia ao fundo. Aparentemente, a via conduzia ao mar, o qual pude ver além dos telhados das casas, dos telhados de aço dos galpões que armazenavam cargas e dos numerosos mastros. Também é possível avistar uma via férrea ao longe, onde havia fumaça preta saindo, incessantemente, das locomotivas, cobrindo telhados e ruas com a fuligem. Às vezes, por causa da direção do vento não era possível ver muito além. A colônia Oriental, os desempregados, os pobres e os negros oprimidos encontraram abrigo nesta ruela, nas pequenas casas de madeira, neste bairro para japoneses e chineses.

Apenas ao ver a fumaça do carvão senti uma aflição, ao pensar que talvez deveria me mudar para um hotel para estrangeiros e então saí com minha maleta. Mas, como era um estudante, meu dinheiro era limitado e mesmo que tivesse, um hotel para estrangeiros dá uma idéia de algo parecido com um hotel em Tóquio, que me faz sentir estranho a menos que alguém esteja com um chapéu de seda. Sem nenhuma razão em particular, hesitei, mas não pousaria ali por muito tempo. Partiria em uma semana para a Costa Leste com um amigo, que chegava da Califórnia. Então, apesar de ter deixado a hospedaria, logo retornei. Porém, como não pude ser acomodado em um quarto na pousada suja, desde o dia em que desembarquei caminhava pela cidade o dia inteiro. Também fui para a região dos Grande Lagos ao norte da cidade e até a floresta mais próxima. Mas, todas as vezes que saía, as crianças zombavam de mim e gritavam tarado. É impressionante como essa palavra ganhou um significado especial entre as prostitutas japonesas e foi espalhado por elas, nas classes mais baixas dos Estados Unidos.

De fato, como deveria descrever rua vista pela janela do quarto à noite? Antes de deixar o Japão, passei uma noite andando pelo bairro de prazeres para ver os costumes sociais do Oriente, algo que não conseguiria ver no Ocidente. A vida noturna que apreciava naquele

momento era muito similar e me causou uma impressão ainda mais intensa. Talvez seja porque tenha visto o estrangeiro pela primeira vez e tudo, bom ou ruim, tinha um certo frescor.

Os malandros que costumam ficar nessa região durante o dia juntam-se, nas calçadas, aos trabalhadores, que terminaram mais um dia de trabalho, nos píeres e construções. Como resultado, o ar que já era terrível, passou a ter um cheiro de álcool e de algo adocicado. Acompanhado pelo som dos sapatos pesados e da gritaria, filas de camisas sujas, calças rasgadas e chapéus imundos moviam-se como sombras escuras em direção ao iluminado bairro japonês. E podia-se ouvir a algazarra de vozes e o barulho de uma banda de música ressoando como um circo. Também havia o som de *shamisen* em todas as partes, ecoando como se comunicassem entre si e as mulheres cantavam e os homens batiam palmas...

Imagine. Diferente do ambiente americano, de um lado há o som do “Oeste”, representado pela buzina dos navios, o apito dos trens e músicas tocadas nos gramofones. Por outro lado, músicas do interior da região de Kyûshû, acompanhada pelo som intermitente e breve das cordas. Nenhuma música é mais triste ou evoca, mesmo quando monótona, uma sensação de discordância, algo desagradável e de complexidade.

Uma noite – na noite anterior em que parti da costa leste – não conseguia dormir, pois o som do *shamisen* ainda tinha em meus ouvidos, juntei-me à fila de trabalhadores e comecei a andar em direção a ruela do outro lado. Ao entrar no beco notei uma multidão de japoneses em todos os lugares, das casas de bilhar e dardos aos restaurantes e até mesmo nas calçadas. Todos pareciam estar possuídos, como se quisessem dizer que aquele era seu espaço e até mesmo os trabalhadores ocidentais eram vistos como forasteiros. Das janelas das casas de madeira, podia-se ver o rosto de mulheres, puxando a cortina e espiando o que acontecia do lado de fora. Algumas delas, com voz estridente, chamavam outras. Todas eram mulheres da parte oeste do Japão, possuíam o nariz achatado, olhos pequenos e face rechonchuda. Os cabelos estavam presos num coque e aparentavam vestir roupas de estilo ocidental. Mas para mim, bastava apenas um olhar para elas para me sentir satisfeito – ou ainda, enjoado – de qualquer forma, eu não suportava chegar perto delas.

Ainda, fiquei na esquina da rua por um tempo e observei como os trabalhadores do leste e do oeste continuavam a entrar e sair de entradas escuras, que pareciam buracos entre pequenas lojas de tabaco, fruta e outras mercadorias. De repente, avistei um senhor de aparência elegante andando junto com os trabalhadores. Ele usava uma corrente pesada de ouro e um

chapéu. Parecia bêbado, com a face vermelha e um palito pequeno entre os lábios. Pego pela cena incongruente, por instinto, encarei seu rosto.

Ele parecia familiar e eu o observei enquanto caminhava, mas então, o homem parou em frente da loja de tabaco, revelando seu perfil sob as luzes da loja...geralmente o perfil é um bom indicador da estrutura facial da pessoa. Isso me ajudou a lembrar o que aconteceu sete anos atrás.

Essa sensação repentina me emocionou e diferente da minha costumeira timidez, fui atrás dele e o chamei.

O homem era um amigo do meu irmão mais velho, que costumava visitá-lo freqüentemente.

3

O nome dele era Yamaza – Graduou-se na mesma escola do meu irmão mais velho e trabalhavam na mesma companhia. Como meu irmão era o mais velho e tinha dez anos a mais do que eu, o mais novo, com duas irmãs entre nós, não tive muitas oportunidades de falar com o homem. Mas, escutei várias histórias sobre ele pelos meus parentes.

Tudo aconteceu na época em que estava para me formar no colegial. Meu irmão causou muitos problemas a meu pai, ao levar uma vida devassa e como resultado, junto com Yamaza, começou a pedir dinheiro emprestado para outros interesses. Como se não fosse suficiente, ele e Yamaza, fraudaram dinheiro usando o nome da companhia. Em pouco tempo o crime foi descoberto e todos foram presos. Entretanto, meu irmão escapou da prisão depois que meu pai vendeu propriedades e pagou indenização à empresa. Graças a um tio que era um militar graduado, de alguma forma, Yamaza também conseguiu pagar o que devia. Assim, apenas os outros dois, que não conseguiram ajuda, tiveram de arcar com as conseqüências. Mas, eu não compreendi completamente o significado de atos criminais naquela época, então tudo que sentia era um vago temor.

Depois desse incidente, meu irmão ficou ocioso por cerca de dois anos e tornou-se o foco de medo e aversão de toda a família, como se fosse doente ou uma praga. Mas, inesperadamente, contraiu uma doença e morreu antes do término do inverno. E, de repente, meu pai e minha mãe pararam de reclamar do meu irmão e diziam que a causa era a má companhia, Yamaza, que costumava freqüentar nossa casa...A máxima que diz “ Quem fica ao lado do lobo aprenderá a uivar”, se tornou a frase favorita dos meus pais. Até minha irmã

mais velha (Tinha dois anos de diferença entre meu irmão e ela e já era casada com um advogado) dizia sempre que visitava nossa casa e via fotos do meu irmão e Yamaza ao virar as páginas do álbum: “Nossa, ele parece afetado, exatamente como um ator ou um contador de histórias!”. Ainda me lembro dela zombando das fotos e até cutucava o rosto dele com a ponta do grampo de cabelo.

Um ano veio e se foi e então outro ano, mas todos os anos, quando o mês de fevereiro, a época em que meu irmão morreu chega, meus pais mencionam o nome de Yamaza e repetem várias lições de moral para mim. Porém, ninguém na minha família sabia o paradeiro ou o que Yamaza estaria fazendo.

4

“Então você é o irmão mais novo de Chiyomatsu...de fato eu nunca me esqueci. Naquela época, você era apenas um garoto, não é mesmo? Se pensarmos, já deve ter se passado sete ou oito anos...talvez até mais.”

Yamaza acendeu o cigarro em frente à loja de tabaco, entre os trabalhadores que caminhavam pelas ruas e parecia surpreso, me encarou por um momento e mudou o tom:

“Por que veio aos Estados Unidos? Para estudar?...Mas este não é um lugar para um jovem como você.”

“Talvez até amanhã, mas assim que meu amigo chegar, irei para o Leste”, respondi calmamente e perguntei:

“E você? Está envolvido em algum negócio?”

“Eu?...” parou diante daquelas palavras e me encarou por um tempo. “Ficaria assustado se contasse. Há há há há. O ser humano dá grande importância para mudanças.”

“Talvez com imigração...” Perguntei, julgando por sua aparência, com um bigode, itens de ouro como anéis e colares, seu modo de falar vulgar e a condição especial da região.

Ao dizer isso, ele começou a rir e disse:

“De fato, pode se dizer que trabalho com imigração. Com certeza é algo de que os imigrantes precisam...” Ficou em silêncio e fumou o cigarro. “O que acha? Vou levá-lo a um restaurante japonês. Afinal, se for para o Leste só conseguirá comer pão...”

Não recusei a oferta e fui levado a um restaurante Japonês próximo, com a inscrição SAKURAYA escrito na janela do segundo andar. A entrada escura lembrava a dos bordéis

que vira anteriormente e conforme subíamos as escadas, notei cinco ou seis portas pintadas em ambos os lados do corredor estreito, onde havia uma lanterna a gás flamejando. Era escuro, mas conseguia escutar vozes de homens e mulheres, o som de *shamisen* e sentia o cheiro de sukiyaki vindo detrás das portas fechadas.

Yamaza olhou ao redor como se fosse sua própria casa e me guiou para um quarto. Apertou a campainha e a pessoa que atendeu era uma mulher de rosto pintado de branco, com a aparência de uma empregada e que usava um vestido de estilo ocidental e um chinelo japonês. Eles agiam como se fossem íntimos e ela perguntou sem cerimônia:

“Quer algo para comer...?” e se apoiou contra a parede.

“Pode ser qualquer coisa. Apenas avise Oyuki e traga algo agradável”.

A mulher não respondeu, apenas acenou e seguiu em direção ao corredor, com suas sandálias batendo contra o chão.

Abruptamente, o som alegre de um *shamisen* veio de outro aposento, junto com a batida de copos de chá. Isso me lembrou de barulhos criados por barqueiros em uma casa de chá no cais, numa noite de verão há alguns anos, na área de Bôshû. De repente, o sentimento de solidão por ter vindo a uma terra estrangeira tomou meu coração, entristecendo-me. Então, a porta se abriu. Outra mulher entrou, carregando vegetais picados e garrafas de saque, mas ela não tratou Yamaza como um hóspede e sentou-se perto dele, dizendo “O que aconteceu ontem à noite? Não acha que exagerou? Cuidado com suas piadas”.

Surpreendido, olhei para o rosto dela. Ela tinha por volta de vinte e sete e vinte e oito anos de idade e a julgar pelo rosto esbelto, ela era o tipo de mulher que vi, freqüentemente, em restaurantes pequenos ou casas de sukiyaki em Asakusa.

Até Yamaza pareceu um pouco embaraçado na minha presença e tragando o cigarro repetidas vezes disse: “Qual o seu problema, falando coisas sem nexos desde que chegou? Por que não serve logo o saque para o convidado?”

A mulher colocou um pouco para mim e aproveitou a oportunidade para dizer: “Não posso deixar de reclamar de vez em quando, posso? Ele me trouxe até os Estados Unidos e fica flertando por aí todas as noites... Dê sua opinião, por favor”.

Finalmente saiu e devo dizer que é muito estranho. Yamaza deixou a mulher ir e pediu que apressasse o jantar. Algo determinou que não deveria mais guardar segredo e ele disse, antes

que eu perguntasse qualquer coisa “Você deve estar impressionado, não? Não está espantado? Há há há há”, riu e depois começou a me contar o que aconteceu.

Quando soube da morte do meu irmão pelo obituário do jornal, deixou o Japão, onde não podia mais viver, e foi para São Francisco à procura de fortuna. Depois de passar por dificuldades e decepções que a maior parte dos imigrantes sofrem ao vir para os Estados Unidos, chegou à conclusão de que a melhor maneira para ganhar dinheiro era usar as mulheres. Então, voltou ao Japão e logo retornou para os Estados Unidos com uma empregada de uma casa de sukiyaki, chamada Oyuki. Ele me contou que consegue dinheiro como um intermediário no contrabando de prostitutas e jogando.

“Uma vez que a pessoa siga a direção errada, não tem mais volta. Não importa o quão arrependido esteja, o mundo não perdoará alguém que já se perdeu. A única chance que lhe resta é seguir na direção do mal. Veja seu irmão Chiyomatsu. Ele queria voltar atrás para se tornar uma pessoa respeitada, mas ficou tão preocupado com isso que contraiu tuberculose e faleceu. É o mesmo com todas as pessoas. Os estudiosos que não sabem o que há no mundo, pensam que os seres humanos vão continuar a se degradar se forem deixados sozinhos, mas não se preocupe. Provavelmente, será o meio termo, sem se tornar bom ou ruim, mas para se estabelecer nesse patamar é muito difícil para qualquer um que tenha algum grau de educação. Tem de subjugar o que chamamos de ‘consciência’, que vem à nossa mente de vez em quando. É muito mais difícil realizar do que dizer. Não é incomum que uma pessoa nascida em uma família de pedintes se torne um pedinte. E não é preciso muito esforço para aqueles que nasceram em boas famílias tornarem-se bons cidadãos. O problema é o que vem depois, não é fácil nem dar um passo para se tornar uma grande figura ou recuar para o lado ruim da sociedade. O esforço e treino envolvido para seguir qualquer um dos cursos são igualmente difíceis, apesar de serem diferentes como a noite e o dia. Então, as escolhas podem torná-lo um Napoleão ou um Ishikawa Goemon.

Ele estava discursando vividamente, bebendo saque, como se tivesse voltado no tempo, dez ou vinte anos atrás, quando os estudantes aspiravam servir o país, com grandes feitos ou alcançando fama. Diferente dos dias de hoje, já que estamos mais acostumados a falar sobre a vida ou mistérios. Decidi que era melhor escutar suas palavras como a expressão excêntrica de alguém que foi prejudicado no passado e então, não respondi ou perguntei nada e apenas fingi que estava absorto com seu discurso.

Do lado de fora, o *shamisen* ainda não parara e pude escutar alguém cantando “Shinonomebushi”, uma música que fez sucesso no Japão dois ou três anos atrás...

No dia seguinte, junto com meu amigo que chegara do sul, parti para a Costa Leste no trem Great Northern.

Pouco tempo depois, numa carta à minha mãe, mencionei meu encontro com Yamaza e ela respondeu dizendo que tudo, bom ou ruim, era apenas um sonho. O senhor Yamaza fora amigo do meu irmão mais velho e como sinal de consideração, ela enviou-me uma lata de algas e pediu para que eu entregasse a ele quando tivesse uma oportunidade.

A consideração familiar de uma idosa que não tem idéia de que Nova York e Seattle ficam separados por três mil milhas me comoveu.

5.10 Velhos Pesares

旧恨– Kyûkon

Foi quando discutia ópera com o Doutor B.____. Falávamos do charme e da paixão da escola Italiana, a discrição e beleza de Francesa e, eventualmente sobre a sublime, imponente e misteriosa ópera alemã de Wagner⁷⁷.

A grandiosa Das Rheingold⁷⁸ e a trilogia que a segue, o sagrado Parsifal, a triste Tristão e Isolda, a bela Lohengrin, e a melancólica Der Fliegend Holländer...Entre essas obras imortais deixadas para nós pelos grandes gênios de Bayreuth, de alguma forma a história de Tannhäuser⁷⁹ foi inesquecível aos meus ouvidos de amador...

“Doutor, qual é sua opinião sobre aquela ópera?”

Quando eu lhe fiz essa pergunta, o Doutor B- suspirou profundamente como se tivesse sido repentinamente apunhalado no coração e me contemplou por algum tempo sem dizer nada.

Ele disse, cabisbaixo: “Infelizmente, não sou qualificado para criticar essa ópera”.

“A razão disso é que recordo o momento em que ouvi Tannhäuser, sinto uma incontrolável emoção... Vou contar a história. Aconteceu já há vinte anos...”

Puxei minha cadeira e ele começou a contar.

“Já faz vintes anos. Minha esposa, Josefina, da mesma forma que você, me perguntou o significado de Tannhäuser.

“Naquela época, viajávamos pela Europa em nossa lua-de-mel e numa noite, quando estávamos hospedados na capital da Áustria, fomos à famosa Casa Imperial de Ópera (e depois de apontar para um prédio numa fotografia presa à parede), a apresentação daquela noite foi Tannhäuser.

Eu ainda lembro de tudo vividamente, da aparência do interior da Casa de Ópera, dos rostos dos cantores, dos músicos até o rosto dos membros do coro, que apareceram como figurantes na cena da caçada ou na procissão dos lordes e dos peregrinos.

⁷⁷Richard Wagner. Compositor Alemão.

⁷⁸Em português “O Ouro do Reno”.

⁷⁹Tannhäuser é uma ópera em três atos de Richard Wagner. O título completo é *Tannhäuser und der Sängerkrieg aus Wartburg* “Tannhäuser e o torneio de trovadores de Wartburg”.

Logo que eu e minha esposa Josefina pegamos os assentos designados, no corredor repleto com belos vestidos e jóias, o maestro de cabelos longos apareceu no pódio ao pé do palco e deu três batidas com sua batuta. As luzes foram apagadas e a numerosa audiência ficou em silêncio, envolvida pela escuridão do teatro. A orquestra começou com a música triste e solene dos peregrinos, passou para a composição apaixonada da Venusberg e então ao louvor a Vênus', concluindo a longa abertura que representa o significado de toda a ópera...As cortinas se levantaram e era a cena da montanha da Deusa Vênus.

Como se sabe, o menestrel Tannhäuser, repousa aos pés da cama de Vênus e segura uma harpa. As Ninfas dançando, espíritos flutuando no ar sugerem o sonho de Tannhäuser que finalmente desperta. Ele diz que ficara embriagado por muitos anos por todos os prazeres humanos imagináveis com o amor de Vênus e agora sente falta do mundo terreno e deseja retornar. A Deusa tenta dissuadi-lo, dizendo que se voltar ao mundo terreno, com certeza, irá se lembrar dos sonhos do passado e se arrependerá. E que deveria tocar sua harpa do amor e cantar músicas alegres, eternamente ao lado dela. Mas Tannhäuser não se comove e enquanto canta uma canção para Santa Maria, acorda de seu sonho daquele mundo encantado. A Vênus e sua montanha desaparecem na escuridão e Tannhäuser vê-se sozinho à beira do caminho da montanha, perto de sua terra natal Waltburg.

Então, sobre uma rocha do caminho, um solitário pastor canta com uma voz límpida acompanhado da flauta. Logo a seguir ouve-se além da montanha, vozes tristes de peregrinos a caminho de Roma, que surgem em procissão pelo caminho da montanha.

Tannhäuser permaneceu algum tempo entretido pelas músicas, mas de repente, fica cheio de temor ao lembrar de todos os pecados do prazer a que fora induzido e cai ao chão soluçando.

Ao escutar isso, suspirei profundamente e fechei os olhos.

Ah! O coração do menestrel que lamenta seus pecados, ao acordar do seu longo sonho de prazeres! Ouvindo ária, a música, de repente, lembrei-me da minha vida dissoluta anterior ao meu casamento, que havia esquecido e de meus próprios sonhos de prazer que tinham desaparecido por um tempo. Parecia que Tannhäuser era uma sátira do êxtase, da angústia e do meu passado vergonhoso e Vênus, a bela Deusa da depravação e do prazer só poderia ser Marian, uma jovem atriz que um dia fora minha amante.

Ah! Existiria algo mais saboroso no mundo do que um fruto proibido? O medo do pecado e o receio do veneno apenas reforçam o seu poder mágico. Agora vou contar tudo...(O Doutor abaixou os olhos, um pouco embaraçado).

Todos os homens ficaram, ao menos uma vez, fascinados pela maquiagem encantadora desse tipo de mulher, mas poucos ficaram fascinados como eu. Por alguma razão (Vamos dizer que seja minha natureza inata), sempre fui atraído e desejei artistas e atrizes com belas roupas, dançando e cantando com olhares e trejeitos dissimulados em frente às luzes do palco ou o tipo de mulher encontrada em restaurantes, teatros, salões de dança e até nas ruas e carruagens, mulheres que atraem a atenção das pessoas por sua aparência e sua particularidade. Esse tipo de mulher descrita por Dumas como ‘Nem uma duquesa nem uma virgem’, tem uma beleza indescritível, um poder mágico. Mesmo não sendo do tipo de beleza sonhado pelo pintor, há um irresistível poder de sedução nos olhos sonolentos, nos dedos finos e desnutridos ou mesmo em sua boca extremamente vulgar. Ou seja, a cor de seus olhos sugere que ela será totalmente submissa e dedicada, enquanto sua boca parece zombar cinicamente como se estivesse dizendo para tomar cuidado ou se arrependeria.

Uma vez que o homem é atraído por esse misterioso feitiço, aos seus olhos encantados, a esposa ou as jovens virtuosas e cultas aparentam ser frias marionetes da moralidade. Ele fica embriagado com o sentimento poético da canção ‘O amor é um vagabundo, filho da Boêmia’ e perde todo o senso de família ou país, se tornando um escravo dos violentos desejos, sem pensar nas consequências.

Antes mesmo de terminar os estudos imaginava coisas tolas como se algum dia em minha vida seria amado por esse tipo de mulher, enquanto soltava a fumaça do cigarro na janela do escritório, num dia calmo da primavera.

Ah! Que sonho tolo e vulgar. Afinal, comparado às pessoas comuns, recebi uma educação de alto nível e também sou culto. Apesar de saber que tais desejos eram tolos e vulgares, nada adiantava, não conseguia suprimi-los. É encontrado muito nos romances naturalistas franceses e russos – ao ler romances em que o cavalheiro de bom caráter arruína-se por causa de uma mulher inferior, eu chorava como uma mulher histérica, como se tivesse acontecido comigo e freqüentemente via-me perdido na escuridão da dúvida, pensando se seria aquilo o destino.

Assim, quanto mais a razão e a sabedoria me criticavam, os meus desejos cresciam ainda mais fortes. Logo que me formei tornei-me membro de um clube de libertinos e como passava

as noites em todos os lugares com luzes brilhantes e onde havia perfume de mulher, de teatros a salões de dança, de casas de bilhar a restaurante, quando me recordo dessa época, só posso concluir que estava louco.

Durante o dia, enquanto o sol brilhava, eu possuía um senso correto de julgamento e podia confiar suficientemente na minha força de vontade, mas quando as luzes começavam a tremular na cidade juntamente com a chegada da névoa noturna, não havia mais jeito. Ao mesmo tempo em que as luzes transformam minha consciência, meu senso de escrúpulo e minha esperança em cinzas, as silhuetas das mulheres que passavam sob a sombra das luzes pareciam símbolos de prazer aos meus olhos.

Eu me lembro até hoje, a paisagem da Broadway, por volta da meia noite durante uma tempestade de neve, quando os espetáculos estavam terminando: exatamente naquele momento e local era difícil sentir o frio, mesmo durante a noite, devido à multidão de homens, mulheres e carruagens.

A cidade iluminada pelas luzes multicores parecia o sonho de um mundo encantado. Atrás das portas de vidro do amplo hall do hotel e dos restaurantes enfileirados um ao lado do outro, as luzes iluminam os casais, com mulheres expondo seus ombros e homens de cabelos elegantemente engomados e das grandes janelas do segundo andar dos prédios da região era possível ver a sombra de homens segurando o taco de bilhar em uma mão e jogando incansavelmente os jogos noturnos. Enquanto isso, prostitutas entravam e saíam pelas portas coloridas dos bares e cafés próximos, tentando seduzir os homens. De pé, num cruzamento, eu costumava observar essas cenas e cheguei a pensar seriamente que, nesta vida, qualquer empreendimento ou gênio pereceriam quando chegasse a hora, a única coisa boa seria aquela loucura da juventude.

Foi quando levava esse tipo de vida que conheci uma atriz chamada Marian.

Numa noite após o espetáculo, fui com dois companheiros de diversão num restaurante freqüentado por mulheres da noite e quando observávamos o local, com olhos de solteiros sedentos, duas mulheres reconheceram um dos meus colegas e nos chamaram.

Aproveitamos a oportunidade e nos juntamos a elas, rimos e conversamos sobre assuntos fúteis, contudo, de quando em quando estremecia com algum comentário extremamente vulgar, transpirava de desgosto dos meus pontos fracos e, ao mesmo tempo, sentia um vazio que me fez ficar calado.

Marian notou o que acontecia e concluiu que eu era um novato na procura por prazer.

“Por que está tão deprimido? Deveria rir mais alto”, dizia, de vez em quando, olhando com pena para meu rosto.

Depois de nos divertirmos até as duas da madrugada, como de costume, acompanhamos as duas mulheres até suas respectivas casas, mas quando saímos para chamar a carruagem, aconteceu de as nossas duas formarem um trio com uma mulher chamada Neli, assim eu e Marian acabamos pegado uma carruagem separada.

Ela disse que morava num apartamento perto do Rio Hudson, então fomos em direção norte da Broadway, perto de meia hora e conforme nos afastamos do centro da cidade, a solidão da madrugada era quase amedrontador. O som do casco do cavalo ecoava no céu distante e a luz noturna que entrava pela janela da carruagem iluminava o rosto pálido da mulher.

Talvez devido ao cansaço das noites em claro, Marian descansava a cabeça no encosto e, ocasionalmente, ela abria os olhos com esforço e olhava para mim, forçando um sorriso com seus lábios pintados. Aparentemente, não tinha energia nem para uma conversa qualquer.

Permaneci em silêncio enquanto admirava seu perfil, apreciando profundamente o aroma de seu perfume.

Ela devia ter vinte e um ou vinte e dois anos. Era pequena, de pescoço longo, com o queixo pontudo, de aparência arrogante, olhos grandes, rosto arredondado e seus lábios pequenos e firmes, sugeriam um sorriso irônico – não era bela, não serviria de modelo para uma grande pintura a óleo, mas lembrava um desenho em quadrinho feito com o pincel. Às vezes, a ‘imperfeição’ ou o ‘incompleto’ é mais atraente do que a ‘perfeição’!

Eu toquei levemente meus lábios contra os dela, enquanto ela dormia com a cabeça inclinada para trás. Sua respiração suave e quente penetrou meu corpo imediatamente.

Mariana abriu seus olhos grandes e olhou para o meu rosto por um momento, mas cochilou novamente. Da janela da carruagem vi a sombra das árvores alinhadas na rua ficando para trás e escutei o som do vento soprando no céu longínquo, mas minha mente já estava sonhando e encostei meu rosto no dela – de repente, o som do casco parou e a carruagem parou em frente a uma entrada iluminada.

“Marian!”

Ela parecia ter acordado com o som da minha voz e esfregou os olhos com seu regalo feito de pele de rato branco, que estava em seu colo e disse: “Estava tendo um sonho muito agradável...mas foi você quem me beijou?”

Envergonhado com meu comportamento, olhei para baixo sem responder, mas Marian riu alto e assim que o cocheiro abriu a porta, pulou da carruagem como um pássaro.

Eu a acompanhei ao cômodo do quinto andar, mas não fiquei nem por cinco minutos naquela noite e retornei direto à minha casa – Então, na tarde do dia seguinte –Ah, que murmúrio perfumado do amor – ao abrir uma carta trazida por um menino, estavam escritas as seguintes palavras:

Mudei-me para um hotel para ficar perto de você. Aquele lugar no alto da cidade era inconveniente para uma conversa íntima de amor.

Apaixonei-me à primeira vista. Nosso amor é assim e não pergunte o porquê. Ah! Até nos encontrarmos esta noite – Adeus (o final estava escrito em Francês).

De sua amada M.

Finalmente meu sonho se tornou realidade! Minha decisão deve ter sido ainda mais rápida que a dela. Sem perder tempo na mesma noite, fui ao hotel designado e vivemos por cerca de um ano e meio, como num sonho.

Determinado a saborear todos os prazeres humanos, às vezes, nos beijávamos sem interrupção exceto para levar a boca pão e água, com o intuito apenas de satisfazer a fome, como se a comida ou a bebida pudessem diminuir o doce sabor de nossos beijos. Em outras ocasiões, ficávamos abraçados a noite inteira com a janela aberta em pleno inverno só para sentir o calor de nossos corpos jovens.

Entretanto, chegada a hora, até mesmo o sonho mais doce ou mais profundo êxtase chegam ao fim. Ah, quando penso naquela época, ainda é um mistério e não posso explicar porque me separei dela, quando nos amávamos tanto. Talvez minha formação intelectual tenha me despertado, gradualmente, do meu encantamento. Ou a busca pela ambição, que é inata nos homens, tenha sido maior que os sonhos de amor; ou, como na história de Tannhäuser, tenha me cansado dos encantos mágicos da terra do prazer e almejasse a pureza e a beleza das montanhas e campos verdes; ou depois de inebriado pelo aroma de flores num quarto abafado,

desejasse novamente sentir o ar gelado de fora...Não importa a razão, mas abandonei Marian, que implorava para que eu ficasse e retornasse à sociedade.

Nunca mais seria envolvido pelos sonhos tolos da juventude. O homem deve buscar algo mais nobre e mais permanente do que embriagar-se com os prazeres, que desaparecerão junto com nossas vidas na terra! Em primeiro lugar, para me tornar um cidadão exemplar, precisava formar uma família correta! Felizmente, eu era de uma família de renome na sociedade americana e possuía a herança de meu pai. Então, quando saí para essa sociedade casta, o mundo é ao mesmo tempo pequeno, mas também grande e ninguém sabia do meu passado e logo me casei com Josefina, filha de certo juiz.

E, hoje, cá estava eu na Europa passando a lua-de-mel e a escutar esta ópera...Tomando como minhas lamentações do menestrel Tannhäuser que cantava no palco, eu tentava conter as lágrimas da lembrança presa no fundo do meu coração, e Josefina, que não tinha como saber que era uma história parecida com a minha, parecia escutar atentamente, baseada apenas num treino técnico e numa apreciação impessoal, comum entre as mulheres de classe alta.

Contudo, como você já deve ter percebido, a música do grande gênio Wagner (o Doutor me encarou por um momento) diferentemente de todas as outras, possui uma força misteriosa que causa um forte impacto no coração do ouvinte.

Assim foi o primeiro ato, seguido pela cena da música do grande salão e depois o terceiro ato, com o retorno dos peregrinos...Quando terminamos de ouvir os três atos da ópera, percebi que minha esposa estava pensativa e parecia estar angustiada tentando desenredar suas emaranhadas idéias.

Eu, por meu lado, estava absorto com meus próprios pensamentos. Deixamos o teatro e como não sentíamos vontade de ir ao Café de sempre àquela hora da noite, entramos numa carruagem e retornamos ao hotel.

Estávamos cansado e nos atiramos na cadeira em frente à lareira. Imediatamente, minha esposa olhou para mim, com a face apoiada numa das mãos e disse:

“Afinal, qual o significado daquela ópera?”

Estávamos hospedados num quarto de um hotel grande e antigo, onde havia apenas uma lâmpada de um abajur de cúpula verde acesa em cima da mesa ao canto e nenhum som podia ser escutado do lado de fora da janela. Para nós americanos, parecia que nesta noite calma, numa cidade antiga, podíamos escutar as vozes de todos os tipos de pessoas de séculos atrás,

vindas de algum lugar. Olhei em volta impressionado e senti um calafrio, como se essas paredes fossem de uma antiga catedral, com cortinas pesadas e escuras penduradas nas janelas e nas portas e o silêncio estivesse impregnado no carpete de tecido.

Levantei e tentei acender a bela luminária pendurada no teto, mas minha esposa me impediu, acenando com a mão. Talvez ela tenha achado que para termos uma conversa mais íntima seria melhor manter o quarto na penumbra. Retornei à cadeira e ela me perguntou com uma voz melancólica:

“Querido. Não consigo entender de jeito nenhum. Posso até compreender os sentimentos de Tannhäuser quando se separa de Vênus e retorna para sua terra natal, mas por que depois de voltar, ele recordaria o caso com Vênus, do qual já havia se arrependido, na frente de Elisabete, a filha do lorde, que o ama? Não entendo esse tipo de sentimento”.

De repente, comecei a ouvir a violenta ária de Tannhäuser ‘Deusa do amor’... Só Vênus (Die gottin der liebe) e, simultaneamente, o rosto de Mariana apareceu no fundo do meu coração. Olhei para o canto escuro do teto e respondi como se fosse um monólogo, num sonho.

“Isso é a vida. Não importa o quanto tentamos esquecer, não esquecemos. Apesar de saber que é tolice, nos rendemos e agonizamos com isso. A vida seria repleta de felicidade, se não houvesse conflito entre razão e coração, se não houvesse contradições e irracionalidades como a luta entre corpo e espírito, choque entre realidade e ideal...Ah, mas isto é um sonho inatingível e acho que essa agonia do coração é o destino miserável, da qual não temos como escapar....”

Enquanto falava, senti que não era apenas a minha fraqueza, mas o destino de todos os seres humanos que vivem na terra e senti vontade de chorar, bem alto, como uma criança.

“Não é por isso que nos voltamos a Deus...para contar com a religião?”

A voz de minha esposa soou como se não viesse de uma mulher viva, mas de algum lugar distante. Respondi com a voz trêmula:

“Mas há ocasiões em que nem a religião e nem a fé oferecem qualquer consolo...Por exemplo, veja Tannhäuser. Persuadido pela pura e casta Elisabete, peregrina até Roma a pé, mas não é perdoado pelo Papa, sendo novamente tomado pelo desejo de retornar à montanha da selvagem Deusa Vênus...Essa passagem não estaria satirizando a igreja, que não ofereceu qualquer salvação a alguém que se perdera duas vezes? Mas, no final, Tannhäuser, que se

desviara pelo amor do mundo maligno, cai em agonia ao ver o corpo sem vida da casta Elisabete e, neste momento uma música anuncia sua salvação ressoando ao longe...Foi o amor de Elisabete, o amor da moça casta que redimiui a alma de Tannhäuser do inferno”.

Ao terminar, olhei fixamente para o rosto de minha esposa. Como ela usava um colar de pérolas, um vestido de noite, que revelava seus ombros brancos, seu largo torso e sua figura imóvel refletia a pálida luz verde e parecia estar flutuando no quarto escuro, dando a impressão de que algum brilho nobre da virtude feminina emanaria dela.

Movido momentaneamente por uma forte emoção, eu me atirei a seus pés, segurei firmemente suas mãos e derramei lágrimas quentes em seu colo, gritando: “É o amor de uma moça casta que nos redime da maldição eterna. Josefina, você é a minha Elisabete!”.

Minha esposa olhou para mim, um pouco confusa e respondeu: “Então, você é como Tannhäuser...”

Ah! Como um católico cristão que se ajoelha diante do confessional, senti uma necessidade de confessar e, sem pensar nas conseqüências, revelei tudo sobre meu passado.

E qual foi o resultado? Minha esposa possuiria um amor tão nobre como o de Elisabete? Não. Ao ouvir minha história, seus olhos se tornaram flamejantes de um violento ciúme, um brilho cortante de repreensão, como um raio...Ah, aquele olhar terrível!

Ao mesmo tempo em que voltei a mim, lamentei a minha precipitação ao revelar meu terrível segredo e me desculpei, consolei e fiz tudo o que pude, mas nada disso era sincero, apenas uma maneira artificial para encobrir meus erros. E então, a situação piorou.

“Como pôde me enganar até agora?...”. Com essas últimas palavras, minha esposa soltou bruscamente de minhas mãos que a seguravam e foi ao quarto contíguo.

Nossa lua-de-mel, que deveria ser o momento mais feliz de nossas vidas, se transformou na mais miserável! No dia seguinte, deixamos Viena e fomos para a Alemanha e do porto de Hamburgo partimos para casa, mas durante toda a viagem, durante a refeição, na janela do trem ou no deque do navio, minha esposa não dirigiu uma palavra sequer para mim.

Mas, mantinha a esperança, com toda a coragem e paciência, que um dia meus sentimentos sinceros iriam comovê-la e dissipar sua raiva. Contudo, uma vez fechado, o coração de uma mulher nunca se abrirá novamente. A cada dia, seu rosto perdia a jovialidade, o brilho de seus olhos era tão amedrontador que, ao chegar em Nova York dias depois, ela parecia uma pessoa completamente diferente daquela Josefina, com quem parti.

Então, a pedido dela, concordei relutante com uma separação temporária, mas pouco tempo depois ela pediu o divórcio. Quatro anos depois, recebi a notícia de que havia se casado novamente. Ah, minha Josefina! Desde então, levo essa vida solitária há mais de vinte anos...”

Ao terminar sua história, o Doutor B – levantou-se da cadeira e deu duas a três voltas pelo quarto, balançando as mãos, e então, sem firmeza, apressou-se em direção ao piano de cauda, que ficava no canto do quarto e, com as mãos trêmulas, tocou a música dos peregrinos de Tannhäuser.

Conforme as notas baixas ressoavam, uma, duas pétalas da rosa branca que estava no vaso sobre o piano iam se despetalando.

De cabeça baixa, escutei atentamente.

Janeiro de 1907

5.11 O Despertar

寝覚め – Nezame

Inebriado pelo som das palavras ‘Ir para o Ocidente’, o senhor Saburô Sawazaki, que adquiriu fama e fortuna como resultado do esforço diário na empresa e fora apontado para ser gerente de negócios da filial da Companhia em Nova York, movido pela ganância de uma certa soma de dólares para despesas, partiu sozinho e feliz para os Estados Unidos, deixando sua esposa e filhos em sua casa em Tóquio.

Contudo, há uma diferença entre o que escutamos e o que vemos. No primeiro e segundo meses após sua chegada em Nova York, Sawazaki viveu como se estivesse num sonho, mas logo que compreendeu as condições da filial e conseguiu caminhar pela cidade sem mapa, gradualmente, começou a ficar entediado.

Enquanto trabalhava no escritório das nove da manhã às cinco da tarde não havia problema ao sair, mas apesar de Nova York ser grande, Sawazaki não tinha para onde ir. Se fosse um jovem balconista que deixa a escola para se divertir, não havia problema em conversar à toa noite afora, mas para os que pertencem a certa classe social e têm uma aparência a manter, não era apropriado se divertir com qualquer um. Com certeza ele sabia que para entender um país estrangeiro seria útil se socializar, indo a clubes e hotéis, onde ocidentais se divertem até tarde da noite, mas esta opção não era viável por razões financeiras. Poderia ler silenciosamente, mas quem ficou exposto aos ventos do mundo após sair da escola, não se interessava por novas idéias e não tinha energia suficiente nem mesmo para pesquisar a respeito de países estrangeiros que chegara a lhe causar curiosidade.

Então, os dias passavam, três meses, e meio ano e, cada vez mais, ele sentia tanto a inconveniência da vida diária quanto a solidão. Às vezes, quando sentia vontade de tomar um banho matutino em uma banheira típica japonesa ou comer enguia grelhada com saque quente, todos os seus pensamentos se voltavam para sua terra natal. Em sua terra natal, sua esposa fazia tudo o que lhe era pedido de bom grado e também houve época em que manteve, secretamente, uma amante. Ao relembrar esses fatos, sentiu-se um tolo por ter deixado o Japão aos quarenta anos, quando a vida era tão confortável. De quando em quando, enquanto

estava ocupado com o trabalho ou dormindo exausto à noite, alguns pensamentos sem sentido o acometiam como uma sombra, como uma fumaça e quando voltava a si tinha a sensação de solidão, como se suas forças tivessem esvaecido.

Ele sentia vergonha e ficava irritado com a própria fraqueza e, às vezes, bebia uísque ou tenta se concentrar no trabalho, mas a sensação de desolamento não se dissipava, fazendo com que sentisse um enorme vazio, como se um vento gelado soprasse na direção de seu coração.

Contudo, Sawazaki não tinha interesse em saber a causa ou o que era essa sensação. Primeiro, de acordo com os costumes, sua esposa parecia uma empregada e sua casa era apenas uma porta para ensinar aos seus filhos a razão pelo qual nasceram...Isso era tudo e sentiu que era um tanto fraco e covarde por se preocupar com a mulher e a casa. Especialmente por ter sido educado durante um período de transição, em que acreditavam que era vergonhoso para um homem se preocupar com angústias e contemplação. Mas, ele riu de si mesmo e concluiu que a causa desses sentimentos estranhos era a falta de mulher! Então, ficou satisfeito consigo mesmo e com a força de seus desejos.

De fato, não tinha mulheres. Desde que chegara a Nova York, algumas vezes passou pelo distrito dos prazeres, quando voltava de alguma festa com seus colegas japoneses, mas sempre olhou para baixo como um “japa” e incapaz de hesitar com o superficial, retirar dinheiro, seu empenho será em não ter ninguém, além de si, para esquentar sua cama todas as noites. O que chamava sua atenção ultimamente na paisagem de Nova York não eram mais os vinte prédios altos que costumavam surpreendê-lo, mas eram as mulheres de cintura fina e quadril largo, com os seios empinados pelo espartilho, o modo de caminhar e até o de falar que o atraíam.

Todos os dias pegava o metrô para ir ao escritório da empresa, que ficava entre o distrito comercial, local conhecido como cidade baixa e o bairro tranquilo e residencial na parte alta da cidade, mas por volta das nove da manhã e cinco da tarde parecia que todos os moços e moças de Nova York iam e vinham e era extraordinário a quantidade de pessoas nos vagões. Homens e mulheres aos montes na plataforma da estação mal esperava o trem parar e se apressam para encontrar um assento e aqueles que conseguiam, imediatamente, começam a ler o jornal que trouxeram. Os que não achavam lugar para se sentar agarravam as correias ou se apoiavam no ombro dos outros, empurrando ou sendo empurrados e sem se importarem

com o cavalheirismo ou as boas maneiras ficavam atentos para uma chance de conseguir um assento, usando a força se necessário.

Seguindo o exemplo desses americanos ocupados, Sawazaki sempre carregava um jornal consigo, mas quando uma jovem vendedora ou uma moça de escritório sentava perto dele em ambos os lados, pressionando o corpo macio contra o dele, todas as vezes que o trem sacudiu ao parar e também ao sentir o calor de seus corpos, ele já não conseguia ver as pequenas letras do jornal e, de repente, começava a sentir um pequeno espasmo em seus pés, uma irritação na raiz de seus cabelos e certa aflição em todo o corpo. No subterrâneo, o ar é mais pesado, assim o cheiro do suor das pessoas que comem carne, adicionado à lotação do vagão intoxicavam-no como uma bebida de má qualidade. Sawazaki caía num transe como se estivesse febril, o que sempre acontecia no momento em que começava a perder o controle, sentindo que não podia permanecer no trem por mais quinze minutos sem agarrar a mão da mulher sentada próxima a ele. Felizmente, chegava sua parada e após sair rapidamente, respirava profundamente o ar gelado.

Ele repetia a si mesmo que algo devia ser feito, mas não havia nenhuma solução imediata. Na pensão, havia uma jovem de certa idade e uma empregada de aparência satisfatória, mas ele não queria uma situação complicada. Juntar-se aos jovens secretários do escritório ou freqüentar os locais de prazeres era uma tolice. Aquela situação perdurara por mais de um ano e meio e já era a segunda primavera desde que chegara aos Estados Unidos, e o mês de maio, quando os pássaros se reuniam na floresta.

Nunca havia sentido a força da primavera daquela forma. Brisas suaves penetravam o seu pulmão como se estivessem fazendo cócegas, enquanto o sol ameno penetrava sua pele e inflamava seu sangue. Todas as mulheres que andavam sob o céu azul pareciam ter despido os casacos de inverno e para atormentá-lo colocaram roupas leves de verão, que mal cobriam sua pele esplêndida e expunham deliberadamente a meia-calça de seda para gozar de Yamazawa.

Naquela manhã, um pouco apreensivo com a multidão no metrô, teve o trabalho de pegar o caminho mais longo para a empresa, utilizando o elevador, que não era tão cheio. Quando entrou no escritório onde estava sua mesa, avistou uma desconhecida jovem americana sentada a sua espera.

Ele esquecera completamente. A senhora de aproximadamente cinquenta anos, que há muito tempo era encarregada de tarefas como atender ao telefone pedia demissão devido a

problemas pessoais e contrataram essa jovem através do anúncio de jornal e como começaria o serviço naquele dia, esperava por instruções e explicações sobre o que deveria fazer.

Sua função era atender ao telefone e ajudar a arquivar documentos escritos em inglês, mas enquanto explicava as tarefas sentiu-se estranhamente feliz, pois em contraste com aquela senhora enrugada, de cabelos grisalhos e óculos, todo o escritório parecia brilhar já que todos os dias a jovem estaria ao seu lado, ajudando-o com afazeres do escritório.

Enquanto trabalhava, não conseguia tirar os olhos do perfil da moça, nem mesmo por cinco minutos. Ela devia ter entre vinte e seis e vinte e sete anos de idade. Rechonchuda, baixa, de beleza comum, seus cabelos negros divididos ao meio e presos em volta da cabeça transmitiam a impressão de que usava um chapéu e coberta de cima abaixo com roupas compradas num empório, emanava um poder mágico pela falta de graça e dignidade. Era o tipo de mulher que passa por um homem na rua e será lembrada por ele durante um longo tempo. Sawazaki iniciou uma conversa qualquer para aproximar-se dela, mas diferente das funcionárias comuns que se empanturravam com doces e passavam o tempo rindo com qualquer um, ela era reservada e rapidamente ficava entediada com tudo. Era sua primeira experiência numa empresa japonesa e tudo o que desejava era que todos soubessem que seu nome era Senhora Denning e que vivia em uma pensão desde que ficara viúva um ano atrás. De vez em quando ficava pensativa.

Três semanas se passaram, mas ela não se familiarizou com o ambiente e começou a chegar atrasada de manhã e, por volta do final da última semana, passou a faltar no trabalho por motivo de doença. Sawazaki se sentiu desapontado. Ela havia dito que estava doente e não que deixaria o emprego, mas ele suspeitou que talvez ela não quisesse trabalhar com japoneses desconhecidos...de alguma forma ela teria de voltar e ele a esperou na segunda-feira, na terça-feira, nos dias seguintes e não teve nenhuma notícia.

Naquela noite, a fim de resolver algumas incumbências após o jantar, caminhava ao longo da Avenida Amsterdã, que era uma rua larga mais parecida com um bulevar, com cortiços e lojas de aspecto ruim. Enquanto as lâmpadas começava a iluminar as ruas, no final do mês sufocante e sem ventos de maio, a região ainda estava clara, envolvida por uma neblina violeta. Das portas e janelas amplamente abertas, viam-se as donas de casa de cabelos despenteados e, as belas jovens de rosto maquiado, mas mal vestidas. E na rua onde havia vendedores de frutas, verduras, as crianças brincavam ruidosamente.

Ao lembrar das ruas de Yanagichô ou Akagishita, Sawazaki parou em frente a uma barraca, quando uma mulher saiu de uma porta próxima – era a Senhora Dening.

Completamente surpreso Sawazaki a abordou sem cerimônia, chamando seu nome.

A mulher não ficou assustada, mas como não podia fugir ou se esconder, permaneceu no lugar, desviou o rosto e estava com medo de falar.

“E a doença...já se recuperou?”

“Sim, obrigada...”.

“Mora na região?”

“Sim, alugo o quarto do terceiro andar”.

“E amanhã, vai à empresa...?”

“Me desculpe, você deve estar tão ocupado”.

“Não há o que fazer quando se está doente...saiu para caminhar? Se não se incomodar vou acompanhá-la”.

Como não tinha como recusar a oferta ela caminhou pela alameda de árvores da Broadway com Sawazaki. A região norte da Broadway é tranqüila, há apenas prédios de apartamentos em ambos os lados, o tráfego não é muito intenso e o banco de Hudson pode ser visto dos apartamentos.

“O que acha? Vamos caminhar à margem do rio. O verde intenso das folhas daquelas árvores indica que o verão chegou, não é mesmo?”

Andaram cerca de um bloco e se sentaram num banco sob as árvores. Não disseram nada por um tempo, observando a mudança de cor do rio com o cair da noite, quando Sawazaki perguntou como que lembrando de repente,

“Irá ao trabalho amanhã, não?”

A mulher permaneceu em silêncio, como se não tivesse escutado por causa do vento, mas repentinamente disse com determinação:

“Na realidade, estou pensando em parar”.

“Por que? Não está satisfeita com o trabalho?...”

“Não é isso”. Protestou enfaticamente. “Simplesmente não tenho ânimo, talvez devido à minha doença”.

“Que tipo de doença?...”

Sem resposta, a mulher permaneceu calada e cabisbaixa. Sawazaki a pressionou, “É a primeira vez que trabalha num escritório?”

“Não, não posso dizer que seja a primeira vez. Antes de me casar, trabalhei durante um longo tempo em lojas e companhias.”

“Então, deve estar acostumada a escritórios”.

“Não, creio que não. Depois do casamento, não saí de casa por cerca de três anos, talvez por preguiça. Depois que meu marido faleceu, fui obrigada a voltar a trabalhar, mas...o que posso dizer? Perdi a estabilidade”, disse com um sorriso triste.

“Mas o trabalho que faz no escritório não é muito complicado. Além disso, como você é a única americana não precisa se socializar...Não consegue fazer isso?”

“Está certo. Em Nova York não existe lugar mais agradável do que sua empresa. Por isso, desejava tanto ser contratada, mas de alguma forma toda manhã...” Ela fechou a boca e corou.

Já anoitecera. À noite de verão ora parecia clara, ora parecia escura. Atrás do banco em que estavam sentados havia folhas novas de uma árvore enorme, interceptando a luz das estrelas e da rua, formando uma sombra sobre o casal. De repente, parecia determinada e olhou para ele furtivamente.

Mesmo que poesia e música sejam estranhas a Sawazaki, o mero fato de estar sentado perto dela naquele banco, mesmo sem segurar suas mãos, numa noite poética de belas folhas, o fizeram sentir-se tão feliz que escolher um assunto era a menor de suas preocupações.

“O que seu marido fazia?”

“Ele trabalhava numa empresa de seguros”.

“De sentir falta dele, por diversas razões”.

“Sim...Fiquei um tempo perdida, sem saber o que fazer”.

Sempre que a brisa do rio acariciava seus cabelos, as folhas sussurravam. Também era possível escutar o som de um piano sendo tocado numa residência próxima. A mulher ficou mais relaxada e por alguma razão sentiu vontade de conversar com alguém sobre assuntos pessoais, que normalmente não discutiria durante o dia nem com um amigo próximo. Talvez fosse o caso de confidenciar a vida sob as estrelas da noite de verão...Ela recostou o cotovelo contra o banco e disse como num monólogo: “Era tão divertido quando meu marido era vivo!”

Sawazaki estava há mais de um ano naquele país e já estava acostumado com os americanos falando, abertamente, sobre assuntos pessoais. Assim, disse seriamente: “Entendo” e perguntou: “Como se casaram?”

“Bem, como todas as manhãs pegávamos o mesmo trem para ir ao trabalho, acabamos nos conhecendo e começamos a nos encontrar aos sábados e aos domingos...logo decidimos viver juntos. Ele insistiu que, no começo, deveríamos continuar a trabalhar até juntar algum dinheiro, mas eu realmente odiava a idéia de acordar cedo e ficar sentada até o fim do dia...Na realidade, este era o motivo pelo qual ansiava encontrar alguém que cuidasse de mim e acabei encontrando uma saída. Não há nada mais doloroso do que acordar de manhã quando ainda estou sonolenta. Fazer com que a pessoa saia da cama quente para lavar o rosto e trocar de roupa é um crime, especialmente num dia frio. Ao se dar conta disso, meu marido desistiu e me deixava na cama enquanto saia para trabalhar todas as manhãs. Mas em troca, nunca insisti, como qualquer mulher de Nova York, que precisávamos ir ao teatro no sábado à noite e gastar tanto dinheiro.

Ao levantar tarde todos os dias e depois de ficar em casa o dia inteiro, ter o trabalho de trocar de roupa e fazer outras coisas apenas para ir ao teatro era algo muito complicado. Por isso, preferia deitar no sofá e ler algum romance. No final das contas, meu marido preferia dessa forma já que não custava nada”.

Apesar de ficar um pouco entediado com a conversa, Sawazaki continuou concordando para não interrompê-la. Era falante, uma mulher americana típica. “Isso não é tudo, meu marido me disse...‘Você é mais bela quando acorda do que quando está arrumada e bem vestida’, há, há, há, há. Quando ficava furiosa por gozar de mim, ele dizia: ‘Você não nasceu para o trabalho, como uma típica mulher americana. É como uma bela turca ou persa, com um vestido transparente, sonhando acordada com o som da água caindo de uma fonte, dentro de uma casa enorme’”.

Ela continuou a falar futilidades, mas se levantou e disse depois de algum tempo: “Que horas são?”. Sawazaki não queria mais detê-la. “Então amanhã...Vá ao escritório. Vou esperá-la”.

Eles partiram, mas quando o dia seguinte chegou, ele a esperou em vão, pois ela enviou um telegrama dizendo que realmente teria de sair por motivo de doença.

Que impertinente...me tratando como um tolo só porque sou japonês. Como um japonês habituado aos Estados Unidos, Sawazaki ficou furioso, reagindo de forma patriótica, mas não era algo para brigar e logo contratou um garoto de quinze ou dezesseis anos de idade para substituí-la. Uma semana, dez dias se passaram desde aquela noite de verão, em que ficaram sentados no banco à margem do rio Hudson, conversando. Começou a achar que não passava de um romance. Especialmente pelo fato de a mulher ter se queixado o quanto se sentia solitária após a morte do marido e até ter-lhe segredado sobre a sua aparência quando acordava, um segredo feminino. Ele imaginava se ela não teria se feito enigmática para atraí-lo. Ao perceber que talvez perdera uma grande oportunidade por não ter compreendido a situação, se sentiu arrependido e nervoso. Numa noite, Sawazaki passou pela avenida Amsterdã, subiu até o terceiro andar de um prédio familiar e bateu em uma determinada porta.

A pessoa que colocou a cabeça para fora era um homem enorme de colete, talvez um operário de cinquenta anos que, provavelmente, acabara de comer, pois ainda mastigava algo e restos de pão podiam ser vistos em sua barba.

“A senhora Dening mora aqui?”

O homem enorme olhou o corredor e, com a voz alta, chamou o nome de uma mulher, que parecia ser sua esposa.

“Ei, outra pessoa veio procurar aquela tinha, diga algo a ele”.

Neste instante, uma velha de olhos turvos e queixo sobressaltado apareceu, olhando desconfiada para Sawazaki, mas finalmente disse: “Me desculpe, mas aquela mulher não mora mais aqui. Nós a despejamos ontem de manhã. Você é alguém próximo a ela?”

Não compreendi direito, mas seu tom era de rancor. Sawazaki estava perplexo, mas perguntou “Sou o gerente da empresa que a contratou”.

“É mesmo?”.

“Como ela nos informou que não compareceria ao trabalho porque estava doente vim verificar...Você a despejou?”

“Senhor, acredito que também foi enganado por ela”, a velha mudou o tom da voz abruptamente e começou a falar sem parar.

“Senhor, aquela rechonchuda não tem escrúpulos. Na época em que tinha o marido, moravam no quinto andar deste prédio, mas não fazia nada o dia inteiro e parecia uma prostituta qualquer; enquanto outras recém-casadas da região trabalhavam duro em lojas ou

faziam trabalhos domésticos, aquela mulher era preguiçosa e nem limpava a própria casa. Então, quando o marido faleceu repentinamente o ano retrasado, ela não sabia mais o que fazer. Como o aluguel do quarto do quinto andar era caro e o lugar era muito espaçoso para uma única pessoa, ela se mudou para um quarto vago em nossa casa. Ela pagou o aluguel por cerca de meio ano, talvez com algum dinheiro que havia guardado, depois tornou-se aproveitadora e sempre pedia um adiamento. Além disso, sempre que conseguia um emprego decente, logo ficava entediada e em duas ou três semanas desistia. Por causa disso, ficamos preocupados que nunca reaveríamos o dinheiro do aluguel, mas como a conhecíamos desde a época em que era casada, não poderíamos abandoná-la, assim, ficamos sem saber o que fazer”.

“Mas, aconteceu algo duas noites atrás”, o operário que estava apenas acompanhando a conversa continuou.

“Duas noites atrás, finalmente, o dinheiro deve ter acabado, pois trouxe um homem para cá como se nossa casa fosse um prostíbulo. Na realidade, nós já suspeitávamos disso há algum tempo, mas ficamos quietos por não ter provas. Contudo, antes de ontem, já se passara uma, duas horas após a meia noite e concluímos que não poderia ser um de seus amigos. Nossa casa pode ser simples, mas é a moradia de um trabalhador, que não aceita abrigar uma prostituta e dissemos que não queríamos o aluguel atrasado...no dia seguinte, nós a despejamos e ficamos apenas com algumas roupas de valor e móveis”.

“Sabe para onde ela foi?”, Sawazaki perguntou.

“Como vou saber? Talvez quando a noite cair ela estará em algum bar da região”.

Sawazaki levou algum tempo para descer as escadas e sair, mas agora que sabia a história de depravação da mulher se arrependeu ainda mais por não ter compreendido os sinais e perdido a oportunidade. Bateu os pés no chão e friccionou os dentes.

Não há nada pior do que o despertar do arrependimento por perder uma grande oportunidade. Com o passar do tempo, ele relembrou o acontecido, mas nunca teve outra chance de vê-la. Assim, três anos se passaram e faltavam apenas duas semanas pra retornar ao Japão.

Então, quando bebia Masamune no clube, com dois ou três japoneses com quem costumava jogar cartas, talvez para lhe oferecer uma festa de despedida, bebiam e conversavam à toa quando um senhor, que apesar de ter filha e netos, colecionava fotos de pessoas nuas mostrou duas ou três fotos, dizendo que eram obras- prima adquiridas num certo lugar.

Sawazaki passou os olhos e percebeu que, apesar das poses indecentes e ter mudado um pouco a aparência, o rosto era da inesquecível Dening.

Ah, então ela escolheu ganhar dinheiro da maneira mais fácil e, ocasionalmente, pousava como modelo para um fotógrafo. Ele tremeu com a intensa sensação de arrependimento e infelizmente não teve oportunidade de encontrá-la antes de retornar a seu país.

Dessa época em diante, quando as pessoas perguntam sua opinião sobre os Estados Unidos, o senhor Sawazaki sempre concluía suas observações com o seguinte pronunciamento:

“Não existe uma sociedade mais corrompida moralmente do que os Estados Unidos. Devido às dificuldades para ganhar a vida, pode se dizer que não há uma mulher pura e não é um lugar para um cavalheiro viver durante muito tempo”.

Abril de 1907

5.12 Damas da Noite

夜の女 – Yoru no Onna

Broadway na Rua Quarenta e dois é onde as pessoas se divertem todas as noites até o início da manhã em teatros grandes e pequenos, hotéis, restaurantes, clubes, até mesmo em tavernas, bares de sinuca e cafés, tudo ao alcance da construção do New York Times, que plana sobre eles como uma torre. Até mesmo para aqueles que estavam cansados de tais prazeres ordinários, não eram poucos os lugares para se divertir.

Há um pequeno teatro chamado Nova York que sempre exhibe muitos outdoors de dançarinas atraentes em roupas de malha na entrada e é conhecido por atrair multidões mesmo durante o verão, época em que a maioria dos teatros fecham. Dobrando a esquina, você se depara com uma ruela calma.

Esta é a rua inferior que conecta a Broadway com a Sexta Avenida onde trens elevados estão passando e nota-se imediatamente a entrada do Teatro de Hudson, que fica na parte de trás do teatro. Na diagonal encontra-se a entrada do apresentável, Lyceum e a pouca distância, há dois ou três hotéis agradáveis onde as atrizes e dançarinas trazem os clientes e passam a noite, cada qual com entradas separadas com um telhado de vidro e um vaso de planta enorme. Além disso, fora os três ou quatro, apartamentos altos e modernos, igual àqueles vistos em bairros residenciais, em ambos os lados da rua só há edifícios de cinco andares, construídos no estilo de sessenta ou setenta anos atrás para serem alugados; quase todas suas janelas têm avisos como “Costureira”, “Quiromancia da Índia”, “Aulas de Música”, etc, junto com anúncios para quartos para alugar e uma lanterna vermelha de um restaurante chinês.

Esta ruela é quase deserta durante o dia, mas depois do crepúsculo, as mulheres começam a aparecer, caminhando de um lado para o outro, mostrando os sapatos de salto alto abaixo das bainhas das saias longas, e balançando os quadris sugestivamente como um pássaro. Após a meia-noite, a área fica cheia de um lado a outro com carruagens pequenas ocupadas por casais.

Todo jovem sócio de um clube ou outro sabe que entre esta fila de edifícios de aluguel há um lugar para diversão.

Para ter certeza, no entanto, diz-se que a polícia da cidade de Nova York é rígida, assim não há nada na entrada que chame a atenção. Porém, alguns já vem com a informação pelo número da casa, e aqueles que não sabem são, até mesmo contra a vontade, levados pelos cocheiros das carruagens da rua principal, visando uma gorjeta generosa.

Aparentemente é um velho edifício de aluguel, mas uma vez dentro há uma enorme sala separada com cortina de veludo. O assoalho e as paredes são escuras de um vermelho-lagosta, e o teto é ligeiramente mais claro com um padrão arabesco dourado. As cadeiras e os sofás são da mesma tapeçaria de veludo vermelho-lagosta; do teto descia um enorme lustre dourado, que dão um ar solene, como uma cena de uma performance teatral provinciana, mostrando o palácio de certo duque.

Cobrindo a superfície inteira da parede da sala de estar há uma pintura enorme onde mulheres, totalmente nuas, abraçam-se umas às outras e prestes a tornarem-se presas de animais selvagens em uma cena que descreve a perseguição de cristãos na era romana; no próximo quarto, há também uma enorme pintura na qual quatro ou cinco ninfas nuas, quase em tamanho real, tomam banho em um riacho debaixo de algumas árvores, enquanto brincam com um cisne. E, em cada canto dos quartos, haviam sido plantados coqueiros artificiais com suas folhas verdes como se fossem verdadeiros.

A dona deste estabelecimento era a madame Stanton. Ninguém sabia de onde ela viera, mas havia rumores de que, enquanto trabalhava como empregada em um prostíbulo aprendera os truques do comércio até mesmo sem perceber, tornara-se a gerente do local. Economizara uma pequena fortuna trabalhando naquele local, depois em Chicago, Filadélfia e Boston. Então viera para Nova York e iniciara o presente estabelecimento sozinha, e estando comprometida com o negócio há mais de trinta anos.

Ela é muito gorda, e a cintura, por exemplo, parece tão enorme quanto uma coluna de mármore em uma sala de estar de hotel. Tem uma face quadrada com uma boca grande e olhos pequenos, e o cabelo é completamente branco, mas sempre passa pó na face e às vezes até mesmo lápis nas sobrancelhas.

Ela ostentava que, enquanto gostou de homens desde os dias de sua juventude, não gastou dinheiro com eles e seu passatempo foi colecionar jóias. Realmente, ela usava anéis em todos os cinco dedos, e enquanto fala com outros, tem o hábito de colocar sua mão no colo e polir as jóias incessantemente com seu lenço. Além dos anéis, o que a Madame apreciava tanto

quanto a própria vida é um par de brincos de diamante, que dizem valer dois mil dólares. Mas, chama muita atenção por balançá-los diariamente na orelha. Na volta da dança foi seguida por um homem em três ocasiões diferentes amedrontando-a e desde então os guarda no fundo da mala com dupla fechadura. Não há uma única mulher na casa que não conheça esta história famosa.

O cômodo da Madame que fica de frente para a rua, no segundo andar, servindo como sala de estar e também como quarto. Do teto descem um guarda-sol Japonês e uma redonda lanterna vermelha, e perto da entrada há um biombo duplo com um faisão dourado bordado em tecido preto que também foi feito, aparentemente, no Japão. Todas estas sombras de cores Orientais criam uma desarmonia surpreendente com o a lareira velha e a cama de metal grande.

No centro do quarto, há uma mesa pequena sobre o qual se vê sempre o “Journal” e “New York Press”, bem como uma magnífica gaiola com um papagaio. O papagaio já está na casa há dez anos e aprendeu todas as palavras vulgares que são usadas apenas nesta sociedade. De manhã até a noite bica o poleiro e grazina em tom agudo, enquanto na poltrona perto da gaiola, Tom, um cachorro tão pequeno quanto um rato, meneia as orelhas e espera alguém vir para o segurá-lo.

Todas as tardes depois da uma, finalmente a madame acorda; primeiro apanha o Tom e o beija, então ralha com o papagaio, toma o café da manhã, que é trazido pela empregada negra, lê os jornais e gasta o resto do tempo com as plantas perto das janelas, esperando pela chegada das seis horas. Após esse horário, finalmente o dia começa nesta casa. Assim que a empregada toca o sinal, a madame desce, devagar e deliberadamente, para a sala de jantar, segurando o Tom. Ela senta-se com um ar de importância à cabeça da mesa e é acompanhada pelas mulheres, que ruidosamente, emergem de seus quartos no segundo, terceiro e quarto andares, onde dormiam. Descem usando sandálias e vestidos soltos, imaginando que horas eram. Elas, cinco no total, sentam-se.

À direita de madame, primeiro, está a Íris, então Blanche, e então a Louise; à esquerda dela Hazel e Josephine.

Cada uma das cinco tem a própria história e personalidade.

A primeira, Íris, é de descendência irlandesa e é dito que nasceu em Kentucky. Talvez tenha ao redor de vinte e três ou quatro anos de idade. Tem uma face redonda com um queixo

curto que é típico de sua face; seus olhos azuis são pequenos e o cabelo é de um brilhante loiro. A inclinação de seus ombros sugerem algo delicado, mas sua forma bela, da cintura às pernas, é um motivo de orgulho, e ela produz como evidência o fato de que ela foi duas vezes a modelo de um artista. De acordo com ela, sua família é bastante próspera no país e freqüentara uma escola católica até seus dezesseis ou dezessete anos; às vezes, quando menos se espera, cantarolando um hino religioso, como se estivesse se lembrando de algo. Geralmente, ela parece ser de uma personalidade conquistadora; não fica particularmente "alegre" enquanto bebe com um homem, nem parece deprimida até mesmo quando enferma por doença ou qualquer outra coisa.

Em contraste, Blanche que senta próximo a ela, não tem nem pais nem irmãos e é uma mulher naturalmente perdida, chegou nas sarjetas de Nova York na companhia de cachorros. Diz-se que ela já tem trinta anos, mas é bastante pequena, de forma que aplica muita maquiagem para aparentar ser mais magra, com aparência pálida e uma tira vermelha com falso cabelo ao redor de seu topete, ela se transforma em uma menina jovem de dezesseis ou dezessete e pode enganar um homem facilmente na escuridão. Ela aprecia beber e, o que é mais surpreendente é que dizem que uma vez roubara o dinheiro de um cliente e fora mandada para a cadeia na "Ilha"; dizem que ela tem dois amantes negros, um é artista do teatro de variedades e o outro cocheiro de carruagem de duas rodas. Assim, suas colegas de trabalho repugnam-na por causa dos sentimentos delas como pessoas brancas.

Agora, a terceira, Louise, é uma parisiense rechonchuda com cabelos e olhos escuros; embora digam que tem certa idade, sempre parece jovem, talvez graças à habilidade indígena em fazer a maquiagem. Dois anos atrás viera trabalhar nos Estados Unidos com seu amante, depois de ter ouvido que este era um país de dinheiro; está disposta a fazer qualquer coisa por dinheiro, até mesmo se tornar um brinquedo dos homens, mas por outro lado, aparentemente ela não gastava o próprio dinheiro, nem mesmo com uma garrafa de vinho, não sendo também bem falada entre as companheiras.

Hazel à esquerda, é uma mulher robusta, do Canadá britânico; de seus seios, que parecem segurar uma par de bolas, aos seus fortes antebraços e ombros, têm-se a sensação de extrema oleosidade, de forma que ao chegar perto dela é como se pudesse sentir o cheiro de sua pele e o calor de seu corpo. A redonda face é desproporcionalmente pequena para o corpo dela, a boca é frouxa e os olhos são sombrios; vêem como alguém boa, uma interiorana que já tivesse

ordenhando vacas no pasto, mas uma vez que se embebede com uísque, todas temem os seus fortes braços e tentam melhorar seu humor através de pequenas intrigantes.

A última, Josephine, provavelmente é a melhor na casa tanto pela beleza como pela aparência. Ela tem pouco mais de vinte anos de idade. Seus pais emigraram da ilha da Sicília da Itália e dizem que ainda trabalham na barraca de verduras no bairro italiano no East Side. Suas bochechas são rosa e evocam as mulheres bonitas da Europa Sulista, seus olhos têm um brilho úmido como pedras preciosas pretas, e as sobrancelhas longas parecem ter sido desenhadas.

Aos quatorze ou quinze, ela começou a cantar canções populares no teatro de variedades e em cervejarias no East Side com grande aclamação; chegou a trabalhar no musical da Broadway, mas ficou doente e perdeu a voz preciosa. Ela se recuperou depois de deixar o hospital, mas até lá tinha cedido à preguiça e se afundou no mundo da prostituição. Ainda, não experimentou o tipo de dificuldade que a levaria olhar mais profundamente a realidade severa da vida, nem se apaixonou desesperadamente por um homem; particularmente, ela só ama usar vestidos bonitos e brincar com homens jovens, e para alguém da idade dela, para quem qualquer coisa travessa é divertida, sua vida frívola atual é uma situação bastante ideal. Exceto quando ela está dormindo ou está comendo, ela continua cantando dia e noite canções populares, como fazia profissionalmente, ou então vive a gargalhar por toda a casa, até de coisas sem graça.

Não há um dia sequer que estas cinco não tenham uma briga, mas, como uma tempestade que se vai, depois de uma hora ou algo assim elas esquecem tudo e ficam amigas novamente, passando a caluniar os outros.

O jantar sempre consiste em rosbife ou então carne de porco, com batatas assadas. Molho de oxicoco e aipo. Segue-se uma fatia de torta ou pudim de sobremesa e uma xícara de chá preto. Depois, todas retornam para o quarto e gastam um longo tempo se maquiando. Então, às dez horas, quando a madame toca todas as campainhas da casa, todas vêm escada abaixo à sala de estar e esperam pelos clientes, iniciando aquilo que elas chamam de horas de negócios, conforme as mulheres de uma nação mercantil.

A esta hora, além das cinco moças da casa, quatro ou cinco mulheres que vêm fora por arranjos especiais com a madame, de forma que todas juntas somam mais que dez mulheres que assumem suas posições na sala de estar. Algumas vestidas como mulheres respeitáveis,

usando roupas brancas e acessórios no pescoço, outras em vestidos longos de noite, ornados com uma abundância de rendas e até mesmo segurando leques, como se elas estivessem na baile de gala.

2

Depois das onze horas, espetáculos terminam em teatros próximos e as ruas ficam muito barulhentas momentaneamente com os passos de pessoas, o rugido de carruagens, e os gritos de cocheiros, mas num instante o silêncio retorna. É entre a meia-noite e uma ou duas horas da manhã que as pessoas que deixam restaurantes, clubes, e salas de estar entram nos prostíbulos. Naquele momento, um grupo de três jovens, prováveis balconistas, foram levados escada acima para vários quartos no segundo e terceiro andar por Blanche, a ladra, a francesa Louise, e Flora que é a esposa de um condutor de bonde e mãe de dois filhos que trabalha à noite para ganhar dinheiro com anuência do marido. Então, logo depois, a campainha toca novamente.

Marie, a criada negra, abre a porta. Um homem gordo e grisalho que parece um gerente é seguido por mais três que são provavelmente comerciantes rurais. Sentindo que eles são clientes promissores, a madame os cumprimenta e os conduz à sala de estar.

O homem que parece um gerente parece justificar a presença de um homem de sua idade, dando a entender que fazia por causa da amizade e mesmo antes de se sentar com extrema calma, observa o grupo de mulheres e põe imediatamente os olhos em Josephine, a jovem ex-artista. Levado pelo achado, esqueceu-se da vergonha e foi em direção à ela, sentou-se no mesmo sofá, puxou as mãos da mulher para o seu colo e disse: “Vamos tomar champanhe?”.

Os outros três do interior parecem ter sido espantados por ver, assim que eles entraram na sala de estar, a representação enorme da perseguição de cristãs nuas pendurada na parede dianteira - uma pintura religiosa, num lugar inesperado - e sentaram-se, enquanto contemplavam silenciosamente o quadro, como se estivessem num museu de arte. Além das mulheres que já estavam lá, duas ou três outras saem dos quartos adjacentes, correndo as cortinas que dividem os quartos em um lado, e se sentam em cadeiras que cercam os três. A criada negra traz duas garrafas grandes de champanhe e serve nos copos.

"À esta feliz ocasião." O gerente de cabelos brancos ergueu sua taça primeiro, tomou um gole e, então passou para os lábios de Josephine, fazendo-a tomar o resto.

Madame estava em pé, segurando a taça e, olhando para os três, convidou: "Se qualquer uma delas agradar aos senhores" mas, acanhados, limitavam-se a sorrir maliciosamente. Naquele instante, alguém dizia: "Adeus, até a próxima vez", no corredor do lado de fora da sala de estar. Seguido pelo som de beijos, uma mulher despediu-se do cliente no segundo andar. Blanche cantarolando uma melodia e balançando os quadris, Louise, alisando os fios soltos de seus cabelos e Flora, cabisbaixa adentraram na sala.

As duas últimas se sentaram em cadeiras ao canto distante, mas Blanche, vendo que havia clientes, ignorou suas colegas, chegou em um deles enquanto ainda cantarolava, e abruptamente sentou no colo dele, dizendo "posso?". Olhou para ele de maneira sedutora e, fumando o cigarro entre seus dedos, lentamente soltou a fumaça na face dele.

Assim, o homem, que tinha finalmente se posto mais corajoso depois de tomar o um copo de champanha pegou o cigarro da boca da mulher com uma mão e fumou, enquanto agarrava a cintura dela com a outra mão para que ela não deslizesse do seu colo.

Assistindo a isto, um dos outros homens, embora ainda sóbrio, já não hesitou e apoiou o ombro dele contra a loira Íris, julgando ser a mais dócil das mulheres. O que sobrou, aparentemente um tipo ávido que não era particularmente difícil de contentar, estava contemplando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, não o rosto das mulheres, mas os seios escondidos debaixo dos vestidos e os ombros brancos expostos pelos vestidos de gala, e aparentemente entregando-se a pensamentos indecentes.

Neste momento, com os pares definidos, Hazel, a mulher grande do Canadá, foi a primeira a se levantar, seguida pelas demais que se retiraram à sala de estar adjacente além da cortina. Mas, assim que ela se sentou, Hazel esbravejou: "Eu não acredito nisto! Aquela ladra da Blanche. Ela chega depois, e tem a ousadia de sentar no colo de alguém que nem mesmo é seu cliente regular. Eu estou completamente enojada. A mulher ao lado concordou, dizendo: "Bem, o que se espera de uma mulher desavergonhada que tem amantes negros?"

Toda a noite é assim, começa com a briga pelos clientes, que continua até o dia seguinte e se torna um assunto de fofoca, resultando, no final das contas, em uma discussão entre as moças e aquela que se tornara objeto da fofoca.

Naquele momento, porém, a fofoca no quarto adjacente felizmente fora abafada pela gargalhada do homem embriagado. Blanche se sentou no colo do homem, balançando as pernas em meia-calça de seda, agarrou o ombro dele com ambas as mãos, e, balançando o corpo como que remando um barco, disse: "Vamos subir agora", como se desejasse resolver o negócio rapidamente.

"Tempo é dinheiro" é a máxima que sustenta a vida de mulheres nesta capital mercenária. Para fazer muito dinheiro em menos tempo possível, elas não deveriam desperdiçar o tempo com o capricho de um único homem. Para a madame, porém, o dinheiro que gastam em bebidas é a sua renda. Assim, qualquer cliente que pareça beberrão deve ser entretido o maior tempo possível para lhe vender bebida. O resultado é que algum conflito de interesse não pode ser evitado entre a madame e as mulheres que constantemente reclamam. Por exemplo, "Graças a mim, tornou-se cinco garrafas de champanha ontem à noite, contudo a madame me fala que não pode esperar nem mesmo uma única semana para receber meu aluguel."

A madame tinha acabado de servir a segunda rodada de champanha e começou a tocar o piano para manter as pessoas entretidas. Então ela chamou Josephine, a italiana que fez companhia ao gerente de cabelo grisalho durante algum tempo, no sofá. "Josephine, cante algo para nós." Ela que havia sido dançarina, era se jovem e sem muita ganância, gostava de entreter qualquer pessoa, e assim ela começou a cantar em alta voz, batendo palmas no que foi acompanhado pelo gerente!

"Eu gosto de seu modo e as coisas que você diz,
Eu gosto das covinhas que mostra quando sorri,
Eu gosto de sua maneira e eu gosto do seu estilo;
Eu gosto de seu jeito"

Blanche ficou um pouco impaciente e, para uma velha de mais de trinta anos de idade, disse com uma doce voz: "Eu estou bêbada e me sinto péssima", e apertou o rosto contra o peito do cliente e respirou profundamente, enquanto Íris, imitando-a, agarrou os dedos do companheiro e disse: "Vamos subir e conversar, certo? "

O gerente, assistindo a cena, disse: "Olhe, madame, parece que já se acertaram. Vamos, então, uma última garrafa? "

A madame saltou do piano ao pedido e ordenou: "Marie, rápido, que nosso convidado está pedindo champanha".

Até mesmo Blanche, desiludida, disse sem forças, como se resignada ao seu destino: "Você tem tanta energia!", enquanto o gerente, animado sozinho, soprava fumaça grossa do charuto, dizendo: "Eu sempre sou assim se tiver bebida, mulher e dinheiro. Josephine, cante novamente aquela canção para mim? "

Eu gosto de seus olhos, você é exatamente do meu tamanho,
Eu gostaria que você gostasse de mim tanto quanto eu gosto de você,
Eu gosto de seu jeito!

Naquele momento, a campainha tocou novamente. Marie que há pouco tinha trazido a última garrafa de champanha desculpou-se e se apressou para o corredor, pedindo para a madame servir o champanhe.

Podia-se ouvir clientes que entravam na sala de estar adjacente ruidosamente. Em seguida, a grandona Hazel e a francesa Louise com seu sotaque inglês engraçado. Então, ouviu-se uma voz grave masculina gritar: "Não tenho nenhum dinheiro para champanha".

3

Depois de um fluxo incessante de clientes, o movimento parou depois das três horas da manhã.

Todas as mulheres, mesmo acostumadas a ficarem acordadas todas as noites, tinham os olhos cansados. Como tomaram champanhe, cerveja, ou uísque com soda indiscriminadamente, sentiam suas cabeças pesadas de uma ressaca. Até mesmo Josephine, a animada, já não tinha mais força para cantar canções populares e está bocejando, com um cotovelo no piano, enquanto Blanche em um canto finge estar levantando a meia-calça, mas provavelmente está tentando calcular quanto dinheiro tinha recebido.

Íris, Hazel, Louise e Flora estão sentadas no sofá, em fileira como um bando de pássaros apoiando-se nos ombros uma da outra. Elas pareciam completamente exaustas sem nenhum assunto para conversar ou fofocar. Parece que estão até mesmo cansadas de fumar. Olham

uma para a outra, e uma delas disse bruscamente: "Oh, eu estou com fome". Mas não houve ninguém que se prontificasse: "Vamos comprar algo".

De repente, a campainha desperta a casa de sua fadiga coletiva.

Como se para despertar o ânimo, a madame vai para a porta, sem esperar por Marie. Dois homens aparecem em chapéus de seda, casacos de pele forrados e luvas brancas, segurando bengalas, sem dúvida são cavalheiros da alta sociedade, assim a madame os conduz para a sala de estar dianteira e chama: "Meninas, nós temos visitas".

A Hazel levantou-se primeiro e, antes de entrar no próximo aposento, como costumam fazer as mulheres, deu uma espiada da divisória da cortina para ver se eram clientes promissores, mas voltou-se imediatamente com uma expressão perplexa e pediu para que ficassem todas em silêncio.

"É isto? Elas aparentemente entenderam imediatamente e olharam uma para a outra, enquanto Blanche adiantou-se, olhou pelas cortinas, e, disse:" "É sim" e, furtivamente retornou onde estavam as outras. "Eles são os detetives. E vestindo roupas de noite, por Deus. A madame não percebeu? Eu me lembro muito bem do rosto deles."

Com estas palavras as mulheres - acostumadas a uma vida de prostituição, já tiveram, por uma ou duas vezes experiências amargas quando a polícia de Nova York enviava, pelo menos uma vez por mês, detetives, disfarçados como clientes, para punir vendas de bebidas ou prostituição. Assim, saíram calmas e sorrateiramente do corredor para o refeitório do subsolo. Algumas passaram despercebidas do quintal de trás para o jardim do vizinho, enquanto outras foram para a saída do subsolo, prontas para escapar para as ruas se fosse necessário.

A madame as chamou duas vezes, mas ninguém apareceu; Nessa sociedade o entendimento é muito rápido e ela percebeu a gravidade da situação. Quando um dos homens pediu champanhe, ela apanhou uma garrafa grande, serviu-lhe, e disse: "Senhores, deixem de brincadeiras!", riu enquanto pegava um par de dólares de dentro da meia-calça e os colocou no bolso dele.

Os dois detetives mostraram-se satisfeitos e se levantavam, enquanto diziam: "Ha, ha, ha, ha. Nós só estamos fazendo o nosso trabalho. Até a próxima."

"Contamos com os senhores."

Que saudação estranha; Madame acompanhou-os e bateu a porta em seguida. Derrubando o corpo pesado no sofá da sala de estar como um barril redondo, ela gritou em voz alta: "Maldição!"

Durante algum tempo, a casa inteira permaneceu quieta, mas logo Tom, o cachorro de estimação, enfiou a cabeça entre as cortinas, balançando o sino preso ao pescoço e olhou para madame com um olhar preocupado. Ele foi seguido por Blanche que veio do refeitório, espiou a sala de estar como fizera Tom, e chamou: "Madame."

Mas a madame estava aparentemente muito desolada para responder.

"Madame, pelo menos eles foram embora sem fazer muita confusão."

"Claro que sim!", disse a madame irritada. "Eu dei a eles três ou quatro notas de vinte dólares."

"Três ou quatro notas de vinte dólares." Blanche, estava certa de que ela estava exagerando e disse, afetadamente, "Eu sinto muito".

Neste momento, as que tinham fugido ruidosamente para o quintal correram de volta para a sala de estar, vendo que não havia mais perigo gritando: "Que frio, vamos morrer congeladas" Blanche maldosamente disse, exagerando novamente: "Madame disse que entregou sete ou oito notas de vinte dólares."

"Oh meu Deus!" Todas olharam para o rosto de madame.

A madame parecia ter ficado irritada com as expressões de condolência e assombro das mulheres e desencostou seu tronco do sofá, de um modo abrupto, e olhando para todas disse: "Não precisam ficar assim admiradas. Eu estou neste negócio há cinquenta anos. Um olhar é o bastante para me dizer se um sujeito deixará em paz por só cinco dólares ou se ele fechará os olhos por dez dólares. Você precisa um treinamento próprio para perceber estas coisas. Eu lhes falei, eu tenho feito isto há cinquenta anos, desde quando o Presidente Roosevelt, até mesmo o Presidente Mckinley eram meras crianças com nariz a escorrer."

"Cinquenta anos...", alguém repetiu, e outra perguntou: " Nessa época, Carnegie devia ser um trabalhador sem dinheiro, não é mesmo? "

"Possivelmente. Até mesmo eu não tinha um único anel em meus dedos naqueles dias."

Todas se calaram, sem saber o que dizer. Madame então, arrogantemente se endireitou e começou a recordar seu passado: "Realmente, cinquenta anos atrás eu não tinha um único anel." Então, olhando como se estivesse tremendamente orgulhosa do sucesso atual, de ter

superado os sofrimentos da vida, levantou-se calmamente e foi escada acima, olhando-as com desprezo.

O farfalhar da barra da saia não tinha ainda desaparecido quando a inocente Josephine, sem poder se conter mais tempo, começou a rir, caindo no sofá.

"Desde quando o Presidente Roosevelt fora uma mera criança com nariz a escorrer", Blanche imitou a fala de madame. Hazel completou: "Há cinquenta anos não tinha um único anel." E todas caíram na gargalhada.

O relógio badalou num dos quartos. Flora, a esposa do condutor de bonde, escutou e, virando para Julia que também viera trabalhar fora, disse: "Já são quatro horas. Foi uma noite sem sorte. Eu vou para casa."

"Verdade. Vamos."

As duas foram para o terceiro andar, tiraram o traje noturno, trocaram por roupas simples de sair, colocaram os chapéus, ajeitaram os véus e cachecóis, e bateram levemente na porta da madame, dizendo: "Estamos indo, pois já passa das quatro. Nos vemos amanhã à noite."

Desceram correndo a escadaria e, dizendo do corredor, "até logo" estirando as palavras, saíram para a rua; lá elas encontraram por acaso com o amante de Louise que viera junto da França para trabalhar como mecânico de automóvel.

"Boa noite", ele as cumprimentou, tirando o boné de caça com um estranho gesto europeu. "E a Louise? "

"Ela está na sala de estar. Que alegria, não? "

Todas as madrugadas ao redor das cinco horas era o horário dos amantes. Ele subiu os degraus de pedra e tocou a campainha.

"Oh, que frio!", Flora e Julia tremeram de uma maneira teatral e partiram para a Sexta Avenida. Já era meados de dezembro e, apesar do som dos bondes da cidade que corriam ao longo da noite poderem ser ouvido incessantemente, vindo e indo como ondas que colidem contra a costa, uma profunda tristeza penetrou seus corpos. Broadway se estendia além do teatro na esquina, ainda estava brilhantemente iluminado, como no início da noite, mas suas luzes de rua pareciam mais pálidas que a lua, mais geladas que a água, fazendo a grande cidade parecer mais solitária agora que em qualquer outro momento.

As duas ficaram mais próximas como tivessem combinado e caminharam por cerca de oito ou nove metros, quando detrás de duas ou três carruagens que esperam por clientes em frente do hotel, onde as meninas dos musicais passam a noite, um homem apareceu, com um grande cachimbo preso em sua boca.

"Você não está bem adiantada esta noite? "

Julia o reconheceu contra a luz e disse: "Bem, faz muito tempo."

O homem era o marido de Flora, o condutor de bonde que sempre esperou pela esposa nesta área, vestindo ainda o boné e o uniforme, ao término de seu turno, às quatro horas. Flora o beijou ligeiramente e disse-lhe; "Houve uma invasão policial, assim nós pensamos ser um presságio ruim e decidimos terminar às quatro horas. "

"Está tudo certo? Mas os negócios foram bons? "Perguntou o marido desavergonhado. A esposa, igualmente inalterada, respondeu, voltando-se para Julia, "Bem, não foi muito, mas ainda ficamos todas bem ocupadas, não ficamos? "

" Sim", ela acenou com a cabeça. "Mas a melhor foi Blanche. Eu não sei agir como ela."

"Flora, seria melhor aprender com ela?"

"Não diga nada, não é da sua conta."

"Eu estou querendo ajudar."

"É mesmo? " Flora bateu o homem na face com seu cachecol.

"Ha, ha, ha, ha. Não fique brava."

Eles alcançaram a Sexta Avenida e pararam em frente a um bar que cujas luzes externas estavam apagadas, mas que ficava aberto a noite inteira.

O marido de Julia era garçom neste bar. Como Flora e o marido se despediram, dizendo: "Bem, até logo", Julia os reteve, dizendo: "Vocês não tem pressa, tem? Não querem entrar para ver meu querido? "

"Oh, claro."

Eles entraram, Julia na frente, pela porta onde se lia "Entrada familiar".

Ainda havia tempo antes da alvorada de uma noite de inverno. De uma estrada reta deserta, a pessoa poderia ouvir a voz de um barítono, cantando tanto por estar bêbado ou para superar o frio:

Eu desejo estar com você; querida. esta- noite;

Porque eu estou solitário e infeliz aqui sem você,
Você pode contar, querida, pela carta que eu escrevo.

De repente, ao longe, o som de um trem elevado estremecendo e saltando a cidade. Em algum lugar, um cachorro começou a latir.

Abril de 1907

5.13 Primeiro de Janeiro

一月一日 – Ichigatsu Tsuitachi

Todos os anos, na noite de primeiro de janeiro, ocorre na residência do presidente da filial americana do Banco Toyo, a celebração do Ano Novo, tomando a sopa de *mochi*⁸⁰. Aproximadamente vinte pessoas compareceram, inclusive vários cavalheiros que não eram funcionários do banco, já que todos estavam vivendo uma vida de solteiros durante a permanência nos Estados Unidos e não tinham outra oportunidade para saborear nem um copo de saque *tosô*.

Kitty, a empregada alemã que trabalha nesta residência há três gerações de presidentes, recebe os convidados juntamente com um estudante que dizem ser um parente distante da esposa do presidente. Por vezes, a própria esposa acaba ajudando a servir.

“Quem imaginaria que seríamos tão bem tratados ao vir à América?” alguém expressou sua gratidão, enquanto outro, rindo, disse à esposa: “Isto finalmente curou meu *homesick*” ou ainda: “Faz dois anos desde que eu celebrei um Ano Novo como este”.

Diferente dos jantares com ocidentais, eles não precisam se preocupar com o barulho ao tomar sopa, então naquela ampla sala de jantar com todas as janelas fechadas, sons começaram a ressoar com o mastigar do *mochi*, ao sorver a sopa e ao comer o peixe *gomame*, a ova de arenque e a alga. Depois de algum tempo ouve-se, gritos como: “Que tal uma bebida?” são escutados conforme as pessoas passam os copos de saque vindos das mesas mais distantes.

De repente, em meio ao alvoroço da conversa que ecoava como o coaxar do sapo, pode se ouvir uma voz embriagada e desafiadora:

“Kaneda não veio novamente! Ele se tornou muito esnobe”.

“O Kaneda é um homem esquisito. Ele nunca comparece a festas em que é servida comida japonesa. Diz que detesta saque e arroz cozido....”.

“Detesta arroz cozido....realmente é estranho. Ele também é....do seu banco?”, alguém perguntou.

⁸⁰ Tipo de sopa cujo ingrediente principal é o *mochi*, massa feita de arroz do tipo *mochigome*.

“Sim”, respondeu o anfitrião. “Ele mora nos Estados Unidos há cerca de seis, sete anos...e diz que quer viver no exterior o resto de sua vida”.

Imediatamente, a atenção se voltou para este estranho. O presidente, como se espera de um experiente ancião, fez um comentário moderado: “Ele pode não ser uma pessoa amável, mas é uma pessoa reservada, tranqüila e indispensável para o nosso trabalho pelos conhecimentos que possui sobre os Estados Unidos”, e entornou o saque de sua taça.

“Porém, ele parece ser um homem que não sabe muito sobre a vida social. Afinal, mesmo que não aprecie saque ou arroz ele ainda é japonês, principalmente num dia como esta, primeiro de janeiro, o Ano Novo!”, murmurou o homem embriagado que havia falado anteriormente.

Ao dizer isso, provocou a reação de uma nova voz vinda do canto da sala, de uma pessoa que ainda não havia se pronunciado: “Bem, eu não o criticaria tanto, pois as pessoas têm razões inesperadas. Eu mesmo não sabia, mas soube que há uma explicação para o fato dele não gostar de saque ou arroz japonês”.

“É mesmo?”

“Tenho muita pena, desde então”.

“O que quer dizer com isso?”

“A história não é adequada para o Ano Novo”, preveniu:

“Outro dia, duas ou três noites antes do Natal, eu tinha de escolher presentes para alguns colegas ocidentais e decidi perguntar ao Sr. Kaneda, já que morava aqui há tanto tempo. Ele me levou a várias lojas na região da Broadway e no caminho de casa, sugeri que fôssemos a um restaurante chinês próximo, já que estava ficando tarde e também estava com fome. Ele respondeu que não tinha problemas quanto à comida chinesa, mas detestava arroz japonês....Assim, ele me levou a um restaurante francês. Ele...gosta de vinho. Logo esvaziou duas ou três taças e, talvez um pouco bêbado, fixou os olhos intensamente no reflexo da luz em sua taça cheia de vinho tinto. Então, subitamente, perguntou “Seus pais são vivos?”. Achei-o um homem estranho, mas respondi: “Sim, são”.

Cabisbaixo, disse: “Meu...pai ainda está saudável, mas minha mãe faleceu um pouco antes de me formar”.

Sem saber o que responder, disfarcei tomando água, mesmo não querendo fazê-lo.

“Seu pai bebe?”, perguntou, depois de algum tempo.

“Na realidade não, mas bebe cerveja de vez em quando. Nada demais”.

“Então você deve viver em um lar tranquilo. O álcool traz muitos problemas. Eu penso em não colocar uma gota de bebida, mas não consigo, talvez por razões hereditárias. Só não consigo beber saque, só o cheiro me dá enjôo.”

“Por que?”

“Porque me faz lembrar da minha falecida mãe. Não somente saque, mas arroz, *missoshiru*, qualquer comida japonesa me trazem à memória a lembrança de minha falecida mãe. Se importaria de escutar a história?”

“Meu pai é relativamente conhecido. Ele era promotor da Suprema Corte e está aposentado no momento. Sua formação ocorreu anterior a Restauração Meiji e não era apenas um estudante de Chinês Clássico, mas também escrevia poemas no estilo chinês e era adepto da Cerimônia do Chá no refinado estilo de Kyoto. Entendia de caligrafia, pintura e era interessado também em espadas, *bonsai* e *bonseki*. Assim, nossa casa era um misto de casa de plantas e antiquário.

Quase todos os dias, negociantes carecas de antiguidades usando óculos, funcionários bajuladores do tipo bem raro hoje em dia e secretárias do tribunal vinham a minha casa e ficavam conversando e bebendo com meu pai até altas horas da noite. Minha mãe tinha de esperar sozinha até que fossem embora e nesse período servia ou esquentava o saque. Nós tínhamos duas serventes, uma doméstica e uma cozinheira, mas como um conhecedor de chá, meu pai era tão exigente quanto a comida que minha mãe não podia deixar a cargo das empregadas. Ela preparava as três refeições para ele, esquentando o saque e cozinhando o arroz. Ainda assim, não satisfeito, nunca ergueu o *hashi* sem antes reclamar da comida. Desde que tomava *missoshiru* pela manhã começavam suas implicâncias: “Que cheiro era aquele do *misso sanshû*?” “Falta sal!” “Tem sal demais!” “Que jeito de cortar a conserva de nabo!” “Que tolice servir conserva *shiokara* num prato desses?” “O que aconteceu com o prato de porcelana que comprei outro dia?” Quebrou de novo? Tome cuidado!”...Era como ouvir a imitação feita pelo contador de histórias cômico, o suficiente para causar enxaqueca só de ouvir.

Além de minha mãe ser uma cozinheira depreciada, tinha de preocupar-se com os frágeis objetos de arte, cuidados com o *bonsai*, considerando que ele sempre acharia algum defeito ao invés de expressar um agradecimento. Então, o primeiro som que ouvi na minha vida foi meu

pai reclamando e a primeira imagem que vem à memória é a da minha mãe com a manga do quimono sempre presa com uma faixa para que não atrapalhasse nos serviços domésticos. A temida figura paterna e a sofrida figura materna foram as primeiras imagens fixadas na minha inocente alma infantil.

Eu praticamente nunca estive no colo do meu pai. É verdade que de vez em quando ele me chamava com uma voz gentil, mas me encolhia como um gato e sentia medo de me aproximar. Como já disse, o que ele comia não era para uma criança, então nunca fiz uma única refeição ao seu lado. Conforme fui crescendo, meus sentimentos em relação a meu pai tornavam-se cada vez menos afetuosos e, pelo contrário, comecei a considerá-lo cruel e tirânico. Enquanto isso, minha mãe parecia conduzir uma vida completamente destituída de diversão ou prazer. Devo admitir de que esse pensamento se deve mais ao ódio que sentia por ele do que o que minha mãe realmente sentia.

Em meio a esse ambiente e preconceitos, avancei para o Ensino Médio. Lá, como li livros ilustrados, revistas e outros textos, em inglês, disponíveis na época com descrições de famílias felizes ou a vida de crianças inocentes, fiquei extremamente impressionado com o pensamento ocidental que era repleto de palavras como amor e lar. Ao mesmo tempo, os ensinamentos confucionistas ou do *Bushidô* que meu pai me ensinara pareciam um obstáculo para se alcançar uma vida feliz e formou-se dentro de mim um extremado espírito de resistência. Com o passar dos anos não conseguia conversar com meu pai sem discordar de suas opiniões, por isso, após terminar o ginásio e ingressar na escola técnica, deixei minha casa e fui morar em um alojamento. Ocasionalmente, visitava minha mãe pensava freqüentemente que, quando eu me formasse dali três anos, deixaria meu pai e formaria uma nova família, convidaria minha mãe para uma refeição bem agradável...Mas a vida é como um sonho e no inverno anterior à minha formatura, minha mãe faleceu.

“Aconteceu numa noite em que começou a nevar forte de repente. Meu pai disse à minha mãe para acordar a empregada ou pedir a alguém para trazer o bonsai de pinheiro, recentemente adquirido para dentro da casa, pois como fora deixado fora sobre o jardim, seu formato seria prejudicado pelo peso da neve. Mas, ela sabia que, infelizmente, a empregada estava fraca devido a um resfriado. Com pena dela, resolveu ela mesma trazer o pesado bonsai, vestindo apenas o pijama....pegou uma gripe naquela noite, que logo progrediu para uma pneumonia aguda.

“Tive um choque muito grande. Desde então, quando ia com meus amigos a uma casa de *sukiyaki* ou outro restaurante e os escutava reclamar da forma como o saque foi aquecido ou o modo como o arroz foi cozido, imediatamente, recordava da vida triste de minha mãe. E todas as vezes que via alguém comprando plantas em festividades religiosas ou ocasiões festivas, sentia que presenciava um trágico evento e tremia de aflição”.

Felizmente, contudo, uma vez que deixei o Japão e conheci este país tudo mudou e como nada me fazia lembrar desses episódios tristes, me senti aliviado espiritualmente. Assim, eu não sei o que *homesick* significa. Muitos japoneses, freqüentemente, encontram defeitos nos lares dos americanos e nas mulheres, mas para mim é suficiente testemunhar cenas em que o homem corta um pedaço de carne e o coloca no prato para a esposa, enquanto a mulher coloca o chá e fatia o bolo para o marido. Não importa se isso é superficial ou formalidades hipócritas, pois essas cenas me fazem sentir bem e eu não quero dispersar a impressão adorável para indagar quais as mentiras que existem por trás dessa situação.

Eu me alegro todas as vezes que vejo uma garota comer o pedaço de um sanduíche ou morder uma maçã no piquenique de primavera nos campos, ou uma mulher casada bebendo champanhe e conversando em um restaurante tarde da noite, após a ópera ou teatro, sem se preocupar com o marido ou com qualquer outro homem no grupo. Ao menos estão aproveitando, se divertindo e estão felizes. Como eu nunca vi minha mãe ou uma esposa tão feliz, essas cenas me acalmam.

Agora você deve entender a razão pela qual eu não gosto de comida japonesa ou saque. Apenas a bebida ocidental, que é produzida num país que não tem relação com meu passado e apenas a comida ocidental, que é totalmente diferente na forma e no gosto das que costumavam atormentar minha mãe, possibilitaram-me saborear com prazer uma refeição.”

*

*

*

“Essa era a história de Kaneda, que pediu duas garrafas de champanhe apesar do meu protesto, dizendo que queria me agradecer por ter escutado a história de sua vida. Como podemos esperar de um expert em ocidente, ele conhecia as marcas de vinhos e dos champanhes.”

O narrador terminou de contar e tomou novamente a sopa de *mochi*. O silêncio dominou o recinto por algum tempo, exceto pelo claro som do suspiro da mulher do presidente. Parecia que o coração das mulheres tende a ser mais sensível em relação às coisas.

Maio de 1907

5.14 Alvorada

暁 - Akatsuki

Ilha Coney, local de recreação no verão construído na extremidade oeste da Ilha Long é tópicos da conversa tanto entre os homens quanto entre as mulheres não apenas de Nova York, mas de todo os Estados Unidos. Parece uma mescla da região de Okuyama de Asakusa com a região de Shibaura de proporções gigantescas e, de Nova York é possível chegar lá em meia hora, tanto pelo trem elevado que corre entre as ruas do Brooklyn ou atravessando o rio Hudson no barco a vapor.

Provavelmente não há lugar mais popular e cheio no mundo inteiro. É possível imaginar isso ao ver as estatísticas no jornal de que milhares de homens e mulheres freqüentam o local aos domingos. Há espetáculos de larga escala que usam eletricidade e água para surpreender a multidão e alguns contêm informações úteis sobre História e Geografia, havendo também mais salões de dança suspeitos ou teatros vulgares. Todas as noites vê-se maravilhosos fogos de artifícios. Quando nas noites claras, observa-se da baía de Nova York, a bordo de um barco a vapor, espantosas luzes das lâmpadas e dos letreiros luminosos clareiam todo o céu como se fosse a alvorada, e os inúmeros prédios altos e baixos que se erguem ao longe, além mar, assemelham-se ao palácio Ryûgû, no fundo do mar.

Entre os diversos jogos, aqui na vasta Ilha Coney, o jogo japonês *Tamakorogashi* – *Japanese Rolling Ball* – é um dos mais populares. Não é nada especial, são como os jogos de tiro ao alvo ou de jogar bolas em Okuyama, onde se ganha prêmios que enfeitam toda a loja ao jogar um certo número de bolas. Mas, como é jogado por japoneses, portanto é exótico e como também é considerado um jogo de azar, e pode-se ganhar um prêmio de valor, se tiver sorte, acabou ficando bastante popular. Ninguém sabe desde quando, mas certamente ficou mais próspero desde a guerra entre a Rússia e o Japão e a cada verão surgem mais lojas como essas.

Os japoneses, donos dessas lojas, têm mais de quarenta anos e estão determinados a progredir com a popularidade desse empreendimento. Possuem certa dignidade e sua aparência e modo de falar dão-lhes ares de chefe (de trabalhadores), homens experientes ou

rufiões. Vieram aos Estados Unidos depois de passar por muitas dificuldades no Japão e, depois de tentar de tudo neste país, acham que tudo neste mundo se ajeita ou que o homem será capaz de sobreviver mesmo roendo Terra. Por outro lado, aqueles que trabalham para eles e que, todos os dias, contam o número de bolas jogadas pelos clientes e entregam os prêmios de acordo, são jovens desempregados que esperam brevemente suceder seus chefes ou jovens impetuosos que vieram aos Estados Unidos com o objetivo de estudar arduamente, sem terem ainda passado pela experiência do fracasso.

Eu era um deles e me tornei um marcador de pontos numa das lojas, com o objetivo de juntar dinheiro para ir à Europa, não me importando o tipo de trabalho. Meu pagamento era de doze dólares por semana. Segundo o dono, havia lojas que pagavam quinze ou dezesseis dólares, mas era preciso arcar com as refeições. Naquela loja receberia doze dólares mais três refeições e, além disso, poderia dormir na loja se quisesse. Conforme o dono, ele gostaria que eu trabalhasse nessas condições.

Logo que fui contratado, fiquei lá, como os outros, na mesa de jogo instalada na frente da loja, esperando clientes, mas até as três ou quatro horas da tarde não havia muitos visitantes e o sol poente do escaldante verão brilhava no telhado de madeira da grande cervejaria do outro lado da rua. À direita da cervejaria, havia um estande de tiro ao alvo, onde uma mulher com o rosto encoberto pela maquiagem branca olhava em nossa direção de quando em quando, com a boca cheia de comida e, à esquerda, havia uma grande casa de shows com uma placa escrita “Viagem aérea ao redor do mundo”. Sentada em uma cadeira na entrada, havia uma jovem de seios grandes também, com a face empastada de maquiagem, contava os bilhetes e alguns trocados, aproveitando o momento de pouco movimento. Ao seu lado, havia um homem de aparência vulgar, com uma colorida roupa chamativa e que gritava constantemente “Entrem, entrem”, duas ou três vezes, até mesmo quando não havia clientes em potencial e ficava cochichando algo para a vendedora de bilhetes.

Provavelmente foi por volta da cinco da tarde que as luzes elétricas foram ligadas por toda a parte. O céu ainda estava azul e o sol de verão ainda brilharia por mais algum tempo, mas a atmosfera da área ficou mais viva. O som de gramofones e a voz de um homem chamando os clientes começaram a ecoar em vários lugares e na cervejaria exibiam um filme, num ponto visível da rua. Em algum lugar próximo, devia haver um teatro de comédia ou um salão de dança, pois conseguia ouvir a bateria da banda e um coral de moças. Daquele horário em

diante, visitantes homens e mulheres começaram a aumentar como a maré e durante o horário de pico, entre as oito e a meia-noite, a multidão lotou as ruas não deixando espaço para caminhar. Era duas horas da manhã, quando o dono da loja, notando as ruas vazias, finalmente disse: “Bom, vamos fechar a loja...”. Quando lavamos nossos rostos com a água da torneira da rua e acendemos o cigarro, já eram quase três horas.

O mais velho dentre os contratados, que tinha cerca de quarenta anos de idade e que tinha um rosto de camponês, disse com sotaque da região nordeste:

“Bom, já vou para a cama. Eu não vou agüentar se tentar acompanhá-los. Vocês jovens vão se divertir. A noite é longa...”. Vestindo apenas uma camisa suja, retirou o cobertor que estava guardado debaixo da mesa de jogo, esticou-o e se esparramou na mesa.

Um homem que aparentava ser um estudante, com os cabelos partidos ao meio perguntou-lhe: “Vai dormir sobre a mesa de jogo novamente? Acredita que vai ter bons sonhos?”.

“A cama dos fundos está infestada de bichos. Você também deveria treinar a dormir sobre uma placa de madeira. Todas as noites, você não pensa outra coisa senão entrar na cama de uma mulher...”.

“Não se esqueça que ainda sou jovem”, disse o estudante, seguido de um dos companheiros que parecia lhe dar apoio: “Ei, velho, o que pretende fazer com o dinheiro que está guardando? Não me diga que tem filhos ou netos em seu país...”.

“Isso mesmo. Lá tenho uma amante de dezesseis anos esperando por mim. Não entendo como vocês deixam as prostitutas dos Estados Unidos enganá-los e roubar todo o dinheiro que ganham com o seu suor. Se levarem para casa o dinheiro que perdem numa noite aqui, seriam capazes de ter mais diversão do que um lorde até o sol raiar...”.

Os estudantes, aparentemente perceberam que não já não tinha graça provocá-lo, e reclamando do calor, saíram da loja. De fato, parte porque a casa era insuportavelmente quente com as portas fechadas, parte por não saber onde dormir, pois tinha sido contratado naquele dia, saí também por uma portinhola a um canto e encontrei os companheiros de trabalhos reunidos num local fresco sob o beiral, conversando.

Considerando a multidão de uma hora atrás, o local estava estranho e assustadoramente silencioso. Agora que os letreiros luminosos estavam apagados, os prédios para grandes shows pareciam nuvens brancas flutuando no céu. As ruas estreitas estavam quase na penumbra, iluminadas parcialmente pelas lâmpadas. Nesta sombra penumbrosa, como um

sonho, como uma visão, mulheres estranhas de maquiagem branca desapareciam ou apareciam das casas de show fechadas. Um homem vestido apenas com uma camiseta com as mangas arregaçadas ia atrás delas pelas ruas acima e abaixo e podia-se ouvir a voz de uma mulher que ralhava: “O que você está tentando fazer?”, ou ainda gritos e risadas. São pessoas que cantaram e dançaram nas casas de show e agora, pela primeira vez, saíram para respirar livremente o ar fresco.

Da direção da imensa praia no final da rua, juntamente com a gélida brisa ouve-se o calmo som das ondas, a bater contra a costa como se fosse a chuva – que som exaurido e solitário. Deve ser porque, não acostumado a passar a noite em claro, estava esgotado. Parecia que o triste e exaurido som dessas ondas tocava profundamente minha alma naquele momento de solidão, que me assaltava depois de uma noite inteira de loucura e prazer. Ao olhar distraidamente para as estrelas brilhantes, que desapareciam no longínquo céu cinza da noite de verão, não pude deixar de pensar na maneira como algumas pessoas viviam, como aqueles mulheres de caráter duvidoso, que faziam sons de flerte e brincadeira. Era como se tivesse sido confrontado com os mistérios da vida.

Os colegas contratados no local de jogos estavam ocupados medindo e fazendo comentários sobre as mulheres que passavam por eles.

“Ei, o que faremos? Não vamos ficar parados para sempre. Se for para sairmos, vamos sair logo”.

“Aonde vamos? A noite já está acabando”.

“Vamos tentar ir ao bar da esquina. Muitas mulheres dos shows vão lá para beber”.

“Quanto será? Mais ou menos dois dólares seriam suficientes?”.

“Depende da companhia”.

“Se cobram dois dólares é melhor irmos para o bairro chinês, onde será mais barato”.

“Falando em bairro chinês, lembra-se daquela garota rechonchuda de olhos negros, que costuma ficar na rua Dezesete, Júlia...a conhece? Aquela Júlia está trabalhando no salão de dança da cervejaria. Pode ser que esteja bebendo no bar da esquina”.

“Esqueça, ela já tem um cara”.

“Um japonês?”.

“Sim, um mágico do Brooklyn, é como se fosse sua esposa”.

“Não importa se ela é esposa ou filha. Será sua se você pagar”.

“Seria como um negócio...”

“Não seja tão exigente. Estamos nos Estados Unidos!”.

“O que tem os Estados Unidos? Não é impossível que elas se apaixonem por um japonês. Um japonês pode ser bom demais para elas”.

“Mas não gosto da idéia de pagar pela diversão”.

“Então deve tomar alguém a força”.

“Ainda não estou tão desesperado. Vou esperar pelo momento certo”.

“Então, não tem coragem”.

“Não é que eu não tenho coragem. Espere e ficará com inveja de mim”.

“Não vá manchar a reputação dos japoneses sendo pego pela polícia, vadiando pelo parque ou em qualquer lugar”.

Neste instante, duas mulheres de aparência duvidosa passaram por nós e, vendo que éramos japoneses disseram “Olá”, nos provocando.

“Aí vem elas!”.

“Nada mau”.

“Mas são magras, não?”.

“São para o verão!”.

“Vamos atrás delas!”.

Dois ou três do grupo foram atrás das mulheres. O resto ficou observando a cena, interessados e disse: “Esses não tem jeito. Seus familiares chorariam se soubessem”.

“Temos sorte de estarmos separados por um grande oceano chamado Pacífico. Afinal, não viemos aos Estados Unidos esperando acabar assim”.

“Olhe! Eles viraram em direção ao mar. Ainda há pessoas na praia?”.

“Experimente ir até lá. Deve estar cheio de sujeitos duvidosos por toda a praia”.

“Não adianta ficarmos assim. Vamos dar uma volta e atrapalhá-los”.

“Deixe de inveja boba”.

“Mas, a brisa do mar é como remédio para o corpo”.

“O que está dizendo? Se passarmos todas as noites em claro desse jeito, nem remédio, nem nada poderá nos curar”.

“Bem, parece que vamos fazer o de sempre em algum lugar, em vez de ir para a praia que não conhecemos, é melhor irmos ao bairro chinês que estamos acostumados”.

O grupo se dividiu em dois. Um grupo foi para a praia, o outro foi para a estação de trem, que funciona durante toda a noite. Fiquei sozinho, mas não queria voltar e dormir na mesa de jogos, por outro lado, não tinha outro lugar para ir.

Não havia mais nenhuma estrela, mas o céu antes da alvorada tem um indescritível brilho desolador como se estivesse inteiramente encoberto pela névoa. É um sinal de que amanhã será um dia extremamente quente e úmido.

Encolhi-me sob o beiral e cochilei sem querer, mas tive um sobressalto ao ouvir alguém me chamando. Parece que é um dos homens, que tinha ido em direção ao mar. Um jovem mais ou menos da minha idade que parecia um estudante, estava de pé com um charuto em sua boca.

“O que foi? Se quiser dormir, há uma cama na loja”, disse, olhando de cima para meu rosto. Mas então, pareceu lembrar de algo e colocando de novo o charuto, acrescentou: “Não parece ter se acostumado a este tipo de vida, não é?”.

“O que aconteceu com todos?”, eu disse, esfregando os olhos para esconder o meu embaraço.

“Como sempre, estão procurando prostitutas e outras mulheres de caráter duvidoso”.

Agachou-se também perto de mim, mostrando-se exausto e fitando-me de perto, disse: “O que você acha, não acha nossa vida degradante?”.

Não respondi e apenas sorri.

“Quando você chegou aos Estados Unidos. Já faz muito tempo?”.

“Há cerca de dois anos. E você...”, perguntei.

“Vai fazer exatamente cinco anos no próximo inverno. Parece um sonho”.

“Você frequenta alguma escola? Claro que agora deve ser o recesso de verão...”.

“Isso mesmo. Pelo menos nos primeiros dois anos, levei a escola a sério. Além disso, naquela época, minha educação era paga pelos meus pais”.

“Então, você não é um estudante pobre que trabalha para estudar”.

“Posso não parecer, mas se eu voltar para casa serei o jovem patrão”, sorriu triste.

De fato, sua aparência, do sorriso aos olhos intensos, sugere algo frágil e gentil, diferente dos outros jovens que eram porteiros, penetras, hóspedes parasitas, estudantes serventes antes de vir aos Estados Unidos. Ele parece ser forte fisicamente, com braços musculosos sob as mangas arregaçadas da camiseta de verão, mas olhando-se com atenção, percebe-se que são

músculos adquiridos através de esportes e ginástica, gastando dinheiro e tempo e não através do trabalho braçal. Pode até ter sido campeão do rio Sumida anos atrás.

“Em que escola estudou no Japão?”.

“Cheguei a freqüentar o colégio”.

“O Primeiro?”

“Não, tentei o Primeiro Colégio de Tóquio duas vezes, mas não consegui. Então, no terceiro ano fui para Kanazawa e entrei. Mas logo fui expulso”.

“Por que?...”.

“No segundo ano fiquei doente e repeti de ano. No ano seguinte, fui mal em Matemática e repeti novamente...A regra dizia que não poderia ficar na mesma série por mais de dois anos, então fui expulso”.

“É por isso que veio para os Estados Unidos?”

“Não foi logo em seguida. Depois que fui expulso, fiquei vadiando na minha casa por dois anos. Aprendi todas as perversões naquela época, como perseguir uma *gidayû*⁸¹ ou freqüentar o bairro de prazeres em Yoshiwara”.

“.....”.

“Minha mãe chorou e meu pai ficou furioso. Mas, como não podiam deixar tudo como estava, decidiram me enviar aos Estados Unidos para estudar”.

“Veio direto para Nova York?”.

“Não, fui para uma escola em Massachusetts. Estudei com afinco durante cerca de dois anos. Não pense que nasci um boa-vida. É verdade que quando falhei no exame para entrar no Colégio ou quando fui expulso, pensei que estava acabado, mas quando comecei a estudar com afinco, descobri que não sou inferior aos outros”.

“Claro...”.

“Na escola de Massachusetts, havia três estudantes japoneses, mas era o melhor, pelo menos em língua...”.

“Se formou?”.

“Não, desisti no meio”.

“Por que? Que desperdício!”.

“De fato é. Mas não adianta me lamentar agora. E não penso nisso”.

⁸¹ Narradora de textos narrativos Clássicos.

“.....”.

“Deve achar que sou um caso perdido. Mas deixei a escola porque cheguei a uma certa decisão. Acredito que não vou estudar nunca mais em minha vida”.

Eu observei seu rosto.

“Não foi porque tive alguma grande idéia em especial, mas simplesmente é mais divertido passar o tempo num lugar como este do que trabalhar por um diploma ou conseguir algum tipo de título”.

“De certo modo, pode ser que esteja certo”.

“Pode dizer que estava possuído por algum espírito maligno, se você acredita em superstição. Fiquei assim devido a um acontecimento”.

“Me conte!”.

“Foi durante o segundo verão depois de entrar na escola. Aproveitei as férias de verão e vim para Nova York conhecer o lugar...até então estava tudo bem, mas quando o outono chegou e ia retornar para escola, por alguma razão não recebi o dinheiro para as despesas. Realmente, não sabia o que fazer. Esperei dia e noite e logo fiquei quase sem dinheiro, não apenas para a viagem de retorno, mas até para a hospedagem. Nunca havia ganhado a vida através do meu trabalho. Não sabia como me sustentar. Por isso, afligia-me pensando, o dinheiro não chegou de casa...viria cedo ou tarde, mas senti que nunca chegaria. Não conseguia nem dormir à noite. Parecia que estava faminto. Só sonhava que virara um pedinte”.

“Com toda a razão”.

“Não tive muita opção a não ser pagar a conta na hospedaria com o dinheiro que ainda tinha e me mudar para um local mais barato, administrado por um japonês. Esperei por duas semanas, mas nenhum dinheiro chegava. Disse a mim mesmo que era o fim. Tinha que pensar em alternativas...Mas, o que poderia fazer nos Estados Unidos, onde não tinha amigos, ninguém para consultar ou algo parecido? Finalmente, decidi me empregar na casa de ocidentais”.

“Para fazer trabalhos domésticos?”.

“Sim. Todas as pessoas que estavam hospedados na pensão faziam isso, então pude ter uma idéia de como era, conversando com elas todos os dias. Como não parecia ser tão pesado como imaginava, pensei que poderia dar um jeito...Estava um tanto desesperado, mas

consegui me recompor muito antes do previsto. Você também sabe, da mesma maneira que todos fazem nessa situação, primeiro fui ao Jornal Herald e coloquei um anúncio:

“Estudante japonês, confiável, quer trabalhar em casa de família, como criado, mordomo, com salário módico⁸².”

“Em dois ou três dias, houve duas ou três respostas, mas como não sabia qual casa seria melhor, fui para a primeira casa que me procurou, e resolvi trabalhar pelos trinta dólares que me ofereceram. Naquela época, fiquei impressionado ao pensar que nos Estados Unidos poderia ganhar trinta dólares para fazer trabalho doméstico como o de uma empregada”.

“Mas, você conseguiu agüentar firme, não é mesmo? Vindo de uma família com condições de lhe pagar os estudos, você devia ser, digamos, nascido em berço de ouro...”

“No mundo existe o que chamamos de reação. Consegui agüentar exatamente porque era nascido em berço de ouro. Além disso, que sofrimento, nada, comecei a gostar. Talvez você não consiga entender. É um pouco difícil de explicar...Mas é isso. Antes de mais nada, terei de falar sobre minha família”.

“O que seu pai faz?”.

“Ele é um estudioso, é diretor de escola –. Como pai, como cavalheiro, socialmente ou pessoalmente é uma pessoa que não possui praticamente defeitos, mas quando se é perfeito demais as coisas não dão certo. Dizem que os peixes evitam a água limpa... Como cresci numa família saudável demais, a perdição teve início de onde menos se esperava”.

Interrompendo com a mão a minha pergunta, continuou:

“É quase estúpido vangloriar a reputação do meu pai num lugar como este, mas parece que meu pai era uma pessoa muito respeitada e em nossa casa sempre moravam mães de sete ou oito estudantes como se fosse uma escola preparatória. Você também deve ter visto o nome do meu pai em algum livro. De qualquer forma, desde que eu era muito pequeno, os estudantes que moravam em casa ou os vizinhos me diziam que meu pai era um renomado professor, mas como não sabia a razão ou a dimensão da sua fama, acreditava que também seria um grande professor quando crescesse. Mas, acho que foi na época que estava para entrar na escola primária. Desde essa época, era péssimo em matemática e quando estava prestes a repetir de série, meu professor disse-me que meu pai, como o mundo sabia, era um grande estudioso das leis. Se eu não estudasse com todo o afinco, eu comprometia não só a

⁸² Anúncio escrito em inglês.

minha reputação, mas também a do meu pai. Como a escola havia enviado um aviso para a minha casa, primeiro levei bronca de minha mãe e segundo, levei um sermão do meu pai, que me mandou ficar estudando seriamente até as dez horas da noite, todos os dias”.

“Na minha inocente mente infantil, percebi, pela primeira vez que não era bom nos estudos e acabei por ficar extremamente desolado e, durante uma ou duas semanas não podia nem suportar ser visto pelos estudantes...Quase não saí e permaneci em meu quarto, estudando até tarde como meu pai me dissera, mas comecei a ficar muito preocupado e, embora criança, preocupava-me muito com o futuro, imaginando o que faria, se apesar de todo o esforço, não conseguisse ser famoso como meu pai. Pode se dizer que essas preocupações – a apreensão sobre o futuro foi o inseto que degradou minha mente. Conforme seguia do primário para o ginásio, os estudos ficavam cada vez mais difíceis. Por outro lado, a reputação e o status do meu pai continuavam a crescer. Antigos estudantes, que costumavam ser o porteiro do meu pai, se graduaram e vinham agradecê-lo. Sentia-me só pequeno e insignificante. Então, alguns estudantes e parentes ainda diziam que eu deveria herdar a casa do meu pai e também que me tornaria um grande estudioso das leis como ele; eu também achava que tinha essa obrigação e desejava sinceramente que assim fosse. Quanto mais pensava nisso, ficava mais preocupado com minha capacidade e as palavras de meu pai me afligiam, não sou capaz...sem razão, desesperava-me sozinho”.

Mas, claro que esse era o pensamento de uma criança que não entende nada do mundo e conforme crescemos ficamos mais corajosos. Mesmo assim, aquilo que sentimos quando criança ficará para o resto de nossa vida. Comigo foi assim, mesmo aqui nos Estados Unidos, para onde fui enviado, revoltado que estava, depois de ser expulso da escola onde a muito custo havia ingressado...Sempre que recebia uma carta do meu pai, ah, tinha a estranha sensação de que apesar de receber seu apoio, não possuía capacidade para progredir nos estudos. Até mesmo quando sei que posso fazê-lo sem qualquer dificuldade, sempre imagino isso e acabo desistindo”.

“Acho que dá para imaginar! Foi no meio desse desespero que me senti aliviado, quando de repente, meus laços com a família se romperam pela demora do envio do dinheiro. Não tinha mais a obrigação de obter sucesso a todo custo e retornar para casa com honras. – Que alívio! Agora dependia de mim. Morrer ou viver, agora só dependia de mim. Mesmo que morresse, senti que não importava já que não tinha família para sofrer por minha causa”.

Cansado de falar, ficou em silêncio por algum tempo.

“Então é por isso que se sujeitou a trabalhar como lavador de pratos?”.

“Isso mesmo. Recebi o dinheiro pouco tempo depois, mas era tarde demais. Depois de trabalhar duas semanas lavando louça, na parte de trás da sala de jantar, caí totalmente em desgraça. Não sei se você já teve a mesma experiência, mas é uma vida sem preocupações. Claro que, no início, como não estava acostumado, o trabalho era duro, senti-me desolado e fiquei bastante confuso, mas não é um serviço complicado. Tudo o que tem de fazer é distribuir os pratos como um garçom, enquanto a família está comendo na sala de jantar. Depois que os patrões terminam de comer, é só lavar a louça e depois descer até a cozinha e comer nós três, a velha cozinheira, a empregada e eu, ao redor da mesa de madeira. Mas, o meio é realmente assustador. É estranho, pois lavando pratos todos os dias você passa a agir como um lavador de pratos. Além de servir as três refeições, manhã, tarde, noite, limpava a sala de estar e a sala de jantar e ficava fisicamente exausto, por isso quando não tinha nenhum trabalho a fazer, só cochilava. Parei de usar o cérebro gradualmente, não pensava nem me preocupava com nada...Ao invés disso, é incrível como o desejo sexual e o apetite aumentam. O jantar depois de um dia de trabalho fica delicioso. Depois de encher-se de comida, você começa a ficar sonolento e a brincar com a empregada sentada ao lado. Não é só segurar a mão, você tenta fazer-lhe cócegas e ela o afasta com uma cotovelada, mas isso se torna divertido. Empregada é empregada, e mesmo que se mostre zangada, afinal de contas acaba sentindo falta das brincadeiras. Não é paixão nem nada. Empregada e empregado – é inevitável que acabem juntos”.

Começava a amanhecer. Ao mesmo tempo em que as luzes eram apagadas, sem se perceber quando, as mulheres das casas de show desapareceram, e conforme o local ia clareando, tudo ficava ainda mais calmo...Tudo o que se podia ouvir era o som das ondas batendo na areia.

“Assim, meu destino foi selado. Por um lado, me sinto ainda mais envergonhado para encarar meu pai e a consciência me pesa, mas por outro lado, sinto-me cada vez mais aliviado neste meio animalesco. Em outras palavras, quanto mais me envolvo com os prazeres mundanos mais me afundo, por isso, durante o inverno, trabalhei como empregado doméstico nas casas e, no verão, quando as famílias deixam suas casas e viajam para as regiões de veraneio, perambulo todos os anos, por lugares como este”.

“Mas, afinal o que você pretende fazer?”.

“O que farei...o que farei? O que acontecerá comigo?” Seu rosto mostrou grande preocupação, mas por fim gritou: “Não, não. É exatamente para não pensar nessas coisas que continuo a fazer essas coisas estúpidas. Trabalho, bebo, como e compro as mulheres, no anseio de perder a força cerebral de pensar no meu futuro. Tento apenas usar o meu corpo como um animal”.

Ele se afastou, me deixando para trás, como se não pudesse mais suportar sua agonia.

O sol da manhã começou a brilhar sobre a torre alta da casa de show...Ah, que brilho maravilhoso. Sem perceber, ajoelhei-me e orei diante da luz, sentindo como se tivesse sido resgatado do inferno, no qual ficara confinado durante a noite inteira.

Maio de 1907

5.15 Duas Noites em Chicago

市俄古の二日 – Chicago no Futsuka

Dezesseis de Março – Foi o dia que decidi que deveria ir para Chicago.

Estava bem mais quente que os anos anteriores e a neve acumulada desde o ano anterior derreteria depois de uma chuva contínua de dois ou três dias. O tempo continua nublado como sempre, mas a aparência da cidade, que despertou de seu longo sono de inverno, mudou completamente. Os pequenos trenós que eram usados para escorregar na neve foram substituídos por carruagens de rodas enormes e os tenebrosos casacos de pele dos cocheiros foram trocados por roupas de chuva leves. Meninos e meninas que esquiavam sobre o gelo, usando toucas tricotadas e com franjas, agora correm na limpa calçada de cimento, batendo o salto de seus sapatos novos. Não apenas as crianças, mas todos dançam de alegria diante da proximidade da primavera, ao contemplar nos jardins ou nos pomares o aparecimento da grama verde do ano anterior, que passava todo inverno debaixo da escura e úmida terra e da neve.

Para pegar o trem das nove e meia da manhã, preparei rapidamente minha pequena mala de viagem, embarquei num bonde, que passa no cruzamento da periferia da cidade e segui para a estação Central de Michigan.

De Kalamazoo até Chicago são cerca de sessenta quilômetros e chegaríamos, exatamente, em quatro horas. Logo que deixou a cidade de Kalamazoo, o trem passou por inúmeras colinas que pareciam formar ondas e onde as árvores eram escassas; como seguimos ao longo de pomares escurecidos pela geada de inverno, e paisagens como as descritas nos romances russos passavam diante dos meus olhos: as derradeiras neves que se espalham como manchas de veado nos vales ou a neve derretida que transborda das margens dos riachos, derrubando as cercas apodrecidas das fazendas.

Ao adentrar no Estado de Indiana, cresce o número de cidades pequenas e sujas com inúmeras fábricas e alcança-se as margens do Lago Michigan. Mas, a densa neblina vinda do céu encobriu a superfície do lago e só o que conseguíamos avistar eram pedaços enormes de gelo flutuando próximo à costa e muitas gaivotas voando ao redor. Como nunca vi, fico imaginando se o mar do Pólo Norte seria assim.

Logo em seguida, correndo ao longo do lago, o trem entrou na cidade de Chicago e chegou na estação Central de Illinois. Como já era quase uma e meia da tarde, subi as escadas, que ficava na plataforma e entrando na sala de espera, fui ao restaurante, localizado num dos cantos.

O interior do restaurante era dividido em dois ambientes. Um deles era chamado “Lunch Counter” e parecia um bar japonês. O local é apropriado para fazer refeições rápidas de pé e o outro ambiente é um típico restaurante, com mesas cobertas com toalhas brancas e cadeiras. Como o primeiro era mais econômico e rápido, estava lotado e foi estranho ver mulheres bonitas e bem vestidas entre os homens bruscos e sem cerimônia.

Depois de terminar a refeição, desci as escadas largas e pensei em sair para a rua, mas o problema é que não conhecendo nada sobre a cidade, não sabia se a casa do meu amigo ficava a oeste ou a leste.

Inúmeros cocheiros alinhavam suas carruagens ao pé da escada de pedra na entrada e esperavam por clientes, por isso acenei e chamei um deles:

“Quanto custa para ir próximo à Universidade de Chicago?”

“Dois dólares”, respondeu.

Sabia que era longe, mas achei um pouco exagerado e como estava acostumado a fazer coisas impudentes ao viajar no exterior, voltei para a estação e perguntei a um funcionário, que respondeu gentilmente: “A forma mais prática é pegar o trem que, da saída da estação, atravessa a cidade em linha reta, e descer na parada da rua Cinquenta e Cinco”. Então, paguei mais dez centavos pelo bilhete e esperei a chegada do trem na plataforma.

Logo, um trem de três vagões chegou e quando parou, as portas se abriram sem a ajuda do funcionário da estação e logo que o trem começou a se mover novamente, fecharam-se automaticamente. Dentro, havia poucas mulheres e muitos homens que pareciam ser negociantes. Como planejava visitar um amigo que morava próximo a Universidade de Chicago, perguntei a um jovem sentado ao meu lado como poderia chegar na rua... onde meu amigo morava. Esse homem indicou o caminho detalhadamente, como se estivesse ensinando algo a uma criança e até tirou um mapa da caderneta que estava em seu bolso.

Agradei-lhe profundamente, tirando até o meu chapéu como fazemos no Japão e o homem disse, provavelmente assustado com minha formalidade excessiva, “Não precisa me agradecer, pois todos têm dificuldades num país estrangeiro...”. Talvez fosse porque nos Estados Unidos,

quando os homens se cumprimentam não tirem o chapéu. Ele continuou: “Na realidade, eu também sou estrangeiro, sou Holandês. Já estou neste país há dez anos...e você? Gosta dos Estados Unidos?”

“E você?”, perguntei-lhe e ele me respondeu, sorrindo: “O melhor lugar do mundo é onde nascemos...Não acha?”

Disse que era vendedor de uma loja e quando ia começar a falar sobre sua terra natal, o trem chegou na estação onde eu deveria descer. Agradei novamente, saí do vagão e fui para a rua.

Estava escrito Rua Cinquenta e Cinco na luz a gás do cruzamento. Como o meu destino era a rua Cinquenta e Oito, tive de andar apenas três quadras. Poder localizar-se facilmente, mesmo estando pela primeira vez no local é uma das coisas mais práticas nas cidades dos Estados Unidos onde as ruas são numeradas consecutivamente ou nomeadas por ordem alfabética. Os números das casas também são organizados de uma forma que, se do lado direito forem ímpares, do outro serão pares, não havendo o perigo de não encontrar o número do local como acontece com os moradores de Tóquio.

Senti-me tranqüilo e caminhei calmamente. As nuvens de inverno que encobriram o céu por um longo período, tinham começado a se mover em camadas e, gradualmente, revelaram o céu azul e até a agradável luz do sol. Como as ruas de neve derretida parecem todas um pântano, segui meu caminho pela calçada, relativamente, seca. Mas que tempo mais instável, pois sentia um calor como o de maio e o suor escorria pela minha testa; meu casaco, que estava confortável até esta manhã, começou a me incomodar.

Encontrei o número que buscava no meio de idênticos prédios de pedra, enfileirados, de três andares. Esta área não parecia parte da cidade agitada de Chicago, com poucas pessoas na rua. De um lado da cidade havia uma praça gramada (depois soube que se chama Midway e era parte de uma exposição internacional realizada há mais de dez anos e depois foi transformado num parque) e para além dessa praça, no lado direito, via-se o prédio cinza da Universidade de Chicago, enquanto que no lado esquerdo, dois ou três arranha-céus, provavelmente seriam hotéis, se misturavam harmoniosamente com as nuvens brancas, que iam e vinham depois da chuva, chamando a minha atenção. Fiquei contemplando-as parado do lado de fora da casa que deveria visitar, sem tocar a campainha.

Então, embora não tinha conseguido entender o que dizia, ouvi uma voz feminina vinda da direção da janela do segundo andar e ouvi o barulho de alguém descendo a escadaria e a porta abriu.

“Você é o Senhor N., não?”

Uma delicada jovem de dezessete ou dezoito anos de idade, com enorme franja loira, blusa branca e uma saia azul-marinho. Tinha um formoso rosto arredondado e mostrava graciosas covinhas no canto de sua boca e ela disse com a típica voz gentil – exuberante, inocente, franca – das meninas americanas: “O James ainda não voltou do trabalho, mas ele estava ansioso por sua visita. Entre, por favor”.

Ela pegou a minha mão e me guiou até a sala de estar.

Na decoração discreta da sala havia só um sofá, uma poltrona, uma escrivaninha, uma gravura e um piano antigo; Fiquei surpreso com a falta de esplendor, que eu esperava encontrar no cotidiano de Chicago. O dono desta casa era um juiz do tribunal e a pessoa que estava me recebendo era sua única filha, Estela, noiva do meu amigo James, que conheci no estado de Michigan.

De fato, ele, o James, quantas vezes me falara desta jovem! E quantas vezes ele teria me mostrado sua foto que sempre carregava consigo, colada na parte de trás de seu relógio de bolso! Como a família de James mora em Michigan, nos tornamos bons amigos quando ele havia voltado para sua casa, há algum tempo atrás. Ele se formou numa faculdade de engenharia elétrica em Boston e desde que se tornara engenheiro da Companhia Elétrica Edson em Chicago, alugara um quarto na casa da garota. Como ele tocava piano bem desde os dias de estudante e Estela gostava de tocar violino, os dois costumavam tocar juntos após o jantar. A cada noite, o afeto entre os dois cresceu e, acabaram ficando noivos. Como James havia me contado que tudo começara quando tocaram “Sonhos” de Schumann e que fora a primeira vez que juraram sincero amor mútuo, disse:

“Espero que toquem aquela ‘música dos sonhos’ hoje à noite”.

Ao ouvir isso, Estela colocou sua delicada mão na bochecha como se estivesse realmente surpresa e exclamou: “Sonhos!!”, já completamente tomada por fortes lembranças: “Ah!”, suspirou profundamente e me perguntou: “Até isso o James comentou com você?”

“Sim, tudo...”

“Nossa, ho ho ho ho”. Ela riu alto, com a voz clara como a de um sino, e tive até a impressão de ter escutado a suave palpação do coração apaixonado dos jovens deste país que expressam claramente seus sentimentos.

De repente, ela se levantou da poltrona automática, dirigiu-se ao cômodo seguinte com passos apressados e logo retornou com um álbum de fotos; arrastou, então, uma cadeira perto da mim, abriu o álbum em seu colo e disse: “São nossas fotos. Tiramos todos os domingos”.

As fotos que tiraram um do outro nos parques que visitaram todos os domingos estavam datadas uma a uma e coladas no álbum. Que maravilhoso registro de recordações.

Enquanto Estela explicava rapidamente onde cada foto foi tirada - à margem do lago no parque Jackson, da Avenida Michigan, sob as árvores do parque Lincon..., o brilho de seus profundos olhos verdes demonstravam a confiança de que era a garota mais feliz do mundo e, certamente, qualquer um ficaria comovido com a visão de emoções tão sinceras.

Do fundo do meu coração, rezei pela felicidade de Estela, mas ao mesmo tempo não pude evitar o sentimento de inveja pelas pessoas que nasceram num país livre. O que diriam os estudiosos japoneses que seguem os ideais do Confucionismo sobre isso? Diriam que ela não tem escrúpulos, que é ninfomaníaca, mas num país livre, nenhuma crença enfadonha vai contra os sentimentos humanos naturais, com exceção das palavras de Deus.

Naquela noite, eu experimentei um jantar muito agradável, inesquecível. A volta do amado de Estela, James, e depois a do seu pai, o senhor juiz. Depois de jantarem junto com a mãe dela, o jovem casal atendeu ao meu pedido e tocou “A música dos Sonhos”. Sob o tênue brilho da luz colorida com o abajur florido, ele sentou-se ao piano com suas costas largas viradas em nossa direção, enquanto ela ficou de pé ao seu lado, segurando o violino e quase apoiada sobre ele. Ao redor deles, a mãe de cabelos brancos, o senhor juiz calvo e de óculos e do lado de fora da janela, passos de alguém que caminhava rapidamente na noite úmida de março.

Pouco depois, o jovem casal terminou de tocar e tão logo largou o instrumento, a jovem se jogou nos braços de James, como se não pudesse mais esperar e o beijou intensamente por duas vezes. Os pais aplaudiram felizes e pediram para que tocassem novamente, mas ela manteve seu rosto pressionado contra o peito dele, como se fosse impossível conter suas emoções. Mas, de repente, levantou-se e, pegando o instrumento, tocou desta vez a música

alegre, muito apreciada pelos americanos, “Dixie” e até o senhor juiz começou a acompanhar o ritmo com os pés, sentado em sua cadeira.

Ah, gostaria de, o mais rápido possível, poder ver que essa agradável cena familiar na nossa terra natal.

Só para ver, recordemos o ambiente familiar no qual fui criado. Meu pai, cujo calor humano fora arrefecido pelo Confucionismo e minha mãe, obrigada a seguir as regras de comportamento e a virtude feminina. Não havia músicas ou risadas. Meu pai bebia com os amigos até tarde da noite e, voltando-se para a minha mãe, fatigada devido às tarefas diárias, ofendia-a sempre reclamando da temperatura do saque ou do preparo da comida. Ah, o rosto cruel e autoritário do meu pai naquela hora e o rosto triste e apático da minha mãe, acatando simplesmente suas ordens! Mesmo sendo criança, cheguei a acreditar que não existia ninguém mais detestável do que meu pai e também ninguém mais infeliz do que minha mãe. Mas, se existe progresso no mundo, essa selvagem era confucionista logo se tornaria um sonho do passado e o canto de vitória de uma nova era soaria triunfante.

O relógio marcou nove horas. Como infelizmente não havia um quarto extra na casa de Estela, James havia me dito que me levaria até uma hospedaria familiar duas casas abaixo. Assim, disse boa noite à família e saí com James.

Queria transmitir-lhe de algum modo o quanto achava abençoado o seu amor, mas caminhei em silêncio, olhando o movimento inconstante das nuvens noturnas, enquanto ele assobiava uma música popular, quando logo chegamos na entrada da pousada.

Mesmo sendo uma hospedaria, não tinha nada de especial. Os números dos quartos e sua aparência pareciam idênticos aos da casa de Estela. Levado pela dona da casa, fui para o melhor quarto disponível para aluguel, localizado na parte da frente. Depois de cerca de cinco minutos, James foi embora e então, eu me troquei rapidamente e deitei-me calmamente na cama.

Como havia apagado a luz a gás do quarto, podia ver o céu noturno através da porta de vidro, que estava sem a cortina. O céu embora escuro, apresentava uma leve claridade, talvez por causa da lua que se escondia atrás das nuvens que iam e vinham e eu podia divisar as sombras negras das árvores ao longo da avenida e dos prédios altos, ao longe. Felizmente, estava tão cansado da viagem de trem que, antes de pensar em qualquer coisa, dormi como uma pedra pesada, afundando no oceano.

Dezessete de março – Quando acordei, eram oito horas e vi o sol da manhã brilhando na porta de vidro úmida. Enquanto me trocava, fiquei de pé, próximo a janela e ao observar o lado de fora, vi finos galhos de árvores derrubadas pelo vento espelhados na rua molhada. Provavelmente houve uma tempestade. Mesmo assim, como pude dormir a noite inteira sem nem sequer ter um sonho? Pois, nós, pobres mortais, somos constantemente atormentados por diversos sonhos. Como não tive nenhum sonho na noite passada, pela primeira vez, alcancei uma tranquilidade e felicidade longe da vida de trabalho diário, da mesma forma, que os animais, que descansam sob as árvores do campo.

Desci até o refeitório para tomar o café da manhã, marcado para as nove horas.

Havia três mesas pequenas, com quatro lugares cada. Na última mesa, dois homens de meia idade, provavelmente negociantes, liam o jornal “Tribuna de Chicago”. Uma jovem com ares de estudante, estava na mesa ao centro. Então a dona da hospedaria me levou até essa mesa e a moça, que até o momento esperava entediada por sua refeição, começou a falar comigo na mesma hora em que vi que eu era estrangeiro.

Contudo, dez entre dez pessoas faziam as mesmas perguntas – Quando chegou ao país? Gosta dos Estados Unidos? Não está com saudades de sua terra? O chá japonês é muito bom, não? O quimono japonês é lindo, não é mesmo? Sou louca por coisas japonesas...

Queria mudar logo de assunto e falar sobre qualquer outra coisa, mas por sorte, uma jovem de quatorze ou quinze anos de idade, com os cabelos presos por um laço preto, nos trouxe a refeição. Assim, aproveitei a oportunidade e enquanto pegava a faca perguntei: “Você frequenta a faculdade?”.

“Sim, no Departamento de Literatura...”, ela respondeu. Encorajado por isso, continuei, “Literatura...Então lê romances?”

“Sim. Adoro”, a moça respondeu sem hesitar. Parece que nos Estados Unidos, diferente do Japão, não existem regras injustas que proíbem as mulheres de lerem romances.

Ela citou vários títulos de romances publicados recentemente e deu sua opinião sobre eles, mas infelizmente, como não havia dado atenção para a Literatura Americana até aquele momento, não pude apreciar suas explicações. Os escritores americanos de que tenho conhecimento são Bret Harte, Mark Twain e Henry James. Acredito que foi no final do ano passado, que um amigo de Nova York me enviou dois ou três livros de autores reconhecidos, mas li apenas a metade de cada um. De vez em quando, ainda experimento abrir uma revista,

mas por alguma razão desconhecida, não consigo achar entre os novos escritores deste continente, figuras gentis como as em Daudet ou Turgenev. Talvez seja porque os americanos não apreciem obras graciosas, cheias de imaginação.

O café da manhã terminou mais cedo do que esperava. A estudante disse: “A cerimônia de formatura de Primavera acontecerá amanhã à tarde no salão Mandel do campus, talvez esteja interessado em ver...”, pegou o livro que estava em cima da mesa e saiu, desembaraçando a franja com uma das mãos.

Mal ela saiu, a campainha tocou e a garçonete me disse: “Chegou uma visita”.

Saí e vi que era James. Usava a cartola, ligeiramente, inclinada para trás e, depois de dizer “Bom dia” com sua voz casual, acrescentou que, como ia para o centro trabalhar, se eu não gostaria de ir junto para passear pela cidade. Aceitei o convite imediatamente e saímos para pegar o trem para a cidade, na mesma estação onde descera ontem à tarde.

Como neste horário do dia todos os tipos de habitantes de Chicago se dirigem às empresas e lojas do centro da cidade, os vagões estavam lotados de homens e mulheres e quase não havia assentos vazios. Eles liam o jornal de forma voraz, com o olhar afiado de quem quer obter a maior quantidade de informação num espaço curto de tempo. Mesmo nas estações onde o trem para a cada cinco ou dez minutos, não há uma única pessoa que esteja esperando pelo trem sem carregar um jornal. É um povo que adora jornal. Eles diriam que, as pessoas de uma nação desenvolvida devem saber rapidamente, o que acontece no mundo.... Ah, mas será que não percebem que não há nada de novo ou diferente acontecendo no mundo, somente as mesmas confusões de sempre? Na área diplomática existe o conflito de interesses, na guerra, a vitória do mais forte; a falência dos bancos, intrigas durante as eleições, o descarrilamento de trem, roubos, assassinatos. Essas ocorrências diárias da vida não mudam e são extremamente monótonas. O francês Maupassant que sofreu com a dor insuportável dessa vida monótona terrível e escreveu em seu diário “Sobre a água”:

“Felizes são aqueles que não percebem a repetição da terrível mesmice. Felizes são aqueles que andam hoje e andarão amanhã, nas carruagens levadas pelos mesmos animais, e mesmo estando debaixo do mesmo céu, diante do mesmo horizonte e rodeado pelos

mesmos móveis, têm forças para realizar as mesmas coisas. Abençoados são aqueles que não percebem que nada irá mudar ou acontecer neste mundo horrível e insuportável”⁸³.

Nesse sentido, os americanos que desejam saber sobre os acontecimentos dessa vida sem mudanças, como se estivessem famintos por comida, são pessoas de muita sorte.

O trem continuava a correr ao longo da margem do lago. Mal tive tempo de ter a sensação de que passava pela vizinhança de Shinbashi ou Shinagawa, quando o trem chegou no terminal e todos os passageiros se levantaram, apressados, de seus assentos. James me disse que o nome da estação era Van Buren e me ensinou que ali era a entrada para o centro comercial mais movimentado de toda a Chicago.

Os incontáveis homens e mulheres que desciam do trem, atravessavam a sólida ponte de pedra, que seguia à plataforma, quase trombando os ombros. Do outro lado da ponte, avistava-se incontáveis carros que corriam como vento pela Avenida Michigan. Nas avenidas dali seguiam para o oeste, prédios com mais de vinte andares competiam as alturas entre si. O céu está escuro, como é comum no mês de março e, além disso, esses prédios altos obstruem a luz do sol em ambos os lados das avenidas onde se vê o redemoinho de algo negro como a escuridão, não se sabe se pó ou fumaça. E a multidão de homens e mulheres que acabaram de atravessar a ponte de pedra, desapareceram na escuridão – na escuridão que é Chicago.

Tive uma terrível sensação de terror e, ao mesmo tempo, senti um desejo irresistível de me unir aos destruidores da civilização, antes mesmo de considerar se era bom ou ruim. O honesto agricultor japonês vai à capital do Japão, Tóquio, e fica impressionado com sua prosperidade (se assim pudermos chamar) e volta para sua cabana com telhado de palha, cheio de admiração e respeito, mas o jovem que entrou em contato uma vez com as tendências do momento, quanto mais vir e quanto mais ouvir fará a tolice de cair nas fantasias mais inconseqüentes. Até esqueci de andar e fiquei pensativo, parado na ponte de pedra, quando James pensando em que não sei, sorriu para mim e disse como se estivesse fazendo uma pergunta, “Cidade Maravilhosa!”.

“Sim. Monstruosa”, respondi – Como poderia descrevê-la, a não ser dizendo o que todos dizem, que a cidade é monstruosa.

⁸³ Tradução literal da tradução de Nagai Kafû.

Apontando para os prédios na Avenida Michigan à nossa frente, James explicou-me que era o Hotel Annequis, o prédio vizinho, o teatro Auditorium, o mais distante, a torre de uma companhia que lidava com o mercado atacadista. Depois de me explicar cada um dos prédios, disse que me levaria a uma loja enorme chamada Marshall Field.

“A maior de Chicago...Nem Nova York tem uma loja tão grande como essa. Por isso, podemos dizer que é a maior do mundo, só de funcionárias, há pelos menos setecentas”.

James não deve estar mentindo. Uma visita a esta loja é quase uma obrigação para o viajante que passa por Chicago. Vende todos os tipos de produtos diários, tais como roupas, móveis, variedades, sapatos e cosméticos e ergue-se como um castelo numa esquina, com posição de destaque na cidade. Passei pela multidão e peguei o elevador para o último andar, do prédio de quase vinte andares e olhei para baixo, me apoiando na bem polida grade de metal.

O edifício é como um enorme tubo com um buraco no centro, e a luz que entra pelo telhado de vidro do teto alcança o piso do andar inferior, por isso é possível apreciar a vista rara das pessoas, que entram e saem andando sobre o piso de pedra lá embaixo! Homens e mulheres não são maiores do que o polegar e o modo como as pessoas que entram se contorcem, movendo os braços e pernas, havia um brinquedo mais engraçado que esse?! Contudo, ao perceber que essas minúsculas pessoas que pareciam tão frágeis foram capazes de construir um prédio tão enorme como este, não pude evitar e me senti orgulhoso com a glória do desenvolvimento humano, mesmo tendo praguejado contra a civilização pouco tempo atrás.

As pessoas provavelmente rirão da minha tola indecisão. Mas, isso quer dizer que o coração das pessoas se modifica e flutua constantemente, de acordo com a circunstância e o ambiente. Por exemplo, é como nossa esperança pelo frescor do verão no inverno e o desejo pelo frio de inverno num dia de verão. Não há uma verdade absoluta, nem mesmo no Protestantismo de Luther, na Liberdade de Rousseau ou na Paz de Tolstoi. São vozes estimuladas pelas circunstâncias.

Como James tinha de ir trabalhar, descemos juntos no elevador e nos separamos na entrada da loja. Meu destino era o Museu de Arte da Avenida Michigan.

Março de 1905, Michigan

5.16 O Mar de Verão

夏の海 – Natsu no Umi

Estou hospedado na residência de um primo, Sosenshi, que fica a sete ou oito milhas do bairro pobre do lado leste, onde, de vez em quando, as pessoas morrem por causa do calor sufocante. Nem parece que fica nos limites de Nova York e da janela do quinto andar é possível ver, a oeste, o montante do rio Hudson e, a leste, a colina silenciosa que fica em frente à floresta da Universidade de Columbia. Mesmo assim, o calor do piso de pedras e dos tijolos transforma os quartos em saunas, ainda antes das pessoas acordarem, e como o suor se esvai de nossos corpos em forma de gordura, não temos apetite à mesa no café da manhã e não sentimos vontade nem de terminar a tigela de mingau.

Como era justamente domingo, Sosenshi propôs me mostrar a região e me levou no parque Asbury em Nova Jersey, uma praia para banhistas que é parecida com *Zushi* ou *Ôiso*.

Logo saímos de casa, pegamos o metrô por cerca de trinta minutos, do norte ao extremo sul da cidade, subimos as escadas de pedra da estação, passamos pelas ruas da parte central de Nova York, onde há os prédios mais altos, alcançamos o píer sul.

Vi que havia muitas pessoas em todos os lugares, no deque do navio a vapor atracado, na bilheteria e no parque em frente ao píer. Dizem que os próprios americanos ficam impressionados ao ver a multidão de pessoas em todos os lugares da cidade, quando visitam Nova York pela primeira vez. Para alguém frágil como eu, então, não era muito encorajador e eu disse desanimado: “Não conseguiremos embarcar”, mas o inteligente Sosenshi, que estava acostumado a essa loucura, nem se abalou, e puxando as minhas mãos, foi em direção a multidão e de alguma forma conseguiu abrir um caminho; Subi enfim ao deque, procuramos uma cadeira dobrável e nos sentamos.

O navio zarpou em cinco minutos, e afastado a ponto de o vestido das mulheres que passavam pelo píer parecerem flores num jardim, e a magnífica paisagem do Hudson estava diante de nós em todo o seu esplendor. Acredito que, no mundo inteiro, seja difícil encontrar cena tão magnífica como essa. Tendo ao centro os prédios altos de Nova York, que se erguem

sob o brilhante céu de verão, à direita vê-se, a cidade de Nova Jersey com nuvens de fumaça, e à esquerda, a grande ponte de Brooklyn, sob a qual inúmeros navios vindos de portos do mundo inteiro passam livremente, e depois, a cidade de Brooklyn. E a Estátua da Liberdade que se ergue alto no distante mar contempla este assustador e impressionante campo de batalha da paz, segurando uma tocha uma das mãos.

Até hoje não havia visto uma estátua de bronze de tamanha dignidade. Inconscientemente, senti uma compulsão de me ajoelhar a seus pés e rezar e até pensei se teria herdado dos meus ancestrais algum instinto de adoração a ídolos, mas percebi que esta profunda emoção advinha da escolha perfeita da localização da estátua, fator primordial nas construções de estátuas. Sinto que, com qualquer obra de arte é impossível maximizar seu efeito se os acessórios são negligenciados, principalmente no caso de estátuas e monumentos. Quando as pessoas encontram-se numa embarcação que se assemelha a uma folha de árvore, flutuando no mar, e vêm ao longe aquela imensa estátua sobre o Oceano Atlântico, contemplando a metrópole democrática, não podem deixar de sentir certa emoção. Esta estátua é a representante do novo continente, a esclarecedora do novo pensamento e, ao mesmo tempo, protetora do espírito americano que é mais forte do que um milhão de fortalezas. Ouvi dizer que esta estátua fora um presente dado pela França, mas eu acredito que a força do seu criador é igual à de Deus.

Talvez, depois da Guerra Russo-Japonesa alguém no nosso país também esteja fazendo planos para a construção de um grande monumento, representando o Oriente no despertar. Contudo, se estiver nas mãos do governo japonês, que coloca no mesmo patamar as construções civis e as obras de arte, espero que o plano não se concretize. A beleza do Japão não é conhecida e amada no mundo pela estátua de Kusunoki Masashige ou Saigô Takamori, nem pela construção de tijolos de Hibiya, mas pelas flores de cerejeira flutuando como nuvens e gueixas dançando como borboletas. Então, nossa missão como orientais não é ficarmos embriagados com a ilusão de harmonizar a civilização oriental e ocidental, como alguns sugerem, mas transformar o país num centro de prazer mundial, com todos os homens devotados a plantar flores e todas as mulheres como dançarinas.

O navio a vapor chegou a alcançar o vasto mar aberto, a ponto de a paisagem das praias tornar-se indefinido, mas logo estava procurando a costa tranqüila. A luz do sol do verão

resplandecente atravessa o claro céu azul e ilumina as nuvens brancas flutuando no horizonte, o oceano calmo e as árvores ao longo da costa, com galhos grossos cheios de folhas e produz um brilho indescritível ao branco das nuvens, ao azul índigo da água e ao verde das folhas. Conforme observamos o ambiente, a área costeira parece a extensão de um prado e a superfície da água é quebrada por juncos que crescem nos bancos de areia, na sombra da qual velas brancas de iates deslizam e bando de gaivotas voam, como flores se despetalando. Era prazeroso deparar-me casualmente assim com a própria paisagem de uma pintura de aquarela, num lugar desconhecido, superando qualquer local turístico ou lugares históricos mundialmente famosos.

No ano passado, quando passei pelas Montanhas Rochosas e pelas Cataratas do Niágara, estas maravilhas do mundo não me impressionaram tanto quanto eu imaginava, mas por outro lado fiquei comovido e poeticamente inspirado por uma vila do Missouri coberta por folhas caídas ou pelo crepúsculo nos pomares de Michigan – Ah, se a longa admiração e respeito que essas famosas montanhas e misteriosas águas provocam nas pessoas puderem ser comparadas ao Paraíso Perdido de Milton ou à Divina Comédia de Dante, a paisagem crepuscular daquela vila desconhecida é como um poema de amor, de um autor desconhecido. Se Tolstoi comovia-se mais com a cantoria noturna dos Muzhiks do que com a música de Beethoven, e George Eliot preferia uma pequena pintura holandesa a um quadro famoso e antigo, então, talvez não seja por falta de conhecimento que aprecio mais os contos de Turgenev ou Maupassant do que os grandes clássicos, que são objetos de estudos de especialistas e pesquisadores.

Depois de fazer paradas em dois ou três píeres em praias pequenas, chegamos após uma tarde a um local parecido com uma estação de férias de verão chamada Pleasant Bay. A planície à beira da água fora transformado num parque, onde havia pequenos salões de música, restaurantes e salões ovais espalhados na sombra das árvores. De lá, levava-se cerca de uma hora de trem até nosso destino, Parque Asbury, e ao longo do caminho havia vários hotéis, casas para alugar durante o verão e campos com aglomerados de árvores.

Jovens irmãs se esticam nas redes penduradas sob as árvores de boldo e lêem um romance, um jovem casal que, sentado em poltronas dispostas lado a lado na varanda cheia de verde, conversa vividamente enquanto olham para rua; namorados que retornam para casa pela

avenida de cercas de ferro, com flores colhidas no campo; um grupo de meninas com mãos dadas, que correm de um lado para o outro e cantarolam alguma música; grupos de belos garotos que visitam um amigo na porta da casa que fica em frente ao jardim de flores e, em todos os lugares há pessoas rindo e falando, o som de um assobio e de um piano.

Ah, neste dia de verão claro e ensolarado, esta vila próxima ao mar onde sopra uma agradável brisa não é o esconderijo de um idoso desiludido com a vida, mas o paraíso onde jovens devem se entregar aos prazeres, à futilidade e os sonhos da juventude.

Do trem, vi incontáveis mulheres e homens bonitos. Não existe nada que me faça sentir mais apego a este mundo e que me torne feliz e me faça apreciar minha existência do que ver homens formosos e belas mulheres. Da mesma forma que uma menina inocente, que não é um cientista, apenas aprecia a beleza de uma flor no campo e não sabe se é venenosa ou não, eu que não sou um moralista ou um policial, felizmente, sou incapaz de distinguir o bem ou mal ocultos no ser humano e, todos os lugares onde homens bonitos e belas mulheres andam, riem, se divertem são como o paraíso da perfeição. Naturalmente esta praia de verão não é um quarto aquecido onde vestidos e jóias florescem como os teatros e salões de dança na cidade de inverno, mas uma vila onde se exala a cútis nua da neve.

Os homens vestem uma jaqueta leve e um chapéu de palha e as mulheres não usam chapéu sob a sombrinha branca, caminham no sol brilhante como os pássaros que voam no céu e exibem orgulhosas seus cabelos loiros ou escuros, expõem a meia-calça e os sapatos charmosos sob a bainha da saia curta, arregaçam quase até os cotovelos a manga da blusa, quase transparente, balançam os quadris e mexem.

Sou o primeiro a admitir que admiro a beleza física das mulheres ocidentais, e não somente a amar as curvas da cintura, os olhos expressivos, os ombros macios como os de uma estátua, os braços cheios, os peitos largos até os seus pés encaixados em pequenos sapatos de salto altos, mas o primeiro a ter o máximo de respeito pelo talentoso método da maquiagem e pela rapidez de adaptação da moda. Elas escolhem habilmente a cor e o tipo de roupas para combinar com a cor de seus cabelos, do rosto, do corpo de uma forma que até uma mulher mais comum consegue atrair a atenção de um homem, mas se observarmos a figura de jovens japonesas, parece que são totalmente deficientes desta habilidade. Como o japonês é um povo que critica e se intromete, talvez as mulheres frágeis e educadas nessa sociedade sintam-se intimidadas demais para melhorar sua aparência natural.

O trem parou num cruzamento da cidade de frente à praia do Parque Asbury.

As varandas de quatro ou cinco hospedarias altas feitas de madeira ficavam de frente para o vasto Oceano Atlântico e a drogaria que ficava numa das esquinas, a calçada da praia que se sobressaía sobre as ondas estavam repletas de homens e mulheres, suas roupas e sombrinhas brancas refletiam a cor azul do céu e do mar, causando uma sensação agradável aos nossos olhos.

Eu e Sossenshi descemos da escada da calçada para a areia da praia e pensando em molhar pela primeira vez com a água do Oceano Atlântico o nosso corpo criado sob o sol do longínquo Leste e, procuramos um local que alugasse trajes de banho e olhamos ao redor, mas que estranho, como as pessoas passeavam pela beira da praia não havia ninguém nadando e os vestiários estavam todos fechados.

“ O mar não está tão agitado, o que será que aconteceu?”, eu disse e Sossenshi também olhava ao redor, desconfiado, mas, de repente ele se lembrou e respondeu: “É porque hoje é domingo”.

Há lugares nos Estados Unidos que, devido a questões religiosas, qualquer tipo de divertimento no domingo é proibido. O Parque Asbury era um deles.

Ah, proibição, regulamentos! Nada parece mais tolo do que regras impostas por razões religiosas. Realmente acreditam que há importância religiosa suficiente em freqüentar a igreja aos domingos, cantar hinos e rezar? Acreditam que resolverá as questões da vida serão resolvidas?

Sossenshi me contou que, se for a certas cidades nesse Estado, existem contradições absurdas, no qual proíbem diversão com barcos aos domingos, mas permitem andar a cavalo ou usar o automóvel.

Sentamos na areia e passamos um tempo contemplando o infinito oceano, onde apenas nuvens fluíam, e logo depois de retornamos à calçada. Após matar a sede com um copo de limonada, decidimos voltar ao Parque da Pleasant Bay, e pensando em cochilar até o navio partir, embarcamos no trem que se aproximava.

Depois de descermos na entrada do parque, andamos imediatamente até a sombra de uma árvore à margem da água e sentamos na grama macia. O cenário diante dos meus olhos parecia uma pacífica pintura holandesa, com telhados e moinhos de vento nas casas de campo, que se via por entre as baixas árvores de verão, do outro lado da tranqüila enseada que refletia a sombra das nuvens brancas de verão.

De alguma forma me senti inexplicavelmente feliz e, enquanto descansava na grama, peguei um charuto do meu bolso e comecei a fumar. Quando olhei em direção à tranqüila superfície da água, havia um bote branco, que aparecera sem que eu percebesse no meio da enseada. Parecia o cisne branco de Lohengrin que descera, inesperadamente, do céu. Contudo, os passageiros eram uma moça e um moço e parecia que ele remava com toda a força, de modo que o bote rapidamente desaparecera por trás dos juncos que cresciam no banco de areia. Simultaneamente, joguei minha cabeça sobre a grama como se deitasse na minha própria cama, e como os meus olhos estavam na mesma altura que a superfície da água tive a sensação de que a maré alta logo estaria molhando o meu corpo; o céu de verão, que se via por entre as folhas do boldo verde parecia ainda mais alto e imenso, enquanto, em contraste as nuvens brancas que se moviam lentamente davam a impressão de que desciam cada vez mais para me envolver. Ah, que sensação deliciosa e indescritível esperar ansiosamente a chegada desse momento! Logo em seguida, tudo torna-se nebuloso como que tomado pela névoa e sinto somente uma brisa ocasional vinda da superfície água, acariciando gentilmente o meu rosto; meu corpo inteiro, carne e osso, derretem-se e evaporam, restando apenas uma sedosa e frágil pele sensível, e eu comecei a flutuar por entre a abundante água e a tranqüila nuvem, mais leve que um peixe ou um pássaro. Ah, devaneio em pleno dia!

Quando estava na minha terra natal, tendo à frente um pequeno jardim onde floresciam açafreões, costumava pensar que, nada era mais refinado do que o cochilo num dia de verão, numa pequena sala de tatame a ouvir o som da sineta, do lado de fora da persiana, que toca ao sabor do vento ou numa casa de gueixas à margem do rio, ouvindo ao longe o som do *shamisen*. No entanto, uma vez longe de casa, descobri que deitar na densa relva, debaixo de um imenso céu, numa terra estrangeira é ainda mais prazeroso e uma experiência simplesmente indescritível.

Quando morava na região rural de Michigan foi, exatamente no fim de maio, no meio da primavera da América do Norte, quando tenras folhas das gigantescas árvores como o boldo, olmo e carvalho envolviam densamente a vila, a densa relva cobria os prados, as flores de macieiras, pessegueiros e cerejeiras floresciam no pomar, que se agarravam as colinas, os lírios lilases, bolas-de-neve brancas e rosas vermelhas floresciam nos pequenos jardins. Todos os norte-americanos e pássaros pretos que deixavam o sul e passavam a primavera e o verão lá, estavam por todas as partes onde houvesse árvores ou flores, seja no jardim ou no cemitério, seja na cidade ou na vila, gorjeando seu suave canto. O sol brilhava durante o dia, como em todo o continente e o brilho intenso do sol se assemelhava a um dia de calor do mês de julho, no Japão. Saindo do apertado quarto a fim de arejar, caminhei entre pequenas colinas no extremo da vila acompanhando os trilhos da ferrovia e pouco a pouco fui me embrenhando na inabitada e profunda floresta de carvalho. Ao me jogar na grama cheia de margaridas brancas e botões dourados, vários esquilos se assustaram com o barulho e fugiram para todos os lados e rapidamente pulavam de uma árvore para outra, soltando chiados.

Carregava sempre no bolso um volume de poemas, mas diante da misteriosa natureza, qualquer obra de arte ou poema parecem grotescos e exagerados, por vezes até falsos, e eu perdia a vontade de ler aquelas coisas artificiais. Ao estirar-me à vontade, olhar o longínquo céu através do topo das árvores e escutar atentamente a cantoria dos pássaros e o chiado dos esquilos, sentindo o cheiro úmido da terra e da relva, parecia que eu havia abandonado o mundo ou que fora abandonado por ele. No Japão, mesmo indo para distantes vilas, grande parte das terras estão cultivadas, por isso sentimos a presença do mundo, mas no vasto continente americano, basta seguir duas milhas além da cidade, que surgem por toda parte regiões desabitadas como aquela. Além disso, influenciado pelo sentimento de solidão num país estrangeiro, as exuberantes árvores, o fluir da água, as nuvens que flutuam no céu, tudo causava-me um inexplicável sentimento de nostálgica beleza. Fantasias surgiam em minha mente, como uma fonte e ficava a imaginar: como seria montar num camelo no deserto e andar lado a lado com uma mulher árabe e dormir ao lado dela sob uma tenda ou como seria se adoecesse durante uma viagem e ficasse acamado numa hospedaria, num beco onde o sol nunca brilha?...Estremeci ao pensar nisso e queria voltar ao Japão no dia seguinte. Surgiam-me pensamentos extremos um após o outro e acabava ficando emocionalmente exausto, tomado por confusos sonhos.

Ah! Sonhar acordado numa terra estrangeira! Foram esses sonhos que trouxeram um sabor especial que nunca havia experimentado em minha vida. Hoje, novamente, deitado às margens do Pleasant Bay, para onde fluem as águas do Oceano Atlântico ouvi como num sonho o som de uma belíssima música e despertei repentinamente; era a orquestra que começara a tocar uma suave música clássica no restaurante que fica no lado extremo do parque.

Entretanto, ainda um pouco sonolento depois do cochilo, fiquei a contemplar fixamente desde a baía à minha frente às árvores e até as nuvens, como se estivesse vendo um local que costumava visitar há mais de dez anos, mas como logo depois ouvi passos atrás de mim virei-me e vi que era Sosenhi. Disse que também acabara de acordar e fora ao píer verificar o horário de volta do navio a vapor.

Deixamos aquela área arborizada e depois de entrarmos no restaurante do parque, onde tocavam a música, e depois de matarmos a sede com cerveja e frutas geladas, embarcamos no navio quando já passava das cinco da tarde.

O sol se pôs a oeste enquanto estávamos a bordo o que nos impossibilitou ver a beleza incandescente no Oceano Atlântico. E quando chegamos ao porto de Nova York, notamos uma luz que começava a brilhar na mão totalmente erguida da Estátua da Liberdade. A seguir, viam-se os prédios de Nova York, que tomavam o céu como cadeias de montanhas, para além das altas ondas, inúmeros navios que estavam atracados na Ponte do Brooklyn e as luzes dos píeres que cintilavam todas juntas, esta cena parecia ainda mais bela e ainda mais significativa do que a cena que vimos durante o dia.

Quando o navio a vapor chegou no píer era, exatamente, oito horas e eu e Sosenhi fomos para a avenida Quatorze, que é muito agitada à noite e entramos num restaurante francês para jantar.

Julho de 1905

5.17 O Bar da Madrugada

夜半の酒場- Yowa no Sakaba

Da prefeitura de Nova York, passe a entrada da ponte Brooklin, onde se aglomeram pessoas e cavalos e caminhe pela Terceira Avenida por quatro ou cinco quarteirões pelo qual passa a ferrovia elevada e encontrará Chatham Square. Entrando-se à esquerda é o bairro judeu e dobrando-se à direita o bairro chinês e ao chegar a um cruzamento amplo e imundo, desce para a direção do bairro italiano.

Chamado de beco pobre, esta área é uma favela onde se encontra imigrantes vindos de diversos países e operários em geral. Ainda faz parte da cidade de Nova York, mas em contraste com a zona Oeste, que representa a metrópole do Novo Mundo e o local para os bem sucedidos, o lado Leste é um mundo diferente, um esconderijo para aqueles que ainda não alcançaram o sucesso ou para os fracassados.

Ao contrário das pessoas do Lado Oeste, que exibem lindas roupas ao pegar o metrô, aqui as mulheres nem usam chapéus e cobrem a cabeça com mantas sujas e caminham com a boca cheia de comida. Os homens usam chapéus batidos pelo tempo, camisetas sem colarinho, expondo o peito cabeludo através da blusa rasgada, garrafas de uísque enfiadas no bolso da calça e, enquanto andam, cospem em qualquer lugar saliva amarelada com restos de tabaco.

Além da superfície das calçadas estar viscosa com muco e saliva dessas pessoas é cheia de papel estranho e usado, trapos e às vezes até meias-calça rasgadas jogadas como se fossem cobras em decomposição. A rua é pavimentada com pedras completamente desgastadas pelas rodas dos pesados vagões, enquanto a urina dos cavalos, sem tempo para secar, deposita-se nos buracos e rachas, num esverdeado escuro e barrento.

Há várias lojas em ambos os lados da rua e o que surpreende é o fato de encontrar no Ocidente uma casa de tatuagem com uma propaganda pendurada na porta de vidro – Tatuagem sem dor com aparelho elétrico. Em todos os lugares, aqui e ali, o que chama a atenção dentre as lojas de jóias duvidosas e de roupas de segunda mão é uma em que um senhor judeu, atrás do balcão, aprecia a paisagem mundo afora, enquanto no restaurante da avenida uma matrona italiana cochila com o zumbido da mosca varejeira.

Dessa forma, para onde quer que se olhe, o que chama a atenção, das casas enfileiradas às vestimentas das pessoas é a sua coloração sombria e com o ar sempre com o cheiro de carne cozida nas barracas de comida, suor e outros cheiros fétidos, que traz uma sensação pesada e angustiante. Uma vez que dentro dessa região, qualquer sentimento de glória ou prazer desaparece completamente e só se sente um peso no peito como se estivesse tomado por um pesadelo.

Certo dia – era numa noite de inverno. Caminhava sem rumo pelo bairro judeu depois de assistir à uma peça judia. Parecia ser mais de meia noite, já que tanto as lojas de jóias e roupas de segunda mão, como as outras lojas, tinham apagado as luzes e apenas os bares localizados em várias esquinas ostentavam as luzes acesas, insinuando que agora era a vez deles.

Empurrei a porta e encontrei um grupo de operários reclinados sobre a bancada, cada um com um copo na mão e conversando em voz alta. O som de um piano avariado e as vozes animadas de mulheres que vinham lá do fundo chamaram a minha atenção. Quando abri a porta, que ficava nos fundos, meu corpo adentrou junto no corredor escuro como se deslizasse. Ao perceber que a risada das mulheres vinham detrás de uma porta a cinco ou seis passos a frente, segui adiante sem temor, alcancei a segunda porta, e talvez por ouvir meus passos alguém a abriu. Era o segurança que havia me visto através do buraco da fechadura e tão logo eu entrei, fechou a porta bruscamente.

Nossa! Quem do lado de fora iria imaginar que ali existia um salão tão grande como aquele!! Ao redor da sala, próximo às paredes, havia muitas mesas e cadeiras e num dos cantos um piano enorme e velho. Um homem enorme de colete, com os braços aparecendo sob a camiseta suja, estava tocando o piano, e limpando o suor da testa de vez em quando. Sentado próximo a ele, um homem corcunda e magro tocava violino, expondo seu perfil pálido, enquanto, imaginem só, homens e mulheres levantam das mesas e rodopiam dançando pelo salão!

Nenhum deles estava vestido de uma maneira particularmente notável. Misturados ao grupo de marinheiros de calças largas, havia alguns homens de gravata e colarinho limpos, que aparentavam ter se embelezado para aquela ocasião. Porém, os dedos que pareciam mais grossos que o braço de uma criança e sapatos com solas mais grossas que a do casco do cavalo, denunciavam que, durante o dia, reparam as ruas ou carregavam tijolos.

Observando as mulheres, elas possuíam muito pouco de humanas e, sendo difícil dizer se eram velhas ou novas. O rosto inteiro estava pesadamente pintado com pó branco e não só passavam blush nas bochechas, mas havia aquelas que até passam delineador nos cílios. Vestiam saias velhas e amassadas e blusas de verão desbotadas e ainda assim querendo seguir as tendências de moda, usavam sapato alto de salto fino, como se fossem subir em algum palco e uma excessiva quantidade de diamantes falsos entre os cabelos, aparentado ser uma peruca e também no pescoço, braços e dedos.

Ao som do piano e do violino, marinheiros e operários misturavam-se, abraçados a essas mulheres e dançavam freneticamente, sob a tênue luz elétrica amarelada, pela poeira do chão e a fumaça do cigarro e o cheiro do álcool, me causava uma indescritível sensação de tristeza, que ia além do desgosto - exatamente como me sentia anos atrás quando escutava ao longe uma música soando dos locais de prazeres, em algum lugar perto da escura vila de Negishi.

A música terminara e conforme as mulheres e homens retornavam às respectivas mesas, os garçons em paletó branco circulavam entre eles anotando os pedidos. Alguns marinheiros que já estavam bêbados e mal podiam permanecer de pé, continuavam a beber uísque, enquanto algumas mulheres bebiam igualmente um ponche forte. De vez em quando, batendo em suas mesas, gritavam palavras em inglês, provavelmente do mais baixo calão

Sentei-me numa mesa ao canto, bebi cerveja e observei as cenas estranhas a minha volta, os quadros pendurados na imunda parede de madeira.

Havia a foto de um grupo de quatro ou cinco mulheres, talvez jogadoras de futebol americano, com as mãos dadas e de pé, vestidas com camisetas que evidenciavam seus músculos. Ao lado havia a foto de um boxeador com ar demoníaco, com as duas mãos em posição de luta e na parede oposta duas ou três fotos de bombeiros uniformizados, provavelmente pertencentes ao distrito da região.

Repentinamente, duas mulheres vieram em direção a minha mesa e sentaram-se nas cadeiras vazias. E quando eu, levado pela curiosidade, pisquei para elas, conforme costume nesse tipo de sociedade, elas, aparentemente, sem preocupações quanto às diferenças raciais desde que pudessem ganhar algum dinheiro, não só puxaram suas cadeiras para perto da minha, mas uma delas colocou o cotovelo em meu ombro e disse:

“Você tem um cigarro?”

Depois de entregar um cigarro, chamei o garçom que estava passando. A mulher pediu um coquetel, mas como não agüento beber algo tão forte, pedi outro copo de cerveja. Em meio a gracejos, tentei saber alguma coisa sobre suas vidas, mas em vão...

“Eu não tenho nome. Somente Kitty...Kitty - A morena – é como me conhecem”.

“Onde você mora?”

“Onde moro?...Em todos os lugares, em todas as pensões de Nova York ou Brooklyn...”

Quando lhe perguntei: “Você tem namorado?”

Ela começou a rir: “Ha Ha Há”.

E dizendo: “Qualquer um com dinheiro é meu namorado....”.

Beijou repentinamente minha bochecha e começou a cantarolar, movendo a cabeça e os ombros para direita e para a esquerda – will you love me in December, as you do in May...”

Então, ao começar a tocar novamente o piano e o violino, as pessoas voltaram a dançar.

De repente, a mulher puxou minha mão e perguntou “Hoje à noite...tudo bem, não é?”

“O que?” Respondi, fingindo não entender do que se tratava, mas ela ficou aborrecida e esbravejou “Você sabe, não...digo, sobre hotel”.

Dei um sorriso, mas não respondi.

“Não pode? Entendo...”, dito isso, a mulher levantou um pouco os ombros, virou o rosto e continuou sua cantoria ao som da música.

Fiquei surpreso e a observei por um tempo, mas logo a mulher avistou um grupo de marinheiros numa mesa distante, que estavam piscando para ela. Assim, foi depressa ao encontro deles e novamente bebia uísque.

Eu também me levantei e pensava em ir embora, quando dois músicos entraram no salão pela porta oposta.

“Nossa! É o George e o Joe, o Italiano!” gritou um dos garçons ao ver os músicos. Outro homem de uma mesa mais próxima os abordou,

“Faz muito tempo que vocês não apareciam aqui. Conseguiram um bom emprego não e mesmo?”

“Ah não, nada especial, ficamos trabalhando no interior por um tempo...”. Então, um deles foi até perto do piano e sentou-se numa cadeira vazia, tirou um instrumento musical chamado banjo, que trazia pendurado pela faixa ao pescoço e encostou-o na parede. O outro segurava

um pequeno bandolim em seu colo e cumprimentou o pianista de longe, sem se levantar. “Como vai chefe...?”

“Como sempre”, o pianista respondeu, com as mangas arregaçadas e com uma voz rouca “Bom, bebam alguma coisa”.

O garçom trouxe cerveja a uma mesa próxima.

“Agradecemos, obrigado!”. Os dois italianos esvaziaram rapidamente os copos e o pianista disse, com um ar de chefe, “Não precisam agradecer, graças a Deus nós temos muitos clientes...vamos ouvir aquela linda voz”.

Os dois italianos pegaram o banjo e o bandolim, se colocaram próximo ao piano e começaram a cantar uma música popular do sul da Europa, cujo significado não pude compreender.

Mas, o tom era bem lento como em uma música oriental e a vibração das vozes sugeriam uma certa tristeza. Os marinheiros, as prostitutas e os trabalhadores já embriagados pareciam escutar *shamisen* em um local de prazeres e todos fascinados por um tempo, o silêncio dominou o local.

Jogaram moedas de cinco e dez centavos como se fossem gorjeta, então eu também decidi ser generoso e peguei uma moeda de vinte e cinco centavos do meu bolso. Na realidade, eu não hesitaria em dar cinquenta centavos ou até mesmo um dólar a eles se eu quisesse chamar a atenção.

A cantoria em italiano, que terminava com um som vocálico era tão maravilhosa aos meus ouvidos, mas muito mais que isso, a aparência desses músicos com os chapéus tortos, roupas de veludo rasgadas, lenço vermelho de saraça em volta do pescoço, cachos abundantes de cabelos negros caindo sobre a testa, cílios pretos, bigode fino e a pele queimada pelo sol do Sul da Europa, despertou em mim uma profunda inspiração poética, que sempre tive pelos países do sul.

Os dois terminaram de cantar, pegaram as moedas esparramadas em todos os cantos e logo, se aproximaram da minha mesa e aproveitei a oportunidade para perguntar, “De qual lugar da Itália vocês são?”.

Um deles respondeu, sem ficar impressionado com a diferença racial, num inglês arrastado, “Somos da ilha, a ilha de Sicília”.

“Há quanto tempo estão aqui?”

“Apenas nove meses. Eu vim para cá pensando que conseguiria ganhar dinheiro, mas eu nasci bom vivant e além de bebida e jogo, o que eu gosto mesmo é de tocar banjo e cantar. Não sou como as pessoas que vem do norte Europeu para ganhar dinheiro e trabalhar duro, no fundo da terra ou no meio do fogo. Um preguiçoso é preguiçoso em qualquer lugar, você sabe, então vou de um lugar a outro, cantando como um pássaro. Graças a Deus, tenho o pão de cada dia”.

A música dançante começou novamente. Mais uma vez, homens e mulheres dançavam por todos os cantos no salão coberto de fumaça de cigarro, como as pessoas em um sonho. Ao juntar todas as moedas, os dois italianos foram para uma mesa no canto e beberam mais dois ou três copos de cerveja.

Como fiquei muito tempo confinado em um salão com o ar impuro, decidi sair e me refrescar com o vento gelado da madrugada.

Adeus, pessoas estranhas da madrugada – Good Night-

Julho de 1906

5.18 Folhas Caídas

おち葉- Ochi Ba

Nada mais frágil do que as folhas de outono nos Estados Unidos. Em setembro, apesar de ser insuportavelmente quente à tarde e as pessoas reclamarem do verão prolongado, as folhas de carvalho, olmos, táias e especialmente as folhas majestosas de boldo, que são parecidas com o *aogori*, começam a cair à noite, mesmo quando não há vento ou mesmo sem mudar sua coloração.

Essa cena traz uma sensação mais profunda de tristeza do que o momento em que as folhas pairam em todos os lugares e as folhas amareladas voam como uma tempestade de manhã e à noite. Ao observar essa paisagem, me recordo da morte prematura de um gênio.

Numa noite, sentei em um banco próximo à lagoa, no Parque Central. Em contraste com a confusão do domingo, era tão tranquilo durante a semana. E exatamente a essa hora, as pessoas deste país pontual devem estar saboreando a ceia. O som das carruagens, carros, até dos passos das pessoas pararam e apenas o barulho dos esquilos, que coletaram a última ração, podiam ser ouvidos do topo das árvores. O céu escuro que indicava chuva à noite ficava cada vez mais turvo e pesado, como num sonho. A superfície da água, que é tão vasta quanto um lago, está brilhante e em volta da lagoa, a luz amarela a gás, que flamejava sobre os arbustos enfraquecia gradualmente.

Próximo ao topo das árvores de olmo, folhas caem constantemente em grupos de três, quatro, cinco ou seis. Ao escutar atentamente, era como se pudesse ouvir o som das folhas deslizando umas sobre as outras. Devem sussurrar entre si, se lamentando em face de sua queda e destruição.

Algumas caíram no meu chapéu, outras nas minhas costas e joelhos. Apesar de não ter vento para guiá-las, outras ainda pousaram longe das águas e são levadas para locais mais distantes com o fluxo.

Sentei-me com o cotovelo pra trás do banco, refletia e de repente recordei da “Canção de outono” de Verlaine.

Les sanglots longs
Dês violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.
Tout suffocant
Et blame, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure.
Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà
Pareil à la
Feuille morte.

“O som melancólico dos violinos no outono ferem meu coração. Quando o sino toca, fico pálido, fico sufocado ao relembrar dos dias que se foram e choro. Como uma folha morta parto, levado pelos ventos do meu destino.” Esta não é a primeira vez que a vida é comparada à folhas mortas, mas o poema sempre me traz um sentimento profundo. Especialmente quando recordo a minha própria situação de viajante...Ah, quantas vezes e com que frequência eu pude observar as folhas caindo nesta terra.

No outono do ano em que cheguei, foi na Costa do Pacífico; No ano seguinte, foi nos campos de Missouri, na costa do Lago Michigan e nas ruas de Washington; E agora, esta já é a segunda vez que vejo as folhas caírem em Nova York.

Ano passado, quando vi as folhas caídas pela primeira vez nesta cidade, eu era arrogante, exaltado e feliz. Imaginava que já havia visto de tudo sobre as diferenças sociais e as condições naturais de todas as regiões deste continente e estava bastante confiante de que

observaria o cotidiano da segunda maior cidade do mundo e que viria todos os domingos perto desta lagoa e apreciaria a multidão de pessoas caminhando.

Logo, todas as folhas caíram, o vento gelado quebrou os galhos e a neve cobriu a grama completamente – a estação para as artes e para a vida social começara.

Vi várias peças de teatro, de Shakespeare e Racine a Ibsen e Sudermann e me senti como se tivesse assistido as obras clássicas e modernas do mundo. Acreditava que apreciava e entendia as visões de Wagner e a arte de Verdi. Não bastando, sentia que era e tinha de ser um dos fundadores do novo estilo de música dramática, que floresceria na sociedade japonesa no futuro. Ouvi sinfonias tocadas por orquestras e apreciei o refinamento e beleza da música clássica e a paixão irrestrita da música romântica moderna. Admirei a dissonância e a falta de forma da música sem precedentes de Strauss. Além disso, costumava freqüentar museus de arte e discutia sobre as pinturas de Manet e as esculturas de Rodin.

Programas, catálogos e pedaços de jornal formavam uma montanha em minha mesa, mas quando os ordenava a estação mudou e agora aquelas árvores desoladas estavam adornadas com novos brotos e flores e as pessoas trocaram os casacos pesados por roupas leves de primavera. Segui o exemplo e comprei roupas, sapatos e casacos novos. Porém, como a moda americana é essencialmente comercial é pobre em estilo. Para mostrar que não seria influenciado pelo utilitarismo americano, me esforcei para encontrar a maneira certa de me produzir e concluí que seguiria o estilo de Daudet quando escreveu “L’amoureuse” ou até como Byron. Assim, enrolava meus cabelos todas as manhãs e colocava a gravata de modo casual.

As pessoas riam da minha loucura, mas não me considerava tolo ou louco. Li em um jornal de Boston, logo após a morte de Ibsen...Que Ibsen tinha uma fraqueza. Aparentemente, ele apreciava se olhar no espelho com a medalha que ganhara do rei e desarrumava o cabelo para dar a impressão de que não o penteava.

Não questioneei se era verdade ou mentira. Bons ou ruins, os poetas ocidentais me emocionam, assim, não consigo deixar de imitá-los. Então, eu também posicionava meu chapéu de modo inclinado e numa maneira casual intencional, carregava um galho de cerejeira em uma mão e um livro de poesia em outro ou algo embaixo do braço. Depois de se examinar em frente ao espelho por um tempo, saía e ia para o parque onde as pessoas se reuniam nas tardes de primavera. Depois de caminhar ao redor da lagoa, como sempre, subia

a avenida cheia de árvores onde as estátuas de bronze, de Shakespeare, Scott, Burns e outras ficavam expostas e sentava em um banco em frente às elas e fumava um cigarro.

Então, depois de algum tempo entrava num devaneio induzido pelo sol quente na primavera e sentia como se tivesse sido elevado ao grau destes poetas de fama imortal. Os músculos de ambos os lados da minha boca relaxaram e formaram covinhas. Finalmente, não pude evitar de me sentir embaraçado comigo mesmo e ao olhar ao redor furtivamente, avistei belas folhas de árvores caídas em ambos os lados da avenida, o claro céu azul visto pelo topo das árvores, o agradável verde da grama que parecia um oceano e a leve e doce fragrância das flores flutuando de algum lugar desconhecido. Nunca fui tão feliz em minha vida.

Em frente aos meus olhos, mulheres vestidas com roupas leves passam, incessantemente, em carruagens ou montadas nos cavalos e todas aparentam sorrir quando passam por mim.

Toda vez que observo o sorriso de uma jovem ou de uma bela mulher, sonho acordado com um relacionamento feliz...escrevo algo num inglês elegante e uma leitora desejando conhecer o escritor me visita. Falamos sobre a vida, poesia e sobre os segredos um do outro. E com o decorrer do curso, estou casado e estabelecido no interior, a uma ou duas horas de trem de Nova York, talvez na costa de Long Island ou Nova Jersey. É uma pequena cabana cercada por cerejeiras e macieiras, atrás da casa, além da floresta há um pasto e ao longe podemos ver o oceano. Numa tarde de primavera ou verão, no crepúsculo de outono ou ao meio-dia no inverno, deitado em um sofá perto da janela e cochilo, exausto de ler. Então, acordo com o som do piano vindo da sala ao lado, preferivelmente, algo gentil como uma sonata Liszt, tocado pela minha esposa...Neste instante, saí do transe e me encontrei sentado no banco com a brisa noturna gelada soprando contra meu rosto.

O dia de primavera daquele sonho e o verão passaram, Ah...agora é outono e observar as folhas caírem e se espalharem é como lembrar de um amor perdido.

Logo, todas as folhas cairão. Com os ventos gelados do norte, a temporada de teatros concertos retornarão. Esquinas e a parede da estação de trem estarão adornadas com pôsteres teatrais e retratos de musicais. Mas, isso me possibilitará ser o mesmo careca, ultrajante, feliz observador das artes, que era o ano passado? E, quando a primavera chegar será que poderei ter sonhos efêmeros como aqueles?

Sonhos, intoxicação, ilusões, essa é a vida. Sempre almejamos amor e sonhamos com o sucesso, mas nunca o desejamos realmente. Procuramos as ilusões que aparecem somente

como se pudessem ser realizadas e desejamos nos intoxicar com esta antecipação e expectativa.

Baudelaire diz – estar intoxicado, esta é a única questão. Se quiser evitar sentir o horrível peso do Tempo que nos pressiona ao chão, não hesite em ficar bêbado. Não importa se for com licor, poesia ou moralidade. Se acordar dessa intoxicação nos degraus de um palácio, na grama de um vale ou num quarto desolado, pergunte que horas são ao vento, as ondas, as estrelas, aos pássaros, ao relógio ou a qualquer coisa que voe, se mova, cante, fale. O vento, as ondas, as estrelas, os pássaros, os relógios irão responder que é tempo para ficar intoxicado e que não importa se é com licor, poesia, moralidade ou qualquer outra coisa. Se não quer se tornar um escravo miserável do Tempo, deve ficar intoxicado o tempo todo....

A noite caiu. A floresta está escura, o céu está negro e a água está nebulosa. Mas, permaneci no banco, observando a sombra das folhas se espalharem contra as luzes elétricas brilhando entre as árvores.

Nova York, Outubro de 1906

5.19 Conto do Bairro Chinês

支那街の記 - Shinamachi no Ki

Às vezes, me sinto tão feliz só de olhar para o céu azul, o que é estranho até para mim e outras vezes, ao contrário, fico profundamente deprimido sem nenhuma razão.

Por exemplo, numa noite fria e chuvosa, ao escutar a voz de pessoas conversando do outro lado da parede ou com um miado de gato, cerro os dentes e tenho vontade de chorar. Fico atormentado por todos os tipos de fantasias, como se quisesse apunhalar meu coração com um picador de gelo e suicidar ou jogar nas profundezas do vício ou da degradação.

Quando estou nesse estado, tudo que antes era belo para o mundo e para mim, torna-se insignificante, repugnante e odiável. Ao passo que parecia ser feio e ruim, me parece muito mais bonito e misterioso do que flores ou poemas. Todas as más ações aparentavam ser ainda maiores e mais poderosas do que qualquer moral e eu glorificava-os do fundo do meu coração.

Assim como, quando as pessoas vão ao concerto e ao teatro, ao escurecer anseio por uma noite escura, sem estrelas e sem lua. Levado por um sentimento forte, caminho sem rumo à procura de alguém morto, pedintes, pessoas caídas nas ruas ou qualquer coisa feia, triste e amedrontadora.

Assim, já estive em todas as favelas, locais estranhos e sujos de Nova York, contudo, Oh!, nada atende melhor aos meus terríveis desejos do que os temidos e detestáveis becos do bairro chinês. Sim, o Bairro Chinês – seus cortiços nos becos. Esse é o lugar que apresenta o pior do ser humano, com a exibição de viciados, atitudes vergonhosas, doenças, e morte...

Eu sempre pego o metrô e desço na estaçãozinha um pouco antes da ponte do Brooklyn. Esta rua está repleta de atacadistas e armazéns e depois de passado a correria do dia, não é possível encontrar uma única pessoa. O céu noturno é poupado da escuridão pelas luzes dos cruzamentos e só era possível enxergar os prédios altos que parecem caixas sem janelas e telhados. As pessoas que estão acostumadas com as noites agitadas da Broadway devem ficar surpresas ao ver que existe um lugar desolado como este em Nova York. Montanhas de caixas vazias estão empilhadas ao longo da avenida e muitas carroças estão jogadas, sem seus

cavalos. Ao seguir este caminho, nos deparamos com a extremidade da favela, o bairro dos imigrantes italianos. À esquerda há um largo espaço com bancos enfileirados e à direita há pequenas casas de telhados tortos. Continuei a caminhar pela rua acidentada e ao subir o declive soube que estava na rua principal do bairro chinês pelo cheiro horrível do lugar.

O bairro chinês abrange uma pequena área, em que é possível avistar os trilhos do elevador. É dividido por duas ruas, onde há casas enfileiradas e convergem novamente para a rua principal. As pessoas que vem a esse bairro pela primeira vez devem se sentir arrepiadas ao ver como essa rua acidentada parece não ter fim. As casas são todas construídas em estilo ocidental, mas as placas douradas, as lanternas, anúncios em cartazes vermelhos de estilo chinês colocados à porta dos inúmeros restaurantes, bazares, quitandas combinadas às casas feias, de alturas irregulares cria uma certa harmonia para a cena que é, com certeza, da cultura chinesa.

À noite é possível ouvir, o som do gongo chinês do fim da ruela, e quando as lanternas dos restaurantes são acesas ao mesmo tempo, operários chineses que passaram o dia trabalhando em locais distantes se juntavam, enquanto fumam a piteira longa conversam sobre loteria e apostas. Essas cenas devem causar estranheza aos “ocidentais”, e os aproveitadores, sempre alertas às oportunidades, trazem, de locais afastados, homens e mulheres curiosos para uma excursão de automóvel, no qual há uma placa com os dizeres BAIRRO CHINÊS À NOITE – e há também aqueles que chegam em carruagens, acompanhados por prostitutas da área da Broadway, que levados pela curiosidade, passam a madrugada num restaurante chinês.

Isto, contudo, é apenas a parte superficial do bairro chinês. Seguindo-se para os fundos dos restaurantes, passando entre lojas, chegamos aos prédios de quatro ou cinco andares aglomerados, com roupas sujas penduradas na janela e construídos ao redor de um pequeno terreno baldio forrado de pedras.

Eu frequento um desses prédios tarde da noite – são cortiços de beco divididos como uma colméia.

Para chegar a este lugar, apesar de ser inconveniente, é preciso passar pelo pequeno terreno baldio, mas o pavimento de pedra está coberto de lixo e papéis jogados pelas janelas e ficam presos os pés como se fossem cobras. O esgoto vindo do banheiro público tampado com tábuas, formando, por vezes, poças intransponíveis. Há várias latas de lixo e do seu interior

sobe o fedor insuportável de algo se deteriorando e polui o ar, normalmente já sem circulação. Então, uma vez que se pisa neste lugar, antes mesmo que entre nos prédios...tem-se a sensação de que fomos separados do cotidiano, da mesma forma quando sentimos o cheiro do incenso queimando nos templos e deixamo-nos levar pela solenidade do local, apesar de serem duas circunstâncias completamente diferentes.

Há ocasiões em que uma visão momentânea causa a impressão forte de que a sensação ficará guardada para o resto da vida. ... Em uma noite clara de inverno, se me lembro bem, entrei neste lugar furtivamente, como se fosse um criminoso me escondendo, cobri meu rosto com o chapéu e virei para cima a gola do meu casaco. Vi a meia lua no céu de inverno, visível entre os prédios e o seu vermelho entorpecente pode ser comparado aos olhos inchados de uma mulher em prantos. Sua luz fraca ilumina as laterais dos prédios sujos e forma um indescritível e horrível sombra num canto do distante terreno baldio. Havia luz vinda da entrada e das janelas com as cortinas abertas, mas não era possível escutar nenhuma voz. De repente, um enorme gato preto apareceu do nada e olhou para as tábuas do banheiro público, pulou, avistou a lua melancólica, miou uma, duas, três vezes e desapareceu como um fantasma. Nunca havia me sentido tão atormentado pela superstição como esta noite...

Em outra ocasião, numa noite de verão, os quatro lados de uma parede estavam expostos o dia inteiro ao sol e como não se resfriam facilmente e também impedem que a brisa entre, o interior parecia um pote de óleo. O odor repulsivo do esgoto dificulta a respiração como uma fumaça visível, mas o interior dos pequenos apartamentos do prédio deve ser ainda pior, pois mulheres seminuas se recostavam contra as janelas completamente abertas. A luz iluminava o dorso delas e de maneira totalmente diferente das noites de inverno e a cor da noite que caía sobre o pátio estava brilhante e resplandecente. Das janelas, a voz das mulheres praguejando ou conversando ressoava, mas um som de um *kokin* vinha do alto, do telhado do prédio, talvez tocado por um chinês que cravou o dente em uma extremidade do instrumento “qui, qui”...repetindo uma monótona canção oriental. Parei por um momento, exausto com o odor e com calor, escutei a música e senti: “Ah! Que harmonia, que unidade”. Nunca havia escutado uma música que cantasse a ruína e queda das pessoas de forma tão tocante...

No final do pátio há uma entrada sem porta. Ao entrar há uma escada estreita onde se vê catarros espalhados pelos cantos, e conforme subimos temendo algo, na parede velha do

corredor estreito do primeiro andar há uma lâmpada a gás. Somos assolados por um cheiro de porco sendo cozido, cebolinhas verdes e a fragrância de incenso e ópio, que não podem ser sentidos em nenhum outro lugar nos Estados Unidos.

Se observarmos, nas portas vermelhas há vários caracteres chineses colados, pintados em pinceladas grossas, apresentavam nomes como “Lu” e “Ra” ou presságios. De dentro dos apartamentos podemos escutar pessoas conversando em chinês, que soavam como gritos de macacos. Em outras entradas, contudo, há laços amarrados como uma marca, mulheres americanas com maquiagem carregada abrem as portas assim que escutam passos no corredor, chamando em chinês ou japonês aqueles que haviam escolhido.

Pobres mulheres! Vieram parar nesse lugar onde só há chineses, uma raça que, em geral, os americanos consideravam tanto quanto os animais – onde se incluía também uma certa classe de japoneses. Na sociedade humana, a distinção de vencedores e perdedores, superiores e inferiores, não pode ser evitada. Mesmo depois de se jogarem no mar de luxúria, ainda há as que são puras e outras que são impuras e algumas delas atingem uma glória majestosa e tornam-se objetos de inveja, enquanto outras caem na miséria após experimentar uma vida de devassidão.

Essas mulheres ficaram desiludidas pela situação e agora só trazem a marca na pele “mulher” a esse abismo e perderam o senso de tristeza ou felicidade, desejo ou virtude. Um sinal claro disso é o fato de que quando os homens param na entrada, elas querem uma resposta rápida e não se preocupam em fazer uma expressão sedutora ou gestos sugestivos, como uma prostituta comum faria para dissuadi-los a entrar. Se o homem recusar ou, apenas pára para brincar e faz graça com elas, a situação torna-se complicada e imediatamente começam a gritar como cães raivosos e a cuspir xingamentos.

Realmente, elas parecem estar muito irritadas sem nenhuma razão em particular. Não é incomum que, quando não encontram um oponente com quem brigar, elas queimam as entranhas com copos e copos de uísque forte e se contorcem no chão, reclamando em voz alta sobre o seu destino ou quebram objetos e puxam os cabelos. Muitas, por sua vez, já passaram pelo estágio da loucura e desfrutam de uma certa paz, a espera um cachimbo de ópio como se fosse o ser amado.

Ah!, O paraíso das drogas – Um certo poeta francês chamou de PARADIS ARTIFICIELS (paraísos artificiais) – Para alcançar esse estágio de nirvana a pessoa tem de suportar a longa

jornada do desespero, dor e degradação, mas, por uma única vez, será possível escapar completamente desses problemas mundanos de angústia e pesar. Vejo seus olhos brilhantes enquanto dormem! Todas as vezes que as observo timidamente, não posso reprimir o sentimento de raiva que sinto de mim mesmo pela falta de coragem e determinação por me degradar dessa forma, sendo detido pelo que resta da minha consciência.

Apesar dessas rainhas da devassidão, imperatrizes do pecado e princesas da corrupção, há muitas pessoas que vivem nessas moradias, pois devido à falta de condições para morar em um lugar melhor, acabam nesse local de pecado e luxúria.

Há um velho judeu que vem a este lugar vender objetos roubados e jóias falsas para estas mulheres, que são suas melhores clientes. Há um mascate de cabelos branco, que passa a vida viajando de uma jornada a outra, carregando sua vida numa pequena caixa que leva às costas. Há uma mulher negra que ganha a vida furtando e vendendo esses objetos. Há o jovem delinqüente órfão e sem-teto encarregado de certas incumbências a pedido das prostitutas, como o “Tsukayasan⁸⁴” dos locais de prazeres no Japão. Mas, entre todas as pessoas, as mais lamentáveis e assustadoras são as velhas sem-teto, cuja vida é incerta como a noite e solitária como o amanhã.

Cheguei à conclusão prematura de que a vida dessas mulheres é a mais profunda degradação do ser humano, mas ainda há aqueles ainda em níveis mais baixos. Ah! Para atingirmos a paz final e a ruína extrema, quantas vezes e quanto sofrimento as pessoas devem suportar?!

Seus corpos retorcidos mal estão cobertos por trapos, seus olhos se assemelham a ostras podres, com muco escorrendo e os cabelos brancos desordenados parecem algodão desfiado. Elas se refugiam nos cantos do corredor, embaixo das escadas ou atrás dos banheiros públicos e, às vezes, lavam as roupas e fazem outras tarefas para as prostitutas em troca de uma refeição. Mas, elas acreditam que esse lugar seja mais confortável, pois têm mais liberdade e não sofrem os constrangimentos sociais chamados de caridade e prisões chamadas de asilo. Se previrem que há uma chance de algum policial vir até esse buraco, elas somem com uma incrível rapidez, caso contrário, seriam obrigadas a vagar, sob a noite, rondando os quartos das prostitutas e implorando por dinheiro. Se as prostitutas baterem nelas num acesso de raiva, talvez morram na mesma hora, mas se as empurrarem para fora, as velhas gritam suas

⁸⁴ Um tipo de servente.

lamúrias a noite inteira e são capazes de dormir e começar a roncar ali mesmo. Uma vez escutei essas reclamações.

“Tudo bem, se é tão má, não pedirei mais nada. Mas logo que não tiver mais sorte você aprenderá sua lição... Você acha que ainda é nova e que vai poder continuar a trabalhar com isso pelo tempo que quiser, mas em pouco tempo estará como eu. Nem se preocupe em se olhar no espelho, pois a droga que está usando, quem sabe por quanto tempo, vai destruí-la algum dia. Não se incomode com suas rugas, pois é com seu cabelo que deveria se preocupar. Seu nariz irá encolher, suas mãos ficarão tortas e começarão a tremer. Terá câimbras nas pernas e ficará corcunda. Aqui está a prova...veja as minhas mãos...”

A mulher que estava se maquiando para a noite, em frente ao espelho, soltou um grito, cobriu o rosto com ambas as mãos e desabou na cama. A velha riu de maneira assustadora “Hi hi hi hi” e saiu do quarto. Espiava do lado de fora, mas repentinamente fiquei assustado e fugi de lá às pressas.

Tudo isso me faz lembrar de um poema, LES PETITES VIEILLES (A pequena velhota), que Baudelaire dedicou a Victor Hugo, no qual exclama “Ruines! Ma famille! Ô cerveaux congêneres! (Devastação, minha família! Cérebro congênito).

Ah! Eu amo o bairro chinês. Este local é um tesouro poético para “As Flores do mal”. Eu acredito que essas instituições humanitárias e de caridade deveriam desaparecer deste mundo.

5.20 Passeio Noturno

夜あるき - Yoaruki

Amo a noite na cidade. Adoro as ruas com suas luzes brilhantes.

Como você bem sabe, amo mais o crepúsculo em Ginza ou a noite em Yoshiwara do que a lua em Hakone ou as ondas em Ôiso, e mesmo no calor do verão fico sozinho na minha casa em Tóquio.

Nem preciso dizer, então, que desde que cheguei à Nova York, a noite desta metrópole desse novo continente, onde todos os lugares são iluminados, tem me dado muito prazer. Ah! Nova York é um lugar maravilhoso, uma cidade sem a escuridão da noite. O seu brilho é ofuscante, brilhante, um lugar mágico de luzes elétricas, inimaginável no Japão.

Quando o sol se põe e a noite cai, saio de casa quase inconscientemente. Se não vejo o mundo iluminado pelas luzes cintilantes seja nas ruas, nas esquinas, nos teatros, nos restaurantes, nas estações de trem, nos hotéis, nos salões de dança ou em qualquer outro lugar, fico tão desolado e triste, que me torno desesperado como se tivesse sido separado da minha própria vida. Os brilhos multicores tornaram-se imprescindíveis na minha vida!

Eu amo essas cores de maneira instintiva e intelectual. É vermelho como o sangue, puro como o ouro e, às vezes, azul como o cristal. Essas cores, esse brilho, acarretam uma sensação de rara beleza! Nem a beleza dos olhos verdes de uma bela mulher ou o brilho de uma pedra preciosa se compara a essas luzes.

Aos olhos de um jovem sonhador como eu, as luzes são como um símbolo de todo o desejo, a felicidade e o prazer humano. Ao mesmo tempo, parece expressar a fora humana que contraria as leis da natureza e retorna à vontade divina. São estas luzes que nos salvam da escuridão noturna e nos acordam de um sono mortal. Não seriam essas luzes o sol feito pelo homem? Não estariam zombando como uma flor do pecado orgulhosa de seu conhecimento?

Ah, o mundo que possui esse brilho e por ele é um mundo de encantamento. Por causa dessas luzes, as mulheres de atividades vergonhosas aparentam serem mais bonitas do que esposas puras ou virgens virtuosas, o ladrão é tão heróico como o salvador e a aparência do

filho pródigo é tão nobre quanto a de um rei. O poeta decadente incapaz de cantar a glória de Deus ou a imortalidade da alma encontrou beleza no pecado e na escuridão, graças às luzes. Os versos de Baudelaire dizem:

Voici lê soir charmant, ami du criminel
Il vient comme um complice, à pas de loup, lê ciel
Se ferme lentement comme une grande alcôve,
Et L'homme impatient se change em bête fauve.

(Encantadora noite, amiga do pecado, vem silenciosa como um aliado com passos de lobo. Qual ampla alcova o céu se fecha lentamente, e em besta fera transforma-se o homem sofrido.)⁸⁵

Ontem à noite, como de costume, saí de casa assim que as luzes foram acesas na cidade e depois de jantar num lugar onde muitas pessoas se reúnem e o som da música é alto, entrei num teatro. Não era para assistir uma peça, mas para me inebriar com as luzes douradas que enfeitam o alto teto arredondado, o palco espaçoso, as platéias dos quatro cantos. Escolhi uma comédia musical medíocre, em que várias dançarinas atuam e cantam músicas populares.

Após passar metade da noite neste lugar, saí com a multidão, seguindo a valsa que sinalizava o fechamento do teatro e repentinamente senti um vento frio no rosto...Jamais esquecerei a sensação encantadora daquele momento, que sempre acontece quando deixo o teatro. Diferentemente de quando entrei no teatro no começo de noite agitado da cidade, estava silencioso, tomado pelas sombras das profundezas da noite. Subitamente, tive a impressão de estar num local desconhecido e, levado por um sentimento vago da incerteza e com a curiosidade, tive de perambular sem rumo.

De fato, o charme da cidade na madrugada é precisamente a incerteza, o mistério evocado pela dúvida e curiosidade.

Se alguém está escondido atrás de uma loja, cujas luzes foram apagadas e a porta fechada, fico curioso para saber quem é e o que está fazendo, mesmo suspeitando que fosse um ladrão, e se vejo um policial belamente uniformizado numa esquina, logo penso num crime. Homens que andam com o chapéu sobre os olhos e as mãos nos bolsos parecem estar pensando em suicidar-se depois de perder nos jogos. Uma carruagem que emerge da

⁸⁵ Tradução literal baseada na tradução para o japonês, de Kafû.

escuridão e passa por mim em direção à penumbra faz meu coração palpitar e me deixa apreensivo ao imaginar um caso de adultério amoroso, uma relação ilícita escondida, e aprecio, ao longe, as luzes dos hotéis e salões que cintilam triunfantes ao avançar da noite. É como se todos os prazeres do mundo residissem ali. A silhueta dos homens e das mulheres entrando e saindo são como borboletas que brincam nas flores do jardim e não são seu riso e vozes que formam de quando em quando uma música sedutora, incrivelmente doce?

É o momento do terrível “destino”. Naquele instante, naquele exato momento em que as mulheres aparecem em meio às luzes da cidade, balançando suas barras como o vento e exalando o cheiro da maquiagem no ar noturno, elas são os espíritos da noite. São as encarnações do pecado e da perversidade. Elas são anjos do inferno chamado por Mefisto para ir à porta da casa da jovem Margareth. São deusas que podem ver o destino e o pensamento, passado ou futuro, dos jovens que vagam pela noite.

Então, quando os homens ouvem as vozes que os chama e as vêem se aproximando, sentem como se testemunhassem um presságio passado, aceitando seu destino, resignados a segurar as mãos geladas da infâmia.

Depois de deixar o teatro, continuei caminhando pela Broadway madrugada adentro, passei por um prédio alto de vinte andares, feito de pilares de pedra na Madison Square, que parecia um castelo dos sonhos e logo cheguei a uma área verde provavelmente da Union Square, onde se via o brilho das luzes entre as árvores. Ao me aproximar, ouvi os pingos da água da fonte sob as árvores, que soava, na tranquilidade noturna, como se fosse o choro de uma pessoa. Então, sentei no banco ao lado e observei o reflexo das luzes se movendo na superfície da água, que fez meu pensamento fluir.

Escutei os passos de alguém se aproximando e um sussurro em meus ouvidos, mas depois de um tempo retornei ao meu passeio...Ah, de alguma forma fui capturado por uma dessas mulheres vis da noite, que me pegou a mão e me vi andando num beco desconhecido.

Olhei em volta e vi cortiços em ambos os lados da rua, tijolos vermelhos escuros de sujeira, portas quebradas e lugares sem iluminação. Fui subindo os degraus de pedra e entrei pela porta central, tudo estava escuro e uma corrente de ar úmido veio do porão irritou minhas narinas. A mulher parou de repente, analisou a minha aparência sob uma luz próxima e sorriu, revelando seus dentes brancos entre os lábios pintados.

Sem querer, tremi. Além disso, não tinha forças para soltar a mão dela e fugir, mas ao contrário, fui instigado, por um desejo ardente, a cair na escuridão voluntariamente.

É estranho como temos um gosto pelo mal. Por que o fruto proibido é tão delicioso? O proibido deixa tudo mais doce e a transgressão aumenta a fragrância. Como o fluir das águas da montanha, que não é violento a menos que haja pedras, ou seja, o homem é incapaz de descobrir a excitação do crime e o prazer do mal se não tiver consciência e moralidade.

Deixei-me ser guiado, entrei pela porta escura e sub os degraus escuros. Como a escada não era revestida, o som ecoava pela casa deserta como gelo sendo esmagado e a fria umidade que emanava de algum lugar passou pelo meu pescoço como o cabelo de uma pessoa morta.

Subimos o segundo, terceiro e, finalmente, quando chegamos ao quinto andar a mulher pegou as chaves, que tilintavam, abriu a porta e me puxou para dentro.

A densa escuridão dominava o aposento, mas quando a mulher acendeu o lampião a gás, as nuvens de mistério se dissiparam e, como mágica, um sofá rasgado, uma cama velha, um espelho embaçado, um lavabo de onde pingava água e vários outros móveis espalhados apareceram diante de mim. O quarto ficava no sótão e apesar do teto ser baixo e as paredes manchadas, parecia uma habitação bastante confortável a julgar pela roupa de dormir, Calça de baixo, meias velhas sujas jogadas pelos cantos. Entretanto, deve ser o mesmo tipo de aconchego que sentimos numa casa de cachorro forrada com palhas ou o ninho de um passarinho repleto de fezes.

Enquanto observava o local, a mulher já tirava o chapéu, o casaco e vestia apenas curta camisa de baixo branca; sentou-se numa poltrona ao meu lado e começou a fumar.

Cruzei meus braços firmemente e a contemplei em silêncio, como um arqueólogo que observava a Esfinge no deserto Egípcio.

Olhe!. A maneira como expõe suas pernas acima dos joelhos, cruzando uma das pernas sobre o joelho; curvou a parte superior de seu corpo para trás, revelando seus seios devido à roupa decotada e segurava sua nuca com os braços nus e com o rosto para cima soltava fumaça contra o teto. Ah!O que é isto se não uma cruel e corajosa estátua de pedra, que desafia e é infame e que não teme Deus, o homem e amaldiçoa todas as virtudes humanas? O rosto dela não trai a beleza trágica do por do sol num solitário castelo ou a face que lutou contra o destrutivo “Tempo” ao utilizar o pó, maquiagem, cabelos falsos e pedras preciosas

falsas? A cor dos olhos dela, que não estão nem sonolentos e nem despertados sob as pálpebras pesadas, podem ser comparados com a superfície de um pântano que emite gases venenosos. Baudelaire, pai dos decadistas? Disse:

Quand vers toi mēs désirs partent em caravan,
Ces yeux sont la citerne ou boivent mēs ennuis.

E ainda:
Tes yeux, où rien ne se révèle
De doux ni d’amer,
Sont deux bijoux froids où se mêle
L’or avec le fer.

Não posso mais ficar satisfeito apenas com o amor da graciosa Koharu ou com a melancolia de Margarite, a Dama das Camélias. São muito frágeis. São pétalas de flores levadas pela chuva dos costumes e da moralidade, não murcham com a tempestade da punição e da e voltadas para o céu da morte e destruição estiram seus ramos, espalhando a energia de planta venenosa que abre suas folhas de pecado.

Ah! Rainha do mal! Quando pressiono minha testa contra seu seio, onde seu sangue gélido flui como gotas de vinho no fundo de uma adega escura, eu não sinto o amor de uma amante, mas uma intimidade familiar, a proteção de uma mãe.

Licenciosidade e morte são correntes unidas! Pode rir da minha costumeira tolice. Passei a noite anterior inteira com esta prostituta, dormindo como “um cadáver ao lado do outro”.

abril de 1907

5.21 O Sonho de uma noite de Junho

六月の夜の夢- Rokugatsu no Yoru no Yume

O navio a vapor Francês, Bretagne, que levava este vagante da América do Norte à costa da Europa, deixou o píer à margem do rio Hudson dentro do horário.

Ao alto, o céu de julho, os prédios de Nova York que se erguem como uma estranha cadeia de nuvens, a ponte Brooklyn, que atravessa o céu é maior do que um arco-íris e a Estátua da Liberdade que se põe ereta no meio da água – o cenário familiar da baía, que me acostumei a ver durante esses anos ia desaparecendo aos poucos entre o céu e as ondas...e logo, o navio deslizou ao longo da verde costa da Ilha Staten e estava prestes a entrar no vasto Oceano Atlântico pela entrada do estreito canal de Sandy Hook.

Ah! Provavelmente aquele seria a última vez que veria as montanhas e as águas dos Estados Unidos. Uma vez deixando para trás, quando e em que ocasião teria oportunidade de voltar?!!

Apoiei-me no corrimão do deque e tentei ver mais uma vez a inesquecível Ilha Staten, com a floresta ao longo da costa, os telhados da vila – Ah, passara quase um mês às margens dessa ilha, na melhor época do verão, até a noite de ontem, quando embarquei no navio – Mas, infelizmente, o mormaço da manhã de julho cobria o mar e o céu com um vapor cinzento, encobrindo as florestas, as casas e até as montanhas como um rastro de nuvens.

A separação, o arrependimento e o apego – Ah, existiria sofrimento mais cruel, mais insuportável do que este?! Alguém normalmente frágil como eu, imagine, então, uma viagem solitária, se a triste luz do luar daquela noite banhasse quietamente a janela do navio, enlouquecido, talvez me atirasse ao mar....Quando se tem vontade de chorar, não há o que fazer senão chorar. Quando se está triste, a única consolação é falar sobre ela. Então, enquanto viajo pelo Oceano Atlântico, pego a caneta....

*

*

*

Lembrei-me de que saí do Japão há quatro anos. E agora, os Estados Unidos tornou-se a minha segunda casa. Dentre os inúmeros acontecimentos, inesquecíveis ou que guardo saudades, o que será impossível esquecer, ah! é a mulher de quem tive que me separar na noite anterior, é o destino da minha querida Rosalina.

Começou no início do verão daquele ano, na época em que as flores das macieiras caíram nos pomares. Durante os quatro anos, eu já havia visto tudo o que queria ver ou examinar na sociedade americana e enquanto esperava até o final de outono para receber do meu país o dinheiro da viagem para a Europa, mudei-me para a costa da Ilha Staten, que fica à margem da baía, para fugir do verão de Nova York.

Todas as pessoas que passaram um verão em Nova York devem conhecer a Ilha Staten. É uma ilha que possui várias áreas turísticas, de descanso e praias chamadas South Beach, Midland Beach, entre outros. Mas o local que escolhi para descansar (apesar de estar localizado na mesma ilha) era uma pequena vila praiana, remota, inconveniente e freqüentada apenas por apaixonados por pesca, que vinham da cidade aos sábados e domingos.

Depois de alcançar a margem oposta atravessando as águas num enorme barco a vapor, oval e plano, parecido com um yakatabune⁸⁶, o percurso leva cerca de trinta minutos de trem. Como em Nova York normalmente não se vê áreas verdes, ao chegar na ilha e, as pessoas ficam admiradas, pensam estar sonhando diante da tamanha mudança: o ar puro do local e a beleza dos campos. Como já estava cansado das dimensões continentais e a monotonia dos campos americanos, eu fiquei particularmente satisfeito com o cenário da ilha, totalmente oposto, minúsculos, graciosos e variados. Tendo a linha férrea como limite, de um lado via-se um calmo mar interno, depois de atravessar uma pequena floresta, um campo verde com riachos. Do outro lado, havia colinas cobertas com vários tipos de árvores verdes baixas e altas e, fazia lembrar a paisagem perto de Zushi ou Kamakura. Além disso, até onde os olhos conseguem ver, havia prados pitorescos cobertos com ásteres brancos e amarelos, como a cena de um quadro e havia também pântanos, onde cresciam vários tipos de plantas aquáticas como junco⁸⁷..

Depois de passar por quatro ou cinco pequenas estações feitas de madeira, observando esse cenário sem ficar entediado, o trem chegou à estação na qual deveria descer. Após descer a

⁸⁶ Barco de passeio provido de cobertura

⁸⁷ Planta aquática encontrada em áreas úmidas.

plataforma de madeira, notei que em ambos os lados da rua havia dois bares cujos donos eram alemães; Da frente dos bares partem as carruagens para as hospedarias da região. Então, naquela área havia muitas moradias e lojas que vendem artigos de primeira necessidade como lojas de ferramentas, de verduras, um açougue e uma sapataria, um local em que os gritos das crianças e dos bebês e a balbúrdia das donas de casa podiam ser ouvidos. Mas, uma vez que se deixa essa área e segue-se a avenida para a direita ou para a esquerda e se anda por dois ou três blocos sob uma alameda de boldo, tudo o que se pode ver são bosques em ambos os lados, que parecem nunca ter sido tocados por machados e alguns telhados sujos na sombra da colina, onde belas flores da montanha e a grama verde crescem vividamente. Em toda a área, enquanto o canto dos pássaros prosseguia, de tempos em tempos, o latido dos cães e o cacarejar das galinhas ecoavam cada vez mais longe.

Da rua principal, que é bem calma, atravessar uma pequena colina ondeada e pegar enfim uma pequena estrada sinuosa que vai dar numa praia distante, a casa em que estou hospedado fica à sua beira. É uma casa de dois andares com varanda e, em frente, há um mato alto, diversos tipos de árvores, que formam um quebra vento e na parte de trás há uma floresta de carvalho. Há duas antigas cerejeiras cobrindo o telhado, e na grama um pouco distante há duas macieiras grandes, estendendo seus galhos.

O dono é um homem pequeno com cerca de cinquenta anos, ruivo, funcionário da companhia ferroviária há pelo menos vinte anos e que, todas as manhãs, pega o trem para ir ao escritório. Para um americano, era um tanto reservado e quieto, mas depois que fechei o contrato de aluguel, através de um conhecido, e me mudei, deixando a cidade, ele me tratou como um parente que não encontrava há dez anos. Junto com sua esposa feia e dentes sujos, me mostrou todo o interior da casa, da horta no quintal ao galinheiro e até me apresentou ao cachorro chamado Sport, explicou-me a geografia de toda a ilha Staten e, por fim, trouxeram-me o dicionário Webster, que tinha pelo menos vinte anos, e me instruiu-me a consultá-lo caso eu não compreendesse alguma palavra em inglês.

Aluguei o quarto do segundo andar, que dava para a floresta de carvalho na parte de trás. Na parte da manhã, organizei os vários catálogos, documentos e outras coisas que havia colecionado, durante as minhas passagens por Chicago, Washington, St. Louis e outros lugares pelos quais passei nos Estados Unidos. Na parte da tarde, lia ou cochilava sob a

sombra de uma cerejeira em frente à varanda, apreciando a brisa fresca vinda do mar além da colina e esperava o sol se mover até o entardecer.

Era perto das sete e meia quando terminara de jantar com a família, e sempre, passando entre as árvores e o mato em frente a casa, atravessava a colina e descia em direção ao mar. Toda a costa é uma área úmida, mas, diferente do litoral de Nova York, não há pedras ou rochas onde batem violentas ondas. Quando vi pela primeira vez o agradável verde luminoso, a extensão da vegetação flutuante, que parece um pântano onde as plantas aquáticas crescem no oceano azul, senti como se fosse uma bela mulher nua deitada languidamente, cansada de seus sonhos de prazer.

N sombra dessa vegetação flutuante, vê-se vários barcos de pesca das vilas vizinhas, pequenos iates e barcos motorizados, aproveitando o fato do mar interno ser calmo e ter uma corrente tranqüila, mas como todos são brancos, parecem cisnes flutuando na lagoa de um parque. As cores do crepúsculo apresentam uma beleza indescritível, com o contraste entre o vermelho do por do sol, o azul escuro da água e o verde da grama.

Não tinha mais ambição ou margem para apreciar outras belas paisagens da ilha. Todo o dia parava no mesmo lugar e observava a mesma baía e a vegetação flutuante sem ficar entediado e depois de um tempo, conforme ficava mais escuro, o branco dos barcos que ainda eram visíveis desapareciam na água escura e caía a noite calma e clara de Junho. Nos Estados Unidos, o crepúsculo dura pouco tempo.

Ah, a noite de verão de Junho! Que mundo de imaginação e fantasia. Conforme os dias ficavam mais quentes, havia mais mosquitos, mas, ao mesmo tempo, inúmeros vaga-lumes voavam pelos campos e florestas como se fossem chuva. A maré molha as raízes do junco, enquanto as folhas de salgueiros de água e de boldo assoviam na brisa noturna. Entre a constante música dos grilos e dos sapos, era possível escutar o canto de um passarinho. O ar está repleto com o cheiro da grama, que parece crescer tanto quanto pode durante a noite. Nas minhas andanças pensava em, um dia, conhecer o verão da Suíça ou uma noite de inverno da Itália, sonho de qualquer poeta, mas eu jamais poderei esquecer uma noite de verão da ilha Staten. Isso porque, tendo o oceano dormente a minha frente e os bosques tranqüilos na parte de trás, com a metade do corpo coberta pelas altas ervas silvestres, olhando para as inúmeras estrelas no céu infinito, ouvindo o sussurro da natureza e, além disso, apreciando a chuva de

fogo de vaga-lumes, sentia um forte sentimento de mistério e êxtase, como se não estivesse mais no continente americano, onde o inverno se aproxima, mas vagando sob o céu do ‘Oriente’, a terra dos sonhos dos poetas da escola Decadente.

Foi numa noite, exatamente uma semana depois de me mudar para aquela ilha. Como sempre, depois de apreciar a vegetação flutuante durante o crepúsculo, retornava calmamente pela longa trilha e, sem perceber que voltava para casa, cheguei ao pé da colina.

Deve ter sido por causa do tempo. A luz dos vaga-lumes brilhava ainda mais, as estrelas também cintilavam e o cheiro da grama estava mais forte. Senti mais do que nunca, ah!, isto realmente é uma noite verão. Era como se na terra não existisse nada, nem inverno em que as flores murcham, nem tempestade, nem morte ou desespero, e sentia como se meu corpo e minha alma estavam inebriados pela sensação prazerosa do verão...Ao mesmo tempo, senti vontade de dormir, coberto pela relva como se fosse uma raposa ou uma lebre e apoiado na bengala olhei novamente para o céu repleto de estrelas...Neste momento, de repente, da única casa na colina, vinha o canto de uma jovem acompanhado do piano....

Qualquer um pode imaginar o quão profundamente fiquei emocionado. Ouvia atentamente, mas o som do piano sumiu como uma gota de orvalho e, a música também parou abruptamente, sugerindo que alguém cantava apenas para passar o tempo. E então, a noite clara e calma de verão retornou. Apenas o som dos insetos e dos sapos.

Esqueci dos mosquitos a minha volta, fiquei parado sobre a relva por um longo tempo e sentei para apreciar a casa na colina.

Não havia como ouvir novamente a música, por mais que esperasse. De repente, a luz vinda da janela, que iluminava as árvores se apagou, o cachorro latiu duas vezes e então escutei o barulho do pequeno portão sendo aberto.

Só então despertei do meu sonho e me senti extremamente cansado; ah, esta noite vou voltar rapidamente para casa e dormir sem fazer nada! Atravessei rapidamente a colina e segui a sinuosa trilha quando, de repente, percebi um vulto branco se movendo a apenas sete ou nove metros à frente...Era uma pequena mulher de costas. O céu claro da noite de verão, o brilho das estrelas e a fosforescência dos vaga-lumes possibilitaram, mesmo que na penumbra, distinguir nitidamente, seus dedos delicados balançando um leque japonês, para afastar os

mosquitos, seu vestido branco e até seus sapatos brancos. Há momentos em que detalhes minuciosos podem ser vistos claramente, no escuro ou na penumbra.

Ao virar a trilha, a figura da mulher desapareceu por instantes, escondida pela vegetação, que era mais alta do que ela, mas então, pude escutá-la murmurando alguma canção e para minha grande surpresa, ela parou em frente a casa onde estava hospedado.

Espantado, parei a uns sete ou nove metros de distância. Sem saber disso, a mulher gritou do lado de fora ‘ho, ho’ e com a informalidade característica da vida americana, a dona da casa gritou de dentro da casa – Entre. Mas, a mulher não entrou, dizendo que preferia ficar do lado de fora no verão, apesar dos mosquitos e sentou-se na entrada da varanda, que tinha cheiro de flores de madressilva.

Aquela mulher era a pessoa que estava cantando, aquela mulher era Rosalina, que não consigo esquecer por mais que eu tente.

Ah, contudo, quando fui apresentado a ela pela dona da casa, nem em sonhos podia imaginar o que iria acontecer – de fato, nem pensei que nos tornaríamos bons amigos. Isto porque a minha experiência de longa data havia me mostrado que os assuntos de minhas conversas não combinavam com as da mulher americana. Como sabia que elas eram por demais alegres e suas idéias excessivamente sãs para se engajar em conversas sérias sobre artes ou problemas existenciais, cada vez que eu era apresentado a uma mulher tinha como objetivo praticar a língua ou observar a natureza humana, sem qualquer expectativa de manter diálogo genuíno ou agradável.

Então, naquela noite, que conheci Rosalina, estava preparado como de costume, por uma questão de cortesia entre um homem e uma jovem, a falar sobre os automóveis que eu detestava, sobre igrejas ou qualquer outra coisa. Mas, fiquei surpreso desde o início, pois ela me perguntou se eu gostava de ópera e questionou sobre *Madame Butterfly* de Puccini, sobre *Madame Melba*, que retornara aos Estados Unidos depois de quatro ou cinco anos e que, novamente, arrebatara a audiência americana e sobre a *Sinfonia* de Strauss, que fora executada pela primeira vez na América do Norte, nesta primavera. Essas questões eram tão inesperadas que, não só as minhas resoluções até o momento eram tolas como quase chorei de felicidade, como se tivesse encontrado um amigo que conhecia há cem anos.

Tenho de admitir que gosto das mulheres ocidentais. Gosto de discutir arte ocidental, desde a antiga Grécia sob o céu ocidental, à beira de lagos ocidentais, com uma mulher ocidental e numa língua ocidental, seja inglês, francês ou qualquer outra. Em suma, como tinha muita expectativa com relação às mulheres americanas, acabava tirando conclusões erradas.

Como a conversa estava muito sofisticada e também devido ao costume deste país de, seja a mãe ou o professor, deixar os jovens sozinhos para conversarem e não interferirem em seus interesses, a dona da casa foi para a parte detrás da casa, onde havia o galinheiro, para checar um barulho.

Mudamos o assunto de nossa conversa para tópicos como a vida, a moda e o casamento das mulheres japonesas e perguntei casualmente a Rosalina se era uma solteira convicta, como uma típica mulher americana.

Ao dizer isso, ela pareceu ter ficado extremamente ofendida por ter sido incluída na categoria de ‘Típica’ e disse, com um gesto um tanto dramático: “Não sou solteira por princípio, mas acredito que terei de ficar solteira. Como não se trata absolutamente de uma consequência negativa, não serei como a viúva francesa desesperada, patética e depressiva ou uma velha americana fria e intolerante. Apesar de ter sido educada nos Estados Unidos, vivi na Inglaterra até os cinco anos de idade e meus pais descendiam de uma família inglesa antiga. Os ingleses lutam sorrindo até tombar. Por isso, mesmo que eu fique solteira para o resto de minha vida, devo ser essa menina levada até a minha morte”.

Ao terminar notei em suas palavras o tom forte característico da língua inglesa e, ao mesmo tempo soava como se estivesse impregnado com a sólida determinação inglesa. Mas, ao olhar a figura frágil de Rosalina, senti certa tristeza inexplicável, talvez devido ao tom intenso. Talvez por causa da noite, por demais bela e calma, apesar do verão.

Logo, foi a minha vez de responder as questões sobre meus princípios. O que eu tinha não eram princípios, determinações crenças, asserções ou opiniões, mas sonhos, imaginações proferidos num delírio – no meu coração, não tinha nada além de sonhos.

Respondi que abominava o casamento. Isso porque, estava desiludido com a realidade. A realidade era minha grande inimiga. Desejo o amor, mas ao invés de desejar o sucesso do amor, rezava pelo fracasso. No momento de sua concretização, o amor desaparece como fumaça, assim, espero passar toda a minha vida apenas sonhando com o verdadeiro amor por

meio do amor inacessível e pelo amor perdido – esse era meu desejo. ‘Senhorita Rosalina’. Perguntei se ela conhecia a história de Leonardo Da Vinci e Gioconda.

Como a dona da casa retornou, trazendo copos com cheios de água gelada retirado do poço que ficava nos fundos, Rosalina mudamos de assunto como se tivéssemos combinado, mas na primeira oportunidade, Rosalina perguntou as horas e se levantou. Já passava das onze horas da noite.

Contudo, o dono, que fora a uma reunião jogar pôquer com outras pessoas da vila, ainda não havia retornado. Como eu era o único homem da casa, era meu dever levá-la para casa. Numa das mãos levei uma pequena lanterna, que a dona acendeu para mim e apoiando o braço de Rosalina com a outra, seguimos pela trilha que levava à praia...

Ah! Haveria um papel tão maravilhoso como aquele na vida real e não apenas no palco?! Já caminhava muitas vezes durante à noite, sob a sombra das flores com as jovens, depois de chegar dos Estados Unidos, mas aquela noite por alguma razão sentia-me estranhamente agitado, como se fosse a minha primeira experiência.

Seria que era porque a noite silenciosa na ilha estava ainda mais calma durante a madrugada? Seria porque o som das folhas das árvores e da vegetação farfalhavam assustadoramente como se aproximasse um temporal? Seria porque o som dos insetos e o coaxar dos sapos ressoavam com uma clareza indescritível no céu estrelado, e me levavam a pensar que só existíamos eu e Rosalina em todo o universo? Nunca poderei explicar a razão. Estava apreensivo para que ela não descobrisse essa agitação indefinida do meu coração. Preocupado que a lanterna que segurava em uma das mãos e iluminava o caminho irregular, caminhei olhando para cima.

Rosalina também calada subiu a ladeira com passos rápidos. O teto de sua casa podia ser visto acima da grama alta vegetação, mas ...logo que chegamos na colina, o amplo céu apareceu diante de nós, se abrindo espetacularmente. Apesar da superfície da água estar muito escura para ser vista, inúmeras luzes podiam ser vistas no estreito canal, e ao longe, perto do Sandy Hook, saída para o Oceano Atlântico, o reflexo do farol que guiava a perigosa rota do mar interior podia ser visto durante toda a noite. Atrás e abaixo de nós, árvores das vilas em pleno verão formavam escuras fileiras.

Parei sem perceber e a escutei dizer algo como se fosse num sonho: “Bela noite, não é mesmo? Amo ver as luzes no mar”. Para mim, essas palavras soaram como agradáveis versos rítmicos.

O que deveria responder? Apenas concordei com a cabeça e permaneci cabisbaixo, mas nesse instante, ela puxou a minha manga e disse – “Um pássaro está cantando. Qual será, talvez um pisco-de-peito?”

De fato, um canto, alto e agudo parou uma vez, mas soou novamente como uma flauta.

Dessa vez não hesitei e afirmei – deve ser o ‘Rouxinol noturno’ que Romeu escutou em seu encontro noturno. Ouvi dizer que, nos Estados Unidos não existia rouxinol ou rossignole que cantasse à noite, mas agora que estamos escutando esse canto suave, deve ser o mesmo pássaro cantado nos poemas.

Na realidade, mesmo Rosalina que crescera naquela país, não tinha certeza quanto ao nome do pássaro. Chegamos à conclusão, sem muita discussão, de que era ‘o pássaro que Romeu escutara’ e queríamos ouvi-lo novamente mais uma ou duas vezes, mas parece que o pássaro já voara para algum lugar.

Eu a acompanhei até sua casa, que ficava a apenas um ou dois passos colina abaixo no lado direito da rua, e separados pela cerca que circulava um amplo gramado e o jardim de flores, apertei sua mão e disse-lhe ‘Boa noite’. Naquela noite nos despedimos e eu voltei para casa.

Quando acordei no dia seguinte, o acontecimento da noite anterior parecia um sonho. De fato, foi poético e belo demais para ter acontecido. Ao mesmo tempo, me senti estranhamente vazio, pois algo assim jamais aconteceria duas vezes durante a vida.

Na hora do almoço, a dona da casa me contou várias coisas sobre Rosalina sem que eu tivesse perguntado. O pai era um negociante inglês e, depois de vir aos Estados Unidos com a família, matriculara Rosalina num internato religioso e fora para Capetown na África do Sul, onde acumulou uma considerável fortuna e retornara há sete ou oito anos. Então, construiu uma casa de campo naquele local e aposentou-se. Assim, Rosalina cresceu praticamente sem os pais e por essa razão, ela tem uma forte natureza solitária, não possuía amigos íntimos, sempre tomou decisões sozinha, sem consultar os pais ou outra pessoa e nunca aparentou estar triste ou solitária.

Depois de terminar a refeição, fui como de costume para a sombra da cerejeira, abri o livro de poemas de Mallarmé, que havia começado dois ou três dias antes, mas então, envolvido pelo interesse, fui me esquecendo de tudo: o que acontecera na noite anterior, sobre o mundo, sobre mim mesmo, e só conseguia ver a sombra da árvore sobre a grama, a luz ofuscante incidindo sobre o caminho e só pensava: ‘Ah, o verão é lindo! Quando entardeceu e fui caminhar, percebi pela primeira vez que para chegar à vegetação flutuante teria que obrigatoriamente passar em frente à casa de Rosalina.

Estava confuso, não sabia se queria vê-la ou não, mas fui caminhando pela trilha costumeira e antes de alcançar o alto da colina, ouvia da esfumaçada sombra do campo que entardecia, a voz de Rosalina que parecia uma cotovia – Deus! Aqui estou! – Ela disse que naquela noite e também visitaria a dona da casa (ela não disse abertamente que ia para me ver, mas...).

Então, ficamos conversando até tarde da noite novamente e, como na noite anterior, a acompanhei até sua casa, caminhando com uma lanterna em uma mão e, mais uma vez, escutamos o canto daquele pássaro desconhecido. E, na manhã seguinte, eu a encontrei sem querer na via principal da vila, a caminho do correio, assim, caminhamos juntos sob seu guarda sol.

Como era uma vila pequena, com poucas ruas, o tempo das minhas caminhadas não variava muito e depois disso, praticamente todos os dias eu a encontrava pelo menos uma vez, em algum lugar. Como resultado, quando choveu por dois dias seguidos, o que me impossibilitou de sair e encontrar Rosalina, me senti solitário e não suportava ficar sozinho à noite, escutando os pingos da chuva caindo no teto da casa da fazenda. – Deve ser porque durante os dois anos em que estive em Nova York, jamais escutei o som da chuva calma – Todas as noites, antes de ir para a cama, olhava o céu estrelado pela janela e, secretamente, pedia para que, no dia seguinte, fizesse um tempo bom para que pudesse passear.

Como desejei, o verão continuou com o tempo bom, salvo algumas chuvas esparsas durante o dia. Além disso, a lua passou a aparecer à noite. Nunca havia visto a lua nova crescer a cada noite, como vi naquele ano, naquele verão.

Ah! Agora sinto até ódio do brilho da lua. Não fosse o brilho da lua, não importa o quão agradável é a noite de verão junho, com os pássaros noturnos, o barulho dos insetos, o cheiro

da grama, o farfalhar das folhas, eu...Rosalina...nós nunca teríamos nos beijado de forma tão imprudente!

Provavelmente terei de deixar os Estados Unidos antes que as folhas verdes da ilha fiquem amarelas e depois vermelhas. Já havia dito isso a Rosalina. Em outra ocasião, disse a Rosalina que gostaria de ter uma amiga loira para trocar cartas, como uma lembrança dos quatros anos que vivi nos Estados Unidos...ela riu e respondeu que me enviaria cartas difíceis de ler, escritas com a nova ortografia de Roosevelt. Então, estava certo de que desde o início, nós dois estávamos cientes da posição e da circunstância de ambos e apenas aproveitávamos a companhia afável nessas noites agradáveis de verão.

Ah! Contudo, as noites de verão eram belas demais para que os jovens só aproveitassem a companhia um do outro. A lua parecia uma linha e todas as noite brilhava delicadamente em nossos ombros, enquanto conversávamos espontaneamente e, sem termos conhecimento, caímos na longínqua e encantada terra dos sonhos.

Não gostaria de dizer que não tinha força de vontade. Isso porque tinha consciência que até o fim, sabia que não poderia amar Rosalina e jamais confessaria a uma jovem, o que senti no fundo do meu coração.

Passamos uma noite admirando a lua cheia até depois da meia noite. Rosalina contava que nos Estados Unidos dizia-se que a lua exhibe o rosto de uma pessoa, e eu respondi que no Japão, nós vemos uma lebre. Tentamos determinar qual das visões era a mais correta. No dia seguinte, recebi um comunicado vindo da minha terra mais cedo do que esperava, me obrigando a partir para a Europa em duas semanas, antes da chegada do outono. Mencionei esta situação de forma fria e casual, quase sem hesitar, como se só estivesse indo para Nova York para me divertir.....

Rosalina também não ficou surpresa e me perguntou se meu destino seria a França ou a Itália, quando partiria e conversa como de costume com o dono e a dona da casa.

Entretanto, depois das dez horas saí para levá-la, como fazia todas as noites e o brilho da lua estava ainda mais intenso do que na noite anterior, na décima sexta noite do mês lunar. Para o prazer de nossos corações, todas as noites apreciávamos a lua e estava tão bela, que caminhamos em completo silêncio, até a proximidade da colina. De repente, fui envolvido por uma profunda tristeza e percebi que deveria me recompor, mas neste momento, Rosalina

tropeçou em uma pedra e caiu abruptamente para o meu lado...Assustado, segurei sua mão e ela pressionou seu rosto contra o meu peito.

Ficamos lá por mais de meia hora, nos abraçando sob o luar, sem proferir uma palavra até nossas roupas ficarem pesadas com o orvalho. Realmente, não havia nada o que dizer. Pois sabíamos, que não importava o quanto nos amávamos, eu era um viajante e ela, uma filha com pais e circunstâncias que ditaram que jamais poderíamos prosseguir com esse sonho feliz. Havia apenas duas alternativas a serem consideradas. Deveria cortar relações com a minha terra natal e procurar uma forma de sustento neste país, através do meu próprio esforço? Ou Rosalina deveria deixar a casa de seus pais e o país em que fora criada? Apenas essas duas alternativas. Contudo, não importa o quão desesperado me sentia, jamais poderia sugerir tais coisas. Rosalina também não seria capaz de pedir a alguém para desistir de tudo no mundo, por causa de seu amor por um homem.

Ah, afinal éramos apenas pessoas com senso comum? Será que a força das circunstâncias dito os Estados Unidos nos compeliu a agir assim sem sabermos? Ou nosso amor ainda não atingira sua maturidade plena? Não! Não! Não tenha dúvidas de que nosso amor não é menor do que o de Romeu ou Paulo e Julieta ou Francesca. Apesar de saber que, uma vez separados, não nos veríamos novamente – o belo sonho de um instante faz cair uma lágrima de uma vida. A partir do dia seguinte, fomos todas as tardes aos bosques desertos ao extremo da vila e nos beijamos profundamente, para mostrar que continuaríamos vivos para eternizar o amor perdido...

Ah, piedade! O navio já havia atravessado o Atlântico e aportaria no porto de Le Havre, na França, em pouco tempo. Alguém dizia que vira montanhas da Irlanda naquela manhã.

Já não tenho muito tempo para continuar escrevendo. No curto espaço de uma semana, ficara tão longe dela!

Quanto mais se afastava mais seu rosto aparecia mais vividamente em minha mente. Ela tinha cabelos loiros. Ela sempre prendia casualmente seu cabelo loiro e escuro, incomum para uma ocidental e a maneira como ajeitava os fios caídos sobre a testa era cheia de charme. Quando ficávamos lado a lado, sua altura alcançava o meu queixo – como uma mulher americana, ela era de estatura baixa, mas como ela era encorajada e sempre mantinha uma postura ereta, aparentava ser muito alta e maior. Quando estava engajada numa conversa

séria, , seus profundos olhos azuis, tal qual um lago, sua aparência pequena e magra acabavam por expulsar demasiada sensibilidade, mas nos momentos de tranquilidade revelava uma dignidade e uma melancolia forte e valorosa. Isto é, ela era exatamente o oposto da beleza alegre e encantadora da Europa Oriental que se desejaria retratar numa pintura, e constituindo um de mulher comum entre os anglo-saxões do Norte, em que a sutileza esconde uma melancolia onde se vê uma gentileza caracteristicamente feminina...

De repente, ouvi vozes clamorosas vindas do deque. Diziam poder se que podem ver as luzes do Le Havre. Alguns corriam pelo corredor, “Nous voilà em France⁸⁸” e correm. No deque, homens e mulheres começaram a cantar ‘La Marseillaise’:

Allons enfants de la patrie
Lê jour de gloire est arrivé.

Finalmente chegara à França.

Ah, contudo, o que faria com aquela persistente dor em meu coração? Sem pensar, lembrei-me do poema que Musset dedicara à música de Mozart –

Rappelle-toi, lorsque lês destinées
M’auront de toi pour jamais separe,

.....

.....

Songe à mon triste amour, songe à
L’adieu suprême!

.....

Tant que mon coeur battra,
Toujours il te dirá:
Rappelle-toi.

(Lembra. Se o destino me separar para sempre de ti, lembra do meu triste amor. Lembra de quando nos separamos. Enquanto meu coração ressoar, ele te dirá, ‘Lembra’)⁸⁹.

⁸⁸ Chegamos na França.

Recitei dentro do meu coração e caminhei passo a passo até o deque para demonstrar meu respeito pela montanha francesa, que via pela primeira vez.

Rappelle-toi, quand sous la froid terre
Mon Coeur brisé pour toujours dormira;
Rappelle-toi, quand la fleur solitaire
Sur mon tombeau doucement s'ouvrira.
Tu ne me verra plus; mais mon ame immortelle
Reviendra près de toi comme une soeur fidèle.
Ecoute das la nuit,
Une voix qui gèmit:
Rappelle-toi.

(Lembra. Quando meu coração partido dormir eternamente sob a terra gelada, lembra. Quando a flor solitária em meu túmulo se abrir, não me verás mais. Mas minha alma imortal voltará para perto de ti como uma irmã íntima. Escute atentamente à noite. Ouvirá uma voz que sussurra: Lembra)⁹⁰

Ah! Ah!

Rappelle-toi – Rappelle-toi –
A borda do navio, julho de 1907

⁸⁹ Tradução literal baseada na tradução para o japonês de Kafû.

⁹⁰ Ibidem.

5.22 Uma Noite no Porto de Seattle

シアトル港の一夜 – Shiatorukô no ichiya

Num sábado à noite, resolvi ver o bairro japonês em Seattle, então caminhei furtivamente nessa direção.

Não digo furtivamente sem razão. Na época em que desembarquei, fui aconselhado por um membro da tripulação, do qual me tornei amigo durante a viagem que, em Seattle, não deveria ir ao centro, onde havia muitos japoneses. Ele me alertou que esse não era um lugar para ser visitado por uma pessoa com senso de honra. Mas, como sempre acontece, esse tipo de conselho só aguça a curiosidade e andei em meio a multidão, sem ser notado, da Segunda até a Primeira Avenida.

Esse é o local mais próspero de Seattle e, apesar de ser considerada uma cidade que se desenvolveu recentemente, Ginza não se compara aos prédios altos de pedra e às belas placas elétricas desse lugar. Além disso, como é o início da noite de sábado, muitas pessoas saem para passear e sob as luzes brilhantes homens e mulheres se cruzam, encostando os ombros uns nos outros e riem. Nas esquinas, trens lotados de passageiros se cruzam, enquanto as carruagens correm entre eles. É o bastante para deixá-lo zozinho.

Enquanto trombava nas pessoas constantemente, consegui descer a Primeira Avenida e, ao virar a esquerda cheguei num local chamado Jackson, onde ostentava uma atmosfera completamente diferente. A rua era larga, as lojas eram cada vez mais escassas, sobre os pavimentos cobertos com tábuas, havia montes de esterco de cavalo, enquanto um fedor terrível vindo da fumaça de algum lugar impregnava o ar, fazendo com que ficasse difícil respirar. Aqueles que ficam impressionados com a correria da Primeira e Segunda Avenida devem ficar ainda mais chocados com o contraste drástico dessa rua sombria. Deixei que meus pés me guiassem por mais uns três quarteirões e cheguei a um prédio estranho de um lado da rua, que me lembrava o edifício Panorama em Asakusa, planando no ar como um castelo. O odor ficou ainda pior, a área ficava cada vez mais escura e o viaduto para o trem elevado ao longo do lado esquerdo da rua quase bloqueava a luz do céu cinzento.

Esse não era um local pra ficar nem por cinco minutos. Contudo, quando percebi que esse edifício de formas estranhas era um tanque de gás, percebi que o bairro japonês era logo à frente. Afinal, me disseram que o tanque de gás na rua Jackson marcava o limite do bairro japonês. Cobri minha boca com um lenço e prendi a respiração ao passar sob o tanque de gás, que tinha um odor terrível. Então, pude avistar luzes flamejando à certa distância.

Ao me aproximar, percebi que os prédios em ambos os lados eram muito diferentes daqueles edifícios prósperos da Primeira Avenida e como eram típicos de uma área pobre, eram baixos e feitos de madeira. Olhei para a janela de uma casa de dois andares e como notei alguns caracteres japoneses escritos numa lâmpada, corri nessa direção e li [Restaurante, Casa Japonesa]. Já ouvira falar desse lugar, mas, na realidade, ao me deparar com esse lugar, uma sensação esquisita cresceu em mim e fiquei parado por um tempo, apenas observando a placa. Logo, escutei o som de um *shamisen* vindo da janela do segundo andar.

Como era um prédio ocidental com as janelas fechadas, mal conseguia distinguir o som que vazava, mas tinha certeza de que era a voz de uma mulher cantando. Como era de um estilo que nunca havia escutado em Tóquio, fui dominado por uma divertida incongruência, como se estivesse viajando pelo interior e escutando a alguma música cômica numa cidade distante, quando de repente, me assustei com vozes e me virei.

“Maldição! Esta noite também estão se divertindo”.

“Deve ser Oharu quem está tocando o *shamisen*. Preciosa demais para ficar nos Estados Unidos”.

Três japoneses conversavam e olhavam para o segundo andar. Usavam chapéu de feltro e terno preto, mas seus ombros largos, pés pequenos e pernas curvadas deviam ser engraçados para os brancos. Suas vozes indicavam o sotaque de algum lugar.

“Ainda não a vi, mas ela é tão bonita assim?”

“Quando chegou? Parece que é algo recente, não é?”

“Veio no *Shinano* (o nome do navio) outro dia. Ouvi dizer que ela é de Hiroshima”.

Estava me esforçando para escutar a conversa, mas como um deles jogou um olhar amedrontador e eu percebi que eles devem ser aqueles rufiões que rodeiam o bairro japonês. Assim, deixei o local relutante.

Mas agora, notei que todas as placas estavam escritas em caracteres japoneses. Exatamente como escutei no navio, tudo, das lojas de *tofu* aos restaurantes de *shiruko*, de *sushi* e de

macarrão, tudo era como nas cidades dos Japão. Por um tempo, só conseguia ficar observando tudo aquilo. Enquanto isso, mais pessoas chegavam ao local lotado, mas a maioria eram compatriotas de pernas curvadas e ombros largos e, os únicos brancos eram trabalhadores, com um cachimbo grande preso a boca.

Ao pensar que qualquer coisa seria uma boa história, primeiramente, fui em direção a uma lanterna, na qual estava escrito *Kisoba*. Como a loja ficava no porão de uma casa grande, tinha de descer as escadas ao extremo da rua. Ao entrar pela porta cheia de fuligem, havia um aposento enorme, com o chão de madeira dividido em seções pequenas com as paredes pintadas e com uma cortina de linho na entrada.

Dentro, quatro ou cinco cadeiras estavam dispostas ao redor da mesa e uma luz a gás estava acesa. Assim que me sentei, escutei a voz grossa e vi alguém de uns quarenta anos de idade, “Entre”. Era um homem grande, de cor escura, bigode fino e que vestia um avental sujo por cima das calças e não usava casaco.

Perguntei “O que pode fazer?”, e ele listou, torcendo o bigode, *tempura, okame, namban*, entre outros e disse “Aceita *saque*?”.

Pedi um dos pratos, me recostar na cadeira e fumei um cigarro. Depois de algum tempo, escutei os passos de três ou quatro pessoas, que entraram ruidosamente no aposento ao lado do meu, separado por uma divisória. Quando o senhor de bigode foi recebê-los, um deles disse em inglês, “Olá, boa noite”.

“*Tempura*, como sempre. Além disso, *Masamune*⁹¹, *Masamune*”, outro pediu em voz alta.

O barulho das cadeiras soou durante algum tempo. As batidas nos tacos do chão. Era possível escutar o barulho do fósforo raspando a sola do sapato e então alguém disse, “Depois de bebermos, por que não vamos dar uma espiada?”.

“Aquele lugar? Esqueça. Nem pense em se relacionar com uma prostituta nos Estados Unidos”, alguém respondeu e outro perguntou, “Você não quer? Por quê?”.

“Porque não é interessante. É tão seco e sem graça. Tudo é um negócio, um caso por dinheiro. Poderia ser mais ridículo?”.

Estava rindo por dentro, mas o proprietário trouxe o meu pedido. Em seguida, ele deve ter ido ao aposento ao lado levar saque e copos. Alguém dizia num tom de voz vívido, “Vamos beber. É impossível esquecer o gosto da bebida japonesa”.

⁹¹ Tradicional marca de saque.

“E quanto ao gosto das mulheres?”

“Se não fizer nada, vou esquecer como é. Deveria praticar”.

“Há há há há”, todos começaram a rir alto.

“Falando nisso, como vai sua casa? Ainda está ocupado?”

“Nem me fale. Dia após dia, sou forçado pela ruiva a ajudar na cozinha. Não é fácil para um estudante”.

“Bom, como todos estão fazendo o mesmo, não reclame. Tenha esperança de um futuro de sucesso”.

“Na realidade, estou inseguro quanto ao progresso. Vocês progrediram em relação à língua?”

“Não. Não consigo compreender. Um homem adulto frequenta a escola primária todos os dias, junto com as crianças de dez ou onze anos de idade. Já passou meio ano e ainda não há progresso”.

“No início, pensei que se fosse à escola e escutasse aos brancos falando, em cerca de três meses conseguiria entender uma conversa comum, mas expectativa e realidade são coisas completamente diferentes”.

“Contudo, não vamos nos desesperar. Desespero é seguido por insegurança pessoal e depois por degradação. Temos que continuar. Há vários exemplos, vocês sabem. Há aqueles que vem aos Estados Unidos com intenções definidas de trabalhar por meio da escola, mas se tornam corruptos e continuam a trabalhar na casa dos brancos mesmo quando já têm trinta ou até quarenta anos de idade e são esses fracassados que servem de lição. A pressa é inimiga da perfeição, então vamos estudar”.

“Sim, eu concordo”, alguém respondeu e adicionou, “Essa conversa séria vai estragar o gosto do saque. Essa noite é sábado, então vamos nos divertir”.

“Com certeza! Temos de nos renovar”.

A conversa retornou ao assunto anterior. Até aquele quem fez a objeção não protestou quando os companheiros saíram pela porta, talvez ele também estivesse muito bêbado para se opor.

Ao pensar que talvez pudesse obter um material diferente para as minhas narrativas se eu os seguisse, paguei rapidamente os dez centavos pela bebida e saí atrás deles. Ao virar a direita na rua principal, descobri que a rua estreita estava lotada e de um lado da rua vi uma

estalagem que grelhava carne de porco e bovino e cheirava a óleo. Parece que essa cena, com estalagem em ruas pobres ou bairros ruins não está limitado a *Asakusa*, em Tóquio.

Os três companheiros sobem, rapidamente, uma escada estreita que levava de uma pequena Tabacaria – de proprietário japonês – ao fundo da loja.

Primeiro de Maio de 1904 [*Bunkei Kurabu*]

5.23 Névoa Noturna

夜の霧 – Yoru no Kiri

Numa noite no fim de outubro. De Seattle, voltei para Tacoma num trem elétrico. O relógio da cidade já deve marcar vinte e três horas. Quando desci do trem, havia poucas pessoas na Avenida Pacífico.

Ao olhar para cima, o céu sem vento estava coberto por sua escuridão noturna e, ao me virar, vi uma névoa densa próxima ao chão. Esse clima não é incomum nessa época do ano. Após um outono fresco, a área da costa do Pacífico entrará na estação de inverno, em que chove todos os dias.

Até mesmo o topo dos prédios de cinco ou seis andares mais próximos da cidade, está completamente coberto pela densa névoa e não consigo discerni-lo. As luzes que brilhavam de forma esplêndida nas janelas ou luzes coloridas que cintilavam nas placas tudo que estivesse a um bloco dali, parecia a luz pálida de uma lanterna. Até mesmo a iluminação da torre da prefeitura, que em uma noite normal decoraria uma parte do céu com muitas cores está também mais escura do que a luz de uma lanterna mágica. Percebi que, em meio àquela densa névoa um ou dois vagões de trem vinham nessa direção. No interior iluminado, no entanto, não havia ninguém e o som estrondoso das rodas desapareceu na ladeira em direção à cidade vizinha.

Pretendendo voltar para casa, atravessando a escura e silenciosa avenida à minha frente, andei sozinho pela calçada de cimento. As lojas ao longo da rua já fecharam as portas, mas as luzes elétricas dos estabelecimentos brilhavam como a luz do dia e iluminavam as mercadorias dispostas nas vitrines. Na sua frente, vi transeuntes que paravam para olhar. Uma mulher que aparentava ser uma dona de casa pobre admirava absorta uma joalheria mesmo encolhida de frio, enquanto um homem com um chapéu deformado e vestindo um casaco esfarrapado e sem um sobretudo, estava com os olhos fixos nos pães belamente dispostos na doceria. Era fácil dizer o que se passava na mente deles. Eles não pareciam estar embaraçados com essa situação.

Quando me aproximei de uma esquina, comecei a ouvir uma ruidosa melodia. Em seguida, uma profusão de vozes chegou aos meus ouvidos. Era um bar? A porta de vidro colorida da entrada estava aberta e lá dentro havia algo como um biombo, impedindo a visão dos fundos. Entretanto, de uma abertura de onde saía o ar poluído e morno com o cheiro de bebida e fumaça do cigarro, pude ver vários tipos de pinturas do nu penduradas na parede, iluminadas pela luz elétrica. Grupos de trabalhadores que perambulavam na cidade à noite com cachimbos enormes em suas bocas e as mãos enfiadas nos bolsos de suas calças, apertavam-se na porta do bar, uns saindo e outros entrando. O local parecia ser bem espaçoso pelo som dos sapatos, cadeiras, dos copos e qualquer barulho na sala que ecoava contra o teto, enquanto a música monótona soava como uma tempestade dentro de uma caverna.

Permaneci ali por um momento, me sentindo intrigado, mas logo a aparência e o rosto das pessoas que entravam e saíam ocasionaram um temor em meu coração. Não só tinham um estranho brilho no olhar e balançavam a cabeça de um lado para o outro, mas também quando caminhavam arrastavam os sapatos de solado grosso, como se o próprio corpo taurino fosse pesado demais. Essas figuras tornaram-se obscuras como uma sombra e desapareciam em meio à densa névoa. O comportamento deles era semelhante ao dos animais selvagens feridos que não tinham mais força para correr. Não pude deixar de recordar a vida sofrida do trabalhador, que foi descrita por escritores ocidentais...especialmente em *L'assomoir* de Zola.

Nesse instante, um homem parou na minha frente repentinamente. Com certeza ele tinha acabado de sair pela porta do salão. Pensei que aquele trabalhador bêbado quisesse me enfrentar e assustado, pensei em ir embora.

Como os japoneses e os chineses vendem sua mão de obra diária pelos salários mais baixos e acabam invadindo o território deles, os “japas” devem ser os inimigos mais odiados dentre os trabalhadores. E como sabia que as pessoas desta área detestam os japoneses, com medo, tentei escapar.

“Você! Espere”, e para minha surpresa, a pessoa que me chamou tinha sotaque de um japonês. Perplexo, me virei.

“Você. Você não é meu compatriota? Tenho que segurar sua mão por um tempo.”

Ao dizer isso, ele se aproximou como se cambaleasse.

“O que é?”, perguntei em voz baixa.

Sem me responder, começou a me encarar. Devia ter mais de trinta anos. Apesar de não ser particularmente baixo, tinha as pernas arqueadas como as dos japoneses, a pele do seu rosto anguloso era áspera com um tom marrom avermelhado, e até mesmo para um compatriota, não podia ser considerado belo. Estava usando um chapéu velho, sujo de pó e chuva; Por baixo do terno com rasgados e amarrotado, não usava camisa branca, mas uma camiseta de flanela suja com uma gravata torta. Ele deve ser ou um trabalhador contratado para a construção da estrada de ferro ou um ajudante de cozinha empregado por alguma família de brancos, não mais do que isso.

“Deseja me perguntar alguma coisa?”

Quando o questionei mais uma vez, me encarou novamente e começou a gritar violentamente, abrindo seus grossos lábios.

“Não iria pará-lo se não tivesse algo a perguntar. Não somos do mesmo país? Não somos compatriotas? Então pare! Não fale de maneira tão fria com um conterrâneo. Pare. Pare”.

“O que está acontecendo? Você não me entendeu. Deve estar muito furioso com alguma coisa”. Apesar de assustado, falei de forma calma.

“Dá para perceber não?. Estou furioso. Sinto vontade de partir meu coração, estou irritado comigo mesmo. Acabei de tomar vários copos de uísque para esquecer minhas angústias. Preciso lhe dizer algo, pois você é meu compatriota.”

Ele agarrou a manga do meu casaco. Apesar de ficar extremamente desconcertado, não tinha como escapar. Sem forças, me apoiei na parede de uma loja e permaneci ali.

“Sabe. Eu sou um trabalhador estrangeiro. Não sei inglês. Pior, não sei muitos caracteres japoneses. Entretanto, tenho braços fortes. Uso a força desses braços para ganhar a maior quantidade de dólares possível. De fato, já consegui juntar um pouco. Mas, mas...”

Tinha uma expressão de temor em seus olhos e novamente agarrou a minha manga.

“O que aconteceu? Mas não fale tão alto. As pessoas vão desconfiar de nós.”

“Deixe-os, deixe-os pensar o que quiserem. Assim como não entendo a língua deles e eles não entendem a minha, quem se importa?”

Ele estava prestes a gritar novamente, mas atrás dele já havia duas ou três pessoas paradas, com o mesmo olhar de desprezo que demonstram todas as vezes que encontram um japonês, então me calei, ruborizando o rosto.

“Quem se importa? Tem medo dos Yankees? Se esqueceu do espírito nipônico que há dentro de nós?”

Mostrando os dentes amarelados olhou ao redor, sorrindo sinistramente, seus olhos injetados voltaram-se fixamente para alguma coisa. Dentre as pessoas atrás dele havia uma jovem apoiada no braço de um homem. Talvez temendo o ar noturno, estava coberta com um capuz e seus loiros cabelos desordenados caíam sobre sua bochecha rosada. Ao ver esta mulher sedutora lançar-lhe um olhar de repulsa e depois apoiar a cabeça contra o peito do homem e sussurrar-lhe algo, ele gritou “Prostituta!”, e cuspiu na direção deles.

A saliva caiu em cima dos sapatos da mulher e ela gritou. Então, o acompanhante da moça veio em sua direção, cerrando os punhos.

Não sei de que classe seria a mulher que anda pela cidade até aquela hora da noite. Mas, as pessoas que testemunharam essa cena estavam num alvoroço para vingar sua humilhação. Saíam palavras horríveis de suas bocas e, completamente perdido, não sabia por onde escapar.

De repente, um braço enorme como de um Niô apareceu. Estirando-se acima das cabeças das pessoas, pegou o ombro deste rude japonês, exatamente como uma águia agarra sua presa. Olhei para cima e era um policial enorme.

Sem proferir nenhuma palavra desnecessária e com passos lentos iguais aos do elefante, arrastou sem qualquer dificuldade o trabalhador japonês que relutava com toda a força. As pessoas foram-se dispersando e riam como se aquela cena fosse mais engraçada que uma **feira** na cidade.

A névoa noturna estava ainda mais densa e agora era praticamente impossível enxergar alguns passos à frente. A silhueta dos imundos zombeteiros, da vítima desses gozadores, que era meu contrerrâneo e do amedrontador policial desapareceram igualmente em meio à escuridão. Percebi depois de um tempo que eu continuava apoiado contra a parede fria da loja, como num sonho e ainda não sabia como escapar deste horrível pesadelo. Não sabia qual rua escura pegar para retornar para casa.

Dias depois, ouvi a seguinte história de um japonês que morava a um longo tempo naquelas terras.

Um imigrante que trabalhara cerca de dez anos nas vias férreas e guardou quinhentos dólares, depositou o dinheiro numa agência organizada por um grupo de japoneses. Entretanto,

algum tempo atrás, por alguma razão, acabou falindo. Desesperado por ter perdido o fruto de dez anos de trabalho árduo, o imigrante quase se suicidou, mas metade de suas economias, duzentos e cinquenta dólares, foram devolvidos como resultado de uma investigação após a falência. A grande alegria repentina que lhe adveio depois do desespero que quase o levou a morte acabou perturbando a mente daquele simplório trabalhador. Provavelmente foi a uma casa de jogatina. E no dia seguinte após ter recebido o que restava de suas economias, tornou-se um mendigo sem dinheiro e começou a vagar pelas ruas.

Agora, está preso atrás das grades de ferro de um hospício que fica nos arredores da cidade. Você ainda não deve saber, mas neste país, uma vez internado em um manicômio, as chances de sair de lá com vida é mínima. Voltado para a fria parede, deverá gritar o dia inteiro e acabará morrendo devido ao tratamento impróprio.

Onde fica esse hospital? É bem perto se pegar o trem. Por isso, pode ir num domingo e ver. Dizem que além dele há dois ou três trabalhadores japoneses internados lá. O desespero os levou à loucura...

Eu apenas acenei em silêncio, pois senti um aperto no coração.

(Escrito em um hotel no norte dos Estados Unidos em Novembro de 1903)

[Publicado em Bungeikai, em primeiro de julho de 1904]

6. Referências Bibliográficas

ABDALA, Jr. Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo, Editora Scipione, 1995.

AKINARI, Ueda. *Contos da Lua e da Chuva- Pacto do Crisântemo*. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP.

AUERBACH, Eric. “A meia marrom”. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: UNESP, 1990.

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.57-85.

_____. “Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo”. In: *Obras Escolhidas* Volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Reflections: essays, aphorisms, autobiographical writings*. New York: Schocken Books, 1986.

BRADBURY, Malcom e MCFARLANE, James. *Modernismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

CÂNDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira e outros escritos*. Assis: Editora UNESP, 1992.

_____. “A Literatura e a Formação do Homem”. In: *Ciência e Cultura*, v.24, n° 9, 1972, pp.05.

_____. “A Personagem do Romance”. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Sérgio. “O Olhar do Viajante”. In: *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 347-360.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo da consciência: questões de teoria literária*. São Paulo, Pioneira, 1981.

CORDARO, Madalena N. Hashimoto. *O Pensamento no Período Edo (1603-1868)*. Estudos Japoneses, número 18. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1998.

CORREIA, Márcio Antonino Lourenço. *Vozes em Perspectiva*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo, 2003.

COUTINHO, Evaldo. *A Testemunha Participante*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1983.

DIMAS, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo, Editora Ática. Série Princípios, 1985.

FERNANDES, Ronaldo C. *O Narrador do Romance*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.

FRIEMAN, Norman. *O Ponto de Vista na Ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. In: *Revista USP*. São Paulo, Editora USP, no. 53, março/maio 2002, pp.166-182.

FUKUCHI, Isamu. *Kokoro and 'the Spirit of Meiji*. In: Acta Asiatica 40. Tokyo, Japan, 1993.

FURST, Lilian R. e KRINE, Peter N. S. *O Naturalismo*. Trad. João Pinguelo. Lisboa, Editora Lysia, 1971.

HUTCHISON, Rachael. *Occidentalism and critique of Meiji: the west in the returnee stories of Nagai Kafû*. British, Japan Forum,13, Routledge,2001, p.195-213.

HYDE, G. M. “A Poesia da Cidade”. In. *Modernismo: guia geral 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ITO, Ken K. *Visions of Desire: Tanizaki's Fictional Worlds*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

JOUVE,Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp ,2002.pp.17

KAFÛ, Nagai. *Amerika Monogatari/ Narrativas da América*. 荷風永井。アメリカ物語。Tóquio: Gakushû Kenkyûsha, 1978

KAFÛ, Nagai. Nagai Kafû-Gendai Nihon no Bungaku/Nagai Kafû-A literatura do Japão moderno. Tóquio: Gakushû Kenkyûsha. 1978 / 荷風永井。荷風永井・現代日本の文学、東京、学習研究社、 1978年

KEENE, Donald. “Nagai Kafû”. In: *Down to the West: Japanese Literature in the Modern Era*. New York: Hewwyholt, 1984, pp. 386-437.

KITAGAWA, Joseph M.- *Religion in Japanese History*. New York: Columbia University, 1990.

KUNIYOSHI, Celina. *Imagens do Japão – uma utopia de viajantes*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes, *O Foco Narrativo- ou A polêmica em torno da ilusão*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2007/

MACHADO, Irene A. *O Romance e a Voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995.

MATSUMOTO, Hajime. *As Mulheres de Kafû*. Tóquio: Shiromizu, 1998.

MISHIMA, Yukio. *O Hagakure- A Ética dos Samurais e o Japão Moderno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

MURICY, Katia. Benjamin: “Política e Paixão”. In: *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

NAKAMURA, Mitsuo. *Japanese Fiction in Taishô Era*. Tóquio: Kokusai Bunka Shinkokai, 1986.

NERY, Paulo Roberto Albieri. *Relatos de Viagem e Construção da Pessoa em Guimarães Rosa: o deslocamento como valor*. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia. 2003.

PEIXOTO, Nelson B. “O Olhar do Estrangeiro”. In. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 361-367.

PONTIERI, Regina Lúcia. *A Voragem do Olhar*. São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Debates, 1988.

POUILLON, Jean. *O Tempo no Romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Ed. Cultrix.,1946.

REISCHAUER, Edwin O. *Japan: The Story of a Nation*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company,1980.

RIMER, J. Thomas. “Nagai Kafû and Mori Ôgai. The Past versus the Present”. In: *Modern Japanese Fiction and Its traditions*, pp.138-151. New Jersey: Princenton University, 1978.

ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem”. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SEIDENSTICHER, Edward. *Kafû the Scribbler: The Life and Writing of Nagai Kafû, 1879-1959*. Michingan: Center for Japanese Studies, 1990.

SOMONI, Anna Rita. *Contos de Machado de Assis: para uma gramática do foco narrativo*. São Paulo. Tese de Doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2004.

SNYDER, Stephen. *Fictions of desire: Narrative form in the novels of Nagai Kafû*. Honolulu: Hawaii, 2000.

SUENOBU, Yoshiharu. *Os Estados Unidos Visto por Nagai Kafû*. Tóquio: Chuo Koronsha, 1997.

TODOROV, Tzevetan. *Nós e os Outros-A Reflexão Francesa sobre a Diversidade Humana*. 1. Trad: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Vozes, 1993

_____. “As Categorias da Narrativa Literária”. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. Trad. Maria Pinto . Rio de Janeiro, Vozes, 1971, p.223.

WASHBURN, Dennis C. “Nostalgic Narratives: the primitivistic voice of Nagai Kafû”. In: *The Dilemma of the Modern in Japanese Fiction*. Londres: Yale University Press, 1995, pp.195-209.

6.1 Referência de domínio eletrônico consultado

<http://uraaozora.jpn.org/nagai.html>

7. ANEXO

Fig. 4 Foto de Nagai Kafû tirada em 1907.

Fig. 5 Foto do navio *Shinnou*, no qual Kafû viajou rumo aos Estados Unidos.

森鷗外宛絵葉書 明治41年11月22日消印。帰国後に鷗外の許を訪れた際の礼状で、「帰国以後はオペラも音楽もなく」と記されている。ワグナーのオペラ『さまよえるオランダ人』の絵葉書。(文京区立鷗外記念本郷図書館所蔵)

「あめりか物語」 明治41年。博文館 発行。荷風は草稿を、挿絵として使用する絵葉書とともにフランスから巖谷小波に郵送、出版を依頼した。(さいたま文学館所蔵)

イデス宛書簡 明治40年10月30日付。フランス、リヨンから、返事の来ないイデスに対して書かれたもの。投函されなかった書簡といわれている。(池田記念美術館所蔵)

できる。「雲」に登場する外交官、小山貞吉は、ワシントンの娼婦、アーマとなじみを重ねてゆく。戯れているうちに、女は本気になり、男も情にほだされてゆくというストーリーは、事実そのまま、荷風とイデスとの関係を物語っているであろう。

「今余の胸中には恋と芸術の夢との、激しき戦ひ布告せられんとしつゝ、あるなり。余はイデスと共に永く紐育に留りて米国人となるべ

Fig. 6 No alto a direita, imagem da primeira capa do livro Narrativas da América

西村渚山あて書簡 1907年12月11日 正金銀行リヨン支店の便箋を使用。「此頃はオペラと音楽会へ通学する」とあり、音楽三昧の様子が窺える。「あめりか物語」の原稿を小波へ送付したことも記されている。日本大学総合学術情報センター蔵

SPECIE BANK DE YOKOHAMA. SUCCURSALE DE LYON. 19, Rue de l'Arbre-See.

[illegible]

MARS
 20 VENDREDI. S. Joachim.

〇 但し昨日定かた、夢さとも、現しなく、身うつ
 行事を思ふ。今も六在二ツの間、寝起せし。
 固ふ分を、今苦々中に、創作の筆を握り
 人か。 昨、ニエロークに帰して、今を待つあつた
 デムと、罪行世法の生活を再考せんか。今来
 は思へる。若くは。今未だ其の可成り不

〇 母が父のふく州を録する。ふく、防國をへ、直
 家は定めて、其わて定悟したうぢぢり
 心は今更のめくに、動なく。

21 SAMEDI. S. Result.

MARS

27 VENDREDI. S. Rupert

87-279

銀行の支那人佐分々招き合會し、池邊
にて酒を造る處が、うづまつて橋を渡り、あや
すめたりとすれば翌日この河川の言、狂なり
せりとて、舟田の舟船を打つてふれりて露かた
物ありありき。夜は晴れて暖く風なし。金
子^いロシをさへ今より限りと思ひて橋
の欄干に凭れんとせける。

フランス時代の手帖 1908年
のちに発表される「西遊日誌抄」
のもととなった手帖のうち、外
遊最後の年のもの。帰国を目前
に控え、フランスへの断ちがたい
思いがあふれている。池田記
念美術館蔵

Fig.8 Foto do Banco Yokohama; Documento da sucursal do Banco em Lyon, França.

第一部——荷風の原点

来青閣の庭で 1902年(明治35)ころ 左から、弟・貞二郎、威三郎、父・久一郎、母・恆、荷風。

Fig. 9 Foto da família Nagai tirada em 1902.

Fig. 10 Foto de Kafû acompanhado de gueixas.

今戸橋に立つ荷風 昭和29年。写真 木村伊兵衛。

Fig. 11 Foto de Nagai Kafû tirada em 1954.